



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**CASAMENTO E TRABALHO:  
REFLEXÕES SOB A ÓTICA DE GÊNERO E DO CICLO VITAL**

**ANA LÚCIA DE MIRANDA MARTINS**

**BRASÍLIA, DF  
2006**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**CASAMENTO E TRABALHO:  
REFLEXÕES SOB A ÓTICA DE GÊNERO E DO CICLO VITAL**

**ANA LÚCIA DE MIRANDA MARTINS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

**ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. GLÁUCIA RIBEIRO STARLING DINIZ, PhD.**

**BRASÍLIA, DF  
2006**

Dissertação de mestrado defendida e aprovada pela seguinte banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gláucia Ribeiro Starling Diniz  
Universidade de Brasília  
Presidente

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Lúcia Rocha Coutinho  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Membro Externo

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vera Lúcia Decnop Coelho  
Universidade de Brasília  
Membro Interno

Brasília, 27 de outubro de 2006.

**Buy Now to Create PDF without Trial Watermark!!**

iv

Aos meus pais, minhas eternas referências.

**Created by eDocPrinter PDF Pro!!**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente a meu pai Djacir Martins e minha mãe Vera Lúcia de Miranda Martins (in memoriam), pela dádiva da vida, pelo conhecimento de vida a mim repassado, pelo amor, carinho, confiança e apoio incondicional. Especialmente, agradeço à minha mãe, por ter sonhado comigo todos os meus sonhos.

Ao meu marido, José Roberto, meu amor, que esteve comigo mesmo quando eu não estava com ele e que me deu a oportunidade de viver a aventura de ser um casal. Um casal de dupla-carreira.

À minha irmã Luciana e meu irmão Marcus, pelo companheirismo e pelo apoio em todos os momentos. Agradeço muito, por tê-los como cúmplices na nossa história de vida, na história de vida de nossos pais e de nossa adorável família.

Às amigas especiais, grandes mulheres, interlocutoras incansáveis sobre o mundo feminino: Lílian Sena, Miriam Pondaag, Nazira abdalla e Sônia do Prado.

A alguns bons amigos que colaboram comigo em diversos sentidos: Lúcio Britto, Fábio Angelim, Márcio Vinhaes, Miriam cândido, Patrícia Brigídio, Daniela Janones, Viviany Nicolau e Edson Figueira.

Aos homens e mulheres, participantes desse estudo, pela confiança e generosidade de compartilhar comigo suas histórias de vida. A todos eles, meu profundo agradecimento pela coragem e riqueza de seus depoimentos.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Lúcia Galinkin, pela sua generosidade e disposição, pela riqueza de suas aulas e por ter me iniciado nas redes do conceito de gênero.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vera Lúcia Decnop Coelho, pela presença sempre luminosa em minha vida e por estar presente nos momentos decisivos da minha carreira acadêmica, fazendo sempre a diferença.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Lúcia Rocha-Coutinho, por ter sido referência constante nesse estudo e, principalmente, por me honrar com a sua presença na banca examinadora.

Por último, mas; de uma forma muito especial, à minha querida orientadora Gláucia Diniz, por me abrir as portas do mundo acadêmico, pelo seu profundo respeito às diferenças e por ter me dado o privilégio de compartilhar com ela um caminho repleto de riquezas.

Para além do mundo acadêmico, agradeço profundamente por ter encontrado uma amiga com quem compartilhei experiências de vida, grandes afinidades, interesses em comum e a dor e a delícia de ser mulher. Tenho certeza que nosso caminho não se encerra aqui. Obrigado, por ter me dado a oportunidade de realizar meu sonho.

ÍNDICE

<b>DEDICATÓRIA</b> .....	iv
<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	v
<b>ÍNDICE</b> .....	vi
<b>RESUMO</b> .....	vii
<b>ABSTRACT</b> .....	viii
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	01
<b>I - REVISÃO DE LITERATURA</b>	
<b>CAPÍTULO 1 - LENTES DE GÊNERO: UM REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	08
1.1 A Perspectiva de gênero .....	08
1.2 O processo de socialização e a construção da identidade de gênero .....	14
1.3 Gênero, casamento e ciclo vital .....	18
<b>CAPÍTULO 2 - CASAMENTO E TRABALHO</b> .....	37
2.1 Contextualizando casamento e trabalho: fragmentos da história .....	38
2.2 Divisão sexual do trabalho .....	43
2.3 Entre o público e o privado: do lar burguês à modernidade do lar .....	47
2.4 Revolução feminista: revolução na família e no casamento .....	55
2.5 A relação trabalho e família .....	59
<b>CAPÍTULO 3 - CASAMENTO DE DUPLA-CARREIRA: UM LUGAR DE GÊNERO</b> .....	66
3.1 O conflito trabalho e família .....	74
3.2 Os casais de dupla carreira e o conflito trabalho/família .....	76
<b>II – METODOLOGIA</b> .....	81
<b>III – RESULTADOS</b> .....	89
<b>IV – DISCUSSÃO</b> .....	186
<b>V – CONCLUSÕES</b> .....	290
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	293
<b>ANEXOS</b> .....	305
ANEXO 1 - Termo de consentimento livre e esclarecido .....	306
ANEXO 2 - Entrevista individual .....	307
ANEXO 3 - Entrevista conjugal .....	308

## RESUMO

O presente trabalho é um estudo exploratório que se voltou para a investigação da experiência de casais de dupla-carreira frente à interação casamento-trabalho. O estudo utilizou como referencial teórico a perspectiva de gênero no contexto do ciclo de vida conjugal e familiar proposto por Carter e McGoldrick (1995). Os objetivos do estudo foram: investigar as experiências conjugais e profissionais vividas por casais de dupla-carreira, levantar as semelhanças, diferenças e complementaridades entre as perspectivas masculina e feminina sobre casamento e trabalho, explorar de que forma homens e mulheres, envolvidos em casamentos de dupla-carreira, desempenham os papéis de gênero.

A metodologia utilizada é de natureza qualitativa, configurada segundo a abordagem de estudo de caso múltiplo. Fizeram parte desse estudo cinco casais de dupla-carreira, pertencentes à classe média, na faixa etária entre 24 e 48 anos. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados entrevistas em profundidade, sendo uma entrevista semi-estruturada com cada casal e uma entrevista semi-estruturada com cada cônjuge. As 15 entrevistas foram gravadas, transcritas na íntegra e analisadas com base na análise de conteúdo.

Os resultados encontrados mostraram que o conflito entre casamento e trabalho é particularmente agudo entre os casais dupla-carreira. As mulheres apresentaram níveis mais altos de conflito entre casamento e trabalho do que seus maridos. Constatamos que existem diferenças de gênero na forma como homens e mulheres lidam com a interação entre casamento e trabalho. Os conflitos centrais apresentados pelas mulheres entrevistadas dizem respeito à experiência de fragmentação da identidade, inibição para o trabalho, sentimentos de culpa, esquecimento de si e questões relativas à saúde física e mental, tais como ansiedade, *stress* e depressão. Constatamos também que os principais conflitos vividos pelos homens entrevistados se referem aos desgastes gerados na relação conjugal em virtude da administração de vários contextos de atuação, bem como à percepção do trabalho da esposa como fator gerador de dificuldades para o casal.

O estudo chama atenção para a necessidade de pesquisadores e clínicos ampliarem o foco das análises sobre as dinâmicas do casamento de dupla-carreira, em especial, no que se refere aos dilemas da interação casamento, trabalho e gênero como componente fundamental para a compreensão do ajuste conjugal entre os casais contemporâneos. Recomendamos a continuação de pesquisas na área enfocada por esse estudo.

Palavras-chave: gênero, casamento, ciclo de vida, casais de dupla-carreira, interação entre casamento e trabalho.

**ABSTRACT**

This exploratory study intended to investigate the experience of dual career-couples and the interaction between marriage and work. The study combines the gender perspective with the life cycle model by Carter and McGoldrick (1995). The objectives of the study were: investigate the professional and the marital experiences of dual career-couples; understand the similarities, differences and complementarities between the masculine and feminine perspectives on marriage and work; explore the forms that men and women, involved of dual career-couples, play the gender roles.

We used qualitative methodology based on case-study approach. Five dual career-couples, middle-class, with ages varied from 24 and 48 years old took part in the study. Each spouse and the couple were interviewed. Content analysis was used to detect themes and categories for individuals and couples.

The result showed that the work-family conflict is particularly acute among dual-career couples. Wives typically experience higher levels of work-family conflict than husbands. There are several differences in the way man and women try to conciliate marriage and work. The central conflicts presented by the interviewed women refer to the experience of fragmentation of the identity, of inhibition for the job, guilt feelings, forgetfulness of herself and relative subjects to the physical and mental health, anxiety, stress and depression. We also verified that the main conflicts presented by the interviewed men refer to difficulties in the relationship because of the administration of several contexts of marital performance. The perception of the husband about his wife's job creates of difficulties for couple.

The study invites researchers and clinicians to broaden their view of the marital interaction especially those considered as dual-career-couples, once work and family as fundamental to the understanding of the marital adjustment of contemporary couples. We encourage continued research in this area.

Key-words: gender, marriage, life-cycle, dual career-couples, work-family interaction.

## INTRODUÇÃO

“*E eles foram felizes para sempre*”. Assim, tem início a complexa aventura de se tornar um casal. Dourado pela visão romantizada dos contos de fada, o casamento é concebido de diversas formas: ora como o rito de passagem que representa a solução para problemas como solidão ou dificuldades com a família de origem; ora como um evento que finaliza uma etapa da vida, embora não o encerre. Ao contrário, o casamento principia um intrincado percurso que pressupõe que as pessoas sejam capazes de separar-se de partes da personalidade individual e abdicar de decisões que não podem ser mais geradas de forma individual (Menghi, 1995; McGoldrick, 1995; Willi, 1995).

A decisão de compartilhar a existência implica em compromisso e apoio mútuo. Para viver a dois, os parceiros se envolvem na construção de um mundo comum e fundam trilhas que contribuem para uma continuidade histórica em que cada um é afetado pelo outro. Embora seja contemplada como a transição mais fácil e bela do ciclo vital, a formação de um casal demanda a renegociação de uma infinidade de questões previamente definidas; tanto em termos individuais; quanto em relação às famílias de origem. Por definição, a experiência de ser casal pressupõe conjugar que, por sua vez, tem seus custos, seus benefícios e suas exigências (Féres-Carneiro, 1998; McGoldrick, 1995; Willi, 1995).

Convém lembrar que a sociedade ocidental vive sob a égide do individualismo. Se por um lado, os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges ao enfatizar que cada membro do casal deve sustentar o seu próprio crescimento e desenvolvimento, por outro, existe a necessidade de vivenciar a conjugalidade, construir uma realidade comum ao casal e compartilhar desejos e projetos conjugais. Sendo assim, o valor conferido ao individualismo no mundo ocidental vem se confrontar com o valor atribuído ao casamento. A ideologia individualista vigente produz inequívocos efeitos nas configurações conjugais, nos seus princípios e nos valores conferidos a essa esfera da vida. Assim, os casais contemporâneos vivenciam o desafio de unificar a criação de laços significativos com a construção de autonomia individual. Tal situação expõe os cônjuges ao embate constante entre individualidade e conjugalidade (Féres-Carneiro, 2003a).

Willi (1995) enfatiza que casar não se enquadra com a imagem moderna de realização pessoal. O casamento transforma a imagem de realidade dos parceiros. Emancipação e autonomia cedem lugar à colaboração. Liberdade, escolhas individuais e independência se restringem no contexto do casamento. Mesmo diante desse quadro paradoxal, as pesquisas nacionais mostram que os indivíduos continuam se casando, apesar do alto índice de separação e da constante referência que se faz à crise no casamento. As estatísticas demográficas mais

recentes também confirmam o incremento nas taxas de casamentos formais e uniões consensuais<sup>1</sup>. (Féres-Carneiro, 2001; Jablonski, 2001; Goldenberg, 2001; Vieira, 2000).

A fim de justificar a vitalidade do casamento na cultura ocidental, convém dialogar com Vieira (2000) que, se apoiando em Lévi-Strauss<sup>2</sup>, nos lembra que em todas as sociedades o estado de casado recebe um *status* diferenciado, enquanto os indivíduos solteiros são rechaçados por serem considerados “meio-ser humano”. Podemos nos apropriar, também, do pensamento de Féres-Carneiro (1998), que considera o casamento uma relação validante na qual o indivíduo experimenta a vida com certo sentido. Na concepção da autora, por meio de uma relação com um outro significativo, o indivíduo compartilha sua existência do ponto de vista intrapsíquico. Sendo assim, a realidade subjetiva do indivíduo encontra esteio no parceiro, que sanciona e reafirma a realidade objetiva internalizada por este. Assim, Féres-Carneiro (1998) assevera a questão: “... *a realidade do mundo é sustentada através do diálogo com pessoas significativas e o casamento ocupa um lugar privilegiado entre as relações significativas validadas pelos adultos na nossa sociedade*” (p.378).

Em outros termos, o casamento contribui, no plano existencial, para duas importantes dimensões: a produção de sentido e de identidade. Por meio da relação com o outro significativo, o indivíduo alcança gratificação pessoal, constrói sua visão de mundo e sua auto-imagem. Também adquire um estatuto, ao sinalizar seu pertencimento a grupos sociais de referência — dos adultos, dos casados, dos homens, das mulheres —, exercendo papéis importantes para sua identidade social.

O casamento tem como função social cunhar a ordem simbólica e coletiva do mundo cultural, no qual o sujeito é nomeado e ganha sentido do ponto de vista intersubjetivo e intra-subjetivo. A intersubjetividade dimensiona as relações entre o indivíduo e o espaço social, isto é, refere-se ao sentimento de pertença a grupos de referência em seu sentido mais restrito. A intra-subjetividade refere-se àquilo que é próprio à realidade interna do indivíduo, pertencendo a dimensão relacional que o sujeito mantém com instâncias da ordem do intrapsiquismo — desejos, sonhos, fantasias e etc. A conjugalidade não se encerra, portanto, em uma “totalidade” que possui lógicas próprias, relativamente fechadas e isentas às alterações e influências externas. Trata-se de um diálogo contínuo e perene com o meio externo (Passos, 2005; Giddens, 1997).

---

<sup>1</sup> Ver: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Página da web: <http://www.ibge.gov.br> (2005). Acesso: jan./06.

<sup>2</sup> Lévi-Strauss, C. (1972). A Família. In: *O homem, a cultura, a sociedade*. São Paulo: Fundo de Cultura.

Uma rápida análise do cenário contemporâneo revela a emergência de novas formas de interação conjugal que respondem às profundas transformações sociais pelas quais vem passando o mundo ocidental. Nesse sentido, o casamento não é uma instituição estática e homogênea. Trata-se de uma estrutura social e historicamente situada (Therborn, 2006; Bucher, 1999; Diniz, 1999).

Estudar o casamento como uma estrutura dinâmica em constante mutação exige um posicionamento flexível diante da multiplicidade de configurações que emergem na contemporaneidade. A união de duas pessoas adultas, ou seja, a formação de um casal através do casamento é um fenômeno complexo que exige um estudo sistemático marcado pela renúncia a conceitos com pretensões generalistas. Torna-se fundamental, portanto, superar e transpor o discurso vigente que alude ao esgotamento das estruturas sociais como o casamento e a família.

As interrogações atuais em torno de novas formas de interação conjugal estão fundadas na indagação acerca do futuro dessa instituição no mundo ocidental. Therborn (2006), em sua análise histórica da cena do casamento em termos mundiais, mostra-nos que o casamento tornou-se uma variável, no seu sentido social e estatístico. O quadro mundial delineado pelo autor nos assegura que o casamento tornou-se um fenômeno mutável nas sociedades ocidentais.

Tendo como escopo de análise o casamento contemporâneo, constatamos o quanto é complexa a tarefa de acompanhar a natureza das mudanças ora em curso. As novas roupagens e os diferentes arranjos conjugais que estão surgindo em substituição e/ou paralelos ao modelo tradicional, parecem contraditórios, paradoxais e mesmo incompletos. As metamorfoses da família e do casamento transcendem as permanências e adquirem percursos inimagináveis (Passos, 2005).

A discussão sobre o impacto das transformações sociais no estilo de vida dos casais contemporâneo é tema de diversos estudos e pesquisas internacionais no campo das ciências humanas e sociais (Therborn, 2006; Papp, 2002; Walsh, 2002; Peixoto & Cicchelli, 2000; Lipovetsky, 2000; Singly, 2000; Castells, 1999; Will, 1995; Giddens, 1993, 1991). Em perspectiva similar, podemos encontrar diversas pesquisas empíricas nacionais com interesses semelhantes (Jablonski, 2003; Diehl, 2002; Torres, 2000; Duarte, 1995; Bucher, 1999; Diniz, 1999; Féres-Carneiro, 1998; Vaitsman, 1994; Goldenberg, 1991).

É fato que a segunda metade do século XX pode ser considerada como um período de desconstrução dos padrões sociais prescrito para as famílias e os casais. Nos últimos 30 anos, o modelo ideal de família ocidental, estruturado na autoridade masculina contínua exercida pelo homem, como chefe de família e detentor de poder sobre sua mulher, seus filhos, sofreu

profundas transformações (Therborn, 2006; Passos, 2005; Machado, 2001; Peixoto & Cicchelli, 2000; Sartir, 2000; Singly, 2000; Bucher, 1999; Castells, 1999).

Esse processo de desconstrução de valores e práticas sociais responde às condições e estilos de vida forjados pelos processos históricos herdados da modernidade, como o binômio urbanização/industrialização. A esses fatores, pode-se acrescentar um conjunto de atitudes que se caracterizam pela ênfase na racionalidade, na autonomia, na privacidade e na valorização do individualismo. Como conseqüências da modernização, podemos apontar também o crescimento da economia global, as mudanças tecnológicas referentes à reprodução da espécie e o advento do movimento feminista como forças propulsoras para as transformações sociais no âmbito da família e do casamento (Lipovetsky, 2000; Peixoto & Cicchelli, 2000; Singly, 2000; Castells, 1999; Giddens, 1993).

O “modelo de família ocidental” volatilizou-se diante dos avanços nas tecnologias reprodutivas. O advento da pílula anticoncepcional, da fertilização *in vitro* e da manipulação genética possibilitou à mulher o controle sobre seu próprio corpo em relação à ocasião e à frequência das gestações. Ser ou não ser mãe passou a ser um dilema moderno e a opção pela maternidade também deixou de estar atrelada ao casamento (Therborn, 2006; Singly, 2000; Castells, 1999; Bucher, 1999).

O avanço nas tecnologias reprodutivas também permitiu que a função procriadora do casal se tornasse cada vez mais individualizada. Esses avanços tecnológicos confrontaram os princípios fundamentais sobre os quais se assentavam o sistema de parentesco, isto é, sexualidade e parentesco foram cindidos, paternidades e maternidades foram multiplicadas genética e socialmente. Assim, o nascimento de um filho não provém necessariamente de um casal (Therborn, 2006; Diehl, 2002; Bucher, 1999; Castells, 1999).

Como movimento político e social, os feminismos também fomentaram transformações no casamento e na família por meio dos processos de transformação no trabalho feminino e de conscientização das mulheres. O movimento feminista agenciou o questionamento das bases do patriarcado e trouxe à cena questões referentes ao trabalho, às desigualdades entre os sexos e aos direitos das mulheres. Com efeito, a ascensão profissional da mulher consubstanciou-se como o fenômeno social mais significativo do século XX nas sociedades democráticas ocidentais (Lipovetsky, 2000; Diniz, 1993; Spiker-Miller & Kees, 1995; Giddens, 1993).

Vários pesquisadores também apontam a entrada da mulher no mercado de trabalho como o aspecto de maior influência na metamorfose ocorrida na família brasileira nas últimas décadas. As mudanças nos padrões de hierarquia e sociabilidade dentro das estruturas familiares respondem, sobretudo, à crescente e determinante presença das mulheres no domínio público

(Rocha-Coutinho, 2003; Sartir, 2000; Féres-Carneiro, 1998; Diniz, 1996; Jablonski, 1998; Goldani,1994; Vaitzman, 1994).

Na cena brasileira contemporânea, o modelo de família nuclear tradicional de classe média brasileira, que consagra uma divisão rígida e assimétrica de papéis sociais e de gênero, tornou-se um padrão cada vez mais obsoleto. A incorporação da mulher no mercado de trabalho aumentou o seu poder de negociação perante o homem, questionando a legitimidade da dominação masculina. (Araújo & Scalon, 2005; Miranda-Martins & Diniz, 2005; Wagner & Fleck, 2003; Diniz, 1996; Goldani,1994).

A participação da mulher no mercado de trabalho provocou transformações das expectativas sociais quanto à durabilidade. O mesmo pode-se dizer em relação às opções entre casar e não casar. Dentro desse contexto de metamorfoses sociais, é que se estabelece a plasticidade do casamento. Portanto, ao pensarmos em modelos de casamento, o plural se impõe. Hoje, convivemos com uma pluralidade de arranjos conjugais e familiares e um número cada vez maior de casais experimenta novas formas de relacionamento na ausência de modelos que funcionem como referência (Féres-Carneiro, 2001, Diniz, 1999).

Dialogando com Castells (1999), podemos apontar que as transformações nas relações familiares e de gênero se constituem como indicadores do enfraquecimento do aspecto hierárquico da sociedade e de sua flexibilização em relação ao surgimento de arranjos conjugais mais horizontais ou simétricas. Entre esses, estão os modelos conjugais onde ambos os esposos trabalham fora em tempo integral.

Os casais de duplo-trabalho (dual-worker), e em especial, os casais de dupla-carreira (dual-career) destacam-se pela singularidade de suas características interpessoais e por escolherem um estilo de vida cada vez mais recorrente na estrutura social contemporânea (Perlin & Diniz, 2005; Roehling & Moen, 2003; Diniz,1999).

Em relação às descrições tradicionais de papéis sociais, onde o homem desempenha o papel de provedor e a mulher de dona de casa, esses casais compostos por cônjuges com carreiras independentes destoam. Nesses casamentos, ambos os esposos estão igualmente investidos no mundo do trabalho e no mundo conjugal e familiar. Segundo Silberstein (1992), o casamento de dupla-carreira é um sistema em transição, pois desafia as regras e as relações de gênero e altera o modelo de casamento tradicional. Embora ainda permaneça a divisão de papéis sexuais dentro do domínio privado; essas uniões tendem a ser menos hierárquicas e a contar com uma maior participação dos homens em relação aos cuidados dos filhos e na divisão das tarefas domésticas.

A fim de programar o estilo de vida de dupla carreira em bases cotidianas, essas díades trabalhadoras necessitam revisar as expectativas sociais sempre presentes na resolução de

questões inerentes à convivência a dois. Nesse contexto, chamam atenção os conflitos que homens e mulheres têm enfrentado na tentativa de conciliarem demandas incompatíveis, originadas pelas responsabilidades e papéis a serem desempenhados simultaneamente no mundo do trabalho e na família.

Embora casamento e trabalho sejam processos cambiantes, conciliar trabalho, vida pessoal, conjugal e familiar é uma tarefa árdua e intrincada que exige, especificamente, dos casais de dupla-carreira um maior distanciamento dos papéis de gênero tradicionalmente prescritos para o homem e a mulher. Implica, portanto, num maior grau de flexibilidade de cada cônjuge no sentido de questionar a educação de gênero recebida a fim de reconstruir os modos de ser homem e os modos de ser mulher (Diniz, 1999).

Essas alterações exigem que os casais de dupla-carreira renegociem constantemente seu contrato conjugal. Em um plano teórico, esse contrato é caracterizado pela simetria nos papéis de gênero desempenhados pelo marido e a esposa. Entretanto, no campo das práticas, a imensa maioria desses contratos conjugais ainda se baseia em um sistema de idéias tradicionais. Diante desse quadro, emergem conflitos entre as maneiras tradicionais e novas de agir.

Os estudos sobre a interação entre casamento, trabalho e gênero seguem de perto a evolução das transformações da sociedade. Os dados encontrados nas pesquisas nacionais deixam entrever a riqueza de resultados que podem ser obtidos com a proliferação de pesquisas nesta área (Perlin & Diniz, 2005; Miranda-Martins & Diniz, 2005; Araújo & Scalón, 2005; Diniz, 1999, Dios, 1997).

Essa realidade não está restrita a dados de pesquisas, mas é compartilhada por um número significativo de casais em todo o Brasil. O reconhecimento social da existência dos casais de dupla-carreira denota uma ruptura com o anonimato cultural e o silêncio científico. A problemática dessa díade trata-se de um fenômeno social importante. Os dilemas enfrentados pelos casais de dupla-carreira para conciliar vida conjugal, familiar e trabalho não são decorrência de características intrínsecas a determinadas populações, mas são instituídos social e historicamente, variando segundo épocas e regiões do mundo. Como bem nos lembra Bourdieu (1989), trata-se de um "objeto pré-construído".

Os pesquisadores da área deparam-se, então, com o desafio de detectar as especificidades desses casais na cena brasileira contemporânea. Para tanto, novas pesquisas têm a função de detectar novas realidades, corrigir vieses na compreensão dessas realidades em contraposição a entendimentos anteriores e criar estratégias teóricas e práticas para lidar com as mesmas. Dentro dessa intrincada realidade, é que se insere nosso interesse em estudar os casais de dupla carreira.

Levando em conta essas reflexões, o presente estudo pretende investigar como os casais de dupla-carreira lidam com a interação casamento-trabalho. Tendo como referencial teórico a perspectiva de gênero no contexto do ciclo de vida conjugal e familiar proposto por Carter e McGoldrick (1995), esse estudo pretende investigar a interação casamento e trabalho, como uma experiência a ser compreendida na relação com o contexto social, em especial com a construção de gênero. Espera-se com essa pesquisa detectar as especificidades desses casais na cena brasileira contemporânea e sensibilizar os pesquisadores para explorar esse tema repleto de riquezas.

## I - REVISÃO DE LITERATURA

### CAPÍTULO 1 – A PERSPECTIVA DE GÊNERO

O presente capítulo tem como objetivo conceituar gênero, apontando de que forma as relações de gênero permeiam a vida cotidiana e como os estereótipos de gênero se reproduzem e se mantêm vivos na sociedade, especificamente no âmbito da família e do casamento. Para tanto, traçamos um breve histórico da construção do conceito de gênero a partir da inserção dos feminismos no mundo acadêmico.

Nosso interesse é entender o conceito de gênero a partir de seu caráter relacional, bem como refletir sobre a construção da identidade de gênero. Tal reflexão buscará compreender como se dá o processo de socialização dos gêneros e qual o impacto desse processo na subjetividade de homens e mulheres. Por último, discutiremos brevemente como as questões de gênero permeiam as relações conjugais e familiares. Gênero torna-se, então, o ponto de partida em uma pesquisa que pretende investigar as mudanças que estão ocorrendo no casamento contemporâneo.

#### 4.1 A perspectiva de gênero.

No transcorrer do século XX, as idéias feministas estiveram basicamente agregadas à ação política; porém não tardou para que o investimento feminista na política passasse a enriquecer e a alterar também a estrutura do conhecimento (Gergen, 1988). O fato é que, no bojo do movimento feminista da década de 60, coexistiam interesses políticos e científicos que congregavam uma dupla proposta: a transformação da sociedade e a produção de conhecimento.

À medida que várias feministas adentraram o mundo acadêmico, reavivou-se o interesse social pelas questões das mulheres. Envolvidas ou não com a militância, historiadoras, sociólogas, antropólogas, psicanalistas, psicólogas e filósofas, com o objetivo de realizar trabalhos de reflexão e produção acadêmica, centraram-se na temática de estudos sobre a mulher, área que ainda tentava estabelecer sua legitimidade no campo universitário (Yannoulas, Vallejos & Lenarduzzi, 2000; Louro, 1996; Machado, 1994).

Os estudos sobre a mulher eram tributários do movimento feminista dos anos 60 nos Estados Unidos e dos "novos feminismos" que eclodiram em vários países europeus e latino-americanos, a partir da década de 70. Tinham como objetivo “*dar visibilidade à mulher como agente social e histórico, como sujeito*” (Louro, 1996, p.2). Ao mesmo tempo, carregavam a marca da

militância em virtude do caráter de denúncia à opressão e discriminação sofrida pela mulher (Machado, 1994).

Tendo como base epistemológica o conflito social, o movimento feminista foi ampliando conjecturas e se infiltrando em discussões acadêmicas. Gradativamente, inicia-se a construção de explicações articuladas com diversos campos de conhecimento na busca de análises mais consistentes que tivessem um caráter mais científico e menos ativista. Se antes os estudos eram mais descritivos do que analíticos e não possuíam um embasamento teórico, aos poucos, os estudos sobre as mulheres começaram a adquirir importância no meio acadêmico sendo reconhecidos como objeto de conhecimento (Louro, 1996; Machado, 1994).

Enquanto estrutura teórica, os feminismos proporcionaram, então, a emergência de um "campo intelectual" em diferentes disciplinas das ciências humanas e sociais que estimulou a produção de conhecimentos científicos não sexistas. A presença das mulheres nas universidades, especialmente das acadêmicas feministas, contribuiu para a percepção da mulher não só como sujeito, mas também como objeto de pesquisa (Yannoulas et al., 2000; Machado, 1994). Nas palavras de Louro (1996):

*“Nas pesquisas universitárias, pretendia-se deslocar a mulher das referências e das notas de rodapé (onde ela era entendida como um desvio da norma masculina ou como "minoría") e incorporá-la ao corpo dos trabalhos; mais do que isso, pretendia-se constituí-la como o sujeito-objeto dos estudos”.* (p.8).

O ponto-chave da crítica feminista à ciência dirigiu-se para a questão de que todos os níveis de elaboração teórica partiram do pressuposto de que a experiência masculina é a norma. Assim, a experiência feminina permaneceu invisível e foi marginalizada em disciplinas de ordem intelectual. A consciência crítica desse fato transformou-se em ato, indo em busca de um saber teórico inovador (Rago, 1998; Rampage & Avis, 1998; Haraway, 1995; Machado, 1994).

A necessidade da constituição de um novo olhar teórico alcançou também o campo da psicologia. Nesse, as vozes feministas trouxeram à cena uma perspectiva crítica para analisar a invisibilidade da experiência feminina, já que os modelos e teorias do campo partiram também da premissa de que a experiência feminina deriva ou se equivale à experiência masculina. Quando a experiência feminina difere da experiência masculina, é percebida como desviante (Unger, 2001; Rampage & Avis, 1998; Philpot & Brooks, 1995; McGoldrick, 1995; Walters, 1994; Nickerson, & Kremgold-Barrett, 1990; Lerner, 1990).

Aplicada ao desenvolvimento humano psicológico, a generalização que parte do masculino em direção ao feminino conduziu a vários equívocos e distorções. Dentre eles, podemos apontar o fato das principais teorias do desenvolvimento humano considerarem a autonomia como objetivo básico do desenvolvimento e como símbolo de maturidade, ao mesmo tempo em que a preocupação com os relacionamentos na vida humana foi desqualificada, sendo considerada uma fraqueza feminina (Rampage & Avis, 1998; McGoldrick, 1995; Walters, 1994; Miller, 1991).

Portanto, no campo da psicologia do desenvolvimento, a adulez sadia tornou-se equivalente à masculinidade. McGoldrick (1995) assevera a questão:

*“... nós igualamos a maturidade à capacidade de pensamento autônomo, à racionalidade, à clara tomada de decisões, e a ação responsável, e desvalorizamos as qualidades que nossa cultura definiu como necessárias à identidade feminina, tais como calidez, expressividade e o cuidado pelos outros. As teorias propostas por homens deixaram de descrever a progressão dos relacionamentos para a maturidade da interdependência” (p.33).*

Somente nas últimas três décadas, o desenvolvimento feminino passou a ser descrito na literatura. Assim, psicólogas feministas começaram a corrigir distorções produzidas pelo viés androcêntrico que marca a produção científica (Miller, 1976, Gilligan, 1982, Dinnerstein, 1976 apud McGoldrick, 1995).

Fica evidente que a noção de um sujeito genérico “homem”, seja ele criança, adolescente ou adulto, contaminou a produção científica na psicologia. De tal forma que esse sujeito psicológico veio ocultar o fato de que a realidade pesquisada é predominantemente masculina (Diniz, 2000; Rampage & Avis, 1998; McGoldrick, 1995; Walters, 1994).

Corroborada por Rago (1998), a questão é ressaltar que o saber ocidental ancora-se em categorias reflexivas incapazes de pensar a diferença. A autora problematiza o tema:

*“Pensa-se a partir de um conceito universal de homem que remete ao branco-heterossexual-civilizado-do-primeiro-mundo, deixando-se de lado todos aqueles que escapam desse modelo de referência... Portanto, as noções de objetividade e de neutralidade que garantiam a veracidade do conhecimento caem por terra, no mesmo movimento em que se denuncia o quanto os padrões de normatividade científica são impregnados por valores masculinos...” (p.25).*

Assim, na ótica feminista, as ciências humanas estão impregnadas de um caráter ideológico, racista, particularista e sexista. Isso significa que os conceitos fundamentais do pensamento científico são identitários e, por efeito, excludentes (Sandenberg, 2002; Haraway, 1995).

Ultrapassando o legado positivista, a ótica feminista abandona o ardil da pretensa neutralidade e objetividade de achados, interpretações e conclusões científicas. Ao mesmo tempo, aponta o desprezo à subjetividade como característica reveladora de um indisfarçável viés androcêntrico no exercício da ciência, questionando a forma de fazer ciência hegemônica caracterizada como neutra, objetiva e apolítica (Arrazola, 2002; Sandenberg, 2002; Grossi, 1998). Enfim, a perspectiva feminista vem articular críticas ao saber dominante, engendrando e exigindo a construção do objeto a partir de um olhar situado.

Diante de um número considerável de trabalhos feministas, o que até então havia se traduzido num conhecimento científico marcado pelo androcentrismo, passou a ser contestado e reapreciado pelas acadêmicas feministas, dando origem a um processo de revisão tanto na elaboração de problemáticas, nas teorias, conceitos, métodos de investigação, como nas observações e interpretações dos resultados. A partir da década de 80, esse movimento toma novo direcionamento, partindo para a formação de um novo conceito, o de gênero (Arrazola, 2002; Sandenberg, 2002; Rampage & Avis, 1998; Grossi, 1998, Louro, 1996; Haraway 1995).

Diferentemente de sexo, gênero foi conceituado como *“uma estrutura social que tem origem no desenvolvimento da cultura humana, ou seja, muito além da biologia ou das questões de procriação”* (Diniz, 1999, p.182). Essa estrutura engloba todos os aspectos psicológicos, sociais e culturais do ser feminino ou masculino, pois constitui condição aprendida e transmitida de geração para geração, então, não se esgota numa configuração herdada por meio do sexo biológico.

O conceito de gênero ancora-se, então, na rejeição ao determinismo biológico e enfatiza o processo contínuo e dinâmico que faz com os sujeitos se tornem homens ou mulheres, através de práticas masculinizantes e feminilizantes elaboradas de acordo com as diversas concepções de cada sociedade. Além disso, o gênero é mais do que uma identidade apreendida, é uma categoria imersa em instituições sociais “generificadas”, ou seja, que também expressam as relações sociais de gênero. Depreende-se daí, a idéia de formação, socialização e educação dos sujeitos (Grossi, 1998; Louro, 1997, 1996; Philpot et al., 1985).

O gênero dá significado às distinções entre os sexos, transformando seres biologicamente machos e fêmeas em homens e mulheres, seres sociais. A não-correspondência entre sexo e gênero permite conceber os indivíduos como submetidos a determinantes culturais e históricos, e não organizados em identidades fixas impostas pela natureza.

Entender o gênero significa, então, reconhecer que ‘homem’ e ‘mulher’ são *“ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes, pois que, quando parecem fixadas, elas recebem, apesar de tudo, definições alternativas, negadas ou reprimidas (Scott, 1990, p.19)”*. Pois, o

gênero expõe o dilema da diferença, a construção de desigualdades binárias, de diferenças pretensamente naturais e de oposição a padrões solidificados.

Dessa forma, os termos mulher e homem, muitas vezes, são utilizados como categorias homogêneas e sem história, ou sem relação entre si. Segundo Scott (1990), “*Como resultado, a categoria ‘mulheres’ assumiu uma existência como entidade social separada de seu relacionamento conceitual historicamente situado com a categoria ‘homens’*” (p.19).

Com base nessa assertiva, constatamos uma modificação de ordem epistemológica no que se refere ao conceito de gênero. O fato é que, num primeiro momento, a mudança de perspectiva dos “estudos sobre as mulheres” (feito por mulheres e para mulheres) para os “estudos de gênero” configurou-se apenas como mera substituição de termos, na qual gênero passou a ser empregado como sinônimo de mulher. Mas, gradativamente, esses estudos ultrapassaram a categoria mulheres e caminharam em direção às relações sociais entre os sexos. Tal posicionamento nos remete à noção de que um gênero só pode ser entendido em função da sua relação com o outro. Nesse sentido, os estudos de gênero passam a privilegiar metodologicamente as relações de gênero a propósito de qualquer essencialismo das categorias “mulheres” ou “homens” ou de “feminino” ou “masculino” (Scott, 1990, Izquierdo, 1994).

Sob essa ótica, Scott (1990) parte da proposição de gênero como “... *um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos...*” (p.14), levando em consideração que essas diferenças se fundam em símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas e mitológicas, freqüentemente contraditórias.

Em sua proposição de gênero, Scott (1990) ainda faz referência aos conceitos normativos que evidenciam as interpretações do sentido dos símbolos e se esforçam para restringir e sobrepujar suas possibilidades metafóricas. Esses conceitos normativos manifestam-se nas doutrinas (religiosas, educativas, políticas, científicas ou jurídicas) nas instituições sociais, nas organizações sociais e econômicas (mercado de trabalho, sistemas políticos etc.) e nas identidades subjetivas. Em todas essas formas de expressão, os conceitos normativos aparecem como uma oposição binária que assevera, de forma categórica e inequívoca, as concepções de masculino e feminino, ocultando a arbitrariedade que a cultura carrega em si (Scott, 1990).

A teorização do gênero tem para Scott (1990) uma segunda proposição: “... *o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder*” (p.14). Com base nessa autora, ressaltamos que o cerne principal da definição de gênero na sociedade ocidental repousa sobre a proposição de gênero como campo primordial no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. Ou seja, o gênero é uma primeira maneira de dar significado às relações de poder. Não se trata de dizer que o poder está na dominação que o homem exerce sobre a mulher, mas,

sim, de mostrar que o poder, nas relações de gênero, se mostra em termos do conflito entre o espaço masculino e o espaço feminino.

Perrot (2005) aponta para algumas referências tradicionalmente aceitas sobre essa divisão de poder. De um lado, teríamos os homens com o poder político, o poder do estado, o poder público; do outro lado, teríamos as mulheres com os poderes informais, os poderes domésticos, dos bastidores e das influências. Embora essas imagens sejam de 'naturezas diferentes', abarcam a noção de que os dois gêneros detêm poder.

Assim, o conceito de gênero pressupõe, *a priori*, a não afiliação a um questionamento sobre a igualdade ou o poder e nem advoga em nome da "parte lesada", na medida em que esta postura poderia conduzir-nos a uma essência masculina ou a uma essência feminina. Todavia, não se trata de negar as diferenças entre homens e mulheres; mas, sim, entendê-las como fruto de uma convivência social mediada pela cultura (Louro, 1996; Saffioti, 1994; Scott, 1990,1992). Saffioti (1992) amplia a análise:

*“Conceber gênero como uma relação entre sujeitos históricos situados é fundamental para demarcar o campo de batalha e identificar o adversário. Nessas circunstâncias, o inimigo da mulher não é o homem nem enquanto indivíduo, nem como categoria social, embora seja personificado por ele. O alvo a atacar passa a ser, numa concepção relacional, o padrão dominante de relação de gênero. Diferentemente do que se pensa com frequência, o gênero não regula somente as relações entre homens e mulheres, mas normatiza, também, relações homem-homem e relações mulher-mulher”* (p.276).

Em todas as culturas, são delineados poderes distintos para o masculino e o feminino. A iniquidade no poder afeta os homens, as mulheres e as relações entre eles. Entretanto, o mais notável é que o sexo biológico tornou-se o argumento sobre o qual a sociedade patriarcal tem tentado explicar e justificar a superioridade de um sexo sobre o outro e, portanto, a supremacia de poder de um sobre o outro (Philpot et al., 1985; Rosaldo & Lamphere, 1979).

Deparamo-nos, então, com a necessidade de entender o gênero não só como relação social entre os sexos; mas, também, compreender como é assegurado um significado para os conceitos de homem e mulher e as práticas pelas quais os significados da diferença sexual são definidos (Scott, 1990).

Sem dúvida, gênero torna-se uma categoria importante para o entendimento de como as sociedades humanas construíram e interpretaram as diferenças entre os sexos. Se há diferenças biológicas entre os sexos, não são elas que determinam as desigualdades entre eles. Mas, a diferenciação entre os sexos pressupõe a definição do que são as características que formam a

identidade masculina e a identidade feminina, ou seja, a identidade social de homens e mulheres. Depreende-se, assim, a necessidade de distinguir o que é biológico e natural — e por isso mesmo, relativamente inflexível - do que é social e culturalmente construído — portanto, relativamente transformável.

## 4.2. O processo de socialização e a construção da identidade de gênero

Sexo e gênero não são sinônimos. As crianças que nascem com sexo de macho são criadas para se tornarem homens e as que nascem com sexo de fêmea são socializadas para se comportarem como mulheres, embora o oposto possa ocorrer esporadicamente. Assim, o trabalho de transformar um bebê em homem ou mulher é social, exigindo um grande esforço dos adultos para enquadrar todas as crianças, seja no padrão masculino, seja no feminino. Desse trabalho social, resultam seres humanos diferenciados segundo o gênero (Philpot *et al.*, 1985).

O processo de socialização dos gêneros tem início ao nascermos, cuja forma de nos vestirmos, jogos e brincadeiras, e todos os mecanismos lingüísticos dispostos a diferenciar meninos de meninas, como nome próprio, substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, entre outros, remeter-se-ão ao gênero a que pertencemos. O pertencimento a um sexo biológico e a conseqüente definição do gênero introduz o sujeito no processo de socialização (Stoller, 1993).

Diversos elementos e agentes de socialização participam desse processo. Entre eles, podemos apontar a família de origem, a família extensa, o meio sócio-cultural, as instituições sociais (escola, trabalho, igreja, justiça) e o círculo de amizades. Por toda a extensão do desenvolvimento individual, o menino ou a menina vão modificar seus comportamentos, pensamentos, sentimentos e expectativas conforme o estereótipo de gênero que observarem. Assim, o indivíduo constrói sua identidade gênero (Philpot *et al.*, 1985).

Nesse sentido, Badinter (1986) enfatiza que: “*As raízes da masculinidade ou da feminilidade são, portanto, o resultado do comportamento dos pais e não expressão de um instinto qualquer*” (p. 255-256). Oliveira (1983) assevera a questão ao afirmar que os pais são agentes decisivos de socialização na incorporação de parâmetros que definem a condição de “masculino” e “feminino”, perpetuando crenças estereotipadas do que vem a ser homem e mulher.

Sob esse prisma, a cultura impõe papéis sociais para o homem e para a mulher como próprios ou “naturais” de seus respectivos sexos. Esses são denominados de papéis de gênero e se referem à forma ou modelo dentro do qual cada gênero espera atuar, ou seja, a um estabelecido comportamento ou característica que são tipicamente definidos como pertencentes a um gênero mais do que ao outro (Philpot *et al.*, 1985). Portanto, o ser mulher, bem como o ser

homem, inicia-se com o reconhecimento de si mesmo, ou seja, com a formação da identidade pessoal.

Vale dizer que a noção de identidade reúne características pessoais e sociais que fazem com que pessoas e grupos se diferenciem entre si, sendo resultado das interações sociais estabelecidas pelo sujeito e pelo grupo (Lane, 1981). O processo de interação social entre grupo e indivíduo que promove a construção identitária é fruto da apropriação que o sujeito faz dos conceitos que fundamentam a vida coletiva. Ao se apropriar desses conceitos, o sujeito passa a se relacionar com os significados construídos e compartilhados pelo grupo social, os quais irão pautar suas ações.

Cabe ressaltar que a noção de apropriação não significa a mera reprodução isomórfica da realidade externa no plano interno, pois o indivíduo é ativo na reconstrução dos inúmeros e heterogêneos significados culturais. A cultura oferece ao sujeito os conceitos organizadores da coletividade, que tornarão possível o seu posicionamento perante sua vida individual e grupal. As experiências singulares do sujeito garantem as diferenças individuais, mas a experiência coletiva garante as similaridades nas formas de pensar do grupo. Nesse sentido, a identidade refere-se tanto à unicidade do sujeito, quanto a sua semelhança com o outro, à medida em que compartilham os mesmos significados que pautam a vida social (Brandão, 1986; Lane, 1981).

Sob essa ótica, Brandão (1986) define identidade como um processo pelo qual um ser biológico transforma-se em um ser relacional, que é ao mesmo tempo único e diferente de todos os outros membros do grupo, mas que compartilha semelhanças, pois expressa de forma individualizada a ordem social e simbólica do seu mundo cultural. Portanto, a identidade é relacional. Como expressa Biasoli-Alves (2000): “*A construção da identidade do ser humano se dá no contexto social, através de um processo de olhar para o outro e estabelecer comparações, formando uma subjetividade que contém a forma como se é visto*” (p.11). Ou seja, O outro é espelho através do qual me reconheço, seja pela diferença ou pela similaridade.

A organização da cultura determina, então, os vários papéis que os seres humanos desempenham ao lidar com as normas de cada situação social, sendo que tais papéis se organizam sistematicamente para tornar possível a expressão integral de cada pessoa como um ser único. Desse processo, resulta a subjetividade humana, a síntese do singular e do individual que cada um de nós vai constituindo, conforme nos desenvolvemos e vivenciamos as experiências da vida social e cultural.

Sendo assim, podemos definir a identidade como uma complexa rede de papéis pautados nas regras estabelecidas socialmente e atribuídas às pessoas e aos grupos a partir de referenciais múltiplos. Isso significa que a construção da identidade ocorre no entrecruzamento de múltiplas

instâncias, ou seja, de categorias relacionais como raça, idade, gênero, classe social e etnia que servem como referências para o encadeamento de significados que definem o modo como as pessoas percebem o outro e a si mesmas.

Segundo Britto da Mota (1999), cada uma dessas categorias relacionais funciona de acordo com uma lógica específica, mas que se interpenetram e se articulam, determinando diferentes lugares para os sujeitos e, portanto, possibilidades e limites para sua visão de mundo (Louro 1997). Os significados construídos a partir dessas referências determinam, por assim dizer, o lugar ocupado pelas pessoas na sociedade.

Enfatizamos que a noção de “lugar social” refere-se às posições de referência imputadas socialmente aos sujeitos e por estes assumidas, caracterizando-se assim como posição simbólica e não referência topográfica. Trata-se de um conceito relacional que permite analisar as relações sociais sob o prisma da história que as constitui e conforma, sendo esses mesmos lugares sociais passíveis de re-significação pelos sujeitos, uma vez que esses são produtores ativos da própria história (Nuernberg, 1999).

A adoção dessa perspectiva representa o comprometimento de pensar os grupos e os sujeitos como socialmente situados, ou seja, não existe uma categoria “mulher” universal e “homem” universal. O entendimento da dinâmica da múltipla pertinência ajuda a romper com qualquer impulso em enxergar alguma fixidez nessas dimensões sociais, pois elas se realizam num contexto de plena relacionalidade (Yannoulas et al., 2000; Louro, 1996, Saffioti, 1992, Scott, 1992).

Em outras palavras, a perspectiva da mútua constituição entre sujeitos e grupos permite-nos admitir a pluralidade nos modos de ser homem e nos modos de ser mulher. Isso nos remete ao conceito de identidade social. Ao pensarmos no sentido do conceito ‘mulher’ e do conceito ‘homem’, devemos compreendê-los como uma palavra cujo sentido não provém da elucidação de um atributo específico, mas emana da elaboração de uma complexa rede de características (Machado, 2000; Nicholson, 2000; Scott, 1990).

Em um sentido amplo, o conceito de identidade social está relacionado às posições que o sujeito assume na complexa rede de significações culturais, ao “sentimento” de pertencimento a um determinado grupo social (Louro, 1997, 1999; Hall, 1999). Com o objetivo de nortear a discussão, nos apropriamos do conceito de identidade social desenvolvido por Louro (1999):

*“É no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe etc.) essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que são interpelados a partir de diferentes situações ou agrupamentos sociais.*

*Reconhecer-se numa identidade, supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência.” (p.12).*

Portanto, entendemos por identidade de gênero o conjunto de traços construídos na esfera social e cultural por uma dada sociedade, que definem conseqüentemente, quais os gestos, os comportamentos, as atitudes, os modos de se vestir, falar e agir, de forma semelhante para homens e mulheres. As identidades de gênero tendem a estar em consonância com o sexo biológico do sujeito. Em outros termos, a identidade de gênero diz respeito ao sentir-se masculino ou feminino de forma convicta e convincente e, assim, se identificar para si mesmo e para os outros, utilizando-se dos meios sociais e do curso do pensamento individual.

As identidades de gênero não são estruturas fixas, encerradas em si mesmas; pelo contrário, podem e estão continuamente se renovando, em ebulição e a cada momento podem ser novamente moldadas de outras formas. Como bem nos lembra Scott (2002): “*A identidade não é estabelecida definitivamente; ela é causa, mas ‘efeito instável e jamais garantido’, de uma vez por todas, de um processo de enunciação de uma diferença cultural*” (Scott, 2002, p 29). Trata-se de uma representação marcada pelo confronto com o outro, isto é, pelo reconhecimento social da diferença.

Com base nessa asserção, podemos dialogar com Beauvoir (1980), retomando sua afirmação: “*A mulher se torna mulher sob o olhar do homem e o homem também se torna homem sob o olhar da mulher*” (p.396). Tal assertiva nos permite entrever a principal característica da identidade de gênero, ou seja, o caráter relacional da constituição das identidades feminina e masculina. Homem e mulher que situados num mesmo contexto descobrem a si mesmos e ao outro como sujeito. Ou seja, os sujeitos se produzem em relação e na relação, de forma que é no interior dessas relações que é construída a identidade social de homens e de mulheres, ou seja, a identidade de gênero.

A presença do outro é condição para a construção e afirmação da identidade. Desse modo, entendemos que a identidade de gênero é um conceito que organiza a realidade em categorias de feminilidade e masculinidade, construídas social e historicamente, aspectos estes que determinam o lugar diferenciado que homens e mulheres ocupam na sociedade (Beauvoir, 1980, Louro, 1986, Scott, 1990).

Nesta perspectiva, a mulher introjeta a condição feminina impregnada de sentidos de oposição na inferioridade e que envolvem a negação do masculino como sendo feminino, ao passo que, o homem introjeta o masculino como sinônimo de superioridade e poder.

As organizações binárias, principalmente as baseadas em polaridades de gênero, são efetuadas por uma forma de poder produtiva e estratégica; a subversão desta polaridade não se dá, necessariamente, pela sua superação, mas pelo reconhecimento de múltiplas formas de ser entre os pólos. Assim, refletindo sobre as diferenças entre homens e mulheres e entre o feminino e o masculino, o casamento e a família tornam-se contextos privilegiados para compreendermos dimensões fundamentais da construção social dos gêneros.

### 4.3. Gênero, casamento e ciclo vital

Longe de ser um elemento estranho, o gênero é o princípio organizador mais importante no qual se fundam as relações de casal. Por meio de uma construção arbitrária que confunde o sexo biológico com a categoria gênero, institui-se uma norma que não se discute e não se argumenta. Por efeito, ambos os cônjuges são guiados por um sistema de crenças, que estabelece papéis e capacidades diferentes para homens e mulheres, bem como a desigualdade de *status*, conferindo ao homem o *status* de dominante e à mulher de dominado. O casamento é organizado, então, como uma relação de parceiros desiguais entre si (Walsh, 2002; Rampage & Avis, 1998; Papp, 1995; Barnes, 1994; Goodrich et al, 1990).

A instituição do casamento exemplifica perfeitamente os modos pelo qual a ideologia patriarcal, implícita e explicitamente, permanece organizando nossas vidas. É fato que a ideologia patriarcal identificou sexo como gênero e omitiu os elementos culturais que entram em jogo na aprendizagem dos papéis sexuais. A omissão da importância que os aspectos sociais e culturais têm no processo de socialização dos gêneros teve como consequência a normatização da diferença entre os sexos como sendo resultado de fatores exclusivamente biológicos, considerando-os, portanto, imutáveis. Assim, o patriarcado estabeleceu que os modos de ser feminino e masculino correspondem a uma essência e, conseqüentemente, os papéis sociais seriam expressões dessa essência.

A definição cultural dos papéis sexuais exerce uma influência potente, consciente e inconscientemente, sobre o contrato conjugal. Como nos lembra Papp (1995):

*“O acesso ao prestígio, ao poder, à renda fora de casa é maior para os homens do que para as mulheres e, enquanto uns e outras não tiverem prerrogativas iguais do ponto de vista político, legal e profissional, as mulheres estarão em posição de desvantagem no casamento, e isso repercutirá profundamente na relação de casal”.* (p.147).

A fim de investigarmos o casamento, torna-se imprescindível considerar as diferenças que permeiam o casamento da mulher e o do homem, uma vez que o estado conjugal é

experimentado de modo distinto pelos parceiros. Segundo Papp (1995), pesquisas têm mostrado que em toda a união conjugal há dois casamentos: o casamento dele e o casamento dela e esses nem sempre são coincidentes.

Embora tradicionalmente os homens permaneçam ambivalentes em relação ao casamento, mantendo a expectativa de que a liberdade será restringida e as responsabilidades irão aumentar, a realidade mostra-se contrária a essas expectativas. Pesquisas têm demonstrado que o casamento tem um efeito benéfico para os homens. Quando comparados às mulheres casadas e aos homens solteiros, os homens casados apresentam índices mais baixos de *stress* psicológico e têm índices melhores em relação à saúde física e mental. O mesmo não acontece com as mulheres (McGoldrick, 1995, Papp, 1995; Philpot et al., 1985).

Investigações confiáveis corroboram que o casamento tem efeito danoso sobre a saúde das mulheres. As mulheres casadas experienciam mais depressão, são mais propensas ao estresse e apresentam um estado de saúde física pior, quando comparadas às mulheres solteiras e aos homens casados (Possatti & Dias, 2002; Diniz, 1999a; McGoldrick, 1995, Papp, 1995; Philpot et al., 1985).

Nesse sentido, Papp (1995) assevera que “*Os homens saem ganhando física, social e psicologicamente quando se casam, enquanto, para as mulheres, se dá o contrário, pois para elas o casamento representa um risco, do ponto de vista da saúde mental*”. (p.148). De fato, o casamento parece ser mais vantajoso para os homens do que para as mulheres. Para além dos efeitos deletérios que o casamento tem sobre a saúde mental das mulheres, estas são as que experimentam maior insatisfação conjugal e têm sua identidade feminina restringida ao papel de esposa (McGoldrick, 1995, Papp, 1995).

A aderência aos papéis familiares tradicionais não só oprime as mulheres, como também exerce um efeito prejudicial sobre a relação conjugal, sobre todos os membros da família e sobre o funcionamento familiar (Rampage & Avis, 1998; McGoldrick, 1995; Goodrich et al, 1990). Como bem nos lembra Goodrich et al. (1990) estereotipar o papel dos sexos violenta os casais, constrange e limita o desenvolvimento dos membros da família.

Por certo, é impossível falar de amor, sexo e casamento se nos posicionarmos de forma negligente com relação às diferentes formas como homens e mulheres aprendem a considerar esses aspectos. Dessas atitudes e perspectivas, emanam objetivos diversos que conduzem a inúmeros conflitos, na medida em que se estabelece uma relação íntima entre um homem e uma mulher (McGoldrick, 1995, Papp, 1995). A forma como homens e mulheres introjetam os papéis de gênero e experienciam a identidade masculina e feminina no âmbito do casamento é uma questão central nesse estudo. Portanto, merece atenção especial.

Na cultura ocidental, a imagem de mulher que se cristalizou está sustentada pelos aspectos relacionados à constituição da família e aos cuidados com os outros. Socializadas para o cuidado, as mulheres são preparadas para exercer os papéis a elas destinados na família, desempenhando um papel central nas famílias. As mulheres devem amoldar-se aos interesses familiares, manter a paz, mediar conflitos e serem tolerantes, incondicionais, altruístas e continentais (McGoldrick, 1995, Papp, 1995; Gilligan, 1982; Miller 1976).

O senso de identidade das mulheres se estabelece, portanto, em torno de sua capacidade de estabelecer relações pessoais que impliquem no desenvolvimento de habilidades e características interpessoais de emotividade, sensibilidade, empatia e cuidado. Por efeito, as mulheres se definem no contexto de um relacionamento humano e se avaliam de acordo com a sua capacidade de cuidar (McGoldrick, 1995, Papp, 1995; Gilligan, 1982; Miller 1976).

Ao introjetar o cuidado, imediatamente se estabelece um espaço para a mulher na vida dos homens. Corresponder às necessidades dos outros dá às mulheres uma sensação de gratificação e prazer, uma vez que foram socializadas para tal tarefa. Contudo, a gratificação alcançada com o cuidado e dedicação ao outro tem seus custos. Um deles refere-se à dependência em relação aos outros, especialmente do marido, para obter poder, prestígio e autoridade dentro e fora da família. (Gilligan, 1982; McGoldrick, 1995; Miller 1976).

No seio da família, o poder das mulheres é sempre derivativo. O papel da mulher dentro da família e seu *status* são definidos pelo relacionamento que ela estabelece com os homens, isto é, pela sua posição no ciclo de vida familiar: filha, esposa, mãe, avó (McGoldrick, 1995; Walters, 1994; Gilligan, 1982). Gilligan (1982) descreveu o lugar da mulher na vida do homem como o de “*nutridora, cuidadora, ajudante, a tecelã daquelas redes de relacionamento das quais elas, por sua vez, depende*” (p.17). Portanto, no contexto do casamento, a mulher tem de aprender a tornar-se uma companheira adaptável para favorecer o desenvolvimento do homem.

Quando a dependência da mulher em relação ao marido também é econômica, as mulheres podem se sentir constrangidas/limitadas para desenvolver as habilidades necessárias para enfrentar a realidade extra-familiar, uma vez que, em nossa cultura, as habilidades necessárias para a vida pública têm maior valor do que a capacidade de administrar o lar e criar os filhos. As habilidades que envolvem o cuidar e a empatia são frequentemente subvalorizadas, quando não desqualificadas (McGoldrick, 1995; Papp, 1995).

O valor desigual atribuído pela sociedade à contribuição de homens e mulheres tem ressonância nas relações de casal. Incapazes de assumir uma posição de força e auto-estima, as mulheres desenvolvem modelos de comunicação indiretos que são manifestados com explosões

de raiva, lágrimas, lamentações e dissimulações. Quando essas condutas não são eficazes, as mulheres tendem a se tornarem sintomáticas (McGoldrick, 1995; Papp, 1995).

Nesse contexto, os homens ficam confusos e tendem a se afastarem, pois não entendem o que se espera deles. Ao se sentirem incompetentes para o campo das relações, os homens tornam-se incapazes de responder de forma apropriada à emotividade das mulheres e, muitas vezes, tendem a qualificá-las como histéricas e instáveis. De modo inverso às mulheres, o senso de identidade dos homens se estrutura, primordialmente, com base na realização de objetivos profissionais, econômicos e sociais. Ser responsivo ao outro não tem uma dimensão importante na auto-imagem de um homem, como tem para as mulheres (McGoldrick, 1995; Papp, 1995; Philpot *et al.*, 1985).

David e Brannon (1976 apud Philpot *et al.*, 1985) fizeram um levantamento dos estudos mais precoces que descrevem as principais características da masculinidade americana dominante. Nesses estudos, aparecem as descrições populares e empíricas que definem o que é ser homem. Sendo assim, nos apropriamos do trabalho de David e Brannon (1976 apud Philpot *et al.*, 1985) como referência para nos ajudar a refletir sobre a masculinidade hegemônica brasileira.

A construção social da masculinidade prescreve que os homens devem ser resistentes emocionalmente e devem negar sua vulnerabilidade. Por efeito, a masculinidade se estabelece em função da capacidade do homem ser emocionalmente reservado. Mesmo em momentos de crise, os homens devem ser capazes de não revelarem seus sentimentos (David & Brannon, 1976 apud Philpot *et al.*, 1985).

A masculinidade também é avaliada pelo poder, pela riqueza e pelo sucesso adquirido pelos homens. Portanto, o processo de socialização dos gêneros conduz os homens a se preocuparem com o *status* profissional, os empreendimentos e o sucesso. Ao mesmo tempo, os homens são encorajados a serem assertivos, mesmo que para isso tenha que se utilizar de meios agressivos, bem como a rejeitarem qualquer conduta considerada feminina. A masculinidade é vivenciada, então, como um repúdio e uma desvalorização do feminino (David & Brannon, 1976 apud Philpot *et al.*, 1985).

Embora interessados em ser maridos e pais, a masculinidade ainda é sancionada, sobretudo, pelo papel que os homens desempenham no âmbito público e de sua posição de comando e poder. Em geral, o sucesso no mundo do trabalho demanda a contenção dos sentimentos e a aptidão para refrear as paixões e a fragilidade. Também exige dos homens o desenvolvimento de um comportamento controlado e preciso. Por conta das cobranças características do mundo do trabalho, os homens podem suprimir de forma ampla áreas de sensibilidade e tolher sua

capacidade de ser responsivo às necessidades dos outros (Rocha-Coutinho 2000; Jablonski, 1999; Papp, 1995; Philpot et al., 1985).

A cisão entre a razão e a emoção, entre quem cuida e quem luta, quem se volta para o lar e quem provê o sustento da casa, conduz a uma divisão de papéis que oprime ambos os sexos. Os papéis sociais determinados com base no sexo estabelecem um ideal normativo para o casamento saudável, construídos a partir de conceitos que determinam aprioristicamente como uma pessoa deve ser, e restringe a possibilidade do casal instituir as regras de uma relação de modo diverso (Walsh, 2002; Papp, 1995; Barnes, 1994; Goodrich et al, 1990).

Nos últimos 20 anos, a instituição casamento mudou radicalmente. Mudanças macrosociais expressivas, como os movimentos feministas, a revolução sexual, o controle de natalidade, as guerras, os movimentos políticos de homossexuais, os mercados internacionais em processo de formação de blocos econômicos e a tendência dos mercados mundiais à globalização flexibilizaram o conceito de família e de casal, ao menos no âmbito do ocidente.

Anteriormente, existiam referências normativas inquestionáveis quanto aos papéis que homens e mulheres deveriam desempenhar na sociedade. Mas, o movimento que proporcionou a liberdade de escolha colocou os casais diante da inexistência de novos modelos estáveis. O que fazer e como fazer são questões que reflexivamente afligem os casais modernos. Como bem nos lembra Féres-Carneiro (2001):

*“As transformações sociais pelas quais o casamento tem passado geram, muitas vezes, confusão e ansiedade para os cônjuges que, diante de uma pluralidade de modelos de conjugalidade e da falta de referências sólidas, têm que constituir suas próprias referências” (p.70).*

Muito mais do que modelos sociais a serem produzidos, os casais têm de reinventar formas próprias de parceria amorosa e conjugal. Contudo, as demandas elaboradas por cada casal não serão inteiramente novas, mas produzidas por uma complexa articulação entre o individual e o coletivo, o pessoal e o social, o novo e o velho. Fica evidente, então, o papel preponderante que a pauta sócio-cultural exerce sobre o psiquismo (Passos, 2005; Féres-Carneiro & Magalhães, 2003).

Um dos processos sociais que promoveu transformações no âmbito do casamento e da família foi o movimento das mulheres. Com o respaldo dos feminismos, as mulheres de classe média se inseriram definitivamente no mercado de trabalho, alterando, de forma irreversível, as estruturas conjugais e familiares (Lipovetsky, 2000; Diniz, 1993; Spiker-Miller & Kees, 1995; Giddens, 1993).

No cenário contemporâneo, o casamento onde ambos os esposos trabalham fora é atualmente a forma mais comum de modelo conjugal. Sendo assim, ao investigarmos a estrutura e as tarefas de um casal, torna-se necessário levar em consideração a relação que se estabelece entre o casal e o sistema de trabalho. No plano teórico, esse contrato conjugal prevê a simetria de papéis para a mulher e para o homem. Nesse modelo de casamento, está implícito que o trabalho de cada cônjuge tem igual importância para o casal. Dessa forma, existe um contrato tácito que envolve a igualdade e presume que cada membro da díade assuma a responsabilidade de cuidar dos filhos e de se ocupar com a casa (Walsh, 2002; Lipovetsky, 2000; Diniz, 1999, 1993).

No campo das práticas, a maior parte dos homens, cujas esposas trabalham fora, tem poucas responsabilidades domésticas a mais do que aqueles homens que sustentam sozinhos a casa. Essa circunstância se configura como um grave desequilíbrio estrutural dos casamentos contemporâneos. O resultado é freqüentemente uma ruptura do contrato conjugal que presumia a liderança partilhada na família. Os casais deparam-se, então, com a incongruência entre o acordo inicial e o estilo de casamento experimentado na realidade (Araújo & Scalón, 2005; Roehling & Moen, 2003; Walsh, 2002; Lipovetsky, 2000; Jablonski, 1999; Diniz, 1999, 1993).

Assim, a permanência de domínios prescritos para homens e mulheres, mesmo que as fronteiras dos mesmos não sejam intransponíveis. As pré-concepções sexuadas erguem barreiras que restringem as ações dos homens nas práticas domésticas e impedem o investimento intenso das mulheres no mundo do trabalho.

O trabalho remunerado como atividade concreta está circunscrito por diferentes condições para homens e mulheres. Os homens percebem que o relacionamento entre família e trabalho é complementar e se sustenta reciprocamente. Para as mulheres, essa relação não é tão bem definida. O trabalho e a família representam demandas conflitantes. As mulheres ainda estão sob o julgo da dupla mensagem em relação ao trabalho, ou seja, a valorização da carreira feminina co-existe com inúmeras pressões contra o prazer que a mulher encontra na profissão (Miranda-Martins & Diniz, 2005; Jonathan, 2001; Diniz, 1999; Levinson, 1996; McGoldrick, 1995; Lerner, 1990). Como nos adverte McGoldrick (1995):

*“A família é vista como apoiando e nutrindo o trabalhador do sexo masculino por seu desempenho no trabalho, ao passo que as mulheres são vistas como privando suas famílias por trabalhar, e não existe nenhum sentimento de a família ser um “refúgio” para as mulheres como tem sido para os homens.” (p.35).*

Por séculos, o projeto feminino foi definido pela constituição e cuidado de uma família. A imagem de mulher-esposa-mãe se constituiu como o esteio da identidade feminina. Como

esposa e mãe, a mulher se enquadra na ordem da comunidade doméstica. O seu lugar de pertencimento é o lar, sua existência se dá pela da família e o seu destino é a dependência econômica (Rocha-Coutinho 2000; McGoldrick, 1995; Giddens, 1993; Gilligan, 1982). Rocha-Coutinho (2005) problematiza a questão:

*“[...] a definição da identidade feminina, durante muito tempo, caminhou paralelamente a uma maciça discriminação das mulheres, uma vez que, a partir dela, foram negadas às mulheres todas as capacidades socialmente valorizadas e que garantiram, por longo tempo, a primazia dos homens na vida pública” (p.124).*

De outra parte, os homens foram educados para se definirem em termos de rendimentos do seu trabalho. Os homens priorizam recompensas extrínsecas à família, como, por exemplo, o salário e as oportunidades de promoção. A ambição masculina impõe aos homens a obrigação de “fazer dinheiro” e mostrarem sempre uma potência inesgotável para o trabalho (Walsh, 2002, Rocha-Coutinho 2000; Papp, 1995).

O que a realidade nos apresenta não é uma reorganização da vida pública e privada que responda a uma igualdade entre os sexos. Levando em consideração as camadas médias urbanas, mesmo que a maior parte das mulheres casadas esteja comprometida com o mundo do trabalho, a imensa maioria dos contratos conjugais baseia-se em um sistema de idéias tradicionais (Araújo & Scalon, 2005, Walsh, 2002, Diniz, 1999; Jablonski, 1999).

Quando as mulheres se inseriram definitivamente no mercado de trabalho, a vida profissional ampliou as possibilidades de experimentar novos papéis sociais, redefinindo sua identidade e expandindo o seu papel social, que passou a abarcar também o de trabalhadora engajada em uma carreira profissional. A carreira lhes acena com a promessa de satisfação pessoal, reconhecimento social e autonomia financeira. Ao mesmo tempo, remete a dúvidas e tensões oriundas da necessidade de manterem seus casamentos e cuidarem da família (Miranda-Martins & Diniz, 2005; Rocha-Coutinho 2000; Vaitzman, 1994; Giddens, 1993).

Convém lembrar que a saída da mulher do espaço doméstico automaticamente violou o princípio social de que sua natureza intrínseca está voltada para as funções da maternidade e o cuidado. Quando a mulher busca uma carreira, dirigindo-se para a autonomia e a independência, o seu papel de cuidadora parece ficar ameaçado. Por efeito, o conflito entre trabalho, vida afetiva e familiar emerge na vida das mulheres, favorecendo a elevação do nível de ansiedade e de sentimentos de culpa diante de seus ímpetos ambiciosos e do exercício de suas competências (Miranda-Martins & Diniz, 2005; McGoldrick, 1995; Papp, 1995).

Se levarmos em consideração as assimetrias de gênero presentes no valor que de fato as mulheres dão à sua carreira, comparativamente à do marido, concluiremos que estamos distantes

de alcançar a igualdade de gênero. Para muitas mulheres, a carreira do marido ocupa lugar central no casamento, ainda que sua própria carreira seja muito importante. Isso se reflete e reforça inclusive a divisão financeira entre os casais (Miranda-Martins & Diniz, 2005; Levinson, 1996; Silberstein, 1992, Hertz, 1986).

Em pesquisas a respeito do desenvolvimento adulto feminino, Levinson (1996) identificou um padrão comum: a participação do homem em funções de apoio e proventos, ao passo que o salário da esposa funciona como um tipo de bônus para ser usado em economias e despesas extras. Assim, o salário do marido garante as despesas básicas da casa e o salário da esposa garante principalmente às despesas relativas aos filhos, sua principal responsabilidade.

O fato de a maior parte das esposas trabalharem é percebido por muitos homens como um benefício exclusivamente delas, enquanto o trabalho do marido é considerado mais importante porque dele é a responsabilidade de prover economicamente a família. Para as próprias mulheres, a imagem do homem como provedor financeiro da família permanece, mesmo quando seus salários são maiores ou equivalem aos ganhos dos maridos. A minimização do sucesso da carreira da esposa em contrapartida à valorização da carreira do marido fica evidente (Miranda-Martins & Diniz, 2005; Walsh, 2002; Levinson; 1996). Como consequência:

*“Quanto mais ele ascende profissionalmente, mais ela abandona a sua carreira, quanto mais a contribuição econômica confere importância e legitimação ao trabalho, tanto menos espera-se que o marido participe do funcionamento cotidiano da família. Quanto mais central tornar-se a posição da esposa no funcionamento da família, menores são as energias que ela tem para a própria carreira”.* (Walsh, 2002, p.18-19).

O equilíbrio de poder entre marido e mulher é questão central na organização do sistema conjugal. Os casais bem sucedidos conseguem manter uma complementaridade diante das obrigações e, ao mesmo tempo, um sentido de igualdade e de liderança partilhada. De forma contrária, os casais disfuncionais caracterizam-se por um desequilíbrio. O fato é que quanto maior é a posição de dominância e de autoridade de um cônjuge sobre o outro, mais disfuncional e insatisfatório é o casamento (Walsh, 2002).

O sistema de crenças, que estabelece papéis e capacidades diferentes para homens e mulheres, favorece a desigualdade de *status* entre homens e mulheres prevaleça. Os paradoxos suscitados pela socialização dos gêneros e pela intimidade do casal ainda atuam fortemente no âmbito do casamento (Rampage &, 1998; Walter, 1994; Barnes, 1994; Goodrich et al., 1990).

Interessados em construir uma relação a partir de sistema de idéias partilhadas e específicas, muitos casais contemporâneos buscam construir uma multiplicidade de paradigmas relacionais

que excluam a tradicional definição dos papéis sexuais. Mas, se por um lado, os casais experimentam novos contratos relacionais; por outro, as idéias da família de origem e os padrões sociais prescritos com relação aos papéis, aos direitos e às responsabilidades da esposa e do marido, do pai e da mãe, desempenham forte influência sobre os contratos conjugais e sobre os modelos interativos que evoluem no curso do ciclo vital do casal (Walsh, 2002). Como nos lembra Walsh (2002):

*“... necessitamos de um olhar que contemple a idéia de casamento estruturada a partir de um modelo co-evolutivo de ciclo vital, de fases de co-envolvimentos em diversas áreas ou de alternância de fases entre esposa e marido. É necessária uma imagem evolutiva de casamento para mudar a forma estática do contrato conjugal para uma forma flexível que pode ser por vezes remodelada por ambos os parceiros ao longo do tempo, para ir ao encontro de necessidades, prioridades e exigências etc.”. (p, 25).*

A importância de um olhar, que considere a natureza dinâmica do desenvolvimento, no âmbito do casal e da família, é contemplada pela abordagem do ciclo de vida conjugal e familiar desenvolvida por Carter e McGoldrick (1995). Na concepção das autoras, há um resgate da dimensão histórica evolutiva implícita no processo de desenvolvimento. A idéia do ciclo de vida conjugal e familiar valoriza precisamente o processo contínuo do indivíduo dentro de seus sistemas afetivos e efetivos de referência, os quais são compreendidos como sistemas se deslocando no tempo.

Carter e McGoldrick (1995) dividiram o ciclo de vida da família em seis estágios, cada qual com determinados desafios e tarefas desenvolvimentais: (1) os jovens solteiros; (2) o novo casal; (3) famílias com filhos pequenos; (4) famílias com filhos adolescentes; (5) lançando os filhos e seguindo em frente; e, finalmente, (6) famílias no estágio tardio de vida. A fim de compreender a relação que se estabelece entre o casal e o sistema de trabalho, serão contempladas nesse estudo as seguintes etapas do ciclo de vida conjugal e familiar: o novo casal, famílias com filhos pequenos, famílias com filhos adolescentes, lançando os filhos e seguindo em frente.

Nossa atenção se volta agora para a discussão das principais tarefas de cada etapa do ciclo de vida conjugal e familiar, previamente definidas. Ressaltamos que, em cada etapa de transição, a ênfase recai sobre a relação que se estabelece entre o casal e o sistema de trabalho. Iniciamos, então, pela fase denominada de “O novo casal”.

Tornar-se um casal é uma das tarefas mais complexas do ciclo de vida familiar e conjugal. Porém, a fase de recém-casados tende a ser definida como a mais bela e a mais fácil de uma

relação conjugal. No imaginário social, reside a idéia de “*final feliz*” que encobre o complexo processo de mudança do *status* familiar inerente a essa fase.

Com efeito, a formação de um casal demanda a renegociação de uma infinidade de questões que foram definidas previamente em termos individuais ou em suas famílias de origem. A decisão de partilhar a vida pressupõe compromisso e apoio mútuo, ao mesmo tempo, exige que cada parceiro se modifique internamente, se reorganize e se redefina (Féres-Carneiro, 1998; McGoldrick, 1995; Menghi, 1995; Willi, 1995).

A formação de um casal exige reciprocidade e interdependência para a adaptação de cada cônjuge ao papel familiar. O casal deve estabelecer regras em relação à proximidade, ao processo decisório, às esferas de atuação específica com base na competência de cada um, bem como padrões de colaboração. Ao mesmo tempo, o casal deve instituir padrões de expressão e resolução de conflitos inevitáveis à convivência, conciliar expectativas divergentes e estabelecer estilos comuns no que diz respeito ao processamento de informação e as regras no intercâmbio de afeto e ao relacionamento com parentes e amigos (McGoldrick, 1995; Willi, 1995; Minuchin & Fishman, 1990).

Ao assumirem os papéis de marido e mulher, ambos os cônjuges iniciam o processo que demarca claramente o início de um novo núcleo familiar, a passagem para a adultez e a potencial transição para a parentalidade. Todas essas são tarefas centrais que perpassam essa fase ciclo de vida familiar e conjugal.

Minuchin e Fishman (1990) sublinham a importância da negociação de fronteiras em relação às famílias de origem, aos amigos, ao trabalho e à criação de novos padrões de relacionamento com novos grupos sociais circundantes. A formação de casal pressupõe a interação de dois sistemas infinitamente intrincados que envolvem a família de origem de cada parceiro, bem como a família extensa, os amigos e colegas.

As negociações intradiádicas são fundamentais para a construção do relacionamento conjugal. Carter e McGoldrick (1995) ressaltam que a existência do casal implica em um nível maior de diferenciação e autonomia entre os parceiros e seus grupos familiares originários. De modo análogo, a negociação do vínculo conjugal marca uma mudança qualitativa no ciclo de vida das famílias de origem de cada parceiro. Cada uma das famílias de origem terá a difícil tarefa de se abrir para estranhos e agregá-los a um círculo íntimo.

Segundo Carter e McGoldrick (1995), o fracasso em renegociar o *status* familiar se constitui como a principal razão para o fracasso conjugal nessa etapa do ciclo de vida do casal. As dificuldades que refletem a inabilidade de transformar o *status* familiar são normalmente indicadas por fronteiras deficientes e confusas entre o casal e as famílias de origem. Nesse

contexto, podem surgir padrões de culpa e intrusividade entre o casal e suas famílias de origem. Os padrões de dificuldade com a família ampliada como conflito, emaranhamento, distância ou rompimento também podem invadir a vida do novo casal (McGoldrick, 1995).

Além da negociação das fronteiras, a formação de um novo casal estabelece a possibilidade do início de uma nova geração. Nesse sentido, destacamos a importância da transição para a parentalidade no processo de desenvolvimento do novo casal (Carter & McGoldrick, 1995; Pittman, 1994).

No que se refere à relação entre o casal e o sistema de trabalho nessa etapa do ciclo vital, destacamos que antes de ter filhos, muitos casais que trabalham fora em tempo integral podem manter um compromisso alto com o trabalho, com cada cônjuge dedicando-se 40 horas ou mais por semana. Entretanto, permanece o ideal cultural de que o homem deve ter uma posição superior em relação à mulher. O marido deve ser mais instruído, ter um maior poder de gerar dinheiro e manter sua posição de provedor. As mulheres tendem a perceber sua participação no orçamento doméstico como um “auxílio” (Roehling & Moen, 2003; McGoldrick, 1995).

Em pesquisa desenvolvida com jovens estudantes universitários do Rio de Janeiro, de ambos os sexos e com idades variando entre 18 e 28 anos, Rocha-Coutinho (2000) buscou investigar as contradições presentes no discurso social acerca dos papéis de homens e mulheres na sociedade atual. Entre os achados da pesquisa, merece destaque o fato de no entrecruzamento dos discursos incongruentes, homens e mulheres revelaram que valorizam a divisão das despesas e das práticas domésticas entre os casais. Do mesmo modo, ambos esperam uma “ajuda” por parte dos homens no âmbito doméstico, bem como esperam das mulheres uma “contribuição” financeira no orçamento doméstico.

Fica claro, portanto, que os domínios prescritos para homens e mulheres permanecem, uma vez que, os entrevistados de ambos os sexos permanecem creditando à mulher a responsabilidade pela casa e pelos filhos e aos homens a responsabilidade pelo sustento da família. Ainda explorando os resultados da pesquisa realizada por Rocha-Coutinho (2000), enfatizamos que tanto os homens, quanto as mulheres entrevistadas consideram difícil que os homens aceitem que o salário ou o nível profissional de suas esposas sejam superiores aos seus.

De modo análogo, Carter e McGoldrick (1995) ressaltam que, na classe média americana, a mudança do papel da mulher na sociedade contemporânea influencia fortemente o relacionamento do novo casal. A ascensão no *status* feminino está positivamente correlacionada à instabilidade conjugal. O fato de ambos os cônjuges serem igualmente bem sucedidos e realizadores tende a ser problemático para o casamento.

Investigações confiáveis realizadas com jovens casais da classe média americana confirmam que a realização de um dos cônjuges aparece correlacionada com o mesmo grau de sub-realização do outro. Assim, alcançar o ajustamento conjugal, no momento em que o discurso social que alude à igualdade de gênero em termos educacionais e profissionais está em voga, parece ser uma tarefa extremamente difícil (Carter & McGoldrick, 1995).

A transição dessa etapa de jovem casal para a denominada família com filhos pequenos tende a ser demarcada pelo nascimento do primeiro filho de um casal. Tornar-se um progenitor é o evento biológico que delimita esse estágio. Mas, ser um progenitor é resultado de uma interação psicológica e social entre o adulto e a criança. A mudança para esse estágio do ciclo de vida familiar requer que os adultos avancem uma geração e se tornem cuidadores da geração mais jovem (Bradt, 1995; Carter & McGoldrick, 1995).

Um dos conflitos centrais dessa fase ciclo de vida familiar e conjugal refere-se à de um dos cônjuges em alcançar o *status* de adulto cuidador. A recusa ou incapacidade de se comportar como pais e a dificuldade em assumir responsabilidades podem conduzir o casal a um emaranhado de brigas e culpabilizações. Na fase de transição para a parentalidade, os casais devem empreender a tarefa de ajustarem o sistema conjugal para instituir espaço para os filhos, bem como se unirem nas tarefas domésticas, financeiras e, principalmente, na educação dos filhos (Carter & McGoldrick, 1995).

Ter filhos implica necessariamente em um afastamento do casal, reduzindo as horas de intimidade do casal e as possibilidades de diálogo privado. Por isso, a qualidade conjugal declina discretamente, desde período anterior até o período posterior ao nascimento do primeiro filho. Todavia, os casais que vivenciam a satisfação conjugal antes do nascimento do primeiro filho tendem a manter a satisfação conjugal depois do nascimento do primeiro filho (Bradt, 1995; Carter & McGoldrick, 1995).

É fato que uma relação conjugal que desenvolve intimidade tende a responder apropriadamente ao desafio da paternidade e a integrar a mudança permanente de vida que advém com a paternidade. Por outro lado, quando um dos cônjuges falha no sentido de assumir a posição de progenitor ou de prosseguir crescendo como cônjuge contribui para uma desigualdade no relacionamento e constitui uma ameaça à intimidade do casal (Bradt, 1995; Carter & McGoldrick, 1995).

Com a presença de filhos pequenos, as chances de diálogo privado e de intimidade entre o casal ficam reduzidas. De modo geral, para homens e mulheres, que compõem um jovem casal, torna-se relativamente fácil situar em um segundo plano a própria relação conjugal, a falta de experiência íntima no casamento para se centrarem nos filhos ou no trabalho. O processo de

centrar-se na criança impede a intimidade e a vivência da conjugalidade (Bradt, 1995; Carter & McGoldrick, 1995).

Ao levarem em consideração a progressão de casais trabalhadores por todas as etapas do ciclo vital, Higgins, Duxbury e Lee (1994) verificaram que são exatamente os casais com filhos pequenos os mais vulneráveis à vivência de conflitos na tentativa de conciliarem a vida conjugal e familiar com as obrigações do trabalho. Ao mesmo tempo, esse estágio possui significados distintos para o homem e para a mulher. A necessidade psicológica de equilibrar o investimento entre a vida profissional e a vida doméstica conduz os jovens progenitores a lutarem contra demandas que aparentam ser mutuamente excludentes. Diante da necessidade de conciliar as responsabilidades e satisfações profissionais e familiares, os jovens progenitores parecem convictos de que as melhores respostas são diferentes para os homens e as mulheres.

Mesmo que homens e mulheres almejem a igualdade sexual, o processo de socialização dos gêneros os conduz a duvidar que os sexos sejam iguais em dotação psíquica e capacidade individual para cuidar de uma criança. A nossa herança de papéis e tradições afirma as diferenças quase universais na personalidade e nos papéis masculinos e femininos. Isso faz parecer que as diferenças entre os sexos fundam a forma pelas quais homens e mulheres estabelecem seus relacionamentos e dividem responsabilidades em relação aos filhos e ao ganho do dinheiro. Tanto que, universalmente, as mulheres ainda são amplamente responsáveis pelo cuidado inicial à criança. (Bradt, 1995; Papp, 1995; Carter & McGoldrick, 1995; Gilligan, 1982; Miller, 1976).

Na vida dos casais trabalhadores, os conflitos centrais nessa fase referem-se à divisão de responsabilidades em relação aos cuidados com os filhos e com as tarefas domésticas. O empenho em tentar encontrar cuidados apropriados para a criança, no caso de não existir uma provisão social suficiente para essa necessidade familiar, acarreta sérias implicações. Uma delas refere-se à dupla jornada de trabalho que a mulher passa a acumular. De outra parte, o casal pode passar a viver num ambiente marcado pelo embate ou ainda negligenciar os filhos (Roehling & Moen, 2003; Becker & Moen, 1999; Carter & McGoldrick, 1995).

Mesmo que os casais contemporâneos desejem a igualdade em termos conjugais, não quer dizer que o casamento superará as dificuldades atreladas ao nascimento de um filho ou ao ajustamento dessa nova pessoa às duas esferas da vida. Quando jovens casais com um filho pequeno enfrentam o mundo real, deparam-se com questões complexas: Quem vai cuidar das crianças? Como ficará nossa vida profissional? (Bradt, 1995).

Uma questão que aflige os casais trabalhadores diz respeito ao nível de compromisso com o trabalho. Após a paternidade, torna-se difícil manter a intensidade de investimento de ambos os

esposos na vida profissional. A tendência é que um dos esposos diminua o seu ritmo de trabalho. Em geral, são as esposas que tendem a fazer ajustes no seu envolvimento com o trabalho, seja reduzindo as horas de dedicação ao mesmo, seja abdicando do trabalho (Roehling & Moen, 2003; Becker & Moen, 1999).

Conforme o crescimento dos filhos, a esposa tende a aumentar sua carga horária ou retornar ao mercado de trabalho. Porém, em média, as horas de trabalho da esposa jamais emparelharão novamente com as de seu marido. Quanto mais novas são as crianças, maior a quantia de tempo que a esposa passa executando serviços domésticos. Porém, o número de horas que o marido passa realizando tarefas domésticas não sofre alterações (Roehling & Moen, 2003; Higgins, Duxbury & Lee, 1994).

Tal é a importância dessa situação para a vida das mulheres que Higgins, Duxbury e Lee (1994) as aconselharam a terem os filhos ainda bem jovens, na era que Levinson (1996) classificou de entrada na vida adulta jovem (entre 17 e 22 anos), a fim de se concentrarem posteriormente na carreira sem sofrerem interferências familiares. Mais uma vez as diferenças de gênero acabaram ditando padrões de conduta na relação conjugal. Padrões que conforme constatado, se evidenciaram nos primeiros estágios do ciclo vital familiar com o nascimento dos filhos. Justamente quando as mulheres estão entrando no mercado de trabalho e consolidando a carreira, num período que exige muita visibilidade dentro da organização.

O nascimento de um filho guia as mulheres na direção doméstica. O direcionamento dos homens rumo à esfera doméstica é ínfimo, quando comparado à saída das mulheres grávidas do trabalho para a casa. Tal contexto reafirma a primitiva crença de que o trabalho é domínio do homem. A temporária ausência da esposa do ambiente do trabalho e a adição permanente de um bebê desequilibram os anseios e a suposição da igualdade de escolha em relação ao trabalho e à vida no lar (Roehling & Moen, 2003; Bradt, 1995; Higgins, Duxbury & Lee, 1994).

A igualdade é um anseio e um ideal frágil. A decisão em relação a quem deixa o seu trabalho para cuidar do filho e a quem deve permanecer na posição de provedor financeiro prepara o cenário para: “... *uma evolução regressiva dos homens e das mulheres, alienando-os novamente uns dos outros, alinhando-os em mundos separados, o do trabalho e o do lar, em que podem fundamentalmente alienar-se de si mesmos*”. (Bradt, 1995, p. 211). Nessa etapa do ciclo vital, deparamo-nos com o maior desafio à igualdade sexual e, por vezes, com a questão fundamental da desigualdade.

De acordo com o desenvolvimento das crianças, o sistema conjugal terá de se transformar para se ajustar à entrada dos filhos na adolescência. Para manejar as tarefas da adolescência, a família deve sofrer adaptações em sua estrutura e organização a fim de se tornar um núcleo de

preparação do adolescente para entrar no mundo de responsabilidades adultas (Carter & McGoldrick, 1995; Preto, 1995).

A entrada dos filhos na adolescência é uma fase desenvolvimental gradativa que demanda a redefinição do papel dos filhos dentro da família e na sociedade, bem como a redefinição do papel dos pais em relação aos filhos. Em uma família com filhos adolescentes, o casal tem como tarefa primordial flexibilizar as fronteiras familiares, ajustando a autoridade parental para permitir maior independência e desenvolvimento por parte do adolescente (Carter & McGoldrick, 1995; Preto, 1995).

A fim de se tornar independente, o adolescente deve assumir cada vez mais a responsabilidade por suas próprias decisões. Nesse momento, a presença concreta dos pais torna-se desnecessária e o processo de separação imprescindível, pois os pais já estão internalizados. Porém, o adolescente espera seguir tendo pais protetores. Desejam um investimento contínuo dos pais no seu processo de independência que, ora devem satisfazer de forma urgente e total as necessidades imediatas advindas da busca de sua independência, e ora devem ser cuidadores.

À medida que o adolescente vive sua vida mais fora de casa, sua participação no lar diminui, sendo vivida como uma perda, um luto por parte dos pais. Todas as transformações ameaçam os elos anteriores. Emerge, então, uma interação de duplo conflito: a perda dos pais infantis versus a perda dos filhos. Por tudo isso, como pais de adolescentes, ambos os esposos devem elaborar a perda da relação de submissão de seus próprios filhos (Carter & McGoldrick, 1995; Preto, 1995).

A transformação do sistema familiar na fase em que os filhos estão na adolescência prevê como evento central no relacionamento conjugal a crise da “meia-idade” de um ou de ambos os esposos, levando-os a avaliar as satisfações e insatisfações pessoais, profissionais e conjugais. Segundo Carter e McGoldrick (1995), uma das transformações características dessa fase diz respeito à reestruturação da relação conjugal. Em geral, ocorre uma intensa renegociação do casamento e mudanças consistentes na forma de conciliar casamento e trabalho, tanto por parte dos homens, quanto por parte das mulheres.

As reflexões em torno das questões profissionais emergem de forma distinta para homens e mulheres. Para muitos homens, essa fase pode significar a maximização da carreira. De outra parte, alguns homens podem considerar que usufruíram pouco das possibilidades da juventude em troca do máximo rendimento profissional e, agora, vir a se estagnar profissionalmente (Carter & McGoldrick, 1995; Preto, 1995).

Para muitas mulheres, essa pode ser, na verdade, a primeira oportunidade de trabalhar sem as restrições que enfrentaram quando os filhos eram pequenos. Em geral, a adolescência dos filhos desobriga as mães. O tempo que lhes era dedicado diminuiu consideravelmente, aliviando a sobrecarga de trabalhos domésticos e familiares por parte das mulheres (Roehling & Moen, 2003; Carter & McGoldrick, 1995; Preto, 1995; Higgins, Duxbury & Lee, 1994).

Apesar de continuarem sendo muito cobradas no trabalho e na família, as mulheres com uma vida profissional bem estabelecida começam a viver as conquistas da carreira, experienciando-as ao máximo. Continuam a progredir profissionalmente, buscando novos desafios profissionais, de forma a garantir não apenas a satisfação, mas para manterem a estrutura de vida conquistada (Roehling & Moen, 2003; Levinson, 1996).

Finalizada a adolescência dos filhos, o casal deve agora enfrentar a tarefa de se preparar para a saída dos filhos de casa. Essa é a etapa mais longa do ciclo de vida conjugal e familiar e inclui um duplo processo: a família como centro de lançamento dos filhos para a vida adulta — desde momento em que o primeiro filho sai de casa até a saída do último filho — e a vivência como pais de meia-idade — desde ninho vazio até a aposentadoria (McCullough & Rutenberg, 1995).

Segundo Levinson (1996), essa fase é conhecida pela marcante crise pela qual passam os adultos, sejam eles homens ou mulheres. As partes do *self* que foram negligenciadas em função de outras necessidades ou escolhas nos estágios anteriores pedem passagem. Ocorre uma profunda mudança desenvolvimental, que envolve aspectos correlacionados aos estados orgânicos, funcionamento psicológico, descendência e também à profissão. Inicia-se um processo de busca maior de individuação e menor preocupação com os valores da sociedade. A tarefa central é chegar a um acordo com o passado e preparar-se para o futuro, o que implicará em um profundo processo de reavaliação da própria vida, o que geralmente costuma ser angustiante.

Homens e mulheres na "meia-idade", no contexto das sociedades ocidentais atuais, parecem lidar com a sobreposição de vários níveis de transição: pessoal — elaboração da condição de se afastar da juventude e enfrentar as mudanças subseqüentes; relacional — re-atualização de funções e etapas de vida, quando filhos e o casamento mobilizam novos sentidos na relação; e o social — reavaliação de novas demandas em face das mudanças da sociedade contemporânea e suas repercussões nas referências de identidade, nos papéis de gênero, nas expectativas pessoais e relacionais (Carter & McGoldrick, 1995; McCullough & Rutenberg, 1995).

Ao lado da questão do afastamento dos filhos e o do processo de transformação característico da maturidade, merece destaque a reestruturação da relação conjugal. O vínculo conjugal adquire proeminência nesse momento de transição, à medida que diversas forças dentro

do sistema familiar acentuam a necessidade de dar um novo foco, revisar e estabelecer um novo arranjo no casamento. O afastamento dos filhos deixa espaço para a auto-reflexão do casal (Carter & McGoldrick, 1995; McCullough & Rutenberg, 1995).

O *status* do casamento desempenhará um papel importante no desenrolar dessa fase. Se a solidificação do casamento não ocorreu até esse momento, será difícil o casal reinvestir no relacionamento. Os casamentos que se estruturam e se mantiveram em função da criação dos filhos demandará a uma mudança drástica, exigindo do casal que repense o significado do casamento. O casamento dos filhos impulsionará o casal a refletir sobre o próprio casamento (McCullough & Rutenberg, 1995).

Para alguns casais, esse estágio pode ser visto como um momento de liberação, pois, em virtude da saída dos filhos, há diminuição nas obrigações familiares de ordem financeira. Abrem-se outras frentes de investimento, áreas inexploradas e novos interesses como, por exemplo, carreira, viagem, *Hobbeis* etc. (Carter & McGoldrick, 1995).

É fato que ambos os cônjuges conseguem dedicar-se às carreiras nesse estágio, uma vez que estão livres das preocupações associadas aos cuidados com os filhos. Embora não sejam perseguidos com a mesma intensidade de estágios anteriores, os objetivos profissionais ainda ocupam um lugar significativo na meia-idade. Para muitas pessoas, a carreira permanece na mesma linha ascendente, podendo ocorrer promoções no trabalho, indicações para funções executivas, maior reconhecimento e sucesso financeiro (McCullough & Rutenberg, 1995).

Cada vez mais mulheres definem a carreira como um componente importante para atingir a maturidade plena. Algumas mulheres se perceberão menos satisfeitas do que imaginavam, com uma qualidade de vida menor do que gostariam. Essa experiência abre espaço para reflexões e o significado da carreira, do casamento e da família passa a ser reconsiderado. Nesse momento, algumas mulheres começam a realizar mudanças baseadas na pergunta-chave: “O que eu quero para mim mesma?”, cuja resposta é singular, complexa e ampla (Levinson, 1996).

De outra parte, os homens que se dedicaram unicamente à carreira deparam-se agora com transformações mais profundas em relação a si mesmo e às questões familiares. Essa experiência pode conduzir os homens a refletirem sobre a natureza limitada e cerceadora de seus objetivos. A mudança pode ser alcançada com a ampliação de alguma atividade ou do acréscimo de novas atividades às que já existiam anteriormente. Alguns homens podem modificar completamente suas carreiras e, em muitos casos, o impulso para a mudança é proporcionado pelo casamento (McCullough & Rutenberg, 1995).

Muitas vezes, o casal vivencia esse estágio do ciclo vital como um período de conclusão, de encerramento de um ciclo que permite uma segunda oportunidade de consolidar ou expandir a

relação, de expansão de papéis e de novas possibilidades. Para outros casais, o momento de partida dos filhos conduz ao rompimento, ao sentimento de vazio e perda esmagadora, depressão e desintegração total. Essa fase implica em uma nova reestruturação do relacionamento conjugal, agora que não são mais necessárias as responsabilidades parentais (Carter & McGoldrick, 1995).

Mohr (2002) traz um elemento a mais para a discussão. Segundo o autor, o período que se segue logo após a saída dos filhos tende a ser vivido pelos casais como uma “lua de mel”, constituindo-se como a primeira fase do processo de transição para o “envelhecer juntos”. Fazendo jus ao nome, é o momento em que se fantasia diversas possibilidades. Porém, a etapa seguinte a esse estágio pode trazer desapontamentos, frustrações, depressão ou ainda, pode ceder lugar a um período de tranquilidade com a aceitação da maturidade e dos limites da idade. Tudo irá depender da capacidade de o casal se adaptar frente às transições características da vida a dois que demandam a renegociação constante do contrato conjugal.

Como vimos, a cada transição do ciclo vital, o contrato conjugal deve ser levado em consideração e renegociado. Dado que um novo paradigma emerge no momento de importantes transições, a renegociação do contrato conjugal por parte do casal implica em um encontro da relação com base em necessidades e competências completamente novas (Walsh, 2002).

A visão do funcionamento humano não pode ser entendida a partir de uma lente que o enxergue acontecendo dentro de um contexto interacional, circunscrito a determinado limite espaço-temporal fixo. Estaríamos, assim, negligenciando aspectos básicos desse funcionamento, que dizem respeito ao seu dinamismo intrínseco, numa relação evolutiva e histórico-temporal com seu meio também dinâmico. Torna-se necessária, então, uma imagem evolutiva de casamento para mudar a forma estática do contrato conjugal para uma forma flexível que pode ser, por vezes, remodelada por ambos os parceiros ao longo do tempo.

Levando em conta essas reflexões, pretendemos investigar nessa pesquisa a forma como casais trabalhadores e, em outro nível, como cada um dos cônjuges – homens e mulheres - lidam com a interação entre casamento e trabalho no contexto do ciclo vital. Nosso interesse se volta para a compreensão da interação casamento-trabalho como uma experiência a ser entendida na relação com o contexto social. Nesse sentido, a perspectiva de gênero fundamenta o nosso estudo, pois nos possibilita ampliar o escopo de análise para o contexto social no qual se insere o indivíduo e o casal.

Deixar de examinar o casamento como uma estrutura dinâmica marcada pelas diferenças entre os sexos ratifica a perspectiva sexista tradicional, ainda predominante em nossa cultura. Torna-se importante, então, ter uma postura crítica em relação aos papéis de gênero que

estabelecem um ideal normativo para o casamento, fundado a partir de idéias que definem previamente os modos de ser homem e os modos de ser mulher, impedindo a possibilidade de estabelecer de modo diverso às regras de uma relação.

A nossa forma de olhar o casal considera a existência de uma interação contínua entre os mundos pessoal, profissional, conjugal e social das pessoas. Nesse propósito, a moldura do ciclo vital torna-se útil, então, para compreendermos como se dá a interação entre casamento, trabalho e gênero.

Sendo assim, o objetivo geral deste estudo é investigar como os casais de dupla-carreira lidam com a interação casamento-trabalho. Os objetivos específicos da pesquisa são:

1. Investigar as experiências conjugais e profissionais vividas por casais de dupla-carreira;
2. Investigar semelhanças, diferenças e complementaridades entre as perspectivas masculina e feminina sobre casamento e trabalho;
3. Investigar o exercício dos papéis de gênero nos casais de dupla-carreira.

## I - REVISÃO DE LITERATURA

### CAPÍTULO 2 - CASAMENTO E TRABALHO

Qualquer definição de casamento contém a natureza incerta e transitória de todos os fatos sociais. O casamento é uma realidade que ostenta contornos, significados e funções distintas no transcorrer do tempo e em diferentes grupos sócio-culturais. Não há conceito a priori que se ajuste a todas as épocas e culturas.

É fato que, em toda a história da humanidade, casamento simbolizou sobrevivência. Constituiu-se como cenário privilegiado onde se estruturam as dinâmicas interacionais básicas do indivíduo. Dinâmicas de importância capital, pois imerso no grupo e no convívio com o outro, o ser humano distancia-se temporariamente da própria solidão (Jablonski, 1998; Lévi-Strauss, 1976).

Por sua vez, o trabalho existe desde o momento em que o ser humano começou a transformar a natureza e o ambiente ao seu redor. Constituiu-se em uma atividade social presente em todas as sociedades. Trata-se de um momento privilegiado que sintetiza as relações dos seres humanos com a natureza e dos seres humanos entre si, instituindo-se como o eixo das relações sociais por meio do trabalho, a pessoa cria a si própria tanto em termos de sua existência material, quanto em relação a sua subjetividade como capacidade de expressão ou de realização de si. A produção e o trabalho são os próprios indivíduos, os seus modos específicos de ser ou de se fazerem humanos (Marx, 1988; Saffioti, 1976).

Como dimensões centrais da vida humana adulta, casamento e trabalho são sistemas que permitem a concretização dos mundos psicológicos e a experimentação dos sentimentos. São lugares onde a auto-estima é edificada e os limites pessoais são testados. Portanto, como elementos primordiais para o desenvolvimento adulto, não se configuram como mundos excludentes. Assim, as pessoas desejam experimentar de modo pleno casamento e trabalho (Parasuraman & Greenhaus, 1999; Bankert & Lobel, 1999; Wohl, 1999; Diniz, 1993).

Com o intuito de avançar na discussão, vamos compreender as interfaces que permeiam esses dois domínios da vida com base nas categorias espaço e tempo, já que casamento e trabalho não são estruturas estáticas e as interações entre ambos se manifestam de formas diversas ao longo da história. Interessa-nos saber como o trabalho delineou os modelos e as concepções de casamento, bem como entreveio nos modos de ser homem e nos modos de ser mulher. Para tanto, faz-se necessário contextualizar o tema, instrumentalizando recortes do processo histórico.

### 2.1. Contextualizando casamento e trabalho: fragmentos da história

Nas sociedades pré-industriais, o trabalho era realizado nos arredores da casa, nas propriedades rurais ou na execução de trabalhos artesanais, onde a família participava de forma integrada. Neste contexto, a família se constituía como unidade econômica por excelência. Todos os membros se entregavam às tarefas produtivas com o intuito de garantir a sobrevivência da família. Os bens eram produzidos em quantidade suficiente para atender às necessidades emergentes do grupo familiar, sem o intuito de produzir excedentes significativos para serem comercializados. (Bruschini & Rosemberg, 1982; Saffioti, 1976; Sullerot, 1970).

As mulheres trabalhavam ao lado do homem no desenvolvimento de atividades econômicas produzidas no cotidiano. A mulher camponesa constituía a maior parte da população. O seu papel social e econômico nas zonas rurais era imprescindível, tanto no trato diário com a terra, como nas tarefas domésticas. Independentemente do seu estado civil, a mulher precisava trabalhar para garantir seu próprio sustento e o de seus dependentes diretos.

A mulher casada era valorizada pelo homem camponês por sua capacidade produtiva, seu trabalho na lavoura. Contudo, o cuidado com a casa e com os filhos já se configurava como atividade basicamente feminina. Enquanto o casamento funcionou como associação produtiva, a idéia de que o papel de uma mulher seria o de participar do funcionamento econômico da família não foi questionada (Bauer, 2001; Saffioti, 1976; Sullerot, 1970).

A partir do século XI, unindo o progresso agrário com o aumento demográfico, erguem-se por toda Europa os centros urbanos, onde se estabelecem os artesãos e suas mercadorias (Arruda, 1988). Concomitantemente, ao lado dos camponeses, aparece a figura dos tecelões que abastecem a sua e as outras cidades com sua produção. Assim, chegamos à Idade Moderna, uma época de expansão e crescimento econômico que demandou um aumento de mão-de-obra. Por efeito, ocorre um avanço progressivo do fenômeno migração campo-cidade (Aquino *et al.*, 1989).

O artesanato caracterizou-se como a forma de produção própria da Baixa Idade Média, durante o renascimento urbano e comercial, sendo representado por uma produção de caráter familiar. Os artesãos eram os proprietários de oficina e de ferramentas, ou seja, eram pessoas que possuíam os meios de produção e trabalhavam com a família em sua própria casa, realizando todas as etapas da produção. Nesse período, a produção artesanal estava sob controle das corporações de ofício.

Gradativamente, surge nas cidades a figura do comerciante. Sob o controle de associações ou corporações de ofícios, os comerciantes pertenciam a uma classe que não se ocupava da produção e sim, exclusivamente, da troca de produtos. Assim, os comerciantes passam a instigar

a comunicação entre as cidades, incrementando o intercâmbio de mercadorias, técnicas e instrumentos de trabalho (Arruda, 1988;).

Aos poucos, a manufatura supera a corporação. Os camponeses, que até então produziam para si, ficam destituídos dos meios necessários de produção e se deslocam para as cidades, desprendidos das relações servis. A relação entre empregador/trabalhador passa de patriarcal na corporação, à monetária na manufatura (Marx, 1977; Marx & Engels, 1976).

A partir do florescimento das cidades, entre os séculos XVI e XVII, o trabalho feminino estava em plena expansão. Segundo Scott (1994), as mulheres trabalhavam tanto nas explorações agrícolas quanto nas cidades. Em geral, atuavam em pequenos comércios ou como vendedoras ambulantes e, ainda, exerciam atividades temporárias como amas e lavadeiras. No setor produtivo, atuavam no ramo dos tecidos e das ferragens. De acordo com as condições econômicas das famílias, quando o trabalho entrava em conflito com os cuidados dos filhos, ou as mães optavam pelo trabalho e entregavam seus filhos às amas de leite ou aos cuidados de outras pessoas (Bauer, 2001; Scott, 1994; Saffioti, 1976; Sullerot, 1970).

Solteiras, casadas, viúvas, ou junto de seus maridos, elas participavam da organização econômica. O mesmo não se aplicava as mulheres nobres. As mulheres pertencentes à nobreza correspondiam a uma minoria da sociedade que ocupava postos privilegiados na divisão social. Em geral, o seu destino era o casamento. O homem pertencente à nobreza exercia suas atividades no âmbito externo ao lar. Dedicava-se à caça e à guerra (Bauer, 2001; Scott, 1994; Poster, 1979; Saffioti, 1976; Sullerot, 1970).

A mulher nobre tinha como função primordial cuidar da vida social, sendo responsável pela condução das atividades domésticas do castelo e das fazendas a ela vinculadas. Contudo, não dedicavam muito tempo à educação dos filhos. Tão logo esses nasciam eram entregues as amas de leite que ficavam temporariamente responsáveis pelos seus cuidados (Bauer, 2001; Poster, 1979; Saffioti, 1976).

Assim, em meados do século XVIII, na Inglaterra, inicia-se a revolução industrial que se configurou como uma das maiores transformações ocorridas no âmbito sócio-econômico. Tal transformação marcou de forma indelével toda a sociedade ocidental. A revolução industrial não foi pontual, isto é, se estabeleceu como um processo gradual e contínuo que incidiu no período abarcado pelos séculos XVIII, XIX e XX (Arruda, 1988; Hobsbawm, 1979).

No início do processo de industrialização, as cidades e os vilarejos passaram a se desenvolver estreitamente vinculados à indústria. Na esfera social, um dos desdobramentos desse movimento foi o surgimento da classe operária ou dos trabalhadores assalariados (Aquino *et al.*, 1989; Engels, 1985).

Recrutados entre os camponeses deslocados e entre as pessoas dos níveis mais baixos da sociedade urbana, os trabalhadores assalariados ficaram privados dos meios próprios de produção e tiveram de vender sua força de trabalho. Simultaneamente, ao lado da classe operária, da expansão comercial e da produção, surgiu, nos núcleos urbanos, um novo grupo social: a burguesia (Arruda, 1988; Engels, 1985; Poster, 1979).

A burguesia se constituía como a classe dos proprietários dos meios de produção social que empregava o trabalhador assalariado e cujo patrimônio não estava baseado na terra, mas, sim no comércio e na indústria. A existência e a supremacia da classe burguesa estavam condicionadas à acumulação da riqueza nas mãos de particulares (Engels, 1985).

Com efeito, a partir do século XIX, a revolução industrial estava em plena expansão, o que ocasionou um desenvolvimento tecnológico vertiginoso voltado para a produção de mercadorias e a acumulação de capital. Inicia-se o processo de mecanização. Quando o trabalho humano foi substituído pela máquina, o desenvolvimento do capitalismo passou a depender da aceleração da produção, o que acirrou a busca de mão-de-obra barata. Nesse caso, não só os homens conseguiram se inserir nas fábricas. As mulheres, as crianças e os jovens também foram contratados para o setor fabril emergente (Ariès, 1981; Hobsbawm, 1979; Poster, 1979; Saffioti, 1976).

O assalariamento fabril de grandes contingentes femininos e infantis ocorreu em virtude da maquinaria não exigir o uso da força muscular – o que barateava o custo do trabalho. As jornadas de trabalho nas fábricas estenderam-se por até 17 horas por dia. As mulheres acumulavam as tarefas domésticas e os cuidados com os filhos com a atividade remunerada no setor fabril (Perrot, 2005; Engels, 1985; Marx, 1988; Saffioti, 1976).

Curioso observarmos que a evolução material da família estava atrelada tanto ao trabalho da mulher, quanto ao trabalho do homem. Entretanto, o trabalho remunerado da mulher era caracterizado como extensão da atividade do lar, sendo considerado inferior e de valor secundário. As mulheres eram contratadas por salários inferiores. A tradição impunha que a felicidade da mulher estava no casamento e na sua conseqüente subordinação ao homem (Scott, 1994; Saffioti, 1976).

Desde então, configurou-se a diferença de valor entre a atividade masculina e feminina. A partir desta época, a desigualdade salarial entre os sexos passou a assumir proporções cada vez maiores (Bauer, 2001; Saffioti, 1976). Saffioti (1976) ratifica a questão:

*“Assim, nas sociedades pré-capitalistas, embora jurídica, social e politicamente seja a mulher inferior ao homem, ela participa do sistema*

*produtivo, desempenha, portanto, um relevante papel econômico. Este papel, entretanto, na medida em que é menos relevante que o do homem, se define como subsidiário no conjunto das funções econômicas da família” (p.35).*

A fase de fundação do capitalismo absorveu uma enorme força de trabalho; composta por homens, mulheres e crianças. Porém, Saffioti (1976) alerta-nos para um fato que irá determinar uma série de transformações nos papéis sociais de homens e mulheres tanto no âmbito familiar, quanto no âmbito do trabalho:

*“O processo de acumulação do capital, nesta fase, não apenas elimina menos trabalho do que a máquina está apta a fazê-lo; elimina, por vezes, o trabalho do chefe da família não porque haja a nova sociedade subvertido a hierarquia familiar, mas porque a tradição da submissão da mulher a tornou um ser fraco do ponto de vista das reivindicações sociais e, portanto, mais passível de exploração. Mesmo quando emprega todos os membros do grupo familiar, a indústria capitalista da fase em questão distribui entre toda família a força de trabalho do seu chefe” (p.38).*

Assim, a posição do homem como chefe de família é enfraquecida pela presença da mulher no espaço público, o que levou a um desdobramento inusitado: “A máquina, ao dividir o trabalho, ao torná-lo mais fácil e menos muscular, permite o uso das capacidades femininas e reergue o prestígio das mulheres, tornando-as úteis e mais iguais aos homens” (Perrot, 2005, p.227).

Surge, nesse contexto, atitude masculina desfavorável ao trabalho feminino. A figura da mulher trabalhadora foi, então, cercada pela controvérsia devido aos vários questionamentos acerca da relação entre feminilidade e trabalho assalariado. As indagações dirigiam-se para as “incompatibilidades” da mulher trabalhadora: o lar e o trabalho, a maternidade e o salário, a feminilidade e a produtividade (Perrot, 2005; Scott, 1994). A esse respeito, Lipovetsky (2000) tece o seguinte comentário:

*“[...] a extensão das atividades femininas fora do lar foi acompanhado de um florescimento de discursos que denunciam seus malefícios. O trabalho das mulheres na fábrica é associado à licença sexual e à degenerescência da família, é considerado degradante, contrário à vocação natural da mulher. Na burguesia, o assalariamento feminino causa horror como sinal de pobreza” (p.206).*

Nota-se que o trabalho da mulher pertencente à classe operária não era considerado desonroso, pois essa devia contribuir para o sustento da família. Entretanto, o trabalho da mulher casada era visto como subalterno, sendo considerado uma atividade complementar que não

deveria interferir no papel fundamental de mãe e de esposa (Perrot, 2005; Lipovetsky, 2000; Scott, 1994).

O fato é que a grande indústria capitalista absorveu a mão-de-obra feminina de forma excludente. Na verdade, abriu o caminho da produção social somente para a mulher da classe operária. As mulheres das classes mais abastadas estavam limitadas aos seus deveres familiares e ficaram excluídas do trabalho social e da condição de assalariamento. Para trabalhar como assalariada, as mulheres teriam de abandonar as obrigações domésticas (Engels, 1985).

Scott (1994) argumenta que a realidade de obrigações domésticas e maternais sobrepostas à possibilidade de dedicação profissional proporcionou o argumento contundente para justificar também a ocupação das mulheres trabalhadoras em empregos de baixos salários e de pouca especialização, conferindo, ao homem, o papel de “trabalhador” exemplar.

Segundo Scott (1994), o discurso dominante deste período definia o trabalho feminino como uma violação da sua natureza. Perrot (2005) assevera a questão, ao assinalar o que estava em voga no imaginário social da época: *“A indústria destrói a beleza e, sobretudo, a saúde da mulher e a desvia de sua função essencial: a maternidade”* (p.178).

A maternidade surgiu, então, como fator restritivo às atividades econômicas e políticas por parte da mulher. Por efeito, as mulheres tornaram-se o centro do debate de seus contemporâneos. Esses questionavam a conveniência, a moral e até a legalidade das atividades femininas assalariadas. Os homens não aceitavam bem a incursão das mulheres no mundo do trabalho e temiam que essas solapassem os seus postos ou rebaixassem ainda mais os seus salários (Perrot, 2005; Bauer, 2001; Scott, 1994).

Todavia, Saffioti (1976) adverte-nos para o quadro ilusório que circunscrevia os homens nesse período. Ao vislumbrarem a mulher como um adversário real no mercado de trabalho, a grande maioria dos homens negligenciara uma análise mais profunda da situação feminina e de sua própria como oriundas do contexto histórico no qual ambos estavam inseridos. Ou seja, *“O homem incapaz de uma visão totalizadora da sociedade, toma o trabalho feminino como a causa do desemprego masculino”* (p.42).

Na verdade, os homens esperavam que a exploração do trabalho feminino se revertesse em benefício próprio. Por efeito, distinguiram a figura feminina como usurpadora do trabalho masculino, ao invés de lhe conferirem o lugar de vítima do modo de produção capitalista. Saffioti (1976) problematiza a questão:

*“Deixando-se mistificar pelo prestígio que lhe é conferido se obtiver pelo seu trabalho remuneração suficiente para permitir-lhe manter a esposa afastada*

*das funções produtivas, não percebe que a mulher; não ativa economicamente, pode significar uma ameaça ao seu emprego enquanto trabalhadora potencial e que o trabalho não pago que ela desenvolve no lar contribui para a manutenção da força de trabalho tanto masculina quanto feminina” (p. 41).*

Assim, ao longo do processo de estabelecimento das sociedades industriais, vai-se construindo a rejeição social ao trabalho remunerado da mulher. Prevalece a idéia de que feminilidade e trabalho, maternidade e assalariamento são construtos contraditórios. O trabalho feminino gradativamente passa a ser direcionado para as atividades do lar (Perrot, 2005; Lipovetsky, 2000; Scott, 1994).

Nesse contexto histórico e cultural, foi edificada uma estrutura social que prescreveu os lugares de pertencimento do homem e da mulher. Perrot (2005) mostra-nos a retórica que dominou este momento histórico:

*“[...] se do ponto de vista da independência e da moral, a moça deve trabalhar e receber um salário para viver, o mesmo não acontece para a esposa; pois aí, a mulher não pertence mais a si mesma, ela pertence a seu marido e a seus filhos; reunidos, eles formam a família. E se dizemos ao homem, que tem saúde, a força muscular: para o atelier!; dizemos à mulher, que tem a fragilidade, a beleza, a doçura e o amor: para casa, para a família! Sim, este é o papel da mulher” (p.179-180).*

Cristalizou-se, então, uma rígida divisão do trabalho: os homens dedicaram-se à produção e à esfera pública e as mulheres, à reprodução e à esfera privada e doméstica.

## **2.2. Divisão sexual do trabalho**

O capitalismo introduziu, portanto, a clivagem entre produção e reprodução. Em outras palavras, o capitalismo inaugurou um novo modo de organização social, política e econômica da sociedade, demarcando as esferas do público e do privado, ou seja, separando espaço e tempo de produção e de reprodução. A separação dos agentes de produção e reprodução com base nos sexos e a sexualização dos espaços não data do capitalismo (Combes & Haicault, 1986).

Anteriormente ao modo de produção capitalista, e mesmo sob sua dominação, homens e mulheres participavam de modo desigual na produção e na reprodução. Inevitavelmente, essa realidade implica na comprovação da existência prévia de uma natural divisão sexual do trabalho. Em toda a parte, os homens foram designados à produção e as mulheres à reprodução, bem como foi atribuído um “valor” que distingue o trabalho masculino do trabalho feminino (Hirata & Kergoat, 2003; Combes & Haicault, 1986).

Podemos observar, então, que a separação entre trabalho produtivo e reprodutivo é um dos elementos organizadores da atribuição de hierarquia e valor que legitima o que seria um "verdadeiro trabalho", conferindo poder a quem o realiza e perpetuando as condições para a divisão e desigualdade do trabalho entre os sexos (Hirata & Kergoat, 2003).

Nesse sentido, produção tem mais valor que reprodução, embora ambas seja modalidades indissociáveis e interdependentes. São as modalidades de produção que determinam as modalidades de reprodução. A subordinação da reprodução à produção sustenta-se numa outra subordinação: a das mulheres aos homens (Hirata & Kergoat, 2003; Combes & Haicault, 1986).

Cabe, então, perguntar: Qual a origem da subordinação feminina? A subordinação feminina se originou dos determinantes da biologia ou nos meandros da economia? No intuito de responder a essas questões, podemos aventar diversas teorias ou vieses distintos que tentam explicar o *status* de inferioridade atribuído à mulher.

Principiamos por salientar que os determinantes da biologia e as funções sociais femininas — em particular, a reprodução, a maternidade e o cuidado dos filhos — se combinam para estimular as definições culturais da mulher que tendem a ser degradantes, ou melhor, parafraseando Beauvoir (1991), as tornou universalmente “*o segundo sexo*” (Rosaldo & Lamphere, 1979).

A conexão do sistema reprodutivo feminino com o papel doméstico da mulher serviu, então, para justificar sua inferioridade “natural”. Nesse sentido, Rosaldo (1979) assinala que a orientação doméstica da mulher é apreendida como um fator crítico na concepção de sua posição social. Não obstante, ressaltamos que a biologia impulsiona, mas não determina o comportamento dos sexos. O ser humano tem a capacidade de interpretar e adequar seu comportamento por meio da utilização de formas simbólicas como, por exemplo, a linguagem.

Ao mesmo tempo, os estudos marxistas apontam os fatores econômicos como determinantes para o *status* feminino. No manuscrito “A Ideologia Alemã”, redigido por Marx e Engels em 1846, o autor se deparou com a seguinte frase: “*A primeira divisão do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos*”, e a essa acrescentou a idéia de que o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história diz respeito ao antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia. Historicamente, a oposição de classes remete à oposição entre homem e mulher, sendo a forma inicial da civilização onde a repressão e a opressão de uns justificam a manutenção do *status quo* de outros.

Segundo Engels (1985), na família individual monogâmica, o lar perdeu seu caráter social e se transformou em serviço privado. As mulheres converteram-se em criadas e foram despojadas

da participação na produção social. O autor aponta o casamento monogâmico como uma relação que se estabeleceu a partir da escravização de um sexo pelo outro.

Nesse sentido, Engels (1985) denuncia o casamento e a família como instituições que reproduzem e reforçam a existência de condições desiguais entre o homem e a mulher nas sociedades ocidentais, a fim de manter a mulher em posição inferior na divisão sexual e social do trabalho, condicionando a dominação do masculino sobre o feminino.

Cumprido notar que a exclusão da mulher de esquemas culturais de transcendência e o seu aprisionamento pelos ditames da biologia permitiram a construção de uma imagem da mulher mais próxima da natureza e mais distante da cultura. A essa convenção arbitrária entre as funções femininas e a natureza, foi atribuído valor negativo (Ortner, 1979). Rosaldo e Lamphere, (1979) esclarecem o tema:

*“[...] a facilidade de associação entre natureza não humana e feminina propicia um fundamento cultural lógico para a subordinação feminina: a biologia, o papel social e a personalidade feminina estimulam as culturas a defini-la como mais próxima da ‘natureza’ do que o homem e por isso subordinada, controlada e manipulada em prol dos objetivos ‘culturais’” (p. 26).*

Vale dizer que a visão antropológica atual sustenta que a maioria e provavelmente todas as sociedades contemporâneas, seja qual for sua organização familiar ou o seu modo de subsistência, caracterizam-se por algum grau de domínio masculino. Tem-se conhecimento que nunca se ouviu falar de uma sociedade onde a mulher tivesse poder publicamente reconhecido e autoridade superior a do homem (Rosaldo & Lamphere, 1979). Assim, as autoras asseveram a questão:

*“Em todos os lugares, vemos a mulher ser excluída de certas atividades econômicas e políticas decisivas; seus papéis como esposa e mãe são associadas a poderes e prerrogativas inferiores aos dos homens. Pode-se dizer, então, que em todas as sociedades contemporâneas, de alguma forma, há o domínio masculino, e embora em grau e expressão a subordinação feminina varie muito, a desigualdade dos sexos, hoje em dia, é fato universal na vida social” (Rosaldo & Lamphere, 1979, p.19).*

De fato, toda sociedade conhecida adota e elabora alguma diferença entre os sexos. Mas, o que surpreende é que universalmente as atividades exercidas pelos homens são sempre mais valorizadas culturalmente do que as exercidas pelas mulheres (Rosaldo & Lamphere, 1979).

A diferença nas avaliações culturais referentes às atividades exercidas pelo homem e pela mulher estabelece-se como um fenômeno universal. De tal modo que, produção masculina

“vale” mais que produção feminina, mesmo quando ambas são análogas. Assim, é o valor que distingue o trabalho masculino do trabalho feminino (Hirata & Kergoat, 2003). Como nos lembra Hirata e Kergoat (2003):

*“Esse problema do ‘valor’ do trabalho – termo empregado aqui no sentido antropológico e ético, não no sentido econômico – [...] ele induz a uma hierarquia social. Valor e princípio de hierarquia sob aparências múltiplas, permanecem imutáveis: o trabalho de um homem pesa mais do que o trabalho de uma mulher. E quem diz hierarquia diz relação social. Mil provas existem para quem quiser ver, de que essa opressão das mulheres pelos homens no trabalho é onipresente” (p.112).*

A mesma hierarquia que organiza pelo valor as diferenças entre trabalhos realizados por homens e por mulheres, possibilitou o não reconhecimento dos trabalhos que ocorrem na esfera doméstica e estão relacionados ao mundo privado. Os afazeres domésticos não são considerados trabalhos, pois tratam "apenas" de atividades de manutenção das condições para a realização do "legítimo trabalho"; este, sim, verdadeiramente produtivo, posto que se consubstancia em produtos com valor monetário. Além disso, esse trabalho é pago por meio de salário e realizado no domínio público.

O ocultamento das tarefas domésticas não parece ser unicamente uma discriminação contra o trabalho realizado dentro do lar. Essencialmente, diz respeito à tradição e aos costumes da sociedade em relação ao papel feminino, ao qual secularmente foi atribuído o exercício dessas atividades. Essa asserção remete-nos à invisibilidade histórica do trabalho doméstico feminino. Tanto que, apesar da entrada das mulheres no mercado de trabalho nos "setores produtivos", seu trabalho e sua identidade como trabalhadoras continuam a ser de mulheres que, de certa forma, "não pertencem a esse lugar". Assim, mantém-se a dicotomia clássica: aos homens, o trabalho assalariado – e quando as mulheres inserem-se positivamente nesse espaço, isto continua a ser considerado como excepcional – às mulheres, a família. Seu lugar legítimo permanece referido ao da casa, ao da maternidade e ao do cuidar dos outros (Brito & Oliveira, 1997).

Atualmente, muitos estudos asseveram que o fundamento da subordinação da mulher está para além da exclusão do mundo produtivo, pois, mesmo quando inseridas no mercado de trabalho, as mulheres ocupam espaços específicos que, na maioria das vezes, se caracterizam pela inferioridade hierárquica, pelos salários menores e por atividades que privilegiam suas capacidades “ínatas”. Portanto, ainda hoje, a força de trabalho é sexualmente segregada. Na verdade, o mundo do trabalho somente acentuou a divisão sexual do trabalho (Bruschini, 2000).

A base da desigualdade entre o homem e a mulher fundamenta-se no enraizamento ideológico do patriarcalismo. Como modo de organização e dominação social, o patriarcado

fundou a divisão sexual do trabalho sobre a qual repousa a subordinação da mulher ao homem e edificou um estado de submissão das mulheres com a divisão sexual do trabalho, inscrevendo-se fortemente no mundo social, especialmente nas relações de dominação e exploração das mulheres pelos homens (Lobo, 1992; Combes & Haicault, 1986).

O sistema patriarcal circunscreveu homens e mulheres em estereótipos e funções que pertencem à ordem da cultura, fazendo parte também de processos e interesses históricos e econômicos (Diniz & Coelho, 2003; Lobo, 1992; Bruschini & Rosemberg, 1982). Na medida em que o sistema patriarcal restabeleceu relações de determinação estrutural que normatizaram as diferenças entre os sexos, também omitiu os conteúdos de construção cultural da divisão sexual do trabalho (Lobo, 1992). Scott (1994) ressalta que:

*“A história da separação entre o lar e o trabalho seleciona e organiza a informação de modo a obter um certo efeito, um efeito que sublinha vincadamente diferenças biológicas e funcionais entre homens e mulheres, legitimando e institucionalizando, assim, essas diferenças como base para a organização social. Esta interpretação da história do trabalho feminino alimentou e contribuiu para a opinião médica, científica, política e moral a que se tem chamado, com variantes, “ideologia da domesticidade”, ou “doutrina das esferas separadas” (p.444).*

Em linhas gerais, as esferas públicas e privadas são pensadas como equivalentes aos sexos. A clivagem entre o público e o privado denota a existência de uma fronteira: de um lado, a intimidade do lar, o castelo do afeto e do coração; de outro lado, o território do público, do manifesto e do político.

### **2.3. Entre o público e o privado: do lar burguês à modernidade do lar.**

É fato que não há um modelo único ou universal de família. A história da família é descontínua e não responde a uma ordem linear e homogênea. Na verdade, funda-se em padrões familiares diferentes, cada um com sua própria história (Poster, 1979). Nesse sentido, Poster (1979) descreveu quatro modelos de estruturas familiares historicamente definidas, quais sejam: a família aristocrática e a família camponesa dos séculos XVI e XVII; a família operária do início da revolução industrial e a família burguesa de meados do século XIX.

Embora concordemos com a asserção de que não há um modelo universal de família, elegemos a família burguesa como protótipo de análise. *A priori* justificamos nossa escolha por uma coerência metodológica que privilegia os estudiosos que versam sobre a história das mentalidades e amparam seus estudos com base nos valores da cultura. Entre esses autores

mencionados nesse trabalho, podemos citar, entre outros: Veyne (1990), Ariès (1985), Flandrin (1985) e Poster (1979).

Entretanto, nossa escolha justifica-se fundamentalmente pelo fato do pensamento da classe dominante ter um papel decisivo dentro da mentalidade de uma dada sociedade, servindo de modelo idealizado para as camadas dominadas. Mesmo não compartilhando do estilo de vida da burguesia, as camadas mais pobres conheciam, copiavam e ironizavam os hábitos burgueses. Gradativamente, o estilo de vida burguês foi reproduzido e se tornou um modelo e um referencial a partir do qual foi sendo construído o conceito de família para a cultura ocidental (Ariès, 1981; Poster, 1979).

A família burguesa nasceu frente ao avanço da industrialização. Esse movimento gerou a adensamento das cidades em virtude do aumento do contingente populacional. Nesse contexto econômico e social, progressivamente, incidiu um movimento de interiorização da família com incentivo à vida privada e à intimidade doméstica (Perrot, 1991; Ariès, 1981).

Conseqüentemente, essas transformações refletiram-se na estrutura das habitações. O lar sofreu fragmentações. Os espaços dedicados ao convívio comum foram reduzidos, ao passo que os quartos particulares foram ampliados. A sala de visitas passou a abrigar somente os familiares e os amigos mais íntimos, distanciando-os da sociedade (Ariès, 1981; Habermas, 1971).

Nesse contexto, o modo de organização das famílias sofreu profundas transformações. Segundo Ariès (1981), a idéia de privacidade ganhou grande importância entre os valores familiares, dando subsídios para a diferença entre o social e o familiar. Ocorre, então, uma privatização da vida em resposta ao aburguesamento da sociedade.

Por efeito, a intimidade da família burguesa passa a ser considerada de âmbito privado, isto é, o que acontecia entre as paredes da casa não dizia respeito à comunidade. A casa da família ficou reservada como espaço de intimidade, de relações pessoais, de afeto e de lazer. Ao final do século XVIII e início do século XIX, surge, então, o sentimento de família (Ariès, 1991, 1981; Poster, 1979).

A emergência do “sentimento de família” foi produto de uma revolução qualitativa na mentalidade da época, ocorrida simultaneamente às transformações sociais, econômicas e políticas que incidiram neste período. Dentre essas transformações, podemos apontar a emergência da burguesia e o nascimento do sentimento de infância, que delinearão uma organização de família centrada na privacidade do lar e na educação das crianças. O novo sentimento de infância rompeu simbolicamente com a idéia de coletividade. A família burguesa tornou-se a responsável direta pela criação e pela educação dos filhos (Ariès, 1991, 1981; Poster, 1979).

Nesse contexto, o casamento burguês caracterizava-se pelo vínculo contratual do casal, pela escolha recíproca dos parceiros para a união conjugal, pelo isolamento do casal em relação ao grupo comunal e à parentela extensa e pela conquista de sua autonomia patrimonial. Tal modelo de relação conjugal permitiu o advento do amor romântico (Ariès, 1981; Poster, 1979). Poster (1979) descreve assim o amor romântico:

*“O casal era assaltado por sentimentos desde o primeiro momento do encontro por sentimentos apaixonados e profundos de devoção. [...] A coisa estranha a respeito do padrão sentimental da classe média é que o amor romântico raramente sobreviveu aos primeiros anos – ou até mesmo – de união. ‘Felizes para sempre’ significava viver juntos, não com paixão intensa, mas com austera respeitabilidade” (p. 187).*

O amor romântico distingue-se do amor-paixão pela predominância do elemento do amor sublime sobre o ardor sexual, permitindo que outro seja percebido como um ser especial. Por meio da atração espontânea do “primeiro olhar”, ocorre uma apreensão intuitiva das qualidades do outro e a suposição de que esse outro pode trazer a sensação de completude que o ser humano tanto anseia (Giddens, 1993).

Portanto, a noção de amor romântico rompeu com o domínio da sexualidade que cedeu lugar à virtude. A base do casamento burguês centrava-se no respeito, fundamento da moralidade e da renúncia. Como consequência, a idealização temporária do outro (típica do amor paixão) associou-se a um envolvimento mais permanente com o objeto do amor (Giddens, 1993).

Ao final do século XVIII, o amor passou a ser desejado como atributo pertinente ao casamento, tendo como fim estimular a responsabilidade dos cônjuges na manutenção do casamento e da família. Delineou-se, então, uma organização familiar que se quer nuclear<sup>3</sup>, privada, centrada na educação das crianças, amante da intimidade, isolada da família extensa; fundada no amor conjugal e no amor entre pais e filhos. Enfim, lugar seguro, de proteção, lealdade (Giddens, 1993; Ariès, 1981, 1991).

O lar Burguês sundou-se como lugar seguro, de proteção, lealdade, afeto e privacidade. “[...] não era mais um lugar de produção, mas apenas de lazer, de tempo despendido fora do mundo de negócios” (Poster, 1979, p.188). O mundo do trabalho transferiu-se para a fábrica ou para o

---

<sup>3</sup> De acordo com Goode (1970), o modelo de família nuclear se estabelece pela existência do casal conjugal: pai, mãe e filhos. Quanto à família extensa, o autor define como arranjo que se baseia nos laços de parentesco de largo alcance e não apenas centrado no casal conjugal, mas com a composição dos parentes biológicos e afins como: tios, sogros, genros, noras, sobrinhos etc.

escritório e solidificou-se como lugar de domínio do homem. Diante da cisão entre lar e trabalho, ou entre vida pública e vida privada, cristalizou-se o modelo familiar burguês.

Neste contexto, a oposição entre o espaço público e privado e a disjunção dos papéis sexuais parentais contribuíram para a formulação de padrões de comportamentos ideológicos a serem desempenhados pelo homem e pela mulher. Ao homem, foi imputado o papel de provedor. Por conseguinte, as características valorizadas no mundo do trabalho foram atribuídas à identidade masculina e tomadas como pertencentes à dimensão da masculinidade, entre elas: a racionalidade, o pensamento lógico, a competência, os interesses profissionais, a autoconfiança etc (Rocha-Coutinho, 2000; Giddens, 1993; Poster, 1979).

De forma oposta, à mulher foi atribuído o papel de cuidadora. Por efeito, características como sensibilidade, fragilidade, abnegação, docilidade e incondicionalidade foram tomadas como parte da natureza feminina. De tal modo que, a feminilidade foi restringida à capacidade de expressar emoções, de passividade e irracionalidade. O modelo de feminilidade foi, então, associado ao sentimento (Rocha-Coutinho, 2000; Giddens, 1993; Badinter, 1985).

Essas transformações ressoaram de forma definitiva no contexto familiar. A partir da "reinvenção das tradições", estabeleceram-se rígidas normas para a função feminina dentro da família. Essa revolução ideológica engendrou a percepção de que a função da mulher era ser mãe.

Difundiu-se, então, a idéia de que para a realização plena de sua feminilidade, a mulher precisava cumprir a sua "vocação materna". O devotamento era imposto à mulher como parte inerente da "natureza" feminina, e nele deveria estar a fonte mais segura de sua felicidade. Com a consagração da mulher à maternidade e ao lar, surge uma nova mentalidade que veio reorganizar as vivências familiares e domésticas, bem como a sensibilidade e as atividades femininas. Essa nova mentalidade fez parte dos ideais burgueses deste período que prescreveu um modelo normativo de mulher: a "*mulher do lar*". Esta "nova" mulher deveria ser uma esposa gentil, afável e bondosa, alicerce do lar e perfeita mãe para seus filhos (Giddens, 1993; Badinter, 1985; Poster, 1979).

Por volta da segunda metade do século XIX, esse modelo de mulher, verdadeiro emblema dos ideais burgueses, fixa-se como ideal para todas as camadas da sociedade (Bauer, 2001; Lipovetsky, 2000). A imagem conjugada de mulher-esposa-mãe consolidou-se extensivamente, realçando o modelo de feminilidade coligado ao sentimento. Esse modelo foi associado à subordinação da mulher ao lar e ao seu relativo isolamento do mundo exterior, confinando-a ao domínio privado, *locus* da intimidade (Féres-Carneiro & Magalhães, 2003; Giddens, 1993).

Durante um século, o modelo de “mulher do lar” foi quase irrefragável. Difundia-se, extensivamente, a idéia de que ser mulher era ser essencialmente mãe e esposa. Conseqüentemente, as mulheres foram excluídas da esfera política, desqualificadas quanto ao seu trabalho externo e sua instrução e subordinadas aos seus maridos. Foram décadas de uma negação insidiosa da sua presença no mundo público e de exaltação do modelo da mulher sem profissão.

Enquanto as atividades da mulher burguesa eram rigidamente restringidas e se limitavam ao mundo doméstico da própria família, seu marido seguia outra direção. O homem burguês provia o sustento da família e construía o vínculo entre família e sociedade. Suas atividades direcionavam-se para o mundo social mais amplo da economia, política e interações sociais, além do âmbito da família (Poster, 1979; Ariès, 1981; Parker 1991).

O homem, tal como era pensado no século XIX, pertencia a um outro lugar: o mundo público. A rua e o âmbito do trabalho monopolizavam seu tempo, sua atenção e sua alma. As relações de trabalho e da rede social mais ampla o alienavam do sentimento de família. Os sentimentos que o vinculavam à esfera pública minavam o lugar da família em sua vida (Parker, 1991; Ariès, 1981).

O homem burguês estava circunscrito a uma sociedade marcada pelo culto à masculinidade. Os padrões prescritos impunham a elegância, o vigor físico, a forma de andar, a forma de se vestir e de se comportar. Quanto aos atributos psicológicos, os traços que o descreviam eram a agilidade, a coragem, a bravura, e a distinção. De fato, a identidade do homem no século XIX estava inerentemente atrelada à representação do seu papel na sociedade. A mentalidade da época concebia a masculinidade como o pilar central sobre o qual a sociedade burguesa fundou grande parte de sua auto-imagem (Gay, 1995).

Portanto, masculinidade e feminilidade fundaram-se com base nos ditames da biologia. Ser homem e ser mulher se restringiam a uma identidade biológica. Essa concepção naturalizada de cada sexo alcança a esfera social, política e econômica. Por efeito, têm-se a reprodução das desigualdades sociais e políticas entre homens e mulheres, justificadas pela norma “natural” do sexo.

O século XIX configurou-se, então, como um período histórico caracterizado pelo culto à masculinidade e pelo culto à domesticidade. Enquanto o homem era pensado como um indivíduo livre e senhor de si, a mulher continuava a ser pensada como um ser naturalmente dependente e frágil.

Ao acender das luzes do século XX, a eclosão das grandes guerras exigiu uma redefinição da divisão de trabalho entre o homem e a mulher. Por efeito, tornou-se necessário um reajuste no

arranjo estrutural da família e do casal. As grandes guerras fizeram ecoar um chamado, convocando os homens à luta. Ante a mobilização dos homens, deslocados geograficamente para o campo de batalha, as mulheres foram instadas pelos governos a assumirem seus postos de trabalho. No intuito de manterem o sustento da família, as mulheres responderam prontamente à convocação dos poderes públicos e incorporaram-se maciçamente ao mercado de trabalho. Todavia, os governos asseveraram que se tratava de uma conjuntura excepcional (Bauer, 2001; Saffioti, 1976; Sullerot, 1970).

A incorporação de mulheres ao mercado de trabalho não significou o abandono de suas responsabilidades domésticas. Na tentativa de corrigir possíveis dificuldades decorrentes do acúmulo de tarefas, empreenderam-se algumas ações que solucionaram parcialmente a questão. Foram criadas algumas creches para os filhos das trabalhadoras fabris ou, em outros casos, as mulheres mais velhas se responsabilizaram pelos cuidados das crianças no próprio lar (Bauer, 2001; Sullerot, 1970).

A ausência masculina impulsionou as mulheres a assumirem na esfera do trabalho funções, que até o momento, eram consideradas exclusividades masculinas. Estas mulheres demonstraram que eram capazes de desempenhar com êxito qualquer função.

Ao final da guerra, os poderes públicos alastraram uma nova campanha para inverter a situação impetrada inicialmente. Com o fim da guerra, os homens retornaram e a ocupação dos postos de trabalho por mulheres sofreu protestos. As mulheres foram pressionadas a abdicarem do trabalho industrial e a regressarem ao seu “verdadeiro” lugar: o lar.

Sem dúvida, o fim dos conflitos bélicos promoveu um significativo regresso das mulheres às tarefas tradicionais do lar. Os homens rechaçaram a “conquista” feminina no mundo do trabalho em virtude do receio de perderem seus postos ou sofrerem redução salarial. Em muitos casos, as mulheres deixaram os empregos, aliviadas por se libertarem do peso que era conciliar longas jornadas laborais com o infundável trabalho doméstico. Porém, muitas mulheres lutaram para cultivar os seus empregos tão arduamente alcançados (Bauer, 2001; Saffioti, 1976).

Diante da expansão econômica que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, em todos os países capitalistas, tanto o trabalho assalariado da mulher, quanto às características do trabalho doméstico transformaram-se radicalmente. Aumentou a incorporação ao trabalho de mulheres de mais idade, assim como de mulheres casadas, em virtude de uma nova concepção: o trabalho da mulher era necessário e a dignificava. Essa concepção estendeu-se, principalmente, entre as mulheres das classes médias, que ascendiam a um trabalho mais qualificado e melhor remunerado. Todavia, permaneceu a segregação sexual no mercado de trabalho. As mulheres

continuaram ocupando as categorias inferiores e os trabalhos mais mal-remunerados (Bauer, 2001; Saffioti, 1976).

No cenário brasileiro, o novo século foi palco do avanço industrial a partir dos anos 30 e, principalmente, nos anos 50. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o país assistiu ao crescimento urbano e a industrialização sem precedentes que conduziram ao aumento de possibilidades educacionais e profissionais para homens e mulheres. Nesse período, a classe média brasileira também viveu um momento de ascensão (Bassanezi, 2004; Bauer, 2001).

Enquanto as sociedades democráticas se edificavam, os cenários onde homens e mulheres vivenciam e organizam suas relações de intimidade também sofreram o impacto das transformações sócio-culturais provenientes dos primeiros momentos da modernidade democrática.

O período pós-guerra foi marcado pela veiculação na mídia de um modelo conjugal e familiar, fundado na assimetria dos papéis conjugais:

*“As concepções que predominaram sobre a família ‘normal’ se constituíram numa ideologia baseada nos estereótipo dos papéis genéricos: o pai, como provedor e chefe de família; a mãe, a dona-de-casa em tempo integral, companheira do marido, guardiã de todas as coisas” (Goodrich, et. al. 1990, p.25).*

Assim, instala-se um novo ciclo: o da “família normal”. Nas décadas de 50 e 60, a ideologia da “família normal” imperou e inspirou milhares de casais. Exaltada nos periódicos, nas revistas, nos romances, nos manuais escolares e nos discursos oficiais da época, a sociedade conjugal implicava numa hierarquia, na qual o marido era o chefe detentor de poder sobre a esposa e os filhos, a quem competia as decisões supremas (Lipovetsky, 2000; Lasch, 1999).

O casamento-modelo imputava direitos e obrigações distintas para homens e mulheres. As tarefas exclusivamente femininas incluíam lavar, passar, cozinhar, cuidar da casa e dos filhos. Aos maridos, cabia apenas a execução de pequenos reparos no recinto do lar. Segundo as revistas da época, uma boa esposa não deveria questionar a divisão tradicional de papéis e nem requisitar a participação do marido nos afazeres domésticos. Esse tipo de atitude por parte da esposa poderia implicar em danos ao equilíbrio do lar (Bassanezi, 2004; Lasch, 1999).

Ao mesmo tempo, o modelo hegemônico de masculinidade prescrevia para o homem o papel de detentor do poder no mundo público e privado, cabendo-lhe dedicar-se primeiro ao trabalho e, depois, ao lar. O casamento versão anos 50 acenava para outra alegoria: a liberdade masculina. Ser livre era a máxima para esses maridos que não deveriam ser incomodados pelas esposas com suspeitas, interrogatórios ou ciúmes (Bassanezi, 2004).

A boa esposa figurava como a principal responsável pela fleuma doméstica e a harmonia conjugal. Nesse sentido, a esposa não deveria discutir, reclamar ou exigir a atenção do marido. As regras conjugais prescritas determinavam que a não correspondência da mulher ao ideal de boa esposa ameaçava a união conjugal e a tornava vulnerável à perda do marido, obrigando-o a procurar no mundo externo a paz e a harmonia que essa não soube lhe proporcionar (Bassanezi, 2004; Lasch, 1999).

Segundo Friedan (1971), as revistas da época se especializaram em doutrinar as mulheres na arte de serem boas mães e esposas:

*“Especialistas ensinavam-lhe a agarrar seu homem e a conservá-lo, a amamentar os filhos e a orientá-los no controle de suas necessidades fisiológicas, a resolver problemas de rivalidade e rebeldia adolescentes; a comprar uma máquina de lavar pratos, fazer pão, preparar receitas requintadas... [...] a vestir-se, parecer e agir de modo mais feminino e a tornar seu casamento uma aventura emocionante” (p.17).*

Todavia, nem tudo permaneceu de acordo com o ideário burguês do século XIX prescritos para o casal. Os novos imperativos da modernidade alteraram sutilmente a imagem da mulher do lar. O devotamento cedeu lugar à sedução e à felicidade consumista. A publicidade, a “*quintessência da arte*”<sup>4</sup> nas sociedades capitalistas modernas, celebrava as inovações do mercado de eletrodoméstico como instrumentos libertadores das mulheres (Lipovetsky, 2000; Lasch, 1999).

A tecnologia foi-se introduzindo nos lares. A geladeira, o fogão a gás, o aspirador de pó alastram-se pelo mundo feminino, consagrando a era dos bens de consumo descartáveis. Simultaneamente, há um declínio significativo do trabalho doméstico nos países europeus, mantendo-se nos Estados Unidos, onde era realizado quase exclusivamente por mulheres negras. Gradualmente, a dona de casa que delegava as tarefas domésticas e supervisionava vários serviços, passou a realizar ela mesma o trabalho doméstico.

Os cosméticos também invadiram a vida do casal sob a promessa de conservar a juventude. O consumo, a juventude e a beleza passaram a integrar as novas obrigações da mulher do lar. Betty Friedan (1971) descreve o modelo de mulher preconizado pela publicidade:

*“A figura de mulher que emerge dessas bonitas revistas é frívolo, jovem, quase infantil; fofa e feminina; passiva, satisfeita num universo constituído de*

---

<sup>4</sup> Lasch (1999) utiliza o termo “*quintessência da arte*” para se referir ao papel preponderante da publicidade na sociedade capitalista moderna.

*quarto, cozinha, sexo e bebês. [...] Está atulhada de receitas culinárias, modas, cosméticos, móveis e corpos de mulheres jovens” (p. 35).*

Assim, os anos 50 foram dominados pela imagem das mulheres coquetes, alegres, efusivas e felizes com os milagres do conforto e com a lógica consumista. Esse se tornou um novo modo de vida feminina. O fato é que a nova ética do mundo publicitário suscitou o mito do progresso tecnológico que apenas trazia um progresso estético (Lipovetsky, 2000; Lasch, 1999).

Da mesma forma que o crescimento de uma economia global e os novos imperativos da modernidade no lar se constituíram como forças propulsoras das transformações sociais no âmbito da família e do casamento, não podemos negligenciar o papel determinante que as mudanças tecnológicas referentes à reprodução da espécie tiveram nesse processo. Nessa época, uma das transformações mais importantes na vida da mulher foi o uso generalizado dos métodos anticoncepcionais que também se estende ao âmbito da família e do casamento. A opção de ser mãe pode ser livremente escolhida e assumida pelas mulheres. Diminuíram as taxas de natalidade e, por efeito, o tamanho das famílias se reduziu (Castells, 1999; Lasch, 1999).

Embora os anos 50 tenham determinado um conjunto de transformações econômicas, sociais e políticas que afetaram e alteraram de modo determinante a família e o casamento, as assimetrias entre os papéis femininos e masculinos continuaram nítidas. Os primeiros momentos da modernidade democrática reafirmaram as transformações precedentes. Apesar disso, a modernidade legitimou a doutrina das esferas separadas e recompôs uma diferenciação máxima entre os papéis sociais do homem e da mulher, caminhando na contramão dos ideais modernos de igualdade. A construção simbólica do homem como provedor e chefe de família e da mulher, como esposa e mãe, conservou-se como padrão normativo.

#### **2.4. Revolução Feminista: revolução nas famílias e no casamento**

Sob a égide das transformações sociais do pós-guerra, delineou-se um outro importante marco na história que teve um impacto profundo na relação entre casamento, família e trabalho. Trata-se da revolução feminista. A partir da segunda metade da década de 1960 do século XX, os valores liberais, que tradicionalmente haviam sido os responsáveis pela sustentação teórica do mundo capitalista, entraram em crise. Irrompe, então, uma série de movimentos sociais dispostos a protestar contra esse sistema: os movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, as revoltas estudantis, as lutas pelos direitos civis, os movimentos revolucionários do “terceiro mundo”, movimentos negros, de minorias étnicas, ecologistas, homossexuais e o movimento das mulheres (Hall, 2000).

Retirando-se do isolamento e da invisibilidade, esse grupo de movimentos sociais se organizou em torno de suas especificidades tentando superar as desigualdades sociais. Ao mesmo tempo, não houve uma fusão de tais movimentos, pois cada um deles protestou em nome da identidade social de seus sustentadores, conservando a sua autonomia e formas próprias de organização. No entanto, eram movimentos sociais articulados entre si que se opunham às diversas fontes de discriminação, bem como à política liberal capitalista do ocidente, afirmando tanto as dimensões “subjetivas” como as dimensões “objetivas” da política (Alves & Pitanguy, 2003; Hall, 2000).

O movimento social das mulheres germina num momento histórico em que outros movimentos de libertação denunciavam formas de opressão. Buscou, então, dar visibilidade ao mal-estar das várias mulheres dos países capitalistas avançados, lutando nas ruas para suprimir a insustentável situação discriminatória nos campos econômico, jurídico e sexual.

Engajadas na luta feminista, as mulheres questionaram de forma ativa as raízes de uma sociedade falsamente erigida em princípios igualitários. Assim, o feminismo procurou romper com a herança do silêncio que encobria as condições de desigualdade entre homens e mulheres. Ao afirmar que o sexo é político, por conter também as relações de poder, o feminismo trouxe à cena áreas da vida social como a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão de papéis e a clássica dicotomia entre o público e o privado, bem como questionou e confrontou a idéia de um sujeito genérico. Nas palavras de Alves e Pitanguy (2003):

*“[...] o feminismo rompe com os modelos políticos tradicionais, que atribuem uma neutralidade ao espaço individual e que definem como política unicamente a esfera pública, ‘objetiva’. Desta forma, o discurso feminista, ao apontar para o caráter também subjetivo da opressão, e para os aspectos emocionais da consciência, revela os laços existentes entre as relações interpessoais e a organização política pública” (p.8).*

O feminismo enfatizou, portanto, a identidade e o processo de identificação entre homens e mulheres como questão política e social: *“Isto é, politizou a subjetividade, a identidade e processo de identificação (homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas)”* (Hall, 2000, p.45).

É fato que a visão universal da mulher como “o outro” (Beauvoir, 1991) e a existência de reivindicações que se reportam à igualdade não são fenômenos contemporâneos. O feminismo é um processo que tem raízes no passado, sendo difícil alcançar a amplitude desse acontecimento histórico. Sua presença aparece em traços antigos e eloqüentes deixados por Christine de Pisan (1364-1430), Alpha Behn (1640-1680), Olympe de Gouges (1745-1793), Mary Wollstonecraft (1759-1797), Flora Tristann (1803-1844), Elizabeth Cady Stanton (1815-1902), Susan B.

Anthony (1820-1906), entre outras mulheres que ousaram ser as primeiras vozes de insurreição (Descarries, 2000).

A relevância desses nomes é inegável. Essas mulheres fizeram parte de um seleto grupo que conseguiu passar à posteridade, já que a narrativa histórica tradicional privilegia a cena pública, onde as mulheres ocupam um espaço pequeno e aparecem muito pouco. Não podemos negligenciar que: “*No teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra*” (Perrot, 2005, p. 33).

O feminismo como ideologia política ressurgiu, então, no final da década de 60 nos Estados Unidos e no início dos anos 70 na Europa, expandindo-se por todo o mundo nas duas décadas seguintes. No intuito de tematizar o florescimento do feminismo no século XX, principiamos por salientar o aparecimento do livro “*O segundo Sexo*” publicado em 1949, pela francesa Simone de Beauvoir (1908-1986).

Ao analisar criticamente as causas da opressão da mulher no mundo moderno, Beauvoir (1949) se interroga sobre quais seriam as razões que motivaram a sociedade ocidental a nomear a existência das mulheres na história como “*O segundo sexo*” no universo masculino. Pela primeira vez, cogitou-se a possibilidade da existência da diferença na igualdade. Em outras palavras, a experiência de diferenças entre homens e mulheres poderia gerar um enriquecimento entre os indivíduos, ao invés de produzir a imposição de uma autoridade entre eles (Alves & Pitanguy, 2003; Descarries, 2000).

A obra de Simone de Beauvoir estabeleceu-se como um marco histórico por delinear os fundamentos da reflexão feminista que ressurgiu na década de 60 com a norte-americana Betty Friedan. Arrebatada pelos postulados teóricos do estudo de Beauvoir (1949), Friedan sai em busca de uma série de depoimentos de mulheres da classe média norte-americana que corresponderiam ao ideal de “Mulher do lar”.

Concretizou-se, então, a obra “*A mística feminina*”, publicada em 1963. Em seu livro, Betty Friedan focalizou os problemas concretos da mulher norte-americana no pós-guerra e, criticamente, desvelou a situação alienante e mortificante a que essa estava submetida, encerrada numa casa rodeada de comodidades, porém, exilada e escravizada.

“*A mística feminina*” ecoou nos Estados Unidos gerando um choque cultural, pois Betty Friedan desvendou “o mal - estar indefinível” da dona de casa dos grandes subúrbios americanos, que se manifestava no seu isolamento e nas suas angústias, no vazio de sua existência e na ausência de sua identidade. A autora problematiza a questão: “*O problema permaneceu mergulhado, intacto, durante vários anos, na mente da mulher americana. Era uma*

*insatisfação, uma estranha agitação, um anseio de que ela começou a padecer em meados do século XX, nos Estados Unidos” (p.17). E acrescenta:*

*“Aos poucos fui percebendo que o problema sem nome era partilhado por inúmeras mulheres do país inteiro... Qual era exatamente esse problema sem nome? Quais as palavras usadas pelas mulheres ao tentar descrevê-lo? Às vezes diziam: < Estou me sentindo vazia... incompleta>. Ou então: <Tenho a impressão de não existir>.” (Friedan, 1971, p. 21).*

Betty Friedan se consolidou como uma figura proeminente do movimento por acender a chama da primeira onda do feminismo. Denominada de Feminismo Igualitário, a primeira onda foi responsável por conduzir o renascimento do movimento nos anos 60 e reunir o maior número de mulheres em nome da causa (Descarries, 2000).

A partir dos anos 70, a segunda onda do feminismo dominava o movimento político e intelectual das mulheres, resgatando alguns pressupostos apreçados por Simone de Beauvoir em *“O Segundo Sexo”*. Esse movimento, denominado de Feminismo Radical, se caracterizou, especialmente, pela busca das raízes das desigualdades entre os sexos. A partir de uma perspectiva feminista, se propôs a analisar as relações sociais de gênero, privilegiando a temática da hierarquização sexual (Descarries, 2000).

Depois de séculos de exclusão, as mulheres passaram a existir na cena pública, legitimadas pelo movimento feminista. Todavia, não se tratou de um movimento social que se organizou de forma centralizada. Ao contrário, recusou o *status* de disciplina única, aplicada de forma igual a todas as militantes. Sobretudo, se caracterizou pela auto-organização das mulheres em suas diversas frentes, onde se expressaram as múltiplas experiências do “ser mulher”, fortalecido pela solidariedade: “[...] o feminismo assume um sentido de partilha entre mulheres, fazendo apelo a cenários de fantasia, que possibilitam a transcendência das diferenças e da história” (Scott, 2002, p.2).

Com sua heterogeneidade e polifonia (Castells, 1999), o feminismo *“criou espaços e efeitos de consciência, onde se produz a re-significação das subjetividades e das inter-relações sociais, onde se negociam e renegociam as necessidades práticas e os interesses estratégicos das mulheres”* (Yannoulas et al, 2000, p.3). Em suas múltiplas versões, o feminismo se apresentou como um movimento que teve o compromisso de recusar a dominação masculina e sobrepujar as formas de organização tradicionais, permeadas pelas assimetrias de gênero e pelo autoritarismo.

Portanto, o movimento feminista teve um impacto profundo nas instituições da sociedade, sobretudo por contestar a família patriarcal pelos processos de transformação do trabalho feminino e de conscientização da mulher. Esse fenômeno transformou o mundo do trabalho, o

mundo doméstico, a relação entre os sexos, a família e o casamento, marcando, de forma contundente, a relação entre família, casamento e trabalho (Castells, 1999).

## 2.5. A relação trabalho e família

Até a segunda metade do século XX, o arranjo conjugal caracterizado pela distribuição assimétrica dos papéis sexuais no seio do casal gozou de legitimidade social. Denominado de casamento tradicional ou normativo, esse arranjo conjugal foi o modelo idealizado socialmente durante décadas (Bassanezi, 2004; Lipovetsky, 2000; Lasch, 1999; Diniz, 1999).

O crescimento da economia global, as mudanças tecnológicas referentes à reprodução da espécie e o advento do movimento feminista se constituíram como forças propulsoras para as transformações sociais no âmbito da família e do casamento. Nesse contexto, o movimento feminista foi responsável por questionar as bases fundamentais do patriarcado (Singly, 2000; Castells, 1999).

Por certo, o recuo da família patriarcal fragilizou o princípio social dos papéis sexuais que fundaram a dicotomia masculino/feminino. O mesmo pode se dizer em relação ao princípio da divisão sexual do trabalho. Por efeito, foi rompida a relação bipolar homem/provedor/trabalhador *versus* mulher/cuidadora/dona de casa. Desde então, os pesquisadores passaram a enfrentar a necessidade de teorizar sobre as ligações entre a vida no trabalho e a vida em família (Lipovetsky, 2000; Castells, 1999).

Como vimos, o modelo familiar burguês e o modo de produção capitalista favoreceram o distanciamento entre dois pólos da subjetividade humana: o afeto e a razão. O ser humano foi forçado a adotar uma lógica que impossibilita a conexão entre razão e afeto. Nessa polarização da subjetividade humana, afeto e razão passaram ocupar lugares distintos. O afeto ganhou lugar no espaço privado, constituído pela casa e pela família, *locus* das relações de amor. Inversamente, a razão ganhou lugar no trabalho, que é o principal ambiente da vida pública. De forma similar, a divisão sexual dos espaços também é marcada por esta polaridade, sendo a mulher o *locus* do afeto e o homem o *locus* da razão (Codo & Gazotti, 1999).

Uma das máximas que emergiu dessa lógica é que o público não deve invadir o privado e, muito menos, o privado deve invadir o público. Em outros termos, não se deve levar problemas do trabalho para casa e, muito menos, da casa para o trabalho. O fato é que a lógica da cisão entre afeto e a razão gera sofrimento na subjetividade humana. As pessoas não conseguem segmentar interiormente aspectos lógico-rationais de aspectos emocional-sentimentais. Se a

conjuntura externa à pessoa demanda a cisão, exige a ruptura, o resultado é o sofrimento. A complexidade da vida humana impossibilita a cisão entre afeto e razão (Codo & Gazotti, 1999).

Optar pela família, mesmo que temporariamente, significa sacrificar a vida profissional, sacrificar uma carreira tantas vezes muito importante para o indivíduo, sem nenhuma garantia de que a carreira vai poder ser retomada um dia. Se família e trabalho entram em colisão, as pessoas são impelidas a superar a polaridade razão e afeto previamente imposta, a fim de conciliarem mundos, por vezes, aparentemente inconciliáveis.

Com base nisso, o conflito entre trabalho e família sob a forma de uma tensão provocada pelas mudanças na polaridade entre razão e afeto, imposta historicamente. As contradições entre o afeto e a razão permanecem como questões centrais para os estudos que buscam compreender a interação entre casamento/família e trabalho, já que as estratégias desenvolvidas para conciliar as demandas da família e do trabalho se constituem como um potencial de tensão para a vida conjugal e familiar.

Como a relação entre trabalho e família é complexa, vários modelos teóricos buscam explicar essa relação. A partir da revisão histórica feita por Diniz (1993) — com base nos trabalhos de Lambert (1990), Liou, Sylvia e Brunk (1990) e Voydanoff (1989) — apresentamos a seguir uma síntese dos modelos que tentam explicar as relações possíveis entre o trabalho e a vida familiar e as estratégias adotadas para contornar a tensão proveniente das exigências sociais desses contextos. Essa síntese é apresentada no quadro abaixo e descrita de forma consistente logo a seguir.

### Modelos explicativos do conflito trabalho e família

Modelo de contaminação (spill-over)	Atitudes e comportamentos originados em uma das áreas são transferidos para a outra.
Modelo de compensação (compensation)	Atitudes e comportamentos originados em uma das áreas são compensados na outra.
Modelo segmentação (Segmentation)	Os diferentes aspectos da vida são separados em compartimentos totalmente diferentes.
Modelo de oposição (opposition)	Os papéis próprios de uma área entram em conflito com os papéis pertencentes à outra área.

O **modelo contaminação ou transbordamento (spill-over)** envolve a transferência de humores, atitudes e comportamento de um domínio da vida para o outro. Refere-se aos efeitos que o trabalho tem sobre a família ou a família sobre o trabalho, os quais geram semelhanças

entre os dois domínios. Essa é a concepção mais difundida acerca da interação entre trabalho e vida familiar. De acordo com esse modelo, a satisfação do trabalho será comparável à satisfação em outras áreas da vida (Almeida, Wethington, & Merceiro, 1999; Roehling & Moen, 2003; Diniz, 1993).

O modelo contaminação ou transbordamento (spill-over) pode ser positivo ou negativo. O transbordamento positivo é aquele em que a satisfação e valores de um domínio são transportados para o outro. Sendo assim, a satisfação, a realização e as gratificações obtidas no trabalho são transferidas para a família ou uma vida familiar satisfatória é transferida na forma de humores e sentimentos positivos para o trabalho. Essa versão é utilizada, principalmente, quando se aponta para uma associação positiva de satisfação no trabalho e na família ou de valores compartilhados. O transbordamento negativo se refere à transferência da tensão de um contexto para o outro. Por exemplo, quando há problemas e insatisfações gerados no trabalho, estes são transferidos de forma negativa para a família ou da família para o trabalho (Almeida, Wethington, & Merceiro, 1999; Roehling & Moen, 2003).

Ao mesmo tempo, é mais provável que a partir de uma dificuldade no trabalho apareçam dificuldades em casa do que o inverso. Em geral, são as demandas do trabalho que determinam as vivências familiares. Uma explicação para essa transposição das dificuldades do trabalho para o lar é que as pessoas têm menos controle sobre suas vidas no trabalho do que em suas vidas familiares. A vida em família deve, então, adaptar-se às exigências do trabalho, refletindo o reduzido controle que os adultos têm na interface trabalho-família (Roehling & Moen, 2003; Diniz 1993; Higgins, Duxbury & Irving, 1992).

**O modelo de compensação (compensation)** propõe que insatisfações e frustrações em uma área da vida sejam compensadas pela satisfação e realização em outra área da vida. Assim, quando o trabalho for frustrante, por exemplo, o indivíduo compensa essa frustração buscando gratificações e envolvendo-se mais na família. Nesse sentido, a família é percebida como o lado reconfortante da vida. Serve como amortecedor para a pressão advinda do trabalho, aumentando a satisfação em nível pessoal e profissional (Roehling & Moen, 2003; Diniz 1993; Higgins, Duxbury & Irving, 1992).

Segundo essa concepção, a insatisfação, em uma determinada esfera da vida, leva ao descompromisso e ao afastamento. Esse distanciamento seria compensado por envolvimento excessivo na outra área de atuação. A compensação, portanto, é vista como sendo a realocação de importância do tempo e da atenção de um domínio que está gerando insatisfação para outro potencialmente mais satisfatório (Roehling & Moen, 2003; Diniz 1993).

**O modelo segmentação (Segmentation)** propõe que as pessoas lidem com os diferentes aspectos de suas vidas, separando estes aspectos em compartimentos diferentes. Pode ser compreendido como o processo pelo qual a pessoa mantém fronteiras nítidas entre trabalho e família. Assim, não aconteceria contaminação e nem haveria necessidade de compensação entre um aspecto e outro da vida. Essa concepção refere-se a uma cisão entre a vida no trabalho e a vida familiar. (Roehling & Moen, 2003; Diniz 1993).

**O modelo de oposição/conflito (opposition)** considera que os papéis na área de trabalho entrem em conflito com papéis em outras áreas em função de demandas inconciliáveis. Por causa das responsabilidades duais, que envolvem os casais de dupla-carreira, esses são particularmente vulneráveis aos problemas de oposição/conflito (Roehling & Moen, 2003; Diniz 1993).

A maior parte das pesquisas na área dos estudos da relação trabalho/família tratam estes modelos de forma separada ou como competindo entre si. Com base nos estudos de Lambert (1990), Diniz (1993) traz um elemento a mais para discussão. Segunda a autora, os vários processos descritos pelos modelos explicativos do conflito trabalho e família estão em constante interação. Além disso, possivelmente, existem outros processos que afetam a relação família-trabalho.

Há momentos distintos em que as influências recíprocas do trabalho e da família promovem independência dos contextos ou potencializam as dificuldades. Podemos entender os processos de transbordamento, segmentação, compensação e oposição sobrepondo-se uns em relação aos demais, ao invés de competindo entre si.

O foco de pesquisa na área de estudos da relação trabalho/família com trabalhadores do sexo masculino influi nesta tendência de enfatizar um modelo se sobrepondo ao outro. À medida que a experiência da mulher trabalhadora foi sendo incorporada às pesquisas, as características da interação família e trabalho foram se tornando menos obscuras (Diniz, 1993).

Com a emergência da corrente feminista da terapia familiar, houve uma mudança conceitual no sentido de entender esta interação. As pesquisadoras feministas propuseram um novo modelo, denominado “modelo interativo de interdependência sistêmica”, que leva em consideração a interdependência mútua entre o trabalho e a família e reconhece que estas duas esferas produzem efeitos nas condições sociais e psicológicas do indivíduo (Diniz, 1993).

De acordo com esse modelo, as disfunções nos sistemas familiares podem ser geradas pelo trabalho, da mesma forma como problemas do trabalho podem ter sua origem na família. Desse modo, as soluções para esses problemas precisam levar em consideração a interligação entre as várias instituições sociais e a conexão entre as instituições e o indivíduo (Diniz, 1993).

Loscocco (1997) pondera sobre a importância de verificar o impacto do sistema familiar nas relações entre família e trabalho. Tal perspectiva surgiu a partir de seu estudo sobre a interação trabalho-família entre homens e mulheres trabalhadores. Parasuraman & Greenhaus (1999) também problematizam essa questão, assegurando que as relações conflitantes entre trabalho e família podem ser um fenômeno transitório na vida do indivíduo e não uma condição de *stress* permanente.

Fica claro, então, que as relações entre trabalho e família definem-se e redefinem-se com as mudanças que ocorrem no ciclo de vida da família e do casal. Assim, a relação entre trabalho e família pode ser conflitante quando os filhos são pequenos e se tornar compatível quando os filhos tornam-se adultos e saem de casa. Igualmente, um fator transitório ou momentâneo pode alterar a relação entre família e trabalho, como, por exemplo, a doença de um membro da família que pode implicar na redução da dedicação de tempo ao trabalho.

As teorias que tentam explicar a interação entre trabalho-família – contaminação, compensação, oposição, modelo interativo de interdependência sistêmica, ou do ciclo de vida – apontam que esta relação pode ser positiva ou negativa. De acordo com a revisão feita por Parasuraman e Greenhaus (1999), o sinal positivo ou negativo que marca a relação entre trabalho e família determina duas perspectivas amplas que envolvem a compreensão da relação entre os domínios do trabalho e da família.

A primeira perspectiva refere-se à integração entre o trabalho e a família, quando essa relação é positiva. A segunda diz respeito à abordagem do conflito entre o trabalho e a família, baseada na noção de que trabalho e família se relacionam de maneira negativa.

As teorias da integração entre o trabalho e a família estão de acordo com a noção de que o desempenho de múltiplos papéis pode expandir recursos, criar energia e, ainda, aumentar o bem-estar das pessoas. Desta forma, referenda que as relações entre os dois domínios são positivas (Parasuraman & Greenhaus, 1999).

Há dois processos positivos envolvidos no desempenho de múltiplos papéis: o realce dado aos *status* e o enriquecimento da personalidade. O realce dado aos *status* se refere à aplicação de recursos oriundos de um domínio para o outro, ou seja, dinheiro, *status* social, contatos e outros recursos do trabalho podem gerar o bem-estar da família ou em outro domínio da vida. O processo de enriquecimento da personalidade envolve a transferência de atitudes, habilidades e perspectivas desenvolvidas em um domínio para resolver problemas em outro domínio (Hammer & Thompson, 2003; Parasuraman & Greenhaus, 1999).

A relação positiva entre o trabalho e a família é regida pelo princípio da similaridade, que considera que existe uma correspondência entre os domínios do trabalho e do não trabalho.

Segundo Hammer e Thompson (2003), com o princípio da similaridade, a satisfação no trabalho e na família estão positivamente relacionadas porque compartilham causas comuns. Assim, humores são transferidos de um domínio para o outro e disposições individuais, como a auto-estima, podem levar o indivíduo a responder às exigências da família e do trabalho de forma semelhante. Enfim, um estado de disposição pode influenciar tanto a satisfação no trabalho quanto na família.

O modelo contaminação/transbordamento (spillover) positivo, discutido anteriormente, é uma das abordagens que parte da concepção da integração entre o trabalho e a família (Hammer & Thompson, 2003). Por outro lado, existem modelos que consideram que inter-relação entre o trabalho e a família é negativa ou não integrativa.

Hammer e Thompson, (2003) explicaram a relação negativa entre o trabalho e a família como função dos recursos limitados, como tempo, energia psicológica e física. Nesse sentido, qualquer porção de recurso investido em um domínio se torna indisponível para o outro. A impossibilidade de dedicar tempo e energia suficientes para qualquer um dos dois domínios da vida geraria uma tensão para o indivíduo.

O modelo do transbordamento negativo indicaria a presença de um conflito entre os domínios, uma vez que a tensão originada pela impossibilidade de dedicar recursos suficientes ao trabalho ou à família seria transferida entre os domínios. A teoria da compensação também se refere à relação não integrativa entre o trabalho e a família, pois deficiências em um domínio criam necessidades de compensação em outro domínio. Da mesma forma, o modelo de oposição entre trabalho e família, ou o conflito trabalho família, trata da impossibilidade de integração ou conciliação entre a vida no trabalho e a vida familiar (Hammer & Thompson, 2003; Parasuraman & Greenhaus, 1999).

Quando o modelo de casamento tradicional era a norma, trabalho e a família foram considerados domínios separados e principalmente específicos a cada gênero. Corpos separados da literatura estudavam trabalho e família e raramente havia uma conexão entre os dois campos de estudo. Em função das mudanças sociais e familiares, os estudos passaram a levar em consideração outras estruturas familiares. (Roehling & Moen, 2003; Hsu & Liu, 2003; Parasuraman & Greenhaus, 1999; Wohl, 1999; Diniz, 1993).

O interesse em estudar a relação entre trabalho e família cresceu conforme os tipos de casamento onde ambos os esposos que trabalham fora, em tempo integral, foram se tornando prevalentes. Esse estilo conjugal tornou-se uma configuração proeminente a partir dos anos setenta e está deixando de ser a exceção para se tornar a regra, especialmente nas sociedades

industrializadas (Roehling & Moen, 2003; Parasuraman & Greenhaus, 1999; Spiker & Kees, 1995; Diniz, 1993).

A elevação no número de casais de dupla-renda acendeu o interesse na área de estudos da relação trabalho-família. As pesquisas nesta área têm mostrado que a participação em casamentos numa situação de dupla-renda é estressante para os casais. O índice de divórcio entre eles é alto, provavelmente devido à complexidade do estilo de vida somada à grande quantidade de energia necessária para conseguir equilibrar as demandas do trabalho, do casamento e da vida familiar (Diniz, 1993).

Ao estudarem a relação entre trabalho e família, os pesquisadores podem identificar os desafios, escolhas, e os resultados associados com as responsabilidades combinadas de trabalho e família, como também políticas institucionais e arranjos sociais que constroem ou aumentam as opções e as escolhas de homens e mulheres. (Hsu & Liu, 2003; Kिरrane & Buckley, 2002; Parasuraman & Greenhaus, 1999; Diniz, 1993).

## I - REVISÃO DE LITERATURA

### CAPÍTULO 3 – CASAMENTO DE DUPLA-CARREIRA: UM LUGAR DE GÊNERO

No mundo contemporâneo, a ascensão profissional da mulher redefiniu a face das sociedades capitalistas ocidentais. Nos últimos trinta anos, as mulheres ingressaram maciçamente no mercado de trabalho e a continuidade do emprego feminino se impôs como norma dominante (Bruschini, 2000; Castells, 1999).

As transformações no âmbito do trabalho feminino, considerado como o principal vetor de socialização, de inserção e de identidade social, tiveram efeito direto tanto no registro identitário da mulher, quanto na organização do grupo familiar. Esse fenômeno transformou o mundo do trabalho, o mundo doméstico, as relações de gênero, a família e o casamento (Lipovetsky, 2000; Castells, 1999; Diniz, 1999, 1993).

O mundo contemporâneo assiste, então, ao declínio da família tradicional. Os papéis sexuais que fundaram a dicotomia masculino e feminino se fragmentam diante da quebra do paradigma do modelo patriarcal. O mesmo pode se dizer em relação à divisão sexual do trabalho. Por efeito, as relações de gênero, entendidas como construções de natureza cultural e social que representam um processo contínuo e descontínuo de produção de lugares e poderes do homem e da mulher, se fragilizaram e passaram a ser questionadas (Castells, 1999; Diniz, 1999; 1996; Oliveira, 1997).

O recuo da família patriarcal abre espaço para a rediscussão dos papéis familiares. A legitimidade do princípio de subordinação da mulher ao homem dissipou-se, favorecendo o surgimento de uma pluralidade de arranjos conjugais e familiares. As transformações nas relações familiares e de gênero vêm a se constituir como indicadores do enfraquecimento do aspecto hierárquico da sociedade e de sua flexibilização em relação ao surgimento de arranjos conjugais mais horizontais ou simétricos (Castells, 1999).

Um novo modelo de casal impõe-se no momento em que o trabalho feminino passa a ser considerado um valor. O ideal igualitário, o descrédito dos comportamentos machistas e a emancipação econômica da mulher tende a construir um novo modelo conjugal marcado pela autonomia feminina e pela participação dos dois cônjuges na vida familiar (Lipovetsky, 2000).

Diante deste quadro de transformações sociais emergem novos arranjos familiares onde ambos os esposos trabalham fora em tempo integral. Estamos nos referindo aos casais de duplo-

trabalho (dual-worker) e aos casais de dupla-carreira (dual-career), conforme descrito por Diniz (1999).

O modelo conjugal de duplo-trabalho refere-se aos casais que trabalham fora em tempo integral, em atividades que geralmente não requerem alto-grau de instrução. Essas atividades estão mais sujeitas às interrupções e não possuem uma delimitação de etapas de progressão. Enquadram-se aqui, portanto, todas as profissões que, após a jornada diária de trabalho, não requerem mais nenhum investimento por parte da pessoa que a exerce, a qual fica livre para cuidar de outras áreas da vida. Desse modo, a estrutura tradicional na divisão de papéis familiares não sofre grandes transformações. Em consonância com a literatura, o tipo de atividade exercida pelos cônjuges responde primariamente a razões financeiras (Diniz, 1999; 1993).

O modelo conjugal de dupla-carreira configura-se também como um modelo de duplo-trabalho. No entanto, distingue-se do mesmo em função do maior grau de envolvimento com a carreira por parte de cada cônjuge combinado ao desejo de preservar e manter a vida a dois. Nesse caso, a carreira exige grande dedicação, empenho pessoal e aperfeiçoamento; portanto, interferirá fortemente nos padrões tradicionais, exigindo uma reorganização e re-significação dos papéis de gênero no contexto familiar (Diniz, 1999; 1993). Diniz (1999) nos descreve esse modelo conjugal:

*“[...] são casais onde ambos os esposos exercem profissões conhecidas como “carreiras” por terem uma demarcação clara das etapas de desenvolvimento e progressão, por exigirem um alto grau de instrução e treinamento, de comprometimento com o trabalho e reciclagem constante. São também atividades cujo exercício requer investimento e interesse pessoal altos, principalmente porque as demandas do trabalho são levadas para, ou até mesmo invadem, as outras áreas da vida” (p.35).*

Na década de 1960, Rapoport e Rapoport (apud Diniz, 1993) sinalizaram a existência dessa nova configuração conjugal e empregaram o termo dupla-carreira para identificar esse grupo considerado especial. Para Rapoport e Rapoport (apud Diniz, 1993), a essência dos casais de dupla-carreira reside no fato da divisão de trabalho em relação às funções familiares ser distribuída entre os parceiros com base na igualdade de *status* e não baseada no sexo dos cônjuges. Assim, idealmente, a divisão de funções pode ser efetuada de acordo com as habilidades e inclinações de cada um.

O desafio dos casais de dupla-carreira consiste em conciliar as aspirações de cada um dos cônjuges, sem a subordinação ou sacrifício de um em nome das aspirações do outro. Para tanto,

é necessário o investimento de cada cônjuge no sentido de desenvolver estratégias para combinar a vida profissional com o relacionamento afetivo. Entende-se, portanto, o conceito de casal de dupla-carreira em função do significado atribuído à carreira de cada cônjuge que se constitui como núcleo estrutural do relacionamento, contrapondo-se a outros tipos de casal para os quais a carreira não tem essa dimensão (Roehling & Moen, 2003, 1995; Diniz, 1999, 1993; Spiker-Miller & Kees, 1995; Yogev, 1981).

É fato que o trabalho e mais precisamente a carreira são dimensões da vida de extrema importância, tanto que ainda mantêm seu lugar estratégico na cultura ocidental (Antunes, 1999; Diniz, 1999; Castel, 1995). Tendo como objeto de estudo os casais de dupla-carreira, nosso interesse se concentra especificamente no significado de carreira. Assim, cumpre elucidá-la em detalhes.

A carreira engendra a possibilidade de obter um lugar na sociedade, transcendendo a produção ou a ocupação para gerar renda. Em geral, são profissões que tendem a receber uma melhor remuneração e a conferir maior poder e *status* social. Implica, necessariamente, em ganhar conhecimentos em grau progressivo e na aquisição contínua de mais habilidades por parte das pessoas. Esse processo se realiza através de especializações e pressupõe a transposição de etapas sucessivas. Seguindo nessa direção, a pessoa tende a assumir funções profissionais mais complexas e a aumentar seu valor tanto nas organizações e no mercado assegurando sua empregabilidade, como também em termos de auto-reconhecimento e ascensão social, entre outros (Diniz, 1999).

Para definirmos o significado de uma carreira nos apropriamos do conceito cunhado por Savioli (1991), que foi utilizado na Johnson & Johnson Internacional. O autor propõe uma definição sistêmica de carreira que enfatiza a questão dos projetos pessoais, conjugais, familiares e psicossociais a ela interligados. Nas palavras do autor: “*Carreira é o auto-conhecimento de como as experiências pessoais e profissionais relacionam-se com seu trabalho atual e futuro para maximizar suas habilidades e comportamentos e atingir seus objetivos de vida*” (p.14).

De fato, a carreira tem uma importância vital na vida das pessoas que a possuem, pois fomenta a realização do indivíduo, ao mesmo tempo em que intermedia seus múltiplos papéis perante a sociedade. Nesse sentido, uma carreira tem a função de auxiliar a pessoa no intuito de alcançar o reconhecimento do grupo social e a realização pessoal.

É importante considerar que a relação de homens e mulheres com a carreira é descontínua. Em outros termos, carreira é algo mutável. As mudanças que fazem parte de uma carreira envolvem promoções, mudanças na área de trabalho, relocalizações e reorientações profissionais.

Igualmente, a relação conjugal e a pessoa individualmente são afetadas por inúmeros fatores ao longo do ciclo vital, sejam eles previsíveis ou inesperados. Tais fatores podem interferir no exercício de um ou de outros papéis em diferentes fases da vida (Diniz, 1999; Kerka, 1993).

No que se refere à tomada de decisões em relação à carreira, Kerka (1993) nos alerta que essas devem ser vistas como uma série contínua de escolhas durante a vida. Em geral, as decisões que envolvem uma carreira tendem a acompanhar os momentos de transição próprios do desenvolvimento humano, tais como: casamento, nascimento de filhos, divórcio, doenças, aposentaria, morte, entre outros. Enfim, diversos fatores fazem as pessoas mudarem e repensarem continuamente suas carreiras (Kerka, 1993).

Assim, uma carreira deve levar em consideração a globalidade da pessoa, seus múltiplos papéis e o estágio de desenvolvimento em que se encontra no ciclo vital. Esta asserção se refere aos homens e, principalmente, às mulheres, levando em consideração que a maternidade e a família são um aspecto importante a ser avaliado em termos de desenvolvimento profissional (Levinson, 1979).

Fica claro que casamento e trabalho são processos cambiantes. Mesmo assim, conciliar trabalho, vida pessoal, conjugal e familiar é uma tarefa árdua e intrincada que exige, especificamente, dos casais de dupla-carreira um maior distanciamento dos papéis de gênero tradicionalmente prescritos para o homem e a mulher. Implica, portanto, num maior grau de flexibilidade de cada cônjuge no sentido de questionar a educação de gênero recebida a fim de reconstruir os modos de ser homem e ser mulher (Diniz, 1999).

Em estudo que se voltou para a compreensão da dinâmica dos casais de dupla-carreira, Silberstein (1992) constatou que esses casais nos permitem vislumbrar algumas mudanças no que se refere às regras nas relações de gênero. Para a autora, o casamento de dupla-carreira trata-se de um sistema em transição, pois desafia as regras e as relações de gênero e altera o modelo de casamento tradicional. Embora ainda permaneça a divisão de papéis sexuais dentro do domínio privado, essas uniões tendem a ser menos hierárquicas e a contar com uma maior participação dos homens em relação aos cuidados dos filhos e na divisão das tarefas domésticas.

A vida do casal de dupla-carreira implica na administração de múltiplos papéis sociais. Esses papéis são diferenciados entre si e modificados pelas inovações produzidas pela própria interação entre os cônjuges. Esse processo afeta tanto às mulheres, ao contarem com maior participação do homem nas tarefas do lar, quanto os homens, por terem que se adaptar às múltiplas demandas dos papéis profissionais de suas esposas.

Idealmente, há uma tendência inicial à igualdade nas relações afetivas associadas aos casais de dupla-carreira. Homens e mulheres iniciam seus relacionamentos em bases igualitárias.

Diante de fortes pressões sociais, esses casais podem se fragilizar e encontrar dificuldades para enfrentar as críticas que acompanham os casais que se aventuram a assumir um relacionamento fundado em bases igualitárias.

Em perspectiva similar, Hoffman e Hoffman (1985) enfatizam o aspecto revolucionário do casamento de dupla-carreira, uma vez que, a partir do momento em que a mulher não permanece no espaço doméstico em tempo integral e seu salário passa a fazer parte do orçamento doméstico, novas formas de organização familiar e de relação conjugal serão pensadas. Estes autores detiveram-se em investigar as principais características deste estilo conjugal.

Uma outra questão que distingue os casais de dupla-carreira refere-se à entrada simultânea de dois salários diferenciados em função das carreiras. Essa característica é determinante na alteração da divisão do poder dentro do espaço conjugal, pois esse estilo de casamento permite à mulher ocupar o papel de co-provedora da família. O estudo de Beckhan (1999) confirma que as mulheres de classe média que possuem um trabalho remunerado têm maior influência sobre as decisões financeiras da família. Por efeito, ambos os esposos têm a possibilidade de compartilhar as práticas decisórias, desde as mais simples até as mais importantes (Diniz, 1999, 1993; Levinson, 1996; Silberstein, 1992; Hertz, 1986).

A partir de um *survey* nacional com 2000 indivíduos, sendo 984 homens (49,2%) e 1016 mulheres (50,8%), Araújo e Scalon (2005) investigaram as percepções de homens e mulheres sobre a interação entre família e trabalho. O estudo ratificou a predominância do compartilhamento na administração dos recursos financeiros entre os casais brasileiros que trabalham fora.

Sem dúvida, a dimensão econômica continua relevante para determinar o grau de autonomia nas relações conjugais. Ter dinheiro e controle sobre ele pode significar a ampliação de poder dentro do espaço conjugal, tanto no que se refere à administração dos recursos financeiros, quanto às práticas decisórias sobre a sua aplicação.

Nas camadas médias urbanas, a remuneração financeira dos dois cônjuges é capaz de influenciar também a divisão sexual do trabalho doméstico. Os casais de dupla carreira tendem a compartilhar de uma forma mais equilibrada a distribuição de tarefas e de ações para com os filhos quando comparados a outros modelos de casamento, principalmente, quando a mulher tem renda igual ou maior que a do marido (Walsh, 2002; Lipovetsky, 2000; Dios, 1997; Diniz, 1993).

Apesar do véu de modernidade que envolve os casamentos de dupla-carreira, não se pode superestimar a profundidade dessas mudanças. Ainda há dificuldades para se romper com os padrões tradicionais, uma vez que são as mulheres que assumem na esfera doméstica, o papel de

“chefes executivas”. Silberstein (1992) utiliza o termo ‘executivas’ para se referir à forma como as mulheres de classe média delegam as tarefas relativas à manutenção da casa, contratam pessoas para lhes darem apoio em relação aos filhos, pagam boas escolas e encontram soluções estratégicas para gerenciar o lar.

Mesmo quando trabalham fora em tempo integral, as mulheres envolvidas em casamentos de dupla-carreira, tendem a se responsabilizar pela casa e pelos cuidados com os filhos, determinando as regras da organização familiar. A postura feminina em relação ao padrão de cuidado com a casa e com os filhos gera a expansão do papel feminino na sociedade e não sua redefinição, conforme proposto pelo movimento feminista na década de 70 (Roehling & Moen, 2003; Diniz, 1999, 1993; Yogev, 1981).

Em geral, nas camadas médias, os homens envolvidos em casamentos de dupla-carreira são mais participativos quanto à administração da casa e mais engajados nos cuidados com os filhos do que o homem tradicional. Contudo, essa participação ainda é mínima e desproporcional à demanda de trabalho doméstico que a mulher assume. Sua participação é pontual, muito raramente estrutural (Araújo e Scalon, 2005; Roehling & Moen, 2003; Lipovetsky, 2000; Jablonski, 1999; Diniz, 1999, 1993; Almeida et al, 1993).

Nesse contexto, é a mulher que tem arcado com o ônus da mudança ou da expansão de papéis. A mulher continua a desempenhar predominantemente o papel de cuidadora em relação ao lar, ao marido e aos filhos. Ao mesmo tempo, os homens também lhe creditaram a responsabilidade pelos filhos e pela casa. O apoio que os maridos lhes oferecem reflete uma ajuda solidária. Portanto, no jogo entre o público e o privado o ônus maior é da mulher (Araújo & Scalon, 2005; Roehling & Moen, 2003; Hsu & Liu, 2003; Rocha-Coutinho, 2003; Moen & Yu, 2000; Bruschini, 2000; Diniz, 1999).

De outra parte, observamos também incongruências entre a postura ideológica e a ação concreta por parte de ambos os cônjuges, mas, principalmente por parte do marido. Os homens tendem a articular um discurso igualitário que raramente se reflete em atitudes concretas no cotidiano de vida do casal. Por exemplo, na percepção masculina, eles realizam mais atividades domésticas do que é percebido pelas mulheres (Araújo & Scalon, 2005; Perlin & Diniz, 2005; Jablonski, 1999; Diniz, 1999, Barnes, 1994).

Já as mulheres têm dificuldades em dividir equitativamente com o marido as responsabilidades em relação à casa e aos filhos. Em geral, tendem a colocar empecilhos na atuação doméstica dos homens. De forma contraditória, parece que as mulheres não estão dispostas a abrir mão daquilo que consideram suas funções “naturais” (Perlin & Diniz, 2005;

Rocha-Coutinho, 2003; Lipovetsky, 2000; Levinson. 1996; Barnes, 1994; Silberstein, 1992; Hertz, 1986; Yogev, 1981).

De acordo com os depoimentos das mulheres de carreira entrevistadas por Silberstein (1992), a incoerência entre a prática e o discurso feminino parece aludir ao sentimento de que a carreira não lhes é suficiente. Parece que as mulheres precisam continuar desempenhando os papéis tradicionais de esposa e mãe e, por vezes, de donas de casa. Segundo observou Silberstein (1992), tal postura correlaciona-se diretamente à necessidade de preservarem seu senso de identidade, voltado ao cuidado dos filhos. Assim, os padrões tradicionais tornam-se difíceis de serem mudados.

Badinter (1986) sublinha que esse fenômeno deve ser interpretado como uma reação diante do recuo de uma posição preeminente, uma resistência à perda de poder materno que muitas mulheres não desejam partilhar. Lipovetsky (2000) re-afirma que o lugar preeminente das mulheres nos papéis familiares se mantém porque se trata de um fenômeno que intervém em uma busca de sentido e de necessidades identitárias.

Segundo Gilligan (1982), a atividade de cuidar faz parte do desenvolvimento moral das mulheres. Devido à consciência da permanente importância do apego na vida humana, as mulheres exercem um esforço contínuo para cumprir os papéis prescritos para elas no âmbito da família e do casamento. Assim, quando as mulheres buscam uma carreira, dirigindo-se para a autonomia e independência, o cuidado parece ficar ameaçado, especialmente nas situações em que elas são casadas e possuem filhos.

Nesse sentido, Vaitsman (1994) ressalta o sentimento de fragmentação da identidade vivenciado pelas mulheres diante da necessidade de conciliarem os papéis de mãe e esposa com o papel profissional. A autora denominou de “*ruptura do consenso*”<sup>5</sup> esse movimento inerente ao mundo feminino, onde as mulheres experimentam o exercício do papel de mãe e do papel de profissional como conflitantes.

A posição dessas mulheres no mercado de trabalho remunerado possibilitou a diluição dos valores tradicionais interiorizados. Porém, a aceitação de novos padrões de comportamento parece colidir ainda com os antigos discursos definidores da identidade feminina (Rocha-Coutinho, 2003; 2000; Vaitsman, 1994).

---

<sup>5</sup> Vaitsman, J. (1994). *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. (p. 133) Rio de Janeiro: Rocco.

Homens e mulheres dizem concordar com a necessidade de uma atitude igualitária e, contraditoriamente, adotam no cotidiano uma postura tradicional. As incoerências entre a prática e o discurso tanto masculino quanto feminino é nítida e referendada por diversos estudos que indicam um processo de mudança nas percepções de homens e mulheres em direção a uma cultura mais igualitária, convivendo com a permanência de práticas mais tradicionais que parecem mudar de forma bastante lenta (Araújo & Scalon, 2005; Picanço, 2005; Miranda-Martins & Diniz, 2005; Lipovetsky, 2000; Rocha-Coutinho, 2000, 2003; Diniz, 1999; Vaitsman, 1994).

Essa dinâmica permite entrever que não houve uma reorganização da vida pública e privada que responda a uma paridade entre os sexos. Talvez estejamos diante de um misto de avanço igualitário e de continuidade não igualitária. Por mais significativas que sejam essas mudanças, são morosas, limitadas, resistentes. E, ainda, incapazes de aproximar homens e mulheres de uma democracia doméstica (Lipovetsky, 2000).

Em consonância com Levinson (1996), podemos dizer que se estabelece desta forma o “*casamento neo-tradicional*” (p.313), um modelo conjugal intermediário entre o tradicional e o igualitário, que favorece principalmente às mulheres a combinarem dois sonhos: o de sucesso profissional por meio de uma carreira com o de mãe e esposa.

Quanto o assunto é a carreira, os papéis tradicionais atribuídos aos homens e as mulheres permanecem ditando as regras. Se os casais de dupla-carreira são forçados a fazer escolhas entre a carreira do marido e a carreira da esposa, com raras exceções é a carreira do marido que é priorizada em detrimento da carreira da esposa.

Quando um dos cônjuges, geralmente a mulher, tem de abdicar de seus interesses pessoais em favor dos planos do parceiro ou das necessidades do grupo familiar, as diferenças de gênero se transformam em dilemas. Fatores como assimetrias de gênero na divisão de tarefas, na administração doméstica, na educação e nos cuidados dos filhos, na realização e investimento profissionais, percepções diferentes em relação aos papéis de homens e mulheres no casamento e na família se tornam zona de tensão para os casais de dupla-carreira (Diniz, 1999,1993).

Parece que as mulheres estão dispostas que a abdicar da construção de suas carreiras mais facilmente do que os maridos, principalmente quando têm de fazer escolhas que podem levar a rupturas na vida da família como, por exemplo, trabalhos que requerem uma carga horária pesada, que exijam viagens constantes, ou recolocação. Ao mesmo tempo em que a carreira lhes acena com novas possibilidades de papéis sociais, parece também ameaçar sua capacidade de cuidadora direta, delineando-se um outro perfil para o qual não foram socializadas (Roehling & Moen, 2003; Spike & Miller, 1995, Levinson, 1996).

Por efeito, muitas mulheres têm dificuldade de assumirem para si o desejo de realização pessoal e profissional, podendo apresentar, inclusive, condutas evasivas diante de metas profissionais. Lerner (1990) denomina de “subfuncionamento” a dinâmica frequentemente enraizada entre as mulheres que diz respeito à redução de suas ambições profissionais com o objetivo de apoiar seu marido e preservar a harmonia do relacionamento. Nas palavras da autora: “quando colocadas frente a frente com a escolha (fantasiada ou real) de sacrificar o self para preservar um relacionamento, ou reforçar o self ao risco de ameaçar um relacionamento, as mulheres geralmente preferem a primeira alternativa”. (p.176). Essa concepção é referendada por vários autores, entre eles: Hertz (1986), Silberstein (1992) e Levinson (1996). Sendo assim, pode-se entender porque a carreira na vida das mulheres é parte co-central da estrutura de suas vidas, vindo após o amor, o casamento e a família.

Levner (2002) traz um elemento a mais para a discussão ao problematizar o antigo conceito de “família com dois profissionais”. Segundo o autor, esse conceito implica necessariamente que o trabalho é mais importante que a vida em família. Se a vida em família é parte secundária, restam primordialmente apenas “duas profissões”. Como a mulher ainda tem sua imagem construída em torno do papel de mãe, a vida profissional dela passa a ser considerada secundária, mesmo que a mulher seja mais bem remunerada. Enquanto os homens são vistos como distantes do lar, mesmo que estejam bastante envolvidos.

Para solucionar a questão, Levner (2002) propõe um novo conceito para a família onde existem dois profissionais, ou seja, a “família de tripla jornada”, onde a terceira jornada diz respeito à vida familiar. Com base nessa nova terminologia, Levner (2002) faz uma crítica aos estudos e abordagens terapêuticas que se reportam às famílias de duplo-trabalho, priorizando a dimensão profissional em detrimento da vida familiar e doméstica. Para avançar na discussão, nossa atenção se volta agora para o entendimento do conflito entre a família e o trabalho.

### **3.1 Conflito trabalho e família**

O conflito entre trabalho e família é definido por Greenhaus e Beutell (1985, *apud* Parasuraman & Greenhaus, 1999) como a pressão percebida pela incompatibilidade de papéis entre o trabalho e a família. O conflito trabalho/família é resultado de demandas e pressões simultâneas, mutuamente incompatíveis em algum aspecto, originadas no trabalho e na família. Em função dessa incompatibilidade, o desempenho de um papel é dificultado ou prejudicado pelo desempenho no outro papel. Por exemplo, o conflito trabalho/família pode acontecer quando um pai tem de sair do trabalho para cuidar de um filho doente, ou quando um empregado leva para casa tarefas do trabalho para serem realizadas durante o tempo em que está com a

família. O conceito de papel refere-se ao resultado de expectativas de outros sobre o comportamento apropriado em uma posição particular. Enquanto o conflito de papel é descrito como a tensão psicológica despertada pelas pressões de papéis mutuamente conflitantes (Hammer & Thompson, 2003).

Segundo Parasuraman e Greenhaus (1999), as pesquisas atuais tendem a investigar o conflito trabalho/família a partir de uma perspectiva bi-direcional. Isso significa que o conflito seria do trabalho para a família quando as demandas do trabalho interferem na qualidade da vida familiar, e da família para o trabalho quando as responsabilidades familiares interferem com as responsabilidades do trabalho. Hammer e Thompson (2003) corroboram a questão, afirmando que o suporte teórico dado às duas direções do conflito, conflito trabalho/família e conflito família/trabalho, deveriam ser estudados em nível recíproco ou bidirecional.

Convém ressaltar a importância do tópico para os estudos da relação entre trabalho e família. Essa é uma área importante de estudo para os pesquisadores em virtude do número cada vez maior de homens e mulheres trabalhadores afetados pela multiplicidade de papéis. Pesquisas atuais sugerem que sejam relacionados níveis altos de conflito de trabalho/família a resultados disfuncionais para o indivíduo (por exemplo: descontentamento de vida, ansiedade, depressão, prejuízos para a saúde física e mental), para as relações (por exemplo: conflito interpessoal aumentado, divórcio) e para as organizações (por exemplo: absentismo, atraso, perda de empregados talentosos) (Hammer & Thompson, 2003).

A partir da revisão de literatura realizada por Hammer & Thompson (2003) constatamos que diversas pesquisas<sup>6</sup> que abordam o tema conflito trabalhar/família basearam-se na premissa que o exercício de múltiplos papéis cria uma tensão inevitável como sugerido pela teoria de escassez de papel (Goode, 1960 *apud* Hammer & Thompson, 2003).

O grande questionamento é atribuído ao fato de que pessoas que estejam envolvidas em uma multiplicidade de papéis sociais, frequentemente são confrontadas com vários estressores. Essa é a razão porque alguns estudiosos pensam ser a multiplicidade de papéis a causa de prejuízos no bem-estar psicológico. Porém, esses estressores (eventos indesejáveis e persistentes) só causarão *distress* (tensão psicológica caracterizada pela depressão e ansiedade) quando atuarem fazendo mudanças negativas nos papéis das pessoas, provocando a diminuição do auto-conceito e da auto-estima, e quando mediadores como suporte e enfrentamento não

---

<sup>6</sup> (Chapman, Ingersoll-Dayton, & Neal, 1994; Frone et al, 1992; Goff, Monte, & Jamison, 1990; Martele, Allen, & Grigsby, 1997 *apud* Hammer & Thompson, 2003 ),

estiverem presentes ou não se apresentarem adequados (Hammer & Thompson, 2003; Possatti & Dias, 2002).

Porém, há um corpo crescente de pesquisa que encontrou evidências de transbordamento positivo, em ambas as direções, ou seja, do trabalho para casa e da casa para o trabalho. Os resultados de algum desses estudos confirmam a hipótese de expansão que propõe que a provisão de energia de um indivíduo é abundante e expansível (Marks, 1977 *apud* Parasuraman & Greenhaus, 1999).

Para teorias de acumulação de papéis como a *hipótese da expansão* (Marks, 1977 *apud* Parasuraman & Greenhaus, 1999), ao desempenhar vários papéis os indivíduos não acumulam apenas obrigações, mas, também, passam a desfrutar de privilégios e recompensas. Caso essas prerrogativas e recompensas sejam maiores que as preocupações, a pessoa obtém ganhos para a sua personalidade, favorecendo o bem-estar psicológico. Portanto, torna-se de suma importância considerar a qualidade dos papéis desempenhados (Hammer & Thompson, 2003; Possatti & Dias, 2002).

Outros autores enfatizam a importância das requisições de papel para dar sentido à vida de uma pessoa, pois tais papéis provêm fontes adicionais de apoio social, habilidades aumentadas, e aumentam o auto-conceito e o bem-estar. Devemos considerar também que as identidades são sustentadas pelos relacionamentos de papéis. Sendo assim, quanto mais posições o indivíduo ocupar, maior será sua segurança existencial, o que é considerado de vital importância para o bem-estar psicológico (Hammer & Thompson, 2003; Possatti & Dias, 2002).

### **3.2 Os casais de dupla carreira e o conflito trabalho/família**

O conflito de trabalho/família é particularmente agudo entre casais de dupla-carreira, pois nenhum dos esposos está prontamente disponível para responder às demandas familiares e profissionais de forma simultânea. Em pesquisa quantitativa que buscou investigar o impacto do gênero e do ciclo vital em homens e mulheres na tentativa de conciliarem trabalho com responsabilidades familiares, Higgins, Duxbury e Lee (1994) analisaram uma amostra de 3.613 pessoas provenientes das 10 províncias do Canadá. Os resultados evidenciaram que os conflitos decorrentes dessa conciliação são mais evidentes nas mulheres.

Higgins, Duxbury e Lee (1994) constataram que é mais problemático para as mulheres conciliarem satisfatoriamente trabalho e família, uma vez que além delas mesmas, os homens também lhe creditaram a responsabilidade pelos filhos e pela casa. Em termos práticos e

comparativos aos homens, essa postura se refletiu em mais horas dedicadas à família, principalmente no estágio do ciclo vital em que os filhos são pequenos.

Em outras palavras, independente de trabalharem o mesmo número de horas ou mais que seu cônjuge, as mulheres ainda são responsáveis pela maior parte das atividades domésticas. Em geral, as mulheres acumulam maior sobrecarga de trabalho (Clarkberg & Merola, 2003; Roehling & Moen, 2003; Higgins, Duxbury & Lee, 1994, Marshall & Barnett, 1993; Cook 1993).

Segundo, Higgins, Duxbury e Lee (1994), mesmo durante o horário de expediente, a mulher se mantém no papel de mãe e esposa (atendendo telefonema dos filhos, ou da empregada, ou saindo mais cedo para levar as crianças ao médico, à escola etc), ao passo que o mesmo não acontece com os homens. Diniz (1999) traz um elemento a mais para discussão ao afirmar que a conciliação entre as responsabilidades familiares e as profissionais é mais aguda para as mulheres, em virtude dos homens tenderem a dissociar família e trabalho.

O' Neil *et al.* (1987, apud Diniz, 1993) asseguram que a qualidade da relação matrimonial tem um papel fundamental na vida dos casais que trabalham fora, uma vez que este fator pode potencializar ou prejudicar o crescimento profissional. Fato indiscutível é que na relação entre trabalho/família diversos fatores podem comprometer a satisfação conjugal. Becker & Moen (1999) constataram que os aspectos que transcendem ou alteram os papéis conjugais em virtude do alto grau de envolvimento com a carreira são potencialmente desestruturantes para a satisfação conjugal.

Em geral, quando as tensões do trabalho afetam o humor e a saúde de um dos esposos, é mais provável afetar as mulheres do que os homens. Ao mesmo tempo, há uma correlação positiva entre o número de horas de trabalho das esposas, a tensão nos papéis sociais das esposas e a depressão de seus maridos (Roehling & Moen, 2003; Galambos & Walters, 1992).

De outra parte, a carga de trabalho do marido e a tensão relacionada ao trabalho mantêm correlação positiva com a sobrecarga de papel da esposa, ansiedade e depressão. As horas de trabalho do marido também predizem a insatisfação marital da esposa. Contudo, boa parte da insatisfação feminina está correlacionada com a fadiga oriunda de demandas conflitantes entre trabalho, lar e família ou da sobrecarga de tarefas (Roehling & Moen, 2003; Galambos & Walters, 1992).

Diante do quadro aqui delineado, parece claro que o casamento de dupla-carreira se constitui numa estrutura que está exposta a um grau elevado de dificuldades. Este estilo de casamento pode ser muito estressante em virtude da grande necessidade de mudanças ou ajustes nos papéis sexuais que antes eram bem definidos (Walsh, 2002; Diniz, 1999, 1993).

Hobfoll e Hobfoll (1994) estudaram o cotidiano de casais de dupla-carreira nos Estados Unidos e identificaram diversas áreas de estresse que dificultam o cotidiano desses casais. Dentre as questões identificadas estão a preocupação com a saúde dos filhos, adequado tempo de sono de cada cônjuge, necessidade de negociação das regras entre o casal, pouco tempo para a vida conjugal, para participarem de grupos sociais e manterem mais contato com a família. Esses fatores podem comprometer a duração da união e a qualidade da relação. Porém, podem ser minimizados ou não pelo grau de flexibilidade do casal para compartilhar tarefas e negociar seus múltiplos papéis (Diniz, 1999, 1993).

Neste sentido, Diniz (1999) assegura que a satisfação no casamento de dupla-carreira associa-se à capacidade de ambos os cônjuges lidarem e congregarem as atividades profissionais e familiares. A esse respeito, a autora tece o seguinte comentário: “... *quanto maior a congruência entre os esposos, ou seja, quanto mais o marido e a mulher comungarem os mesmos valores e atitudes em relação ao trabalho e à família, maior facilidade eles terão em negociar as dificuldades e estresses resultantes do desempenho de múltiplos papéis*” (Diniz, 1999, p.38).

Ao mesmo tempo, vale dizer que o trabalho remunerado é crucial para o bem-estar de homens e mulheres envolvidos em casamentos de dupla-carreira, já que o trabalho abranda as tensões em casa, amplia a rede de relações sociais, e oferece oportunidades para compromissos significantes e sucesso que não estão disponíveis àqueles que não trabalham (Barnett & Hyde, 2001).

O trabalho também propicia aos homens e as mulheres a realização pessoal. O bem-estar desses casais é maximizado quando seus comportamentos e atitudes entre trabalho e família se interrelacionam e são consistentes com os papéis de gênero para os dois cônjuges (Roehling & Moen, 1994). Portanto, ressaltamos que há vantagens e desvantagens em ser um casal de dupla-carreira.

A fim de investigar as percepções que homens e mulheres têm das vantagens e desvantagens de combinar dois trabalhos com a vida conjugal e familiar, Diniz (1999) realizou pesquisa com o objetivo de conhecer a realidade brasileira, congregando uma amostra de 27 casais de duplo-trabalho do Distrito Federal. Os dados revelaram também as estratégias utilizadas por esses casais para conciliar as demandas da interação família e trabalho.

As respostas de homens e mulheres sobre as vantagens e desvantagens de congregar família e trabalho permite-nos entrever a complexidade que envolve esse estilo de casamento. Ao mesmo tempo em que os casais revelaram as dificuldades inerentes à condição de duplo-

trabalho, também reconhecem seus diversos aspectos positivos no plano pessoal e relacional (Diniz, 1999).

Dentre os aspectos positivos desse estilo de casamento, os casais destacaram: a realização profissional, maior grau de auto-estima e independência, aumento da qualidade de vida, possibilidade de melhoria na afinidade intelectual e relacional entre os cônjuges. Especificamente para os homens, este estilo de casamento abranda o peso da responsabilidade de prover a família e amplia a possibilidade de expressão das necessidades afetivas. Para as mulheres, o senso de competência e a elevação da auto-estima proveniente do trabalho são percebidos como elementos capazes de revitalizar o desempenho dos papéis familiares (Diniz, 1999).

Um resultado digno de nota refere-se ao conjunto de respostas das mulheres em relação às desvantagens do trabalho para si mesmas e seus parceiros. Este item agrupou o maior número de menções à conjugalidade, revelando que as mulheres consideram que é o relacionamento conjugal que paga o ônus pela sobrecarga e falta de tempo decorrentes do envolvimento com o trabalho e com a família (Diniz, 1999).

Cumprir lembrar que os casais de dupla-carreira tendem a priorizar os papéis parentais e a família em detrimento da relação conjugal. Neste sentido, Diniz (1999) ressalta que o tempo reduzido e a disposição para nutrir a relação podem estar correlacionados com a baixa satisfação conjugal e aumento de conflito entre os parceiros.

Diniz (1999) identificou também as estratégias que os casais utilizam para conciliarem casamento com trabalho e as denominou de 'uso de recursos'. Dentre esses estão os recursos pessoais (humor, disponibilidade), os recursos interpessoais (aspectos comunicacionais) e os recursos ambientais (tecnologia moderna nos aparelhos domésticos, contratação de empregadas domésticas, escolas) que têm como função favorecer a adaptação do casal a um novo estilo de vida.

Em perspectiva similar, Perlin e Diniz (2005) desenvolveram pesquisa quantitativa que buscou investigar a satisfação no casamento de homens e mulheres que optaram por relacionamentos de duplo-trabalho. Os resultados atestam que esses casais parecem estar desenvolvendo estratégias e recursos próprios para enfrentarem as situações estressantes do cotidiano e outros dilemas contemporâneos no intuito de manterem a qualidade de seus relacionamentos. Ademais, as autoras constataram que a satisfação conjugal nos casamentos de duplo-trabalho não é um mito. Trata-se de uma realidade ansiada e procurada pelos casais que têm que conciliar família e trabalho.

A partir do momento em que as referências e os modelos conjugais mudaram drasticamente, os paradigmas com relação a um casamento saudável e satisfatório tornaram-se obsoletos e não se adaptam mais à complexidade da vida da maioria dos casais. Estabelecer um vínculo representa agora um desafio muito grande, principalmente para os casais de dupla-carreira, visto que as rápidas mudanças sociais das últimas décadas colocaram em discussão os méritos e a validade dos acordos conjugais e os padrões que eram bons para as gerações precedentes.

Portanto, para os casais de dupla-carreira, integrar trabalho e família é questão primordial atravessada pela ética, na busca de uma relação de importância e prioridade mais equilibrada entre esses dois domínios que representam dimensões centrais da vida (Roehling & Moen, 2003; Bankert & Lobel, 1999; Wohl, 1999; Diniz, 1993). Torna-se extremamente importante para os casais de dupla-carreira aprender a conciliar as inúmeras demandas às quais estão sujeitos e o estresse advindo deste contexto, assim como se planejem ativamente para isso, a fim de manterem a estabilidade e a satisfação conjugal (Walsh, 2002; Spiker & Kees, 1995).

Há muitos mitos em torno do casamento normal, ou ideal. Contudo, um número cada vez maior de casais experimenta novas formas de relacionamentos na ausência de modelos que funcionem como guia, entre eles encontramos os casais de dupla-carreira. A inexistência de modelos sociais que prevejam essa forma de interação conjugal se supera apenas pela criatividade com que esses casais administram seus dilemas relacionais.

## II – METODOLOGIA

### 1. Contextualização da pesquisa

O fim do século XX consagra a passagem da ciência clássica à contemporânea, obrigando-nos a pensar o mundo em toda a sua complexidade. De fato, a ciência tradicional tornou-se inadequada para lidar com situações complexas, instáveis, que demandam o reconhecimento da participação do ser humano no curso dos acontecimentos (Esteves de Vasconcellos, 2002; Morin, 1996).

A partir da década de 50, verificamos no campo científico uma reivindicação por novas formas de conhecimento e por metodologias capazes de compreender e explicar fenômenos, que não podiam ser suficientemente explicados a partir dos postulados da visão mecanicista, linear, de causa e efeito. É nesse contexto que emergem as abordagens metodológicas qualitativas, permitindo um novo olhar sobre os fenômenos humanos e sociais.

Na atualidade, os avanços da ciência vêm provocando a desconstrução e, ao mesmo tempo, a reconstrução do conteúdo e da forma de produzir e entender o conhecimento científico. Podemos dizer que as fronteiras entre objeto e sujeito estão sendo demovidas diante do redimensionamento de novos paradigmas proposto para pensar a realidade.

Deparamo-nos, então, com novos paradigmas fundados sob a idéia de uma nova ciência que enfatiza a singularidade relacional entre sujeito e objeto, a subjetividade do pesquisador no processo de pesquisa, o conhecimento como um processo de co-construção entre pesquisador e pesquisado e, por efeito, os aspectos qualitativos intrínsecos nesse processo ganham mais importância (Brito & Leonardos, 2001; Berg, 1998; Schnitman, 1996).

Com essas questões, a orientação metodológica de nosso estudo baseia-se nesses pressupostos em virtude do entendimento de que o processo de conhecimento passa pela construção e interpretação do pesquisador. Essa asserção nos remete a pensar que a idéia de 'realidade', enquanto fenômeno objetivo, não existe, mas é uma criação do ser humano. Isso não significa a negação da existência de uma realidade. Trata-se de recusar a possibilidade do observador humano ter acesso objetivo ao conhecimento dessa realidade em si, com total isenção. Partimos de uma posição epistemológica que preconiza não ser possível haver percepção da realidade que não esteja influenciada pela subjetividade. Portanto, a pedra de toque de nossa investigação deve ser a relação entre conhecimento e realidade (Grandesso, 2000, Glasersfeld, 1996, 1989).

Ao mesmo tempo, entendemos o processo de conhecimento como fundamentalmente qualitativo por ter o compromisso permanente com a reflexão e compreensão da experiência humana sem se pautar no aspecto instrumental técnico e de análise utilizados. Na descrição de Denzin e Lincoln (1994), a pesquisa qualitativa possibilita trabalhar com diferentes informações, montando-as como um *bricolage*, de maneira prática e segura. Consiste em um campo de múltiplas metodologias e práticas de pesquisa, permitindo o uso de métodos e técnicas diversas, que inclui basicamente uma abordagem interpretativa do objetivo.

De uma forma ou de outra, a questão da interpretação permeia os processos de conhecimento, em especial aqueles intermediados pela linguagem e seus significados. Neste sentido, adotamos a concepção de interpretação defendida por Rey (1997) na condução de nossa análise. Essa não é concebida como tradutora de nenhuma categoria universal estabelecida dentro de uma abordagem teórica ou de “*categoria particulares pré-estabelecidas, que como tais constituiriam instâncias redutoras de riqueza, diversidade e singularidade do objeto de estudo*” (p.38).

Em nosso estudo inscreve-se como referência teórica a perspectiva de gênero no contexto do ciclo da vida conjugal e familiar; mas, sua utilização não confere a seus pressupostos um caráter de exclusividade ou de verdade. Inscreve-se também a inferência que tem lugar num processo dedutivo lógico, como o utilizado na forma de realizar nossas análises.

A metodologia qualitativa implica necessariamente em entender e em interpretar os sentidos e as significações que uma pessoa dá aos fenômenos em foco, através de inúmeras técnicas em que são valorizados o contato pessoal e os elementos do setting natural do sujeito, ou seja, é a valorização da subjetividade do outro e do próprio pesquisador (Turato, 2003).

A metodologia qualitativa nos permitiu investigar de forma abrangente o processo dinâmico e complexo da experiência de vida de casais de dupla-carreira. Levamos em consideração que estudar uma pessoa como parte de um casal pressupõe o reconhecimento do sistema conjugal em sua interface com o sistema individual, dentro de um desenvolvimento crescente, dinâmico e interatuante com outros sistemas mais amplos, como a família extensa e o sistema social.

A fim de articular dimensões individuais e relacionais que agregam a complexidade da díade na esfera conjugal, nos amparamos num método que qualifica tanto o aspecto individual, quanto o aspecto conjugal em cada estudo de caso realizado. Os discursos individuais e conjugais foram interpretados a partir da análise que buscou integrar os dados e significados de ambas as dimensões. A investigação da díade procurou dar ênfase a um padrão mútuo e interdependente de ações e atributos entre duas pessoas e não apenas construções individuais sobre elas. Nesse

sentido, a análise dos discursos individuais e dos discursos dos casais entrevistados foi reordenada a partir da associação dos dois relatos.

O procedimento metodológico escolhido foi o estudo de casos múltiplos. Essa escolha teve como propósito explorar situações da vida real de casais de dupla-carreira, os quais tiveram a oportunidade de expressar suas experiências de vida. O estudo de caso favoreceu uma compreensão ampla acerca tanto do funcionamento individual, quanto do funcionamento do casal estudado.

O estudo de caso também possibilitou compreender a interação casamento-trabalho, como uma experiência a ser entendida na relação com o contexto social, em especial com a construção de gênero. Desse modo, reconhecemos que a vida de um indivíduo está interconectada com o contexto social no qual esse se insere e que um não pode ser adequadamente compreendido sem a consideração do outro.

## **2. Universo de Pesquisa**

### **2.1 Participantes**

O grupo estudado faz parte de um universo específico, que Velho (1981) denomina de universo familiar. Trata-se de um mundo conhecido pelo próprio pesquisador, ao qual ele pertence e dentro do qual consegue encontrar as pessoas em categorias mais amplas. Essas pessoas dispõem de um tipo de informação especial, devido ao fato de terem passado por certas experiências sociais que são relevantes para o objeto de pesquisa.

Os critérios para participação no estudo foram determinados em função da caracterização do grupo a ser pesquisado. Fizeram parte desse estudo cinco casais de dupla-carreira, pertencentes à classe média brasileira, na faixa etária entre 24 e 48 anos. Ambos os esposos trabalham em período integral 40 h e possuem formação acadêmica de nível superior completa com investimento em cursos de especialização, pós-graduação e cursos de aperfeiçoamento profissional, caracterizando, portanto, um alto nível de envolvimento na carreira.

Considerando que os relacionamentos de dupla-carreira são mais vulneráveis ao estresse e a crises conjugais (Diniz, 1999; Hobfoll & Hobfoll, 1994; Hertz, 1986) optamos por investigá-los nos diferentes momentos do ciclo de vida conjugal e familiar. A seguir, apresentamos um quadro com os dados gerais acerca de cada cônjuge e de cada casal.

Nome	Idade	Tempo de Casados	Formação Acadêmica	Profissão	Nº Filhos	Idade
<b><u>Casal 1</u></b>						
Andréia	24	01 ano e 04 meses	Enfermagem	Enfermeira	Sem filhos	—
André	28		Administração	Funcionário Público		
<b><u>Casal 2</u></b>						
Bruna	38	13 anos	Pedagogia	Funcionária Pública	02	04
Bruno	42		Administração Economia	Gerente de Banco		10
<b><u>Casal 3</u></b>						
Joana	43	20 anos	Farmácia	Empresária	02	15
João	42		Farmácia	Empresário		17
<b><u>Casal 4</u></b>						
Carla	41	25 anos	Psicologia	Psicóloga	03	14
Carlos	42		Administração	Administrador Empresário		21 24
<b><u>Casal 5</u></b>						
Sandra	45	25 anos	Fonoaudiologia	Fonoaudióloga	02	18
Sandro	48		Engenheiro	Gerente comercial		21

Cada casal recebeu um número de identificação para facilitar sua localização durante a análise. No intuito de assegurar o anonimato dos entrevistados, cada membro do casal recebeu um nome fictício iniciado pela mesma letra.

### **3. Instrumentos de coleta de dados**

A entrevista em profundidade foi considerada a estratégia de coleta mais condizente com a pesquisa por favorecer a exploração consistente dos aspectos da vida de casais de dupla-carreira. Esse tipo de entrevista é adequado para pesquisas de características qualitativas, por prover uma descrição compreensiva de particularidades e complexidades implicadas nos relacionamentos (Marks, 1996).

Foram utilizadas duas modalidades de entrevistas: 01 entrevista individual com cada cônjuge e 01 entrevista com o casal. As duas modalidades de entrevista propiciaram a articulação das dimensões individuais e relacionais que agregam a complexidade “unidade/díade relacional” na esfera conjugal. Dessa forma, pretendeu-se compreender o universo dos participantes a partir do ponto de vista deles, dentro de seus vários contextos (pessoal, conjugal, familiar, profissional).

As entrevistas de pesquisa foram baseadas em um roteiro temático (anexo 2 e anexo 3) estruturado a partir dos objetivos da mesma e da literatura (Diniz, 1993; Silberstein, 1992), o que não significa ter um roteiro de perguntas. Aos entrevistados, foi dada a oportunidade de relatar livremente suas percepções e vivências sobre as questões propostas.

### **4. Procedimento**

Os casais que fizeram parte da pesquisa foram selecionados a partir de indicações de colegas pertencentes ao círculo profissional e social da pesquisadora, de acordo com os critérios necessários para o estudo. O primeiro contato foi feito por telefone. A pesquisadora se apresentava, informava os objetivos da pesquisa e os procedimentos de coletas de dados. Após os participantes concordarem em realizar as entrevistas, indagavam sobre a duração da mesma, alegando tempo escasso, decorrentes de várias demandas: profissionais, conjugais, familiares e domésticas. Essa situação já nos forneceu indícios das exigências da dupla-carreira.

As entrevistas foram marcadas em datas e horários determinados pelos próprios entrevistados. Todas as entrevistas individuais foram realizadas em espaço reservado (escritório, consultório ou residência) escolhidos conforme a conveniência dos participantes e sem a presença do outro cônjuge. As entrevistas conjugais seguiram o mesmo padrão. A maioria das entrevistas aconteceu em finais de semana, em função da maior disponibilidade dos casais.

Antes do início das entrevistas, todos os participantes foram informados acerca da natureza da pesquisa, do seu caráter sigiloso e convidados a assinarem o termo de consentimento livre e

esclarecido (anexo 1). Mediante a autorização dos participantes, todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra para fins de análise.

Foram realizadas 15 entrevistas, respeitando a seguinte ordem: uma primeira entrevista individual com cada cônjuge, seguida da entrevista com o casal. Tal ordem foi determinada mediante a realização do estudo piloto, que buscou verificar a viabilidade da entrevista em profundidade como instrumento de coleta para os nossos objetivos, bem como assegurar a melhor forma de conduzir a investigação.

O estudo piloto foi estruturado de modo a nos permitir entrevistar dois casais a partir de seqüências diferentes de entrevistas. Com o primeiro casal iniciamos com a entrevista conjugal e com o segundo casal realizamos o procedimento inverso.

Optamos pelo processo que se iniciou com a entrevista individual por esse ter se revelado mais adequado aos objetivos da pesquisa, na medida em que os aspectos abordados individualmente por cada cônjuge no contato inicial foram manifestos de forma instintiva e sem uma elaboração a priori. Assim, a entrevista inicial individual ampliou o nosso campo de possibilidades, permitindo que cada cônjuge na entrevista seguinte com o casal retomasse de forma conjunta aspectos que julgasse importantes.

As entrevistas tiveram a duração média de 01 hora e 30 minutos, tempo suficiente para que os entrevistados se integrassem com a pesquisadora, relatassem suas vivências de forma profunda e detalhada e se afastassem desses conteúdos, restabelecendo-se psicologicamente ao final da entrevista.

## **5. Organização e análise dos dados**

Utilizamos como instrumento a análise categorial indutiva dentro da análise de conteúdo amparada na proposta metodológica de Bardin (1977). Entendemos que a expressão “análise de conteúdo” significa mais do que um procedimento técnico no tratamento dos dados, à medida que suscita a necessidade de conceber a comunicação como um processo e não como um dado estático (Minayo, 1994).

A análise de conteúdo é uma expressão atual que encerra um conjunto de instrumentos metodológicos concebidos por diferentes autores com o propósito de compreender e interpretar diversas formas de comunicação. Na acepção de Bardin (1977) trata-se de:

*“... um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de*

*conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens” (p.42).*

Convém ressaltar que a autora a concebe como uma hermenêutica controlada de caráter dedutivo lógico: a inferência. Isso significa que, do ponto de vista metodológico, o que caracteriza a dimensão qualitativa da análise de conteúdo é o fato de superar a abrangência meramente descritiva do conteúdo manifesto da mensagem, para alcançar, mediante a inferência, uma interpretação mais aprofundada. Deste modo, impugna a minúcia da análise de frequência como critério de objetividade e cientificidade.

Segundo Bardin (1977), a dimensão qualitativa da análise de conteúdo encerra-se no fato da inferência realizada no processo fundar-se na presença do índice selecionado (tema, palavra, personagem). Neste sentido, abarca o rigor da suposta objetividade e a fecundidade da subjetividade no processo interpretativo do pesquisador. Enfim, poderíamos dizer que a análise de conteúdo parte da exterioridade para o texto, ou seja, *“relaciona estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados. Assim, articula a superfície dos textos descrita e analisada com os fatores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto cultural, contexto e processo de produção de mensagem”* (Minayo, 1994, p. 203).

Definimos, então, como técnica a análise de conteúdo temática. Assim, utilizamos o tema como unidade registro e a frequência como unidade de análise. O passo seguinte foi aplicar a técnica de análise categorial indutiva que consiste no desmembramento do texto em unidades, ou seja, em categorias formadas a partir da investigação dos temas psicológicos sobressalentes no discurso de cada cônjuge, os quais constituem os núcleos de sentido do mesmo.

O primeiro foco de análise foi individual, ou seja, centralizou-se nas narrativas de cada cônjuge. Num segundo momento, utilizamos a díade como unidade de análise. Esse método possibilitou a comparação e confrontação entre os discursos individuais de cada cônjuge e o discurso do casal no intuito de identificar concordâncias e discrepâncias.

Por meio do discurso de cada cônjuge acerca de sua vida individual e conjugal, buscamos o levantamento e a descrição de temas centrais, isto é, procuramos identificar os significados atribuídos por eles à experiência vivida como cônjuge e como casal de dupla-carreira, levantando os temas recorrentes.

Em seguida, agrupamos o conteúdo dos textos, com base em temas constitutivos de um núcleo de sentido, em categorias que dessem maior suporte às interpretações. Portanto, esses temas foram reunidos em categorias temáticas significativas empiricamente definidas em função de analogias, inter-relação ou associação semântica identificadas.

Ressaltamos que as categorias temáticas foram construídas respeitando os critérios descritos por Bardin (1977): 1. a exclusão mútua, que denota a não repetição de elementos ou temas em diferentes categorias; 2. a homogeneidade, no sentido de assegurar os mesmos princípios na construção de todas as categorias; 3. a pertinência, visando à manutenção de uma coerência com os objetivos da pesquisa; 4. a objetividade e fidelidade, a fim de preservar as possíveis distorções advindas da subjetividade do pesquisador; 5. a produtividade, que se associa à capacidade das categorias de se constituírem úteis na produção de hipóteses e compreensões.

Operacionalmente, o trabalho de análise das entrevistas desdobrou-se da seguinte forma:

1. Leitura flutuante do texto a fim de permitir a familiarização com o material e a apreensão do seu conteúdo. O objetivo foi tornar o conteúdo analisado cada vez mais claro em função de significados e sentidos que pudessem emergir a partir deste momento;
2. Releitura do material para demarcação de verbalizações que pudessem constituir temas;
3. Ordenação das verbalizações com seus respectivos temas;
4. Quantificação da frequência dos temas;
5. Organização dos temas de cada discurso individual e conjugal pelo critério de semelhança semântico e lógico, nas denominadas categorias-temáticas;
6. Organização das várias categorias temáticas de cada casal em um quadro geral a fim de dar visibilidade aos temas levantados por meio das três entrevistas: entrevista conjugal, entrevista individual com a esposa e a entrevista individual com o marido;
7. Elaboração e definição das categorias-síntese finais a partir das análises conjuntas dos vários textos oriundos da produção individual e conjugal de cada casal.

A elaboração e definição das categorias temáticas obedeceram aos seguintes critérios de fidedignidade: a exaustividade no sentido de contemplar todos os aspectos levantados no roteiro e a representatividade dos temas levantados no sentido de reproduzirem o universo estudado.

### III – RESULTADOS

A seguir, apresentaremos os resultados obtidos com a análise da entrevista de cada casal, principiando, pela entrevista conjugal, seguida das entrevistas realizadas com a mulher e com o marido separadamente. A partir da transcrição das entrevistas (dados primários), da leitura, releitura e demarcações das verbalizações, levantamos os temas e construímos as categorias temáticas. Cada categoria temática é apontada num quadro que obedece ao seguinte esquema:

1. Definição: refinamento gramatical da pesquisadora a partir dos conteúdos dos temas. A definição visou preservar o vocabulário utilizado pelos cônjuges nas entrevistas;
2. Temas: apresentação dos temas identificados no discurso com relação à categoria específica definida;
3. Frequência: apresentada na lateral superior/direita do quadro, indicando quantas vezes os temas que integram a categoria constaram na entrevista analisada;
4. Verbalizações: exemplos de falas provenientes da transcrição de trechos das entrevistas. Cada verbalização é especificada ao final com a letra “M” ou “H” na entrevista conjugal, no intuito de demarcar as falas proferidas pela mulher e pelo homem.

Essa estrutura de apresentação das categorias seguiu uma ordem inversa à de sua construção. Logo após a apresentação da análise das três entrevistas de cada casal, consta um quadro geral que abarca as diversas categorias temáticas da entrevista conjugal (EC), da entrevista individual da mulher (EIM) e da entrevista individual do homem (EIH), com sua numeração e frequência específica. Finalizada essa etapa, elas são organizadas e sintetizadas em categorias-síntese, apresentadas e problematizadas na discussão.

**A. – CASAL 1 – ANDRÉ E ANDRÉIA**

**A 1. – CATEGORIAS TEMÁTICAS DA ENTREVISTA CONJUGAL**

<u>CATEGORIA – 1</u>	
<b>CONCEPÇÕES SOBRE O CASAMENTO</b>	
	Frequência: 23
<u>Definição</u>	
<p>Ambos os cônjuges concebem o casamento como um compromisso que permite a constituição de uma família. O casal reflete sobre o próprio casamento. Falam de amor, respeito, confiança, cumplicidade e harmonia como aspectos fundamentais de uma relação conjugal. Há congruência na concepção de casamento explicitada por cada cônjuge. A esposa avalia de forma positiva o seu casamento e relata a experiência de ser um novo casal.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Casamento: um compromisso.</li> <li>• A formação de uma família.</li> <li>• Amor, confiança, respeito e cumplicidade.</li> <li>• Idéias semelhantes sobre o casamento.</li> <li>• Nosso casamento.</li> <li>• Saldo positivo do casamento.</li> <li>• Harmonia e cumplicidade.</li> </ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“Um compromisso né? É você gostar de ficar com aquela pessoa sem prazo... Até que a morte nos separe...”. (H).</p> <p>“Sim, eu concordo. É um compromisso, né? O casamento é um compromisso...”. (M)</p> <p>“Por mais que você não fale que pense... de uma forma técnica, quando a gente casa tende a formar uma família né?”. (H).</p> <p>“... casamento pra mim é um compromisso, a formação de uma família né?” (M).</p> <p>“É a formação de uma família sólida. É... tem a cumplicidade não só entre eu e ele, agora vai ter que ter entre os filhos... Cumplicidade, o amor, o carinho, a confiança, pra se tornar um compromisso mesmo verdadeiro, senão termina no meio do caminho.”. (M).</p> <p>“Bem, as idéias da gente do casamento, sempre têm comparação, tem coisas similares né”. (H)</p> <p>“... eu diria assim, ta ótimo, e que continue assim, né? Em relação a muita coisa que a gente vê... a confiança que temos um com o outro, né, o respeito que eu acho que é a primeira palavra que tem que ter e levar em frente é o respeito e seguir de mãos dadas”. (M)</p> <p>“... por isso que eu falei no início, por enquanto eu dou nota nove para o nosso casamento porque existe mesmo entre eu e ele a cumplicidade, respeito. Tâmo caminhando de mãos dadas e agora, nessa nova etapa da vida, continuemos caminhando de mãos dadas. Os dois estão na mesma sintonia, dançando a mesma música e no mesmo ritmo. Você pode trocar até de musica, você troca de ritmo e dança continua porque eles estão entrosados, e seguem em frente.” (M).</p>	

<u>CATEGORIA – 2</u>	
<b>CASAMENTO E TRABALHO: VANTAGENS X DESVANTAGENS</b>	
Frequência: 14	
<u>Definição</u>	
<p>Os relatos envolvem as vantagens e desvantagens em relação ao estilo de casamento. Ambos os esposos apontam que as principais desvantagens geradas pela conciliação entre casamento e trabalho referem-se à falta de tempo para a vida conjugal e para o lazer. A esposa revela que sua vida profissional gera muita sobrecarga e que se arrepende de sua escolha profissional, porque interfere na vida conjugal e familiar. O marido considera que ter uma vida cheia de ocupações é uma vantagem.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Vantagens e desvantagens de conciliar casamento e trabalho.</li><li>• Pouco tempo para o casal e para o lazer.</li><li>• Sobrecarga de trabalho da mulher.</li><li>• Vida profissional desgastante.</li><li>• Pesar em relação à escolha profissional.</li><li>• Vida profissional X vida familiar.</li><li>• Uma vida com ocupações é uma vantagem.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“É o tempo mesmo. O tempo que temos juntos. Você chega cansado também, então não tem aquela disposição pra ficar conversando muito tempo... Então eu vejo que a desvantagem é essa mesmo... É, por exemplo, passar um fim de semana num local aí, fazer uma viagem, num pode” (H)</p>	
<p>“Assim, eu acho que o que pesa mais é a minha rotina, sabe? É... eu sinto a necessidade assim... a gente gosta muito de ir pra lugares tranquilos. Assim, se eu tivesse uma folga como toda pessoa que trabalha de segunda a sexta e tem a folga sábado e domingo como ele. Então, eu digo que eu tenho vontade de mudar de profissão, meu estilo profissional eu tenho vontade de mudar. Se eu for olhar por esse lado sim, eu me arrependo da profissão que escolhi, porque ela exige de mim”. (M)</p>	
<p>“Às vezes eu brinco com ele: ah! Agora, a normal vai sair pra trabalhar, né? Eu num sou aquela pessoa normal que trabalha de segunda a sexta no horário integral. Então, assim, eu me arrependo se olhar hoje, a Andréia hoje, mulher casada, construindo uma família eu me arrependo de estar na profissão que tô, né?”. (H)</p>	
<p>“E a principal vantagem, é você tá sempre ocupado também. Agora me falta tempo”. (H)</p>	

<u>CATEGORIA – 3</u>	
<b>FAMÍLIA DE ORIGEM</b>	
	Frequência: 21
<u>Definição</u>	
O relacionamento da esposa com a família de origem do marido se constitui como o aspecto mais difícil da vida conjugal. Desentendimentos entre a esposa e a sogra. As famílias de origem interferem na vida do casal.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Conflitos com a família do marido.</li><li>• A mãe do marido.</li><li>• Desentendimentos conjugais</li><li>• Interferências familiares.</li><li>• A irmã da esposa.</li><li>• Necessidade de separação em relação às família de origem.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“... família sempre que chega a ficar muito perto, atrapalha. Tanto de um lado como de outro. E acho que as maiores dificuldades entre eu e ela foram por causa de família.”. (H)</p> <p>“É no ano passado a gente passou uma boa dificuldade... Como a Andréia fala mais que a boca... Ela vai colocar a parte dela. Mas, ela tem dificuldades com a irmã... Elas brigaram e sobrou pra mim também. No caso, eu não respondi na hora pra não dar mais confusão”. (H)</p> <p>“O único problema é que eu tenho que batalhar a visão... a visão que eu fui criada, por exemplo, a minha criação foi muito diferente da do Marcos...”. (M)</p> <p>“A minha família não é perfeita, a dele não é perfeita, né? Agora o que, eu garanto, se eu tivesse aqui de frente com a minha sogra e falasse isso, ela nunca iria... pra ela daria nota dez pra família dela, porque ela já tem esse lado assim que ela não se solta, assim... ela acha que os filhos dela são perfeitos, a família dela é perfeita... Eu costumo dizer que o André é um defeito... nossa, ela morre... voou pra mim igual a uma fera...”. (M)</p> <p>“Família? A minha quer que eu me pegue na concepção da minha família e a dele quer que a gente, a construção do nosso casamento siga a da deles. Eu não concordo. Eu não vou me espelhar na minha família e espero que ele não se espelhe na dele, eu acho que a gente tem que seguir conforme os nossos conceitos. É claro que, em alguma coisa, a gente vai se espelhar, mas não totalmente.”. (M)</p> <p>“Quando eu conheci a Andréia, a irmã dela fazia ela de besta sete dias na semana.. não só ela.. os avós também, os pais e quem mais aparecesse na frente, e hoje já não é bem assim...” (H)</p>	

<u>CATEGORIA – 4</u>	
<b>O ORÇAMENTO DOMÉSTICO</b>	
	Frequência: 13
<u>Definição</u>	
Os relatos envolvem a vida financeira do casal. O marido é responsável pelo sustento da casa. A esposa é responsável pela organização doméstica. O salário da esposa serve para pagar suas despesas pessoais. O casal firmou um acordo em relação às finanças.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• A vida financeira do casal.</li><li>• Marido provedor.</li><li>• Mulher: organização doméstica.</li><li>• As contas pessoais da esposa.</li><li>• Acordo entre o casal.</li><li>• A esposa deseja dividir as despesas.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“A parte financeira da nossa casa, né? Ele fica com a maior parte, embora eu queria que fosse dividido, ele fica com a maior parte... Eu queria até participar, dividir certinho, mas como eu ganho bem menos e ele sabe disso...”. (M)</p> <p>“Então, ele fica com toda a parte de pagar o condomínio, o aluguel... Toda a parte de finanças da casa é com ele. É... Supermercado também, compras do mês é com ele. Então eu fico mais assim pra pagar minhas contas do mês”. (M)</p> <p>“Eu disse para ela: ‘Andréia eu quero que você pague a sua conta. Você pagando suas contas, desde que não deixe de pagar, mas você pagando suas contas fica tranqüila’. Então, ficou tudo acertado entre a gente”. (H)</p> <p>“Nunca ocorreu dele até agora dele chegar e dizer, aí, to gastando muito, você ta dobrando a conta de casa... ele reclamou, porque realmente minha mãe não tem telefone fixo e aí antes dele reclamar meu consciente já tava falando, nossa, as contas tão vindo caras, porque ligação de telefone fixo para um celular e então o que é que eu fiz...”. (M)</p> <p>“Era ligação de uma hora... uma hora, trinta minutos e ele falava muito com a mãe no telefone. Aí, eu disse: ‘ah! Andréia liga dum orelhão pra sua mãe quando for ligar’”. (H)</p> <p>“Acho que é normal de um casal. É diferente de uma competição quem gasta o que... Tá gastando mais que o outro. Acho altamente desnecessário até pela questão do orçamento do casal aí... e... Ele é o mais responsável mesmo, né amor, pela parte de finanças eu fico... Eu fico mais com a parte de organização mesmo da casa, vendo o que precisa o que não precisa... O que tá precisando repor... Essas coisas, esses detalhes... acho que até um pouco de toque feminino”. (M).</p>	

<u>CATEGORIA – 5</u>	
<b>PREPARANDO-SE PARA SEREM PAIS</b>	
	Frequência: 17
<u>Definição</u>	
Os relatos envolvem a expectativa em relação ao nascimento do primeiro filho e a experiência de ser pai e ser mãe. O casal reflete sobre os cuidados com o filho e a divisão entre o casal. A esposa entre a maternidade e trabalho.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• A parentalidade.</li><li>• Ser pai e ser mãe.</li><li>• O primeiro filho.</li><li>• Os cuidados com o filho.</li><li>• A esposa entre a maternidade e o trabalho.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
“Como ela trabalha também, não sou só eu. Então, para cuidar do bebê é uma coisa que vai ficar mais difícil...”. (H)	
“A gente pensa em colocar numa creche, né? Daqui a algum tempo”. (H)	
“Ficar o dia todo com menino é mais difícil do que eu ficar o dia todo só”. (H)	
“... pois é, o pai tem que cuidar, tem que dar banho, tem que limpar...”. (H)	
“Então, pra mim, filho não atrapalha. Tem que terminar minha faculdade que é meu objetivo. Pretendo mudar de condição até financeira, que eu pretendo fazer um concurso pra ganhar um pouco mais, conseguir ter uma coisa voltada pra mim. É uma questão de crescimento não só intelectual, mas até um crescimento financeiro pra mim mesmo e que não vai ser só pra mim”. (M)	
“Sábado que vem eu não vou estar aqui. É o sábado inteirinho no trabalho. De sete às sete. Já fico pensando: ‘Imagina, de sete às sete com uma criança e por mais que a criança tá com o pai, mas ele queria tá mais... Como é muito novinha, queria tá mais com a mãe’. Até mesmo porque, se hoje eu já vou trabalhar no sábado de coração cortado deixando o André sozinho, acho que meu peito fica esmigalhado...Imagina quando tiver o bebê. Como vai ser? ”. (M)	
“Também vai curtir mais o pai, tem esse lado bom, né?”. (M)	
“Corta essa idéia, né? Da relação do bebê só com a mãe... É uma coisa em conjunto”. (M)	
“Hoje o meu marido perguntou: você vai trancar o curso? Aí, eu falei: ‘ não, não vou trancar’”. (M)	
“Hoje mesmo eu tava conversando com uma estudante de medicina e ela perguntou se eu tava grávida. Aí, nessa hora, ela fez uma pergunta parecida... Ela queria saber se eu ia continuar a faculdade e o trabalho. O engraçado, é que ninguém pergunta isso pro homem. Sempre me fazem essas perguntas, mas nunca vi ninguém perguntar para o André se ele vai parar de trabalhar para cuidar do bebê... Agora, pra mulher todo mundo cai em cima...”.	

**A 2. – CATEGORIAS TEMÁTICAS DA ENTREVISTA INDIVIDUAL COM A ESPOSA**

<u>CATEGORIA – 01</u>	
<b>VISÕES SOBRE O CASAMENTO</b>	Frequência: 25
<u>Definição</u>	
<p>Os relatos envolvem o significado de casamento para a esposa. Importância dos rituais de casamentos, dos preceitos da família de origem e da união indissolúvel. A família como espelho. A esposa considera que a cumplicidade, a confiança, a criatividade e o romantismo entre o casal são os ingredientes responsáveis pela manutenção da harmonia e da satisfação conjugal. O contrato conjugal definido no início da relação. Reflexões sobre a parentalidade e as mudanças na vida conjugal.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O sentido do casamento.</li> <li>• Casamento indissolúvel.</li> <li>• Os rituais de casamento.</li> <li>• Mitologia familiar.</li> <li>• Cumplicidade, confiança e romantismo.</li> <li>• O início do casamento: acordos entre os cônjuges.</li> <li>• A paternidade e as mudanças na vida conjugal.</li> </ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“Sempre achei que tava no meu sangue essa coisas de casar, de ter filhos. Os meus pais já estão casados há vinte e nove anos e pra mim era importante casar”.</p> <p>“... o bom de tudo é que quando a gente tava noivo, a gente teve sempre o mesmo objetivo: casamento é único”.</p> <p>“Casar ali pra sempre. Então, a gente sempre pensou nisso. Fizemos tudo certinho, cartório, contrato, pacto Nupcial. Toda aquela coisa da burocracia, né? É importante. Mas, pra gente o mais importante era o casamento na igreja. Pros dois”.</p> <p>“Então, você quer seguir o espelho da família. Os dois têm essa vontade de seguir o espelho da família. Então, a família dele é uma família sólida e a minha família é uma família sólida. Então, a gente quer formar uma família sólida”.</p> <p>“Somos só nós dois e aqui a gente tem que ter muita cumplicidade. Nunca mentir pro outro, falar o que tá querendo. Falar pro outro de forma clara. Pra que a gente siga junto. É na base da confiança e da cumplicidade mesmo! Confiança e cumplicidade acho que é fundamental pros dois”.</p> <p>“Talvez seja isso que deixe meu casamento bem vivo. Porque eu sou mais criativa que ele. Hoje, eu acordei cinco da manhã e do nada comecei a estudar pra prova no quarto. Aí ele acordou e deu bom dia. Mas aí quando ele saiu pra academia eu fui e deixei o bombom com o bilhete”.</p> <p>“Eu acho que desde que a gente se conheceu ele faz sempre os cartões à mão. É muito difícil ele comprar um cartão feito. Então, ele faz o cartão à mão. Os bilhetes à mão. E desenhando mesmo. Então, assim, não tem uma vez que eu não chore”.</p>	

“E também sou perfeccionista em casa. Tanto que no casamento, no início, esse meu lado perfeccionista... você percebeu, na minha casa é tudo assim né? Arrumadinho perfeitamente. Esse lado perfeccionista meu estressava. Quando eu casei foi assim: ‘ah! Eu não acredito que vou conviver com bagunça’. Pra mim foi um choque né?’. Aí, eu fui mostrando pra ele que existe gavetas, ele foi se adaptando. Então, se fez um acordo e ele foi se adaptando pro meu lado perfeccionista”.

“No início do casamento... E eu tinha um conflitozinho com ela... Com sogra... Falei as coisas que eu tinha vontade de falar. Então, eu tive uns probleminhas que dançou mesmo as bases do casamento, mesmo por que o André, o meu marido, a família pra ele é fundamental. Eu mexi em casa de marimbondo sabe?”.

“No início do casamento, em relação a finanças, essas coisas, ele ficava mais fechado pra se abrir comigo. Eu acho que é também por conta de uma adaptação, por que antes ele lidava com as finanças dele individualmente, hoje ta sendo de forma a dois”.

“Hoje, os amigos da gente falam: ‘Vocês vão ver o que é essa fase do casamento. Menino chorando, não vai poder ir pra tudo que é lugar. Aí, o André: ‘Não, isso é moleza’. Então, ele mesmo fala que é moleza. Claro, é uma fase da criança que te prender um pouco mais em casa”.

“Você vai aprender a viver de uma forma diferente, mas vai continuar vivendo. Eu vou continuar passeando... Então, eu acho que pra mim não vai afetar o relacionamento”.

<u>CATEGORIA – 02</u>
<b>GRAVIDEZ, MATERNIDADE E TRABALHO</b>
Frequência: 28
<u>Definição</u>
As expectativas em relação à maternidade entram em conflito com o lugar preponderante que o trabalho ocupa na vida da mulher. A maternidade aparece como um desejo há muito acalentado. Ponderações sobre a conciliação entre maternidade e trabalho.
<u>Temas</u>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Gravidez.</li><li>• O desejo de ser mãe.</li><li>• A importância do trabalho.</li><li>• Aprendizado na família de origem.</li><li>• Maternidade X trabalho.</li><li>• Sentimentos de culpa.</li><li>• Entre a família e o trabalho.</li><li>• Pressões sociais.</li></ul>
<u>Verbalizações</u>
“Estou com 12 semanas e quatro dias. Três mês. É! Doze semanas e quatro dias”.
“Ele sempre quis uma criança. Ele sempre foi apaixonado por criança. E eu também gosto de criança e a casa necessita. Eu acho que chega um momento que você acha que quer e quando o seu coração fala: ‘Eu quero ser mãe’, isso é mais importante ainda”.
“Eu estou grávida, eu estou com saúde... E trabalhar, ainda no que eu mais gosto de fazer... Eu não vejo saindo do meu emprego... eu já até falei pro meu marido: ‘Oh! Sair do meu emprego eu não saio!’”.
“Por que a minha mãe sempre passou pra mim e pra minha irmã que a gente tem que ter nossos deveres como dona de casa. Mas, antes de tudo, minha vó materna sempre falava: ‘Minha filha, seu melhor marido é o seu emprego’. E é. Eu acho que pra mim o meu trabalho é tudo”.
“... trabalhar, e ter uma vida profissional, isso pra mim é fundamental. Pra mim o trabalho é importantíssimo... Eu acho que veio assim de forma hereditária. De mãe. Sabe, a minha mãe, ela sempre dizia pra mim antes de casar o mesmo que minha vó: ‘Minha filha, seu melhor marido é o seu emprego’.”.
“Eu acho pra mim assim, o meu emprego a melhor satisfação pra mim que eu tenho, a minha liberdade de poder sair pra trabalhar, melhorar minha formação, meus conhecimentos. Pra mim isso é sucesso! Eu não me veria assim 100% dona de casa. Não que eu não goste! Eu adoro ficar numa casa, gosto de cuidar das minhas coisas... Mas não me dedicar 100%. Aí, agora eu vou ser mãe e vou ter que administra isso também”.
“Agora, eu vou ser mãe. Eu digo: ‘Não vou parar de trabalhar, de jeito nenhum! E nem vou deixar de amar o meu filho, de jeito nenhum! Mas, eu vou continuar trabalhando!’”.

“... dá uma fadigazinha, dá sono. E tem hora que eu falo: ‘não sei, eu to com medo. O medo é ficar em alguma matéria esse semestre. Eu não quero ficar... Aí, hoje o meu marido perguntou: ‘Você vai trancar? Aí, eu falei: ‘Não, não vou trancar assim. Porque a faculdade é tão bom que te dá mais vida ainda”.

“Agora, a questão é que eu estou grávida e fica pensando: Ah! agora, vai vir filhos e aí pronto né? Eu vou passar o final de semana no trabalho e eu não vou deixar só o marido, eu vou deixar também o filho. Aí, é mais um pra deixar... Então, eu tenho que me preparar muito pra isso, pra não deixar isso influenciar muito. Porque influencia demais. Você fica preso num hospital. Coisa boa você não vê”.

“Agora tem um monte de gente dizendo: ‘Ah!, tá muito pesado pra você, sentindo as reações de náuseas, de ter os sintomas da gravidez, algumas coisas... Você tá fazendo faculdade, tá trabalhando, cuidando de casa’. Cuido numa boa! Porque isso não vai mudar pra mim! Porque eu me sinto bem trabalhando!”.

<u>CATEGORIA – 03</u>	
<b>SER HOMEM E SER MULHER</b>	
	Frequência: 19
<u>Definição</u>	
Os relatos envolvem os estereótipos sociais em relação ao ser homem e ao ser mulher. O papel da mulher é cuidar dos relacionamentos. Vinculação entre ser mulher e mãe. O papel do homem é preservar a família e ser fiel.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser mulher.</li> <li>• Mulher e mãe.</li> <li>• Papel da mulher: cuidar.</li> <li>• Ser homem.</li> <li>• Papel do homem: preserva a família.</li> </ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“É magnífico. Ah! Pra mim é ótimo ser mulher, adoro ser mulher. Sou vaidosa... Acho que se eu ganhasse um pouquinho mais, toda semana, eu estaria pelo menos umas duas vezes no salão”.</p> <p>“Eu acho ser mulher maravilhoso. Mas, ainda mais agora que eu vou ser mulher e mãe. É uma dádiva... É como eu falei com o André. Eu falei: ‘André, eu estou me sentindo como um botão de rosa desabrochando’.”.</p> <p>“Eu acho que não tem coisa melhor no mundo que ser mulher! Eu adoro! Eu adoro ser mulher. Adoro o que eu faço. Sou assim, uma mulher otimista...”.</p> <p>“Então, eu acho que ser mulher é isso, é você ser muito sensível, mas também você nunca deixar de ser determinada. Eu sou muito determinada. Mas, eu tô feliz de ter nascido mulher. Ainda mais agora... casada, construindo uma família. Pra mim tá sendo uma maravilha! Magnífico”.</p> <p>“Assim, eu acho que isso é que é legal, por que eu acho que eu sou feminina assim... Eu acho que você tem que deixar florescer em você. Tem que cuidar do relacionamento. É muito importante ser mulher, por que é muito gostoso. Eu sou muito emotiva demais”.</p> <p>“O papel de mulher? Olha, a mulher... Eu acho que eu vou falar o que eu brinco com ele. Porque eu falo assim: ‘André, a mulher, ela cuida’. Eu acho que a mulher tem mais percepção que o homem. E eu acho que é óbvio. Eu tenho mais percepção que o meu marido. Então, eu sou muito de cuidar. Eu cuido”.</p> <p>“Não falo cuidar da casa... Limpar a casa, essas coisas não. Eu tô atenta a tudo: ‘Como tá a casa? Como tá a minha profissão? Como tá a profissão dele? Eu sempre quero saber como ele tá em tudo. Então, eu tô cuidando sabe...’.</p> <p>“Eu acho que o papel da mulher é isso. É estar atenta, cuidando, ver as necessidades dele não só amorosa, mas tem uma atenção familiar...”.</p> <p>“E o papel do homem? O papel do homem é que eu falo pra ele: ‘Oh! Eu sou atenta, eu cuido, e você tem que’... Ele morre de rir comigo porque eu falo assim: ‘Oh! E você têm que dar valor a mim, viu? Não pular a cerca, preservar a família’. Eu sei que ele tem isso”.</p>	

<u>CATEGORIA – 04</u>
<b>INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA COMO VALOR</b>
Frequência: 12
<u>Definição</u>
Diferença de salário entre marido e mulher. Desejo de compartilhar as finanças. A mulher fala do acordo feito entre o casal no que se refere à divisão das finanças. A independência financeira aparece nos relatos da esposa como um valor importante.
<u>Temas</u>
<ul style="list-style-type: none"><li>• O salário.</li><li>• O salário do marido.</li><li>• Desejo de compartilhar as finanças.</li><li>• As finanças e o acordo entre o casal.</li><li>• A importância da independência financeira.</li></ul>
<u>Verbalizações</u>
<p>“O percentual que eu ganho não é o mesmo que o meu marido, mas ele ganha muito mais que eu. Até falei pra ele: ‘Gostaria de te ajudar um pouco mais nas finanças, na casa. Eu até me sentiria melhor. Por que eu gosto de participar disso’. Sempre foi da minha natureza”.</p> <p>“Por que eu gosto de pagar alguma coisa. Então, eu falo pra ele: ‘Oh! Eu tento ajudar o máximo que eu posso’. E eu também tenho minhas contas”.</p> <p>“A gente combinou o seguinte, ele falou: ‘Não, você paga as suas contas, desde que você pague as suas contas eu fico tranquilo’. Essas domésticas você deixa por minha conta. Então, a gente antes do casamento a gente já fez esse trato”.</p> <p>“Nunca ele me impôs, me obrigou a ter que... ‘oh! Você tem que fazer isso’. Então, eu ajudo no que posso. Eu falo: ‘Ah! Hoje eu vou fazer isso’. E pronto! Ele não cobra de mim nem eu cobro dele”.</p> <p>“Antes de trabalhar como enfermeira, antes de fazer o concurso, eu já trabalhava como autônoma. Eu era digitadora. Então, pra mim era o máximo. Era muito importante ter o meu dinheiro. Eu ganhava, acho que cinqüenta reais na época, que pra mim era um milhão”.</p> <p>“Era um dinheiro que eu tinha liberdade pra comprar o que eu queria, então eu sempre tive isso comigo. Porque a independência financeira eu acho que... Pra mim é fundamental”.</p>

<u>CATEGORIA – 05</u>
<b>CASAMENTO X TRABALHO</b>
Frequência: 31
<u>Definição</u>
Os relatos envolvem a forma como a mulher concilia casamento e trabalho. Presença de sentimentos de culpa por trabalhar. Estratégias utilizadas pela mulher para evitar que o trabalho venha a interferir no casamento. Preocupação em preservar a vida conjugal. A esposa percebe que o marido tem respeito por sua profissão.
<u>Temas</u>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Culpa por trabalhar.</li><li>• Conciliando casamento e trabalho.</li><li>• Estratégias para preservar a vida conjugal.</li><li>• Respeito do marido em relação à vida profissional.</li></ul>
<u>Verbalizações</u>
<p>“O mais engraçado é que eu percebo que quem mais fica com o coração apertado sou eu. Não sei se é por que é coisa de mulher mesmo. Eu fico mais com o coração apertado. Não sei se é porque justamente são os finais de semana que eu tenho que trabalhar de plantão”.</p> <p>“Na realidade você tem que fazer pelo menos alguns plantões noturnos. Mas, eu realmente não me adaptei aos plantões noturnos. Aí, falei com o minha chefe, contei o que estava acontecendo e ela me tirou dos plantões noturnos né? Eu notei que pra ele foi uma glória. Principalmente, agora quando tá casado. Plantão noturno pra ele, à noite, acho que ele não ia gostar se eu fizesse não. Então, eu acho que isso aí se eu tivesse até hoje fazendo um trabalho noturno ia pesar no relacionamento. Durante o dia ele agüenta. Eu acho que eu é que fico com o coração apertado”.</p> <p>“Eu acho que fico incentivando o meu marido a sair. Mas, eu incentivo, porque eu acho que é uma maneira de eu tirar o peso, porque poxa! Ele tá trancado dentro de casa por minha culpa. Por eu estar trabalhando...”.</p> <p>“Ele é uma pessoa muito tranqüila e isso me passou segurança. Hoje, eu saio e ele até me deixa no trabalho no final de semana. Aí, a gente combinou assim, ele me deixa às sete da manhã e já deixa combinando: ‘Ah! Eu vou te buscar e daqui do hospital você vai querer jantar aonde? Quer ir no cinema? Então é um meio também de eu poupar a falta que eu tive das 12 horas do dia, né? Aí, eu digo, não! Vamos combinar sim! Às vezes eu tô cansada, mas eu vou fazer pelo menos nesse domingo pra não fechar o domingo vazio né? Então, eu me sinto na obrigação de fazer e eu faço mesmo”.</p> <p>“Às vezes eu tô cansada, por que é um trabalho que eu passo horas em pé, andando muito. É um desgaste emocional, um desgaste físico. É estressante por que lá é uma emergência então, tá tudo bem e de repente bum! Estoura uma bomba! Né? Então, tem horas assim que eu procuro sempre, sair do hospital e deixar todo aquele desgaste na porta do hospital. Mas mesmo assim eu já cometi alguns erros de sair e trazer pra casa...”.</p> <p>“... conciliar o trabalho com o casamento não é receita de bolo né? Então vem do coração, vem da pessoa. E eu sou uma pessoa muito criativa. Eu canso de estar no plantão, aí eu pego o telefone e falo: ‘Amor, o que você quer fazer de noite? Porque eu tô querendo namorar. Vai vendo algum filme no cinema pra gente’. Sabe, eu acho que você tem que</p>

estar sempre investindo no relacionamento. “Eu acho que o amor é uma plantinha. Eu acho que é uma frase muito antiga, mas não tem outra comparação perfeita. Você tem que estar todo dia regando, adubando, tirando as folhinhas velhas...”.

“... eu passei por umas situações difíceis. Aí! Quando eu entrava em casa, eu não falava nada né? Entrava, dava um beijo. Mas, ele percebia no meu semblante o meu cansaço, que ali não era a Andréia tranqüila. Aí ele dizia assim: ‘É o plantão foi agitado né?’ Aí eu digo: ‘É amor, foi agitado, aconteceu isso, isso, isso, mas não sei o que’. Aí, já ligava a televisão, procurava fazer um lanche e esquecia sabe?”

“... pra mim é uma descarga que dá. Por que eu chego tão agitada que dá vontade de sair correndo pela casa. Então, pra me descarregar, tenho que tomar um banho quente, jogar um óleo no corpo, aí eu descanso. Aí pronto! Eu fico tranqüila. Quando eu chego na porta... Aí vem a outra versão. Quando eu chego na porta sorrindo e falo: ‘oi amor! Não sei o que...’. Aí ele fala: ‘Ah! Hoje foi bom! Ele foi aprendendo”.

“Ele tem respeito pela minha escolha. Desde quando a gente se conheceu, eu sempre deixei claro que eu era enfermeira e trabalhava num hospital. Eu disse assim: ‘Oh! Eu vou ser chamada pra trabalhar no hospital, só que no hospital é o seguinte: eu não vou ter hora, não vou ter dias da semana. Então, eu vou tá um dia trabalhando numa segunda e posso estar um dia trabalhando numa sexta, ou num domingo o dia todo’. Assim, ele sempre aceitou e sempre respeitou. Graças a Deus eu não tenho problema não”.

“Ele não me prende... Ele sabe que aquilo é meu trabalho. Eu fico feliz por ele entender, fico feliz até pelo meu casamento e por ter confiança nele. Porque tá certo, no início do casamento eu fiquei com medo porque é uma profissão que é difícil conciliar família e conciliar profissão”.

**A 3. – CATEGORIAS TEMÁTICAS DA ENTREVISTA INDIVIDUAL COM O MARIDO**

<u>CATEGORIA – 1</u>	
<b>INSATISFAÇÃO COM O TRABALHO</b>	Frequência: 14
<u>Definição</u>	
A história da escolha profissional. Mudanças na condução da carreira. O trabalho gera retorno financeiro. O trabalho é tedioso e cerceia a iniciativa e a criatividade. Necessidade de mudança.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escolha profissional.</li> <li>• Mudanças de rumo.</li> <li>• Insatisfação com o trabalho.</li> <li>• Retorno financeiro.</li> <li>• Trabalho enfadonho.</li> <li>• Necessidade de mudança.</li> </ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“Eu estudei administração... Na realidade primeiramente eu fiz faculdade pra me formar”.</p> <p>“Eu não queria realmente continuar trabalhando com orçamentos”.</p> <p>“Eu entrei na faculdade particular e não gostei nem da faculdade e nem do curso. E na época meu pai também tava... Foi à falência... Aí eu fiz vestibular de novo e passei na federal pra Administração.”</p> <p>“Não era o meu sonho não... Mas... O que fazer? Mas eu não me arrependo não do que eu fiz não. Acho que foi bom... Eu gostei... Mas na realidade na época o que eu queria fazer mesmo era arquitetura. Não sei se hoje eu faria. Mas... Eu fiz administração... E acabei gostando”.</p> <p>“... Eu não tenho muito interesse em ficar lá. É um serviço público e aí eu fico né... Por que eu não reclamo... Paga bem”.</p> <p>“Cada secretário novo vem com aquela história de que vai mudar, mas nunca muda”.</p> <p>“E instintivamente eles privilegiam quem faz isso né? Então ou você faz isso, sempre igual e vai pra frente ou então você tenta fazer alguma coisa diferente e não faz”.</p> <p>“Mas se eu pudesse inventar uma outra coisa... Eu gostaria, mas não vejo muito... Não. Agora, no local onde eu estou é que eu realmente não quero ficar. Pretendo sair... Fazer outro concurso”.</p> <p>“As pessoas saem do ministério, mas... continuam fazendo as mesmas coisas. Continuam sempre as mesmas coisas, mas em lugares diferentes”.</p> <p>“Por mais que a gente gaste o tempo todo com o trabalho, pra mim isso não é o mais importante”.</p>	

<u>CATEGORIA – 2</u>
<b>PATERNIDADE</b>
Frequência: 21
<u>Definição</u>
A transição para a paternidade. As diferenças biológicas entre homens e mulheres. Paternidade e maternidade. Aprendizado na família de origem. A figura paterna é admirada e percebida como um mito. Desejo de ser pai e exercer a função paterna.
<u>Temas</u>
<ul style="list-style-type: none"><li>• A paternidade.</li><li>• Diferenças sexuais.</li><li>• A função de pai.</li><li>• Família de origem.</li><li>• Ênfase na criação dos filhos.</li></ul>
<u>Verbalizações</u>
<p>“O homem e a mulher. Coloquei os dois... Biologicamente, eles são os dois opostos. Então eu acho que o homem, é... pelo lado biológico, ele é o pai né? Pra ele o lado biológico, essa parte fica mais fácil, bem mais fácil do que a da mulher”.</p> <p>“Depois que você é pai, e que assumir realmente ser o pai que cria, eu acho que isso é que é ser homem”.</p> <p>“Cada vez eu acho mais importante. Bem mais importante que o trabalho. Eu não... Eu não sei muito que fazer... A idéia hoje que eu tenho é do meu pai né? Eu acho que ele... Foi um bom pai. É um bom pai né? Sempre foi um mito pra mim”.</p> <p>“É uma coisa que eu vejo assim como muito difícil, primeiro por que você não pode se omitir né? Essa fase inicial não é fácil, por que o bebê não te procura. Você sempre vai saber o que tá acontecendo... Mas com o tempo vai mudar isso”.</p> <p>“O início é difícil, por que não tem horário né? E... de certa forma, acho que a criança se acha o centro né? Pra ela não existe mundo exterior, então ela tá... Tem que ser na hora que ela quer... Qualquer hora que seja”.</p> <p>“Por outro lado é menos complexo. Por que se chorou, você sabe o que precisa. O corpo todo também, então é só você ficar olhando. Mas, posteriormente que eu acho que fica mais difícil, embora não tenha tanta dependência né?”.</p>

<u>CATEGORIA – 3</u>	
<b>O TRABALHO DA ESPOSA</b>	
	Frequência: 18
<u>Definição</u>	
<p>A profissão da esposa é percebida como desgastante, perigosa e pesada apesar dele considerá-la uma profissão nobre. Percepção de que o trabalho da esposa deve ser algo provisório. A carga horária de trabalho da esposa gera aborrecimento e rouba o tempo para conviver a dois. Os relatos revelam que o trabalho da esposa possibilita ao marido vivenciar sua individualidade de forma prazerosa. Apoio na construção da carreira da esposa.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• O trabalho da esposa.</li><li>• Incômodos.</li><li>• Pouco tempo para lazer a dois.</li><li>• Prazer nas atividades individuais.</li><li>• Compartilhamento de projetos profissionais.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“O trabalho dela são 24 horas por semana, então, a maior parte dos dias ela não trabalha. O que é chato, é que ela trabalha fim de semana né? Às vezes é o dia todo. E quando ela trabalha, chega mais cansada, principalmente agora com a gravidez”.</p> <p>“Acho que ela tem que continuar mesmo a trabalhar e a estudar”.</p> <p>“Aí, às vezes a gente sai durante a semana né? Às vezes a gente vai a um cinema, vai na água mineral, Parque Olhos D’água, Jardim Botânico...”.</p> <p>“E quando ela tá trabalhando no final de semana, aí eu faço as coisas que eu normalmente não faria com ela. Eu curto até com uma expectativa sabe? Que ela esteja trabalhando... Por exemplo, eu compro um filme pela internet, aí com ela em casa eu não assisto. Aí ficam lá no armário guardados. Com ela trabalhando, às vezes eu assisto um, às vezes eu assisto dois, então eu fico até indiferente... Que ela vá pra eu poder fazer essas coisas”.</p> <p>“Nada contra a carreira... Ela poderia acompanhar até se aposentar... Mas eu acho que ela não vai fazer isso... Nem é bom pra ela, nem é bom pra mim... Ela não vai querer... Por que... fisicamente é desgastante né? E de certa forma perigoso né? Ela tá estudando. Tá fazendo uma faculdade, então não tem sentido ela se formar e depois querer continuar...”.</p> <p>“Eu vejo como uma coisa que é passageira né? Não que não seja bom... É necessário, é útil. É nobre, mas... Ela não vai ficar por muito tempo...”.</p> <p>“É importante! Até por que... Já que ela já trabalha há anos... Ela não ia se adaptar a parar de trabalhar e uma hora ela ia sentir falta... E eu acho que dá pra conciliar também né?”.</p> <p>“Quem deu mais incentivo pra ela fazer fui eu. Agora assim... Quem escolheu o curso... O curso é da escolha dela né? Mas, eu sempre incentivei ela né? ‘Ah! Por que você não estuda né? Por que que você não faz um concurso? Não pra você ganhar melhor, mas pelo que você me fala que isso te deixa muito cansada né?’ ”.</p>	

<u>CATEGORIA – 4</u>	
<b>OS PAPÉIS SEXUAIS</b>	
	Frequência: 11
<u>Definição</u>	
<p>Os relatos envolvem a divisão das tarefas domésticas, os papéis sexuais, os cuidados e a educação de filhos, bem como a forma de administrar o orçamento doméstico. O discurso alude ao papel do homem como provedor e como a pessoa mais hábil para lidar com administração financeira do casal. Na percepção do homem, ele é o condutor na organização da casa e a esposa o acompanha, possibilitando que o casal compartilhe as rotinas domésticas.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Divisão de tarefas.</li><li>• Divisão de papéis.</li><li>• Finanças.</li><li>• Ações para com os filhos.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“Eu acho que o papel dos dois hoje é criar os filhos...”.</p> <p>“Eu acho que os dois têm uma função em casa”.</p> <p>“Essa questão financeira, eu acho que é papel do homem. Quem faz mais sou eu mesmo né? Se eu deixo com a Andréa fazer... o salário dela... Dá dois dias e acabou.”.</p> <p>“E também eu acho que eu nessa espécie de administração financeira, eu to mais na frente né? Então eu sei as contas que tem que pagar, quanto é mais ou menos... né? Então, eu tenho esse controle né? Não é que o homem tem que fazer isso, mas no meu caso eu sou mais organizado.”.</p> <p>“Até na... Limpeza da casa... Eu sempre fui mais... Até por que ela morava com os pais, com os avós... Na verdade, não só limpando a casa, mas ela vai me acompanhando... Um vai fazendo almoço”.</p> <p>“Eu acho que os dois têm uma função. Agora só quando a gente tiver cuidando do bebê mesmo é que vai ver...”.</p>	

**A. 4 – Quadro Geral das Categorias Temáticas do casal 1:**

<b>Entrevista Conjugal (EC)</b>		<b>Entrevista Individual (EIM)</b>		<b>Entrevista Individual (EIH)</b>	
CASAL 1	Freq.	MULHER	Freq.	MARIDO	Freq.
1. CONCEPÇÕES SOBRE O CASAMENTO	23	1. VISÕES SOBRE O CASAMENTO	25	1. INSATISFAÇÃO COM O TRABALHO	14
2. CASAMENTO E TRABALHO: VANTAGENS X DESVANTAGENS	14	2. GRAVIDEZ, MATERNIDADE E TRABALHO	28	2. PATERNIDADE	21
3. FAMÍLIA DE ORIGEM	21	3. SER HOMEM E SER MULHER.	19	3. O TRABALHO DA ESPOSA	18
4. O ORÇAMENTO DOMÉSTICO	13	4. INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA COMO VALOR	12	4. OS PAPÉIS SEXUAIS	11
5. PREPARANDO-SE PARA SEREM PAIS	17	5. CASAMENTO X TRABALHO	31		

**B. – CASAL 2 – BRUNO E BRUNA**

**B 1. – CATEGORIAS TEMÁTICAS DA ENTREVISTA CONJUGAL**

<u>CATEGORIA – 1</u>	
<b>VIDA POUCO COMPARTILHADA</b>	
	Frequência: 23
<u>Definição</u>	
<p>Concepções diferentes sobre casamento. A vida conjugal é pouco compartilhada e cada cônjuge tem seus projetos individuais. Os filhos são apontados como responsáveis pelo distanciamento do casal. A vida profissional do marido é percebida como responsável por sua ausência e seu alheamento à casa e à família. Desejo de transformar a relação.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A vida a dois e a vida individual</li> <li>• Mudanças com o nascimento dos filhos.</li> <li>• Solidão afetiva.</li> <li>• Parceiro em segundo plano.</li> <li>• Filhos e trabalho afastam a esposa.</li> </ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“O principal é que você tem que levar a sua vida a dois. Não que você tem que viver exclusivamente para o outro: eu viver a vida dele, e ele viver a minha”. (M)</p> <p>“Você tem a sua vida e ele tem a vida dele. Você tem seus amigos, você vai sair, eu vou sair tudo, mas, isso tudo a gente tem que ver que tem a participação da esposa e do marido. É o esposo e a mulher e, se tiver os filhos, os filhos têm que tá envolvidos”. (M)</p> <p>“Cada um pensa de um jeito. Cada um tem suas coisas para fazer. Acho que é inevitável que com tempo a gente se afaste um pouco”. (H)</p> <p>“Nossa vida de casal é muito individual”. (H)</p> <p>“A Bruna tem sempre muitas coisas para fazer. Antes das crianças, a gente até que ficava mais junto”. (H)</p> <p>“Depois que os meninos nasceram ela foi se envolvendo cada vez mais e eu me senti sobrando... Eu fiquei meio perdido. Resolvi viver minha vida”. (H)</p> <p>“O Bruno sempre foi muito alheio ao que a casa precisava... E a mim também, afetivamente também!” (M)</p> <p>“... ele sempre ficou muito ausente... Ele sempre foi muito distante... Mas, eu sei que é uma característica dele. Quando eu o conheci, ele era assim. Eu não vou querer mudar uma pessoa”. (M)</p> <p>“Na minha imaginação eu fico pensando que a gente podia ser diferente. Mas eu sei que isso é só fantasia. Na realidade, as coisas vão se transformando num casamento. O tempo do namoro fica para trás”. (H)</p>	

“... eu era muito ligada com meu marido, mas não tinha aquela dependência. O corte é muito difícil, né? Então, eu acho que o principal é você ter sua independência emocional, você saber viver. Você tem seu marido, mas você também tem outra vida além daquela vida de casada”. (M)

<u>CATEGORIA – 2</u>	
<b>FILHOS: RESPONSABILIDADE DA MULHER</b>	Frequência: 17
<u>Definição</u>	
A maternidade aparece como algo maravilhoso, ao mesmo tempo em que traz dificuldades inerentes atreladas ao seu exercício. O papel materno gera sobrecarga para a mulher em virtude da ausência do marido no compartilhamento de ações para com os filhos. Os filhos são considerados responsabilidade da mulher.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Desejo de ser mãe.</li><li>• Filhos pertencem ao universo feminino.</li><li>• Sobrecarga da mulher.</li><li>• Ausência do pai.</li><li>• Filhos trazem responsabilidade.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
“Eu sempre quis muito ser mãe. Na minha vida hoje meus filhos em primeiro lugar e depois carreira, depois estudo, mas em primeiro lugar os filhos”. (M)	
“Não, sempre sou eu, filho adocece, tem que levar no médico, quando a coisa é muito grave, ele vai, a presença dele tá ali comigo, a presença física dele ta ali. Agora, ele não tem muita iniciativa, entendeu?”. (M)	
“E eu também não sei muito como agir com eles. Eu não levo o menor jeito. Acho que eles se sentem melhor com a mãe”. (H)	
“... historicamente, os filhos são responsabilidade da mulher. É natural” (H)	
“Eu vivi muito para os meninos, até para cobrir a falta do pai que teve sempre ausente e distante deles”. (M)	
“Se adocece, o Bruno virá e fala pra mim: ‘Você já sabe qual o remédio que vai dar? ’. (M)	
“Eu acho que filho é responsabilidade da mulher. Sempre foi assim, não é?”. (H)	
“Eu ainda acho que algumas coisas são as mulheres que sabem fazer. Essa coisa de casa, de filhos não tem jeito. O homem não tem habilidade para isso”. (H)	
“É dá sobrecarga, acho que é da mulher né? Filho... filho nasceu, você gerou 9 meses, então, eu acho que a obrigação pesa mais pra mulher que para o homem”. (M)	
“Apesar do marido tá constantemente junto com você, esta sobrecarga maior fica com certeza com você”. (M)	
“... porque o Bruno ligava e dizia: ‘olha não posso pegar as crianças’. E eu ia buscar as crianças. Mas quando era o Bruno que ía buscar, aí a coisa era diferente: ‘Ah! Não dá. Não tenho tempo’. Mas a gente sempre dá um jeito, acho que isso é do homem”. (M)	

“Porque eu cobro. Eu sempre cobrei muito: ‘vai... vai no cinema’. Então, foi umas duas ou três vezes ao cinema, que eu me lembre com as crianças, não é?. (M)

“Então, ele tem um problema muito sério: a atenção que ele dá pras crianças. Não adianta ser uma atenção da forma física, a presença física dele. Você tem que fazer alguma atividade com as crianças. Eu levo para cinema, eu levo pra shopping, eu levo para isso. Mas ele nunca fez isso”. (M)

“Vejo no meu ambiente de trabalho muitas mulheres delegando os filhos para as empregadas. Eu acho isso um erro, pra mim é um casamento mal resolvido”. (H)

“Os filhos também exigem muito da gente. É muita responsabilidade. Muito sacrifício. E, às vezes, é difícil você ter toda essa disponibilidade”. (H)

<u>CATEGORIA – 3</u>	
<b>A ORGANIZAÇÃO DA CASA</b>	
	Frequência: 16
<u>Definição</u>	
No domínio privado, a mulher aparece como a responsável pelas tarefas domésticas. A divisão sexual do trabalho doméstico segue o padrão tradicional com a mulher exercendo a função de dona de casa.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Práticas domésticas.</li><li>• Divisão de tarefas.</li><li>• A mulher como dona de casa.</li><li>• Papel estereotipado da mulher.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
“A organização da casa é uma parte da vida da mulher”. (H)	
“... cuidar da casa, sempre foi uma atividade minha. Nunca houve nenhuma participação dele. Ele não troca nem uma lâmpada”. (M)	
“A função que ele tem em casa é encher a garrafa de água e jogar o lixo fora”. (M)	
“Acho importante a mulher ter outras funções fora de casa, inclusive trabalhar. É importantíssimo. Mas, ela nasceu pra ser dona de casa”. (H)	
“Ele sempre fez as compras mais pelo fato de eu ser mulher e ter de carregar as compras”. (M)	
“Conheço muitas mulheres que não gostam de ser dona de casa. Ainda bem que a Bruna não é assim”. (H)	
“Eu não sei fazer nada em casa. Mas, pelo menos eu sou muito organizado com as minhas coisas”. (H)	
“O Bruno sempre foi um homem que a meia que ele usava ele dobrava e colocava no cesto. O terno era pendurado, a gravata no lugar, toalha nunca deixou em cima da mesa, tudo muito organizado. Um homem que não dá trabalho. Agora não é muito de participar”. (M)	

<u>CATEGORIA – 4</u>
<b>A MULHER E A ADMINISTRAÇÃO DAS FINANÇAS</b>
Frequência: 12
<u>Definição</u>
O casal descreve como é feita a administração das finanças do casal e do orçamento familiar. Os relatos envolvem a forma como o casal lida com a entrada simultânea de dois salários diferenciados em função das carreiras e o papel determinante da mulher frente às deliberações financeiras da família.
<u>Temas</u>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Finanças do casal.</li><li>• Gerenciamento de dois salários.</li><li>• Práticas decisórias em relação ao dinheiro.</li><li>• Diferenças de salário.</li></ul>
<u>Verbalizações</u>
“Sempre fui eu que administrei o dinheiro”. (M)
“No início do casamento, com os filhos as coisas eram separadas. Ela pagava condomínio, água, luz. Eu pagava compras e outras coisas da casa... Tudo separado né?”. (H)
“Até três anos de casamento as contas eram separadas. Depois ficou tudo em conjunto, passou a não ter mais separação do que nós ganhávamos tudo era um conjunto”. (H)
“Depois de três anos, se você tem três anos a coisa já ficou muito junto, né? Começamos a ter conta conjunta. Meu salário ia pra a conta dele ou o dele pra minha”. (M)
“... se eu precisava de alguma coisa e na minha conta não tinha saldo, eu ligava ‘Olha tô dando um cheque tal’. Então, a coisa ficou muito junta, entendeu?”. (M)
“... sempre fui eu que comprei o terno pra ele trabalhar, sapato pra trabalhar, coisas pras crianças, brinquedo de natal, presente de mãe, presente de pai. Sempre fui eu que comprava. Sempre, todas as atividades. Tudo que havia dentro de casa. Se faltava gás era comigo. Se faltava isso também... tudo era comigo”. (M)
“O apartamento que nós moramos agora... vendemos uma casa e tudo, porque era longe do condomínio e eu queria um apartamento. Tudo fui eu que fui ver e o Bruno não foi nem olhar. Ele só foi fazer o negócio no cartório e depois morar”. (M)
“Já cheguei a ganhar mais do que ele”. (M)
“A gente nunca teve muito problema com isso não. Tudo que temos construímos juntos. É claro que durante um bom tempo a minha participação financeira foi maior. Agora, teve uma época aí que ela chegou a ganhar mais do eu”. (H)
“Teve uma época que a gente falava sobre essa coisa do dinheiro. Eu dizia vamos viajar, a gente pode fazer essa viagem. E ele dizia: ‘Você pode fazer sua viagem, você ganha mais do que eu’. Aí eu respondia que não ganhava mais do que ele. Porque a nossa conta não é individual, eu não uso o meu dinheiro ou o dinheiro dele pra isso. Mas, já houve algumas cutucadas, dizendo que: ‘a você ganha mais do que eu, entendeu? Já ouvi várias vezes. Aí eu sempre brinquei: ‘quem mandou, você foi estudar. Eu sou funcionária pública!’”. (M)

**B 2. – CATEGORIAS TEMÁTICAS DA ENTREVISTA INDIVIDUAL COM A ESPOSA**

<u>CATEGORIA – 1</u>	
<b>A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL</b>	Frequência: 17
<u>Definição</u>	
Os relatos envolvem a importância da carreira e a história da vida profissional. A carreira é apontada como parte primordial da vida da mulher. A realização pessoal é alcançada através do trabalho. A ascensão profissional é uma aspiração legítima e motivo de orgulho.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Trajetória profissional.</li><li>• Realização profissional.</li><li>• Prazer no trabalho.</li><li>• Mudanças profissionais.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
“Eu sou funcionária pública desde 17 anos de idade. Então, como eu posso dizer... eu assimilei muito nova o que é ter uma carreira”.	
“Tenho uma carreira muito sólida. Sempre fui taquígrafa. Nunca tive uma outra profissão. Sempre fui desta área. Então, eu acho que a carreira é o principal de tudo”.	
“A carreira é de onde vem o seu recurso para você sustentar a sua família, né? Para você crescer emocionalmente, você crescer socialmente e culturalmente também. Eu acho que o ponto principal de tudo é a minha carreira”.	
“Eu comecei como taquígrafa, nível técnico, depois passei a coordenadora, depois comecei a ser substituta. Quando eu vi que eu poderia alcançar um cargo de direção e o que tava faltando pra mim seria um nível superior, eu resolvi fazer. E depois de um certo tempo, eu consegui o cargo”.	
“... cheguei na direção, então foi o que eu sempre quis, né?”.	
“Eu gostava muito. Eu sentia prazer de estar lá, trabalhando”.	
“Eu me sinto uma mulher realizada profissionalmente”.	
“... meu trabalho é um trabalho que eu gosto demais”.	
“E só saí porque mudou a presidência do órgão. É você sabe que sempre é quem indica. Esse cargo é um cargo de confiança. Então, o presidente coloca e tira quem ele quer”.	
“... em agosto de 2004, foi quando eu deixei a direção. É pra mim foi muito ruim, porque eu me doei muito, eu fiquei arrasada. Aquilo pra mim, era minha vida”.	

<u>CATEGORIA – 2</u>	
<b>INVESTIMENTO NO TRABALHO E CRISE CONJUGAL</b>	
	Frequência: 21
<u>Definição</u>	
<p>A vida conjugal é pouco compartilhada em função do investimento profissional de cada cônjuge. O relacionamento muito individualizado e pouco afetivo gera o distanciamento do casal e insatisfação da mulher. Na sua percepção, a sua absorção pelo trabalho e a sua ausência de casa foram motivos para a crise conjugal.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Ascensão profissional.</li><li>• Crise no relacionamento.</li><li>• Vida não compartilhada.</li><li>• Trabalho e estudos afastam o casal.</li><li>• Projetos individuais.</li><li>• Excesso de trabalho.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“Eu fui durante 04 anos diretora da minha área na empresa. Nesses 04 anos, eu chegava 08:00hs da manhã e saía meia noite. Então, me dediquei muito. Acho que, nestes 04 anos, foi realmente o que causou essa crise no relacionamento”.</p> <p>“Eu estava com um propósito e ele com outro”.</p> <p>“... quando eu comecei a não ter tempo, foram somente estes cinco anos, aí acho que ele sentiu. Porque até então, eu tinha o horário maravilhoso, eu trabalhava e também estava disponível”.</p> <p>“Ele sempre gostou muito de eu ser independente dele e tudo. Mas, eu acho que teve uma certa hora que ele viu que eu estava muito ausente e ele também ausente. Então, eu acho que aí teve choque”.</p> <p>“Acho que a minha dedicação exclusiva ao trabalho e também a dedicação dele, que eu sempre cobre dele ser muito dedicado e não ser dedicado assim com a gente, de não poder dar a atenção que toda a mulher gostaria”.</p> <p>“Ele tem duas graduações e uma pós-graduação. E quando eu comecei o curso de pós é que foi afastando. Foi um problema muito sério”.</p> <p>“Ele trabalha demais. Foi trabalhar em banco, ser gerente. Então, eu acho que esta falta de contato foi o fio da meada. Eu acho que foi aí que começou nossos problemas”.</p> <p>“Ele não podia tirar férias em janeiro, tinha que dividir. Eu acabei ficando e fazendo as coisas sozinhas”.</p> <p>“Então, eu tinha duas férias por ano. Eu podia viajar. Eu viajava sozinha com os meninos. Aí, ficou uma coisa muito separada”.</p>	

<u>CATEGORIA – 3</u>	
<b>OU O CASAMENTO OU O TRABALHO</b>	
	Frequência: 12
<u>Definição</u>	
Renúncia às próprias necessidades e desejos. Metas e ambições profissionais são colocadas em segundo plano a fim de preservar a harmonia do relacionamento. O discurso da mulher aponta a presença de pressões sutis do marido contra seu investimento nos estudos e na profissão.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Renúncia.</li><li>• Abandono de projetos.</li><li>• Marido e filhos como prioridade.</li><li>• Preservação do relacionamento.</li><li>• Oposição às pretensões profissionais.</li><li>• Divergências no relacionamento.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
“... chegou um lado que eu estava abrindo mão das minhas coisas, pra ver se o casamento dava certo”.	
“... Ou eu deixava de lado alguns projetos, ou meu casamento naufragava”.	
“Eu sempre estava abrindo mão das minhas coisas: ‘Não, a gente vai melhorar’. E ele nunca abria mão de nada”.	
“Então, a coisa ficou muito assim, ele vivendo a vida dele e eu vivendo a minha vida, sendo que nós dois vivendo na mesma casa, com dois filhos”.	
“... eu acho que eu deixei muito de lado o meu trabalho pra tentar resolver o lado do casamento...”.	
“... apesar dele nunca dizer. ‘Ah! Eu não quero que você faça’. Não, nunca houve isso. Mas ele se sentia incomodado em alguns pontinhos”.	
“Ele não queria que eu começasse a fazer o curso de pós e aí as divergências foram aparecendo”.	

<u>CATEGORIA – 4</u>	
<b>INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA</b>	
	Frequência: 10
<u>Definição</u>	
A independência financeira e emocional é apontada como o aspecto mais importante na vida da mulher. Ter vida própria e interesses pessoais aparece no discurso da mulher como uma forma de não depender do marido. A questão da independência e autonomia favoreceu a construção de uma auto-imagem positiva.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Independência financeira.</li><li>• Independência emocional.</li><li>• Autonomia.</li><li>• Pensar em si própria.</li><li>• Auto-imagem positiva.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“Eu acho que a carreira é muito importante na vida de uma mulher para a realização pessoal e conquista da independência financeira. Eu acho que é um lado que a gente precisa ter né?”.</p> <p>“É e a independência emocional também”. “Eu acho que a independência financeira e emocional. Acho que é o principal na vida da mulher”.</p> <p>“A independência é tudo...”.</p> <p>“... é você ter sua independência emocional, você saber viver. É você tem seu marido, mas você também tem outra vida além daquela vida de casada. Então pra você poder, num caso de crise como o meu, se separar, se sair bem, sem problemas...”.</p> <p>“Eu acho que a independência financeira e emocional. Acho que é o principal na vida da mulher”.</p> <p>“Quando eu casei com o meu marido eu já era funcionária pública, eu já tinha uma profissão, né? E... sempre tive o meu dinheiro, sempre fui independente financeiramente, nunca dependi dele”.</p> <p>“... acho que esse foi um dos pontos principais por ele ter casado comigo, acho que foi isso, porque inclusive ele era noivo a 08 anos, é, não casou com a noiva, é ..... assim que nós nos conhecemos acho que pela minha independência, eu acho que ele gostou de mim”.</p> <p>“Atualmente, eu me vejo como uma mulher independente de todas as formas. Agora, eu sou dona do meu próprio nariz, não tenho que dar satisfações”.</p>	

<u>CATEGORIA – 5</u>	
<b>FRUSTRAÇÕES, MÁGOAS E SOLIDÃO</b>	
	Frequência: 15
<u>Definição</u>	
Decepção e frustração em relação ao marido. As expectativas em relação ao casamento e ao marido foram frustradas em função da vida conjugal pouco compartilhada. Ressentimentos em relação ao cônjuge em função do seu desinteresse pelos filhos.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Expectativas e crenças sobre o casamento.</li><li>• Decepção com o marido.</li><li>• Frustração.</li><li>• Vida social não compartilhada.</li><li>• Solidão.</li><li>• Desinteresse pelos filhos.</li><li>• Mágoas.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“... acho que quando você casou... não que você tenha que fazer tudo junto. Cada um tem a sua personalidade, uma maneira de agir e você tem os seus amigos, ele tem os amigos dele, e os amigos em comum. Cada um tem que viver a sua vida da melhor maneira possível, mas, no momento que você casou você tem que ver que a partir daí você tem filho. O primeiro ponto é sua esposa e seus filhos. Depois você vai ver outras coisas”.</p> <p>“Não foi isso que eu sonhei pra mim de um marido, apesar de ser um marido excelente, um pai maravilhoso, mas faltava alguma coisa! Eu demorei 18, 19 anos pra perceber isso!”.</p> <p>“... estou casada a 13anos e estou no meio de uma crise...”.</p> <p>“Ele sempre foi muito alheio à vida em família, ao que nós precisávamos”.</p> <p>“A gente não faz um programa juntos. Nunca ele tem tempo”.</p> <p>“... é a característica dele, ele é muito introvertido e eu já sou extrovertida demais. Eu fui me adaptando, fui deixando mão de algumas coisas em função de gostar dele”.</p> <p>“Eu fui me adaptando em função do nosso amor ter sido uma coisa tão assim, muito de momento e que já dura 19 anos. Tá durando até demais!”.</p> <p>“O Vítor tá numa idade muito problemática. O Bruno tá em casa, tá presente, mas é uma presença que... é aquele negócio que eu falava pra ele: ‘não adianta’. Ele não conversa com o Vítor, não joga, não faz nenhuma brincadeira, não vai no clube. Tá lá... a presença física, mas só a presença física não adianta...”.</p> <p>“Porque não é possível que um dia ele não vai acordar e vai dizer: ‘Olha, os meus filhos precisam de mim!’, né? Então, eu vou bater nessa tecla. Eu acho que eu já bati demais que aí eu acho que ele se irritou muito”.</p> <p>“Na compra do nosso apartamento eu comprei e ele só entrou. ‘Tô comprando esse, você não vai vim ver?’. Não, ele não foi!”.</p>	

<u>CATEGORIA – 6</u>
<b>A MATERNIDADE</b>
Frequência: 18
<u>Definição</u>
Os relatos envolvem a importância da maternidade, o sonho de ser mãe em função de seu aprendizado na família de origem. O exercício da maternidade exige tempo e dedicação por parte da mulher. Tentativa de coordenar as ações com os filhos com a vida pessoal e profissional. Filhos geram sobrecarga.
<u>Temas</u>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Desejo de ser mãe.</li><li>• Família de origem.</li><li>• Tempo e dedicação aos filhos.</li><li>• Conciliação entre diversas demandas.</li><li>• Sobrecarga.</li></ul>
<u>Verbalizações</u>
<p>“Eu sempre quis ter filhos desde pequena, porque eu vim de uma família com 11 irmãos. Então, lá em casa, sempre teve muitos sobrinhos, muitos filhos, muitas crianças”.</p> <p>“Não foi planejado. Casei aos 18 anos. Casei grávida, mas perdi o primeiro e depois sofri outro aborto aos 19 anos. Depois tive os meus dois filhos. Então, sempre quis muito ser mãe”.</p> <p>“Eu acho uma coisa maravilhosa poder ter um filho”.</p> <p>“É difícil de educar, tanto financeiramente como emocionalmente que eu acho pior ainda. Mas, eu acho que é tudo. Meus filhos estão em primeiro lugar”.</p> <p>“... eu não tenho muito tempo, mas a gente sempre arruma um tempinho. Eu vou, eu levo pro karatê, eu levo pra isso, eu levo pra aquilo, né? Eu também tenho o motorista que levava aqui e ali, eu busco outra hora. Sempre tem alguém por trás. E eu mesmo sempre controlando porque eu nunca deixei”.</p> <p>“É muito complicado, por este lado. Você acaba tendo tudo que você vai fazer sendo nas tuas costas, apesar de ter o marido ajudando. Mas você fica mais sobrecarregada. Com o tempo a gente vai coordenando né? Tem que ser muito controlado o horário para tudo, porque senão você fica com muito sobrecarga. Aí você acaba não fazendo nada direito, fazendo aos pedaços! Mas, eu acho que é da mulher, infelizmente ou felizmente, aí a gente não tem como definir”.</p> <p>“Tudo que você vai fazer acaba sendo nas tuas costas, apesar de ter o marido ajudando. Você fica mais sobrecarregada. Com o tempo agente vai coordenando...”.</p>

**B 3. – CATEGORIAS TEMÁTICAS DA ENTREVISTA INDIVIDUAL COM O HOMEM**

<u>CATEGORIA – 1</u>	
<b>A CARREIRA COMO PROJETO DE VIDA</b>	Frequência: 17
<u>Definição</u>	
O discurso do homem revela seu prazer e disposição para o trabalho. A vida profissional é apontada como a área mais importante de sua vida, bem como onde ele encontra satisfação e auto-realização. O investimento na formação acadêmica é motivo de orgulho e apontado como um aspecto de auto-valorização.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Importância da profissão.</li><li>• Formação acadêmica.</li><li>• A vida em função do trabalho.</li><li>• Gosto por leitura.</li><li>• Trabalhar consome o tempo.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
“Eu sempre trabalhei muito. Eu já trabalhava muito antes de casar com a Bruna. A minha vida profissional me consome muito. Exige muito sacrifício. Mas, eu gosto muito da vida que eu levo”.	
“Meu projeto de vida sempre foi crescer profissionalmente”.	
“Eu sempre busquei o meu lado profissional porque é onde eu sempre encontrei minha realização”.	
“Pra você ter uma idéia, eu sou graduado, pós-graduado e graduado outra vez. Eu sou formado em administração e economia. E agora, fiz uma especialização na Getulio Vargas em mercado financeiro”.	
“... o meu prazer é a leitura. Eu adoro ler. É o que mais gosto de fazer na vida. Chega a lá em casa a Bruna falar assim: ‘Pelo amor de Deus, você tá comendo o livro’. Porque realmente é um atrás do outro”.	
“É... eu só falo de trabalho ou então não tenho muito pra falar. Eu sei que Bruna se ressentiu disso”.	
“A parte profissional é uma ambição. Mas, não é só isso. Tem o sustento de todos lá em casa né? Tem o fato de ser onde eu me realizo. É onde eu me sinto à vontade”.	
“Eu trabalho muito. Estou trabalhando num banco. É sou o gerente. Eu sou perito também. Então, além de trabalhar de manhã e de tarde, eu tenho que ir pra o escritório de noite”.	

<u>CATEGORIA – 2</u>	
<b>MULHER, FAMÍLIA E TRABALHO</b>	
	Frequência: 14
<u>Definição</u>	
<p>A carreira feminina aparece como algo que é valorizado desde que não esteja acima da importância da família e do casamento. Os depoimentos do homem denotam a valorização do trabalho da mulher e fazem referência ao modelo tradicional de mulher voltada para as funções de esposa e mãe. Os impasses e discórdia no casamento são atribuídos ao investimento maciço da mulher na profissão.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• A carreira feminina.</li><li>• O valor dado ao trabalho da mulher.</li><li>• Família como prioridade feminina.</li><li>• A mulher entre família e trabalho.</li><li>• Crise conjugal.</li><li>• Papel social da mulher.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“Eu queria que ela tivesse o trabalho dela, que ela crescesse porque é o nosso ambiente: se nós estamos no ambiente de estudar e ler, ela tem que acompanhar”.</p> <p>“A carreira da mulher não é independente. Ela tem responsabilidades com a família”.</p> <p>“Uma carreira feminina não é independente e a mulher tem uma responsabilidade muito maior de cuidar dos filhos, do marido e da casa”.</p> <p>“Eu acho formidável essa coisa da mulher querer trabalhar, se desenvolver intelectualmente. Mas ela precisa saber como vai fazer isso. Tem que lembrar que a partir do momento em que se casou e teve filhos, sua vida mudou. O marido, a casa e os filhos vêm em primeiro lugar”.</p> <p>“A carreira não pode estar acima da família. Acho que a mulher tem que achar um espaço para conciliar os dois. Se a mulher achar que a carreira é mais importante que a família, na minha opinião, não deveria ter casado”.</p> <p>“A Bruna não soube levar as coisas. Quanto mais ela subiu na vida profissionalmente, mais ela relegou seu papel de mulher”.</p> <p>“... o que distanciou a gente mesmo foi esse trabalho dela. Aí ela não tinha tempo mais pra nada. Muito menos para estar comigo”.</p> <p>“Eu acho que com o trabalho, a Bruna se desgasta demais e isto é ruim para ela. E para mim também. Foi aí que o nosso relacionamento começou a ter problemas”.</p> <p>“Acho importante ela trabalhar fora. O que ela não pode perder de vista é o marido e a casa.”</p> <p>“Acho a carreira da Bruna muito importante, valorizo e tenho orgulho dela. Agora, tem uma coisa. Acho importante ela aprender a conciliar o trabalho com a família e o casamento. A mulher tem uma responsabilidade social muito séria, ela tem que conduzir a família”.</p>	

<u>CATEGORIA – 3</u>	
<b>DIFICULDADES NOS RELACIONAMENTOS</b>	Frequência: 10
<u>Definição</u>	
<p>Timidez, seriedade e reserva são descritas pelo homem como características marcantes de sua personalidade. A auto-descrição mostra dificuldades para se socializar e viver na companhia do outro. A personalidade do homem é descrita como bastante diferente da personalidade da mulher.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Timidez e reserva.</li><li>• Diferenças de personalidade.</li><li>• Gosto por ficar em casa.</li><li>• Dificuldades de socialização.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“Eu não sou muito bom nos relacionamentos...”.</p> <p>“A gente se casou em 01 ano e eu mudei muito depois que casei com ela. Eu sempre fui muito fechado, sério, quieto, tímido mesmo”.</p> <p>“Eu e a Bruna somos pessoas bem diferentes. Nós temos personalidades extremamente diferentes, mas pelo menos nos damos bem em alguns pontos. Por exemplo: ela gosta de me ajudar, ela também gosta de ler, entendeu?”.</p> <p>“Eu sempre gostei de ficar em casa lendo ou vendo televisão. Eu gosto muito disso. O meu negócio é mais casa, caseiro mesmo. Eu não sou muito bom com as pessoas”.</p> <p>“A nossa vida social é só com a família. Eu sou assim mesmo. Muito fechado. Então, o lado social fica muito prejudicado e ela reclama bastante”.</p> <p>“Então, eu vivo muito o meu lado profissional e ir pra casa, para mim, é para descansar. Então, eu gosto de ficar quieto, calado mesmo...”.</p> <p>“Eu sempre vivi um pouco isolado do mundo mesmo. Assim, alheio às pessoas. Acho que isso interfere muito na minha relação com a Bruna. E com os meninos também”.</p>	

**B. 4– Quadro Geral das Categorias Temáticas do casal 2:**

<b>Entrevista Conjugal (EC)</b>		<b>Entrevista Individual (EIM)</b>		<b>Entrevista Individual (EIH)</b>	
CASAL 2	Freq.	MULHER	Freq.	HOMEM	Freq.
1. VIDA POUCO COMPARTILHADA	23	1. A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL	17	1. A CARREIRA COMO PROJETO DE VIDA	17
2. FILHOS: RESPONSABILIDADE DA MULHER	17	2. INVESTIMENTO NO TRABALHO E CRISE CONJUGAL	21	2. MULHER, FAMÍLIA E TRABALHO.	14
3. A ORGANIZAÇÃO DA CASA	16	3. OU O CASAMENTO OU O TRABALHO	12	3. DIFICULDADES NOS RELACIONAMENTOS	10
4. A MULHER E A ADMINISTRAÇÃO DAS FINANÇAS.	12	4. INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA	10		
		5. FRUSTRAÇÕES, MÁGOAS E SOLIDÃO	15		
		6. A MATERNIDADE	18		

C. – CASAL 3 – JOÃO E JOANA

C 1. – CATEGORIAS TEMÁTICAS DA ENTREVISTA CONJUGAL

<u>CATEGORIA – 1</u>	
<b>CASAMENTO: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS</b>	Frequência: 32
<u>Definição</u>	
Os relatos aludem aos rituais de casamento, bem como a importância do nascimento dos filhos como fator determinante para a constituição do casamento. Os cônjuges falam de desacordos, diferenças de personalidade e da necessidade de ceder para viver a dois. A experiência conjugal gera apreciações ambivalentes com relação à carreira. A mulher é percebida como a principal responsável pela preservação da união conjugal.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• União civil, religiosa e vida a dois.</li><li>• Casamento a partir do nascimento dos filhos.</li><li>• A mulher como responsável pela preservação da união.</li><li>• Desacordos e diferenças de personalidade.</li><li>• Necessidade de ceder.</li><li>• Casamento: dificuldades e divergências</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“É uma união, né? Legalmente tem várias maneiras de casamento: tem a parte legal do casamento, a união civil, religiosa também, né? Tem essa parte do casamento e a vida a dois, como ela já definiu. Você tem que comungar de tudo, gostando e quase sempre não gostando. Gosta em uma hora e não gosta em outras, nas opiniões e nas maneiras de agir um com o outro”. (H).</p> <p>“... quando as pessoas fazem essa união, elas têm um propósito. Porque a princípio, ninguém de bom senso quer romper assim tão rápido. Porque as divergências vêm rapidamente no casamento né? Mas, como elas não querem romper e há um fracasso rápido, aí cada um tenta ir se adaptando, achando ruim ou gostando. Mas, vão se adaptando e vão levando o casamento através dos anos...”. (H).</p> <p>“... eu defino o casamento mesmo, só depois que ganha o primeiro filho. Aí é que se considera que a pessoa tá casada. Antes, só essa parte legal, continua só sendo um papel na vida a dois. Mas, eu não considero casamento, ou melhor, o casamento quando vai continuar mesmo, que você tem certeza, é só depois que nascem os filhos. Eu acho que o casamento só passa a ser casamento mesmo, depois que acontecem os filhos”. (H).</p> <p>“Acho que no casamento, a mulher, ainda hoje é um fator fundamental a mulher ter paciência, saber lidar com essas divergências., principalmente, as mulheres. Porque eu acho que o homem... Por exemplo , eu também acho que eu não me casei bem preparado, né? Eu acho que o sucesso do relacionamento dependeu muito da Joana. Então, acho que hoje o papel da mulher é fundamental para a duração e manutenção do casamento”. (H).</p> <p>“Eu defino o nosso casamento como tudo isso que ele falou. Acho que a mulher tem um papel importante. Ela perdoa, ela conduz melhor. No nosso casamento, então, por isso que perdurou. Nós tivemos algumas barreiras difíceis que nós passamos, mas eu achei que não era motivo pra acabar o casamento”. (M).</p>	

“No nosso casamento, a gente teve primeiro essa divergência de costumes, de valores. Uma divergência de costume muito forte. Agora, acho que com o passar do tempo né? Foi ficando mais maduro”. (H).

“O casamento é muito complicado. A vida a dois não é fácil. É difícil, porque você tem suas opiniões, o seu jeito de ser, a sua maneira, a sua formação. Aí você casa com uma outra pessoa que tem uma outra formação, uma outra maneira de ver as coisas, a vida. Aí, você junta e se não estiver duas pessoas de equilíbrio, se não tiver muito equilíbrio, não dá pra levar por muito tempo porque é complicado. São duas cabeças diferentes que vão passar a viver, seguir nesse caminho. As coisas, à vezes pende para um lado outro, pende pro outro. É complicado. Mas é bom. Dá pra levar...”. (M)

“Se não houver esse lado de um ceder pro outro, aí não tem casamento. Porque as opiniões nunca vão ser as mesmas, vai haver sempre uma divergência e se um não ceder ao que o outro gosta, ao que ele quer fazer ou a opinião dele não tem jeito. Não tem como haver uma união agradável”. (M).

“Porque a gente se conheceu e a gente namorou pouco tempo. Já existia essa diferença de costumes que nós colocamos já que nos atrapalhou um pouco e como atrapalha quando você casa com um rapaz que leva a vida totalmente diferente da sua. Aí tudo aquilo ali pra você conciliar é muito complicado”. (M).

“... muita coisa que aconteceu que eu deixava passar. Isso porque eu tinha uma certa culpa, porque eu não queria participar dos eventos que ele queria. A gente namorou pouco tempo, casamos muito cedo e ele era muito jovem e eu também. Ele queria brincar e já trabalhava muito. Na época que eu conheci ele, eu já trabalhava, já tinha um cargo de confiança. Eu tinha uma responsabilidade. Aquilo ali pra mim era muito bom. Eu gostava muito e eu sempre fui muita empresa. Sempre muito mais trabalho do que de casa”. (M).

<u>CATEGORIA – 2</u>	
<b>A MULHER E A LOGÍSTICA DA CASA</b>	
	Frequência: 15
<u>Definição</u>	
No domínio privado, a mulher aparece como a responsável pelas tarefas domésticas. A divisão sexual do trabalho doméstico segue o padrão tradicional com a mulher exercendo a função de dona de casa.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Divisão de tarefas.</li><li>• A organização da casa.</li><li>• Divisão de papéis.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“Há uns oito anos, a gente tem uma pessoa que ajuda a gente aqui em casa e que hoje eu não me envolvo realmente com nada de casa, assim de ajudar em tarefas. Logo quando nossas crianças nasceram aí eu ajudava bastante... né? lavava fralda, porque a gente realmente não tinha quem ajudar. Fazer comida eu não sei, mas lavar e arrumar a cozinha, tudo bem...”. (H).</p> <p>“No início da nossa vida a gente dividia quando precisava...”. (H)</p> <p>“Quando a gente chegou em Brasília, teve um período, acho que uns seis meses só, que a gente ficou com dificuldade de arrumar uma pessoa pra trabalhar com a gente. Então, ele ia, lavava, botava pra secar. Quando eu ficava só ele dava uma força em casa...”. (M)</p> <p>“A gente tem uma empresa juntos... Em termos de dividir os papéis, a gente não tem muito assim, esse lado. A gente não divide muito. Eu ajudo muito na empresa, participo ativamente de tudo e na casa também e assim, não é uma divisão”. (H)</p> <p>“Na casa, ele não se envolve muito. Já sou mais eu. Mas é tudo praticamente junto. Não tem muitos problemas. Dividido não é não. Eu fico com a maior parte”. (M).</p>	

<u>CATEGORIA – 3</u>	
<b>ACÚMULO DE TAREFAS E MULTIPLICIDADE DE PAPÉIS</b>	
Frequência: 21	
<u>Definição</u>	
Os relatos revelam as estratégias utilizadas pelo casal para conciliar casamento e trabalho. Os cônjuges falam dos desacordos no casamento, da cobrança dos filhos e da diminuição da atividade sexual em função do acúmulo de tarefas e da multiplicidade de papéis desempenhados por ambos os cônjuges.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Estratégias utilizadas para conciliar casamento e trabalho</li><li>• Desacordos no casamento.</li><li>• Retomada dos estudos.</li><li>• Ausência de casa e cobrança dos filhos.</li><li>• Estresse.</li><li>• Diminuição da atividade sexual.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“E resolvi mudar tudo e me dedicar cem por cento só ao trabalho e ao estudo. E quando eu vi que tava conseguindo, abrimos uma loja abriu, abrimos outra loja... Foi que eu falei: ‘Aí meu Deus, e agora?’ (H).</p> <p>“É isso que ele falou. Não há uma estratégia assim, nem pra empresa e nem pra casa, nem pros filhos. Nós não traçamos. Nós tínhamos um objetivo: vamos fazer o curso e vamos até o fim. E acabou que foram os dois. Nesse meio tempo, a gente não viu mais a casa, os filhos e a loja”. (M).</p> <p>“Isso influenciou muito o casamento devido ao stress por causa do trabalho. Quando a gente fica um pouco estressado, a gente diminuiu o relacionamento, diminuiu a convivência e se afasta, até pra evitar problemas. Então, não há um diálogo, porque sempre há uma discordância”. (H)</p> <p>“... minha filha chegou a cobrar da gente: ‘Mãe, acho que só um de vocês tem que continuar o curso, porque vocês abandonaram a gente, abandonaram a casa, vocês abandonaram tudo. Eu sou largada. Eu to aqui largada’”. (M).</p> <p>“Eu sempre fui cuidadosa de não deixar faltar nada. Mas claro com tudo isso o tempo me falta. Não dá! Às vezes, eu deixo faltar alguma coisa e ela já fala: ‘Mãe! Você tá impossível, você tá enlouquecendo com essa faculdade’. Então, esse lado tá meio difícil...”. (M)</p> <p>“Assim, eu era bem assim. Antes de eu ter esse monte de trabalho, eu era muito assim obstinado... Queria fazer sexo toda a noite. Agora que eu comecei a estudar, comecei a fazer esse monte de coisa, eu acho que melhorou bastante isso pra mim”. (H)</p> <p>“Não, isso que ele falou é uma realidade, antes até tinha algumas briguinhas que é por isso, né? Porque era uma vida muito agitada que eu levava e ele também e ele tinha aquela energia toda para sexo e eu não conseguia acompanhar e hoje não, hoje tá equilibrado tá tudo certo, não temos mais esse problema porque ele se ocupou mais, ele... ficou a coisa mais normal e aí tudo bem, acompanhei na boa”. (M).</p>	

“A gente não consegue ter tempo pra dar uma saída juntos. Pra se divertir. Tem um fardo na nossa vida que foi esse acúmulo exagerado de tarefas. Antes da gente montar a outra loja, a gente tinha uma vida normal também, mas a gente sempre divergiu”. (M).

<u>CATEGORIA – 4</u>	
<b>CÔNJUGES E SÓCIOS: VANTAGENS E DESVANTAGENS</b>	
	Frequência: 28
<u>Definição</u>	
<p>Os relatos envolvem as vantagens e desvantagens em relação ao estilo de casamento. Ambos os esposos apontaram que as principais desvantagens geradas pela conciliação entre casamento e trabalho referem-se ao desgaste no casamento. A principal vantagem relatada pelos cônjuges refere-se a confiança que o estilo de casamento vivido por eles traz.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Vantagens e desvantagens de conciliar casamento e trabalho.</li><li>• O trabalho interfere no casamento.</li><li>• Desgastes no relacionamento.</li><li>• A confiança entre os cônjuges.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“Não, eu acho que é o seguinte: a gente diverge muito no aspecto do trabalho. Assim, ela considera o trabalho que ela faz com as mãos. Eu tenho o costume de trabalhar assim, só falando. Eu posso delegar uma função pra funcionária que a gente tem e quase sempre eu vou lá e delego. E ela perde muito a paciência com os funcionários. Aí, ela pega e vai fazer”. (H)</p> <p>“Quando a gente entre em casa, a farmácia entra junto com a gente. Eu vejo que vai demorar a ser diferente disso”. (H).</p> <p>“Quando as coisas estão bem equilibradas, às vezes, até evitamos falar. Mas, quando as coisas tendem um pouco pro nível de dificuldade lá no trabalho, aí como eu disse, ele não sabe conviver com isso. Aí é difícil, aí acaba que todo dia a farmácia entra em casa junto com a gente”. (M).</p> <p>“A desvantagem principal nesse tipo de casamento é que a gente tá muito junto e isso desgasta muito o relacionamento. Por exemplo, você já vive muitos problemas juntos, o casal né? Que muitas vezes, dá uma angústia de você ter que ficar superando tantas coisas. Todo dia a gente volta pro quarto e já passa o dia naquele conflito... Aí, o fato de você tá junto ali, de você dividir aquelas dificuldades, você sempre traz pra casa, pro quarto, você não consegue deixar lá. E, às vezes, no trabalho você é obrigado a se comunicar o tempo inteiro. Então, quando sai do trabalho, às vezes dá vontade de parar um pouco a comunicação porque já foi desgastante.”. (H)</p> <p>“A principal desvantagem mesmo é no relacionamento. De uma forma, fica prejudicado por você trabalhar junto... Mas, graças a deus, a gente não tem nenhum outro motivo pra brigar e nem nenhum motivo pra querer separar”. (H).</p> <p>“A desvantagens desse tipo de casamento é isso que ele colocou. Realmente, tem vezes que desgasta muito”. (M).</p> <p>“Às vezes, a gente investe muito numa das lojas. Mas, depois, a gente vê que não calculou bem e tal. Aí, ele fala que essa parte eu não calculo muito bem, ele joga sempre: ‘ah! Porque não era pra você fazer isso’ e eu fico sempre com a culpa maior. Esse lado, às vezes, me desgasta e causa um desgaste entre a gente”. (M)</p>	

“Quando o casal, eles estão os dois juntos, no mesmo universo, no mesmo trabalho, na mesma casa, na mesma faculdade, você tem o controle das coisas. Gera uma segurança maior pro casal. Isso é uma vantagem. Como ele falou, é mais econômico e a gente tem uma segurança.”. (M)

“O que é importante também é que, por mais que as pessoas num casamento possam se dar bem, confia um no outro, mas uma coisa muito importante é que um tá vendo o que o outro faz”. (H)

<p><u>CATEGORIA – 5</u></p> <p><b>A PARENTALIDADE: DIVIDINDO TAREFAS E ENFRENTANDO A ADOLESCÊNCIA</b></p> <p style="text-align: right;">Frequência: 27</p>
<p><u>Definição</u></p>
<p>Os relatos revelam a divisão dos papéis parentais. Ambos os cônjuges abordam a questão da adolescência dos filhos e a forma como o relacionamento entre pais e filhos se estabelece. A mãe fala do sentimento de culpa em relação a sua ausência no período em que os filhos eram pequenos. O pai relata suas experiências afetivas e relacionais com os filhos.</p>
<p><u>Temas</u></p>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Adolescência dos filhos.</li><li>• Relações parentais.</li><li>• Divisão dos papéis parentais.</li><li>• Educação dos filhos.</li><li>• O papel de mãe.</li><li>• Cuidados com os filhos.</li><li>• A mãe e o sentimento de culpa.</li><li>• O pai participativo e afetivo.</li></ul>
<p><u>Verbalizações</u></p>
<p>“Fazer as coisas pros filhos? Essa parte sempre foi muito bem dividida. Por que, no início, eu fazia mais porque ela gostava de dirigir menos, mas depois começou a dirigir muito bem.”. (H)</p> <p>“... a parte da educação a gente faz junto, a gente combina tudo, a gente conversa muito. Agora, ele nessa parte, ele tem mais habilidade. Eu não tenho muita”. (M).</p> <p>“Não me considero ‘aquela mãe’! Eu cuido, mas eu não sou aquela mãe que eu gostaria de ser. Que sabe conduzir as coisas direitinho”. (M).</p> <p>“Eu deixei muito os meninos quando eles eram menores na mão da moça que cuidava. E o João não, ele já é mais cuidadoso, ele é mais presente com os meninos, coloca melhor as coisas, como é que é tudo. Essa parte ele faz bem. Apesar de que hoje eu faço”. E o João não, ele já é mais cuidadoso, ele é mais presente com os meninos, coloca melhor as coisas, como é que é tudo. Essa parte ele faz bem. Apesar de que hoje eu faço. (M)</p> <p>“Hoje, eu sou uma grande amiga da minha filha, a gente conversa muito e tudo. Mas eu acho que não sou como deveria ser”. (M)</p> <p>“Eu deveria ser um pouco mais atenta. Um pouco mais ligada a eles, ter mais cuidado que eu já tenho e conversar mais, e ter mais intimidade e aquelas coisas”. (M)</p> <p>“... eu tenho me aproximado muito da minha filha, que esse lado era ele quem mais que fazia. Assim, no nosso casamento, os meninos eles são bem diferentes. O menino ele tem muito o meu lado, a menina muito o lado do pai e eu acho que por isso, ela se apegou muito com o pai. Quando era pequenininha, ela era muito apegada com o pai, se achava muito parecida com o pai”. (M).</p>

"... Aí quando ela veio fazer quinze anos foi que eu vi que ela começou a querer namorar e aquela coisa, começou a achar que o pai era contra, não era aquele amigo que ela queria que ela achava que ele tem que aceitar tudo. Chega nessa hora , não aceita mais. Aí, ela começou meio que: 'Ah! eu vou me ligar mais na minha mãe e aí ficou mais livre'. Eu sempre fui muito de chamar de minha princesinha, minha queridinha e aquilo. E ela foi vendo: 'minha mãe, acho que eu tenho que me ligar mais na minha mãe'... ela também tava na terapia a alguns meses e a psicóloga trabalhou muito essa coisa de mãe , tem que ser amiga , essas coisa e hoje a Cristina me conta tudo , a gente é muito próxima , mas mesmo assim eu acho que não é o suficiente". (M)

"Eu acho que o que ela tá falando, é que ela não tem muita habilidade na hora de se expressar. Ela fala de uma maneira que a criança ou adolescente não entende. Então, é a dificuldade de se expressar". (H)

"Hoje eu to sentindo muito pelo meu filho porque tâmo assim, muito afastado, mas isso é uma fase mais difícil assim, adolescência, várias dúvidas, tá entendendo?" (H)

"Agora, a moça já tá no auge da adolescência, né? É um pouco revoltada comigo. Agora que ela tá amadurecendo, é que ela tá voltando a se comunicar melhor comigo. Na infância, a gente era muito ligado. Mas, depois no começo da adolescência, naquele pico de hormônios, né? Eu tinha que dizer não pra ela e ela ficava revoltada". (H)

<u>CATEGORIA – 6</u>	
<b>CONTAS SEPARADAS X ADMINISTRAÇÃO COMPARTILHADA</b>	
	Frequência: 16
<u>Definição</u>	
O casal descreve como administra os recursos financeiros. A esposa é responsável pela administração financeira do orçamento doméstico e pela gestão dos recursos da empresa.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Administração das finanças.</li><li>• Orçamento familiar.</li><li>• Controle financeiro.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“Não é tudo junto, a gente tem contas em banco separadas, mas o que a gente recebe de despesa de casa, dos filhos, é tudo junto...”. (M).</p> <p>“Antes da faculdade, eu ficava muito com essa parte da administração do dinheiro. Gostava muito de saber... Mas, hoje é uma coisa mais conjunta. Eu levo todas as contas para a casa e o que tem no mês pra pagar da loja, eu entrego para ele pagar. Então, o controle é feito pelos dois. Como ele disse, é muita conta, mas, é controlado. Não aquela coisa rigorosa. Mas, eu controlo quanto a loja vendeu, o que não tá dando, tudo no controle, tudo anotadinho e sou eu que faço esse controle” (M).</p> <p>“Então, a gente é muito assim... Nessa parte a gente combina muito. Até que tudo que ele vai fazer com relação a dinheiro, ele vem e me pergunta se pode e se dá. Então, é bem misturado, os dois assim não tem problemas”. (M).</p> <p>“Tem a minha, a dele, a da família, a da drogaria e das lojas, onde é concentrado as despesas, aí cada um tem sua conta separada”. (M).</p> <p>“... na verdade a gente se dá tão bem assim porque a gente não tem como esconder nada um do outro”. (H)</p> <p>“Ele sabia quanto ele tinha, e eu sabia quanto ele tinha. Assim, nada escondido. Mas as conta são separadas”. (M)</p> <p>“Eu tenho um salário que vem lá da minha família por mês na minha conta e ele tinha conta no BRB em que fazia as retiradas da drogaria que era dele, então ficava aquela coisa , um depositava pro outro , a minha eu tinha lá porque era mais conveniente para a minha família colocar lá , então é isso , por isso que não tem essa coisa separada , mas por exemplo , se eu preciso de alguma coisa , eu sei o quanto ele tem”. (M)</p>	

**C 2. – CATEGORIAS TEMÁTICAS DA ENTREVISTA INDIVIDUAL COM A ESPOSA**

<p><u>CATEGORIA – 1</u></p> <p><b>SOCIEDADE PROFISSIONAL X SOCIEDADE CONJUGAL</b></p> <p style="text-align: right;">Frequência: 29</p>
<p><u>Definição</u></p> <p>Os relatos envolvem a forma como o casal lida com a sociedade conjugal e o casamento. A mulher fala da sociedade profissional, de sua sobrecarga de trabalho e sua posição preponderante na vida do casal.</p>
<p><u>Temas</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Empresa X casamento.</li> <li>• Nosso negócio.</li> <li>• Sociedade profissional.</li> <li>• Posição superior da mulher.</li> <li>• Sobrecarga da mulher.</li> <li>• A esposa como modelo.</li> </ul>
<p><u>Verbalizações</u></p> <p>“Às vezes, eu falo com ele: ‘Ah! Eu acho que você tá me sobrecarregando muito!’ É, mas, desde vinte anos tem sido assim, sabe? Não que ele seja um homem tão acomodado. Nada disso, mas é que parece que ele vê em mim uma pessoa melhor para tudo”.</p> <p>“Eu acho meu marido uma pessoa muito inteligente. Uma pessoa capaz de realizar qualquer situação. Só que ele deixa pra mim. Eu sei que ele é capaz. E isso foi desde quando a gente se conheceu. E isso contribuiu”.</p> <p>“Eu já trabalhava desde o início. Eu trabalhava na secretaria de Educação. E ele era funcionário de uma empresa privada. Ele era funcionário de escalão mais baixo”.</p> <p>“Hoje, eu acho que a gente está no mesmo parâmetro. Eu continuei trabalhando no meu emprego, puxei ele pra junto de mim. Não consegui colocar numa posição como a minha, porque eu não tive como fazer isso. Mas ele ficou, mesmo um pouco abaixo, ficou trabalhando comigo na Secretaria”.</p> <p>“Nos damos muito em até hoje. Conseguimos conciliar a questão financeira até virmos embora pra cá. Viemos embora pra Brasília com o objetivo de comprar essa loja e a gente conseguiu desenvolver nosso negócio. E graças a Deus, até hoje a gente vai conduzindo direitinho”.</p> <p>“Na empresa, tem alguns conflitos. Aí fica briga. Mas, quando você tem uma empresa estabilizada, você consegue que o relacionamento fique estável. Aí fica legal. Mas, é mais comprometedor ter um negócio juntos, o casamento fica mais comprometido”.</p> <p>“Muita gente falava isso pra mim: ‘marido e mulher não dá certo pra trabalhar junto’. Mas, eu sempre fui muito confiante assim, sei o que posso fazer. E eu falei: ‘não, acho que nada a ver. Pode até ser bom, por que a gente vai estar junto um do outro o tempo todo. E as coisas podem funcionar até muito bem. Não vejo por que as coisas não funcionem’. E, hoje, eu vejo assim, eu tava certa. É difícil trabalhar com o meu marido? Eu acho que não”.</p>

“Dentro da empresa se a gente tem uma contradição ele explode dentro da empresa. Ele é um pouco explosivo. Aí ele mesmo se toca e isso é só na hora. A gente faz muito isso. Às vezes a gente fala, não, vamos conversar. Nós dois, conversamos e tudo se resolve”.

“Eu que administro o dinheiro. Ele também movimenta, mas eu sou mais. Se eu chegar pra ele e perguntar quanto ele tem na conta, quanto ele gasta no mês, ele não vai saber”.

“Como sou eu que administra o dinheiro da empresa, mais uma vez, a gente discute muito. Hoje mesmo, a gente foi fechar uma nota e vem aquela preocupação. Essa outra loja ainda tá começando, então, como essa nova loja, a gente tá tentando e tá conversando. A gente sempre conversa. Vamos analisar direitinho para ver o quanto a gente vai poder tirar pra coisa ser bem administrada né?”.

“Então, fica tudo por minha conta. Eu via as despesas pagava tudo e pronto. Não tinha aquela preocupação: ‘Ah! Quanto você gastou?’ . Às vezes, chegava no fim do mês e eu ia atrás pra sabe?”

<u>CATEGORIA – 2</u>
<b>MATERNIDADE E PROFISSÃO: A QUESTÃO DA CULPA</b>
Frequência: 31
<u>Definição</u>
A esposa relata sua experiência com a maternidade. Fala da preponderância de sua vida profissional e do sentimento de culpa por estar ausente na infância dos filhos. Os relatos envolvem a sensação de despreparo para ser mãe, o sentimento de fracasso diante da maternidade, as afinidades entre pais e filhos e a sua conduta super-protetora em relação aos filhos.
<u>Temas</u>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Afastamento dos filhos.</li><li>• O papel de mãe</li><li>• Despreparo para ser mãe.</li><li>• Sensação de fracasso</li><li>• Sentimentos de culpa</li><li>• Super-proteção.</li><li>• Afinidades entre pais e filhos.</li></ul>
<u>Verbalizações</u>
“Eu gosto muito de trabalhar. Por isso que eu falo muito: ‘Eu não fui educada pra ser mãe, eu fui mais educada pra ser executiva. Ou uma empresária’. Porque eu me dedico o dia todo para o trabalho fora de casa”.
“Eu desejava ser mãe sim...”.
“Eu não me sinto assim, uma mãe preparada”.
“Eu sinto que eu falhei! Eu nunca fui uma mãe preparada. Porque desde que eles nasceram que eu não acompanhei. Assim, Não fui uma mãe presente. Porque eu trabalhava e na época ainda não tinha Drogaria. Eu trabalhava no Governo e tinha uma função importante e eu ficava dedicada ao trabalho”.
“... era aquela correria e as crianças ficavam em casa. Eu deixava com a babá. Eu acho que a base é nessa hora. A criança vai crescendo e vai vendo como é que é a vida dos pais. Eu acho que é isso. Saía do trabalho muito tarde, chegava em casa e eles tavam dormindo. Saía de casa para trabalhar e eles tavam dormindo. Tinha dias que eu só via a minha filha dormindo”.
“Eu trabalhava muito pra poder ter o meu salário no final do mês. Eu pensava: ‘vou desenvolver, vou montar outra coisa, quando meus filhos crescerem vão poder aproveitar também’. Por que emprego é muito difícil né? Eu pensava também: ‘não vou poder ver meus filhos’. Então, isso eu levei junto. A perspectiva era de aumentar, de poder ajudar a família. E um meio de poder criar meus filhos sem eles terem que ficar batalhando muito”.
“Eu fico me culpando por essa parte da vida da gente. Quando eu vim pro ramo de farmácias, eles tinham o que? A menina tava com 06 anos. Então, nessa época também, nós fomos morar muito próximo da farmácia e eu comecei a ter mais aquela presença e tudo. Só que eles já tavam numa idade que eu já não tinha mais espaço na vida deles. Ficou mais a figura da empregada e da babá como de mãe. A minha filha teve até uma

dificuldade. Ela chegou um dia e me perguntou: ‘Você é minha mãe mesmo?’ Por que a babá dela falou, comentou com ela, que eu não era mãe dela. E a minha filha tem uma semelhança muito grande com o pai. Aí eu pensei: ‘Ela não vai assimilar que é minha filha por que não tem nada parecido comigo’. Ela chegou uma época a perguntar e pedir as provas que eu era realmente a mãe dela...”

“Foi aí que eu vi que eu tava realmente muito ausente e que chegava ao ponto da minha filha falar que eu não era a mãe dela. Então, foi que eu fui ver e me aproximar mais dela. Apresentar para ela as coisas que ela me pedia. E hoje, não tem nada, hoje já esclareceu tudo e ela já ficou ciente que eu sou a mãe dela”.

“Então, eu sou muito aquela mãe que busca na escola, leva na porta da academia, quero ir buscar, mesmo quando não dá. E eu vejo que o João diz assim: ‘Não, não tem que ter isso não. É muito próximo! Vai a pé ou toma uma van’. Então, ele não é muito de fazer isso e eu sou super-protetora. Eu fico, vai que eles não vêm pra casa, passam em outro lugar, pega uma van e tem assalto. Eu fico nessa psicose, apesar que eu sei que não é por aí”.

“Eu tenho um rapaz com 15 anos e uma moça com 17 anos que já sabem se virar sozinhos. Mas eu não consigo topar. E eles ficam me culpando: ‘Ah! Você é culpada por isso’. Você quer fazer tudo, controlar tudo e nem tem tempo pra isso, porque fica trabalhando demais”.

”Eu ainda sou aquela mãe que leva na porta da escola, leva na porta da academia. Ele não é muito de fazer essas coisas. E... eu sou muito superprotetora”.

“Eu não consigo dizer não pra eles. Não consigo dizer não e nem focar coisas. Assim, pra que eles se direcionem que venham a desempenhar bem quando for necessário, quando tiver que tomar conta da vida deles. Como eu consegui como a minha mãe passou e eu consegui”.

<u>CATEGORIA – 3</u>	
<b>ENTRE A CASA, FAMÍLIA E TRABALHO</b>	
	Frequência: 26
<u>Definição</u>	
Os relatos envolvem a experiência de conciliação entre vida familiar e profissional. A mulher fala da rotina do lar, do seu papel como dona de casa e da importância do trabalho em sua vida.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Família X trabalho.</li><li>• A vida no lar e o papel de dona de casa.</li><li>• A importância do trabalho e o papel profissional.</li><li>• Múltiplos papéis.</li><li>• Carreira, identidade e auto-imagem.</li><li>• Ser mulher.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“Eu faço a parte empresarial, controlo os funcionários, administro bem. A parte da mulher empresaria, é mais fácil pra mim. Eu acho melhor, eu faço melhor este papel. Eu me sinto melhor do que em casa”.</p> <p>“Eu gosto muito de trabalhar. Por isso que eu falo muito: ‘Eu não fui educada pra ser mãe, eu fui mais educada pra ser executiva... Ou uma empresária’. Por que eu me dedico o dia todo fora de casa... Eu não sou muito caseira, não sou muito mãe! Eu faço essa parte, mais é difícil pra mim”.</p> <p>“... sempre que eu vejo que faço alguma coisa nova, que deu resultado, eu me sinto melhor. Eu sinto que eu to sendo produtiva. Eu me realizo. Se eu não tivesse meu trabalho, acho que eu seria muito frustrada. Se fosse para ser dona-de-casa, não dava pra mim!”.</p> <p>“Eu me saio melhor como estou. Eu tô na maior parte do tempo na empresa. E eu quase não fico em casa. O pouco que eu fico é no domingo. A farmácia te consome o tempo inteiro. Domingo a domingo ela é aberta e eu tô sempre presente. Mas, agora domingo eu dei uma aprimorada para ficar em casa, e aí eu procuro ver com é que tá o meu quarto, como tá arrumado o quarto dos meninos. Sempre dou para a menina meus conhecimentos da minha vida de casa. Eu gosto de fazer o cardápio e deixar para a minha secretária. Até porque o dia que eu não deixo não me agrada muito”.</p> <p>“Eu procuro fazer o máximo. Eu dou conselho. Meu filho teve uns probleminhas típicos da adolescência e eu, às vezes, me perguntava se eu era correto, se eu tava entendendo. De qualquer maneira a gente deixa um pouco os filhos. O trabalho não deixa tempo para você ta com os filhos...”.</p> <p>“Eu sei que quando eu to em casa, eu tô com a menina e que é uma coisa que eu gosto muito. Só que eu, na verdade, eu to fazendo ali, mas tô com a cabeça em outro lugar. Tô com a cabeça no trabalho. A casa é uma complementaçãozinha...”.</p> <p>“Eu consigo Conciliar. Eu em casa consigo direitinho, arrumo tudo. Mas o meu papel mesmo, o que eu gosto é o do meu trabalho”.</p>	

“É eu acho que é isso. Pra mim ser mulher é isso que eu tô fazendo. Tem que ser mesmo no ramo profissional. Tem que ser decidida. É, assim, autêntica. E em casa, tem que ser uma dona de casa presente. Uma dona de casa que sabe conduzir a casa. Administrar.”

“O mais importante pra uma mulher? Ah! Eu acho que é ser mãe. É um bom casamento. Ter filhos, desempenhar uma profissão. Essas coisas que na vida da mulher acontecem”.

<u>CATEGORIA – 4</u>
<b>O CONTEXTO DOMÉSTICO E A DIVISÃO DE TAREFAS</b>
Frequência: 15
<u>Definição</u>
Os relatos envolvem as práticas domésticas e a divisão entre o casal. A casa é percebida pela mulher como um lugar de poder. a mulher fala dos apoios recebidos para cuidar da casa e do seu papel como dona de casa.
<u>Temas</u>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Práticas domésticas</li><li>• Divisão de tarefas entre o casal.</li><li>• O papel de dona de casa.</li><li>• A casa: lugar de poder</li><li>• Apoios recebidos.</li></ul>
<u>Verbalizações</u>
<p>“Eu sempre imaginava que casar era uma coisa assim... Meio termo, igual, a mesma coisa. Que homem pudesse fazer uma padaria, um supermercado ou lavar uma louça, lavar o banheiro... Que a gente podia fazer a mesma coisa. Sem nenhum problema. Mas não funcionou”.</p> <p>“A casa é 100% eu mesma. Quem mexe com tudo sou eu. Ele não é de ir num supermercado ou do tipo que faz compra na padaria. Não é o tipo dele sabe? Fazer isso ele não faz. Quem compra sou eu mesma”.</p> <p>“É, até que ele faz as coisas em casa”.</p> <p>“Até no início, que eu não tinha empregada, ele às vezes me dava uma forcinha na comida, mas sem muito jeito ou habilidade. Então, nas coisas de casa, eu direcionei um pouco, tomei a frente”.</p> <p>“Em casa, eu não diria que sou autoritária, mas é uma que eu procuro dominar e fazer. Eu não espero por ninguém. Principalmente, pelo meu marido. Eu não espero. Vou à frente, eu faço, eu decido. E aí, ele não se incomoda. Porque tá perfeito. Tá bom. Tá ótimo! Não precisa fazer então. Eu acho que esse é o meu estilo. Por quê? Não sei explicar meu estilo, meu tipo. Eu sou uma cópia da minha mãe, ela era assim”.</p>

**C 3. – CATEGORIAS TEMÁTICAS DA ENTREVISTA INDIVIDUAL COM O MARIDO**

<u>CATEGORIA – 1</u>	
<b>A IMPORTÂNCIA DA PATERNIDADE</b>	Frequência: 26
<u>Definição</u>	
Os relatos revelam a experiência do homem com a paternidade. O papel paterno é percebido como uma questão central na vida do homem. O marido enfatiza a centralidade dos filhos em sua vida, bem como fala do relacionamento que mantém com eles.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• O papel paterno.</li><li>• Paternidade: participação e responsabilidade.</li><li>• A centralidade dos filhos.</li><li>• Diálogo entre pais e filhos.</li><li>• Adolescência dos filhos.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
“Às vezes, me falta um pouco de paciência, assim, com os meus filhos. Me lembro do meu pai, aí vou e me concentro”.	
“Eu acho que vou lutar pelos meus filhos até morrer”.	
“... quando meus filhos começaram a ficar maiorzinhos, eu vi que estavam crescendo né? Aí que eu vi que tinha que ganhar mais pra poder colocar eles em um colégio bom...”.	
“... o meu filho perdeu o ano, tá entendendo? Aí a gente se sente um pouco culpado. Ao mesmo tempo, eu vi que eu tentei também. Sempre dialogava com ele”.	
“... eu me sinto muito presente na vida dele, procuro entender, procuro não ser muito antigo, procuro não ser muito moderno. Estou sempre estudando, sempre estudando, perguntando, conversando com os amigos que tem filho da mesma idade pra tentar me adaptar mais a eles”.	
“Eu procuro fazer o máximo. Eu dou conselho. Meu filho teve uns probleminhas típicos da adolescência e eu, às vezes, me perguntava se eu era correto, se eu tava entendendo. De qualquer maneira a gente deixa um pouco os filhos. O trabalho não deixa tempo para você ta com os filhos...”.	
“Agora, eu vou tirar férias pra ficar junto com ele, ficar junto com ele dia e noite sem parar”.	
“Não é bem específico não. Na hora que o horário dá, quem tiver na frente vai. Principalmente este negocio de colégio. É no horário que mais convém, mais conveniente tanto pra mãe deles, quanto pra mim. A gente vai conciliando ”.	

<u>CATEGORIA – 2</u>	
<b>CASAMENTO E TRABALHO: INTERFERÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS</b>	
Frequência: 34	
<u>Definição</u>	
Os relatos evidenciam que o casamento é marcado pelo peso da sociedade profissional. O trabalho invade a vida conjugal, gerando conflitos e desentendimentos. A questão da sobrecarga de tarefas e do estresse em função do excesso de trabalho.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Esposos e sócios.</li><li>• O trabalho invade a vida conjugal.</li><li>• Discórdias e conflitos conjugais.</li><li>• Desgastes no relacionamento.</li><li>• Sobrecarga e estresse.</li><li>• Diferenças X afinidades.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“... casamento é um peso muito grande pra mim e pra ela também, porque é muita coisa pra conciliar. Então, tá faltando tempo pro casamento”.</p> <p>“O trabalho interfere muito no casamento. É o trabalho que provoca mais conflito, mais estresse. Eu acho que, na verdade, sempre um quer cobrar mais um do outro”.</p> <p>“Tanto eu, como minha esposa, a gente pretende expandir no rumo de drogarias, entendeu? O plano primeiro é abrir mais duas drogarias e uma drogaria de manipulação. Então, eu tenho vontade da gente montar uma equipe. Mas, ela fica na dela e eu fico na minha, mesmo que um ajude o outro”.</p> <p>“... o que ela precisa, ela vai e faz. Ela não pede para os funcionários, para os colaboradores. A gente discuti muito por isso. Às vezes, eu chego e pego ela fazendo uma coisa que é corriqueira e ela teria que fazer outra. Aí ela gasta o tempo dela com isso. Ao mesmo tempo, ela acha que eu sou preguiçoso, você ta entendendo? ela me acusa muito disso...”.</p> <p>“... uma grande dificuldade que a gente tem... isso é importante demais! O que acontece com a gente é que tem uns os horários diferentes. Por exemplo, o meu horário: eu fico até as três horas da tarde e eu vou, eu almoço na drogaria mesmo. Aí, ela chegava as três horas e eu saía pra estudar e, às vezes, ela atrasa ou não vem. Aí, isso vai me irrita muito”.</p> <p>“Um dos grandes problemas que agente tem é, assim, cultural. Não tô dizendo que um é mais culto do que o outro. Eu estou dizendo, assim, ela tem uma outra cultura. Ela não se interessa pelas mesmas coisas que eu. Então, não tem conversa”.</p> <p>“Cinema? Ela vai no cinema por causa dos filhos, entendeu? É uma diversão pra ela. Eu vou, assim, pra acompanhar e tal. Mas, o filme que ela vai assistir com meus filhos não me interessa”.</p> <p>“Por isso que agente tem essa divergência, sempre teve”.</p>	

<u>CATEGORIA – 3</u>
<b>ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO</b>
Frequência: 14
<u>Definição</u>
O trabalho externo ao lar e o trabalho doméstico ganham destaque. Os relatos evidenciam a divisão de tarefas e papéis com base nos lugares generificados.
<u>Temas</u>
<ul style="list-style-type: none"><li>• O trabalho externo ao lar.</li><li>• O trabalho doméstico.</li><li>• Divisão de papéis e tarefas.</li><li>• Lugares generificados.</li></ul>
<u>Verbalizações</u>
<p>“Geralmente, ela faz o trabalho doméstico. Bem, a gente tem empregada domestica. Mas é claro que isso não é tudo, a gente não consegue fazer tudo. A maioria do tempo tem alguma coisa que sobra do trabalho doméstico e ela que faz”.</p> <p>“Quando ela vai fazer o trabalho doméstico, geralmente, nos fins de semana, aí eu vou ter que trabalhar e ficar na drogaria, tá entendendo? fazendo todo o trabalho pra ela não precisar vim”.</p> <p>“Ela também sabe exigir. Ela sempre diz: ‘Você não vai querer ficar aqui, você também não sabe fazer direito em casa’.”.</p> <p>“Então, eu sempre assumo o trabalho fora de casa. Eu fico pra trabalhar mais na drogaria, pra ela fazer o trabalho doméstico que falta durante o domingo, ou coisa assim, como cuidar da minha filha”.</p> <p>“Eu fico no trabalho, na drogaria, no nosso comércio mesmo. A divisão é mais ou menos por aí. Mas, geralmente, ela faz o trabalho doméstico e eu fico no lugar dela, gerenciando a farmácia”.</p>

<u>CATEGORIA – 4</u>	
<b>FALANDO DE SEXO</b>	
	Frequência: 16
<u>Definição</u>	
A vida sexual do casal é relatada pelo homem. Os relatos envolvem sentimentos de frustração, cobranças e crise conjugal em função das diferenças sexuais entre os cônjuges.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Diferenças sexuais.</li><li>• Educação sexual da esposa.</li><li>• Frustrações.</li><li>• Cobranças.</li><li>• Crise conjugal.</li><li>• Mudanças na vida sexual.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“... falando de sexo, ela era muito conservadora e eu assim não era tão conservador. Eu era mais novo também. Acho que por isso, a educação que ela recebeu, ela recebeu uma educação diferente”.</p> <p>“A educação sexual dela era completamente diferente. Era bem reprimida e eu não, entendeu? Então, a gente teve momentos muito difíceis por isso. Quase, assim, muitas vezes, a gente falou de parar com tudo, porque não tinha uma afinidade. Mas, acredito que com o tempo, entendeu? Ela, conversando muito, entendeu?”.</p> <p>“É a gente teve, um momento difícil também, muito grande, dentro disso. A gente quase separa, entendeu? Eu acho que depois desse momento também, ela mudou um pouco. Ela mudou realmente a cabeça, ela mudou um pouco. Aí ela ficou bem melhor”.</p> <p>“Aí, eu tava vendo que ela tava tentando melhorar, tem tempo que ela tá tentando melhorar. Ela não tem muito trauma assim, não tem aquele negócio de pecado. Não entendo da onde vem tanta repressão”.</p>	

<u>CATEGORIA – 5</u>	
<b>PERCEPÇÕES SOBRE O SER HOMEM E O SER MULHER</b>	
	Frequência: 31
<u>Definição</u>	
Os relatos envolvem os estereótipos sociais em relação ao ser homem e ao ser mulher. O papel da mulher perpassa as funções da mulher dentro da família. Vinculação entre ser mulher, mãe e esposa. Estereótipo de “Super-mulher”. O homem é percebido como detentor de poder.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser homem e ser mulher.</li> <li>• Relações entre os sexos.</li> <li>• Estereótipos da mulher moderna: Super-mulher.</li> <li>• Mulher: mãe, esposa e profissional.</li> <li>• Homem: conduz o mundo</li> </ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“É individualmente, eu como homem, eu me sinto bem democrático. Assim, nessa coisa da relação homem e mulher”.</p> <p>“A mulher já tem essa força profissional sim. Porque, eu acho que o único problema que eu vejo mesmo é com relação ao cônjuge, ao relacionamento, já que tem tão pouco homem”.</p> <p>“Eu pergunto e vejo que muitas mulheres estão casadas e tem companheiros que não estão a altura delas. Não estão a altura nenhum pouco. São mulheres assim, que tem cultura, tem nível bom, tem emprego bom e vive com uma pessoa, com um homem que não dá valor a ela. Não tá a altura dela”.</p> <p>“Na verdade eu também tenho pensado um pouco sobre a situação da mulher, porque também eu tenho uma filha mulher”.</p> <p>“Eu tenho uma filha mulher. Às vezes eu me pergunto... ela já teve namorado e eu tive que me estressar com isso, você tá entendendo? Porque eu achava que ele não era uma boa companhia pra ela. E, às vezes, eu me pergunto se um dia ela vai conseguir um companheiro, que seja um companheiro a altura dela”.</p> <p>“A mulher tem que ser muito forte até pra ter um companheiro do lado dela”.</p> <p>“Eu acho que hoje, ser mulher, tem que ser uma super-mulher”.</p> <p>“Ela tem que ser super-mulher. Tem que ter muita cultura. Tem que saber trabalhar e trabalhar bem. Tem que ser tudo hoje e ainda tem que ser amável com o marido. Eu acho muito pesado pra mulher, muito difícil”.</p> <p>“No casamento, a mulher tem um papel muito importante. Porque tem uma certa sensibilidade maior, é um exemplo. Por exemplo, tem uns assuntos hoje que procuro não tratar com minha filha direto. Primeiro eu pergunto pra Joana e se ela achar que eu tenho que falar, eu falo”.</p>	

“Eu percebo que com a minha filha a Joana tem mais habilidade. Tem um carinho maior. As palavras saem com mais cuidados. Também não é só isso. O principal, o principal tudo, eu acho que os filhos perdoam a mãe com muito mais facilidade do que perdoam os pais. Os filhos ficam muito tempo zangado comigo e com a mãe não, eles perdoam rapidinho”.

“... olha o homem, eu acho que ainda... O mundo tá sofrendo uma transformação muito grande com relação a isso, com relação ao homem e a mulher. Quem que tem mais força? Quem que tem mais poder? Então, o homem na nossa sociedade, eu acho que ainda, ainda tá, como é que eu te explico? Ainda ta, assim, dirigindo mais o mundo”.

**C. 4 – Quadro Geral das Categorias Temáticas do casal 3:**

<b>Entrevista Conjugal (EC)</b>		<b>Entrevista Individual (EIM)</b>		<b>Entrevista Individual (EIH)</b>	
<b>CASAL 3</b>	<b>Freq.</b>	<b>MULHER</b>	<b>Freq.</b>	<b>MARIDO</b>	<b>Freq.</b>
1. CASAMENTO: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS	32	1. SOCIEDADE PROFISSIONAL X SOCIEDADE CONJUGAL	29	1. A IMPORTÂNCIA DA PATERNIDADE	26
2. A MULHER E A LOGÍSTICA DA CASA.	15	2. MATERNIDADE E PROFISSÃO: A QUESTÃO DA CULPA	31	2. CASAMENTO E TRABALHO: INTERFERÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS.	34
3. ACÚMULO DE TAREFAS E MULTIPLICIDADE DE PAPÉIS.	21	3. ENTRE A CASA, FAMÍLIA E TRABALHO	26	3. ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO.	14
4. CÔNJUGES E SÓCIOS: VANTAGENS E DESVANTAGENS.	28	4. O CONTEXTO DOMÉSTICO E A DIVISÃO DE TAREFAS.	15	4. FALANDO DE SEXO.	16
5. A PARENTALIDADE: DIVIDINDO TAREFAS E ENFRENTANDO A ADOLESCÊNCIA.	27			5. PERCEPÇÕES SOBRE O SER HOMEM E O SER MULHER.	31
6. CONTAS SEPARADAS X ADMINISTRAÇÃO COMPARTILHADA.	16				

**D. – CASAL 4 – CARLOS E CARLA**

**D 1. – CATEGORIAS TEMÁTICAS DA ENTREVISTA CONJUGAL**

<u>CATEGORIA - 1</u>	
<b>CASAMENTO: DIFICULDADES E BENEFÍCIOS</b>	Frequência: 12
<u>Definição</u>	
<p>Marido e mulher consideram que eram muito jovens quando se casaram. A gravidez não planejada determinou o casamento. O casamento é percebido pelo marido como uma construção difícil que exige superação. Na percepção de ambos os esposos existe cumplicidade, amizade e apoio mútuo entre o casal. A esposa considera que a forma como conduziu o seu relacionamento é oriunda de seu aprendizado na família de origem. O marido aponta o respeito aos espaços individuais como fator importante dentro do casamento.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Casamento precoce.</li><li>• Gravidez não planejada.</li><li>• Casamento como uma construção.</li><li>• Apoio, amizade e cumplicidade.</li><li>• Família de origem.</li><li>• Preservação da individualidade.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“Eu não tinha a menor idéia do que era o casamento. Eu gostava da Carla e tinha a Raquel que estava pra nascer...”. (H)</p> <p>“Casamento, você constrói alguma coisa...”. (H)</p> <p>“... me casei muito jovem e tive filho com 16 anos pra 17. Mas, não me arrependo. A gente construiu uma família maravilhosa”. (M)</p> <p>“Eu acho que a gente construiu muita coisa junto. O casamento tem um lado de muitas dificuldades, muita superação. Mas, tem também o lado do apoio e da estrutura”. (H)</p> <p>“Então, a gente sempre se somou muito. A gente uniu muito as forças para estruturar nossa vida juntos”. (M)</p> <p>“Meu pai e minha mãe sempre fizeram as coisas muito juntos também. Eu aprendi muito com eles. Sempre quis ter um relacionamento como o deles, de muita cumplicidade. Foi assim que eu tentei levar nosso casamento”. (M)</p> <p>“Cada um tem que ter seu espaço, cada um tem que ter o seu momento, cada um tem que ter as partes da vida em particular, os encontros dos homens e os encontros das mulheres”. (H)</p>	

<u>CATEGORIA – 2</u>	
<b>O TRABALHO INVADE A VIDA DOIS.</b>	
	Frequência: 19
<u>Definição</u>	
Ambos percebem que o casamento é marcado pelo peso da sociedade profissional. O trabalho invade a vida conjugal, gerando conflitos e desentendimentos. No momento atual, a esposa relata uma melhora desta situação em virtude das mudanças ocorridas no trabalho. Avaliação positiva em relação à parceria no trabalho.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Casamento e trabalho.</li><li>• Sociedade conjugal e profissional.</li><li>• Conflitos conjugais em função do trabalho.</li><li>• Mudanças na parceria profissional.</li><li>• Saldo positivo no trabalho.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
“É porque é marido também. Sócio e marido. Tudo ao mesmo tempo é muito complicado”. (M)	
“O trabalho é que provoca mais problemas com a gente”. (H)	
“... depois que a gente montou a clínica teve uns momentos que a gente viveu... Contando, fica até difícil.”. (M)	
“Ainda ontem nós estávamos discutindo isso. Foi difícil, muito difícil chegar até aqui, porque, às vezes, o trabalho passa a ser o nosso assunto de casal. No nosso quarto, na nossa cama...”. (H)	
“... eu acho que, na verdade, sempre um quer cobrar mais um do outro e o conflito vira algo pessoal. Quer dizer, entre o casal”. (H)	
“Hoje tá bem mais tranqüilo, até pelas opções que eu fiz também, né? Este ano, terminaram alguns contratos que a gente tinha e que traziam muitos problemas e desgaste pra nosso relacionamento”. (M)	
“Eu acho que a gente fez muita coisa junto. Eu não sinto que foi uma coisa ruim, uma coisa negativa. Muito do sucesso da clínica vem do nosso esforço”. (M)	
“É nós tivemos a oportunidade da gente montar a clinica assim que eu me formei. E, pra você vê? A clínica está aí. É o nosso sustento até hoje”. (M)	
“Eu tenho vontade da gente montar uma clínica. Mas, que não precise... Eh! Eu acho que ela tem que ficar na dela eu fico na minha, mesmo que um ajude o outro”. (H)	

<u>CATEGORIA - 3</u>	
<b>QUEM CUIDA DOS FILHOS?</b>	
	Frequência: 15
<u>Definição</u>	
Os discursos envolvem a divisão de responsabilidades entre o casal em relação às ações com os filhos. A educação dos filhos é relatada como tarefa partilhada pelo casal. Para o marido, o trabalho o absorve muito e minimiza o tempo disponível para ajudar a esposa nos cuidados com os filhos. Embora o trabalho também lhe roube o tempo, a esposa assume a maior parte das ações que envolvem os filhos. Satisfação com os filhos.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Ações em relação aos filhos.</li><li>• Divisão de responsabilidades.</li><li>• Sobrecarga com trabalho.</li><li>• Parceria na educação dos filhos.</li><li>• Dedicção aos filhos.</li><li>• Orgulho dos filhos e da família.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
“O lado profissional sempre foi muito importante para mim. Até pelo sustento da família. Então, eu não abro mão do trabalho. Às vezes não sobra tempo para ajudar a Carla com os meninos”. (H)	
“Desde pequenos, tentamos educar juntos. É colocar limites.”. (H)	
“Eu sempre disponibilizei mais tempo para os meninos”. (M)	
“... porque o Carlos viaja muito também e não tem muito horário fixo. Então, desde pequenos, eu sempre cuidei mais da parte das crianças...”. (M)	
“... eu tento ajudar. Os filhos não são só dela. Eu até que levo ou busco em algum lugar”. (H)	
“O Carlos participa. Mas, até hoje, quem acaba fazendo mais sou eu”. (M).	
“... aquela coisa de ir lá, de ir buscar, de reunião na escola... isso, eu sempre fiz. Na escola, deu um problema, eu que sempre resolvi”. (M)	
“Hoje, que eles estão mais velhos, eu acabei ficando mais distante deles por causa do trabalho. Mas, eu ainda tenho um adolescente em casa e ele precisa mais da minha atenção”. (M)	
“Os filhos foram introduzindo novas responsabilidades... Mas, hoje, vejo que são maravilhosos educados e responsáveis”. (H)	
“... eu me sinto uma mulher feliz, muito abençoada, vencedora sabia? Por ter construído uma família. Graças a Deus, uma família maravilhosa! Show de bola, né? Com meninas muito responsáveis e o menino também muito responsável. Todos são carinhosos, alegres, e nunca me deram grandes trabalhos, né? Sempre foram muito guerreiros”. (M)	

<u>CATEGORIA – 4</u>	
<b>INDIVIDUALIDADE X CONJUGALIDADE</b>	Frequência: 10
<u>Definição</u>	
Os discursos revelam que a questão da individualidade sempre gerou discórdia e conflitos entre o casal. O marido reivindica fortemente a sua individualidade. A esposa sempre se incomodou com esta necessidade do marido, pois lhe geravam sentimentos de desvalorização e solidão. Na fase atual, a mulher revela que aceita melhor esta questão.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Preservação da individualidade.</li><li>• Independência.</li><li>• Interação entre conjugalidade e individualidade.</li><li>• Necessidades discordantes.</li><li>• Desavenças conjugais.</li><li>• Aceitação.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
“Eu falo lá em casa: vou e pronto. Cada um tem o seu direito. Eu quero viver minha vida também. É um direito que tenho. Eu quero sair com meus amigos, ter mais independência, viver minha vida particular, individual”. (H)	
“Ele tem o espaço do passeio dele”. (M)	
“... ele sempre quis um momento pra ele. Pra fazer as coisas deles. Sair, beber com os amigos e sei lá mais o que”. (M)	
“Eu sempre achei que um casal tem uma vida de casal. Pra mim, ele queria ter vida de solteiro. Ele não assumia a responsabilidade de estar casado”. (M)	
“Ela achava que porque eu gosto de sair com meus amigos, quer dizer que não ligo pra ela. Mas, eu primo por nossa vida a dois. Mas não quero abrir mão da saída com os amigos. Eu adoro os nossos momentos e também gosto do meu espaço individual”. (H)	
“... E o final de semana é só nosso. A gente tem o espaço da nossa saída, sem filhos e sem amigos”. (H)	
“Antigamente, ela reclamava muito das minhas saídas. Me cobrava mesmo”. (H)	
“Hoje, sou bem mais tranqüila em relação a isso. Percebi que eu não ia conseguir que ele mudasse”. (M)	
“... sempre achei que ela tinha que entender minhas necessidades. Eu não queria mentir pra ela ou deixar de ser como sou. Então, tinha que ter uma conciliação”. (H)	
“Eu resolvi ter minha vida também. Se ele precisa desse espaço, eu vi que não posso fazer nada pra impedir, só aceitar”. (M)	

**D 2. – CATEGORIAS TEMÁTICAS DA ENTREVISTA INDIVIDUAL COM A ESPOSA**

<u>CATEGORIA - 1</u>	
<b>VIDA FAMILIAR X VIDA PROFISSIONAL</b>	Frequência: 21
<u>Definição</u>	
<p>Vivência de conflitos na tentativa de conciliar vida familiar e trabalho. As atividades profissionais exigem um distanciamento dos filhos e o trabalho gera desgaste. A família é apontada como o aspecto de vida mais importante para a mulher. Percepção de falhas na condução da vida profissional e familiar. Estabelecimento de uma relação de forte compromisso com o trabalho. Necessidade de reformular o direcionamento de sua vida.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conflito entre família e trabalho.</li> <li>• Afastamento dos filhos.</li> <li>• Reformulação da rotina de vida.</li> <li>• Pensar em si própria e na saúde.</li> <li>• Prioridades ambivalentes: vida pessoal e família.</li> <li>• Compromisso com o trabalho.</li> </ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“... é extremamente cansativo, né? Porque tem momento que você não quer vê nada, não quer conversar com ninguém. Mas, o dever te chama, é aí, enfim, eu acho que eu tenho tentado fazer da melhor forma”.</p> <p>“... apesar de trabalhar o dia inteiro e tal, longe de casa, longe dos filhos... Eu me esforço pra cumpro com todas as obrigações que eu tenho”.</p> <p>“Eu fui mãe muito jovem, com 17 anos. E nunca deixei a peteca cair... mesmo na maternidade, mesmo sendo uma adolescente, né? Mas, eu assumi a responsabilidade e sempre fiz tudo pra os meus filhos, né? Tudo, né? Muito amor, muita dedicação mesmo”.</p> <p>“Na minha vida, a minha família eu acho que é a mais importante”.</p> <p>“... sei que não sou perfeita. Tenho muitos erros, com certeza. Muitos erros em nível profissional e pessoal também, tanto na vida familiar, como com os meus filhos”.</p> <p>“Às vezes, a gente acaba dedicando mais tempo pro profissional e aí a gente deixa de tá curtindo algumas coisas...”.</p> <p>“Mas, esse ano, até que eu dei uma virada. Tentei mudar um pouco a regra do jogo, sabe? Eu to priorizando mais a minha vida pessoal, a minha vida familiar, a minha saúde, né?”.</p> <p>“Porque a gente vai, vai indo, tocando o profissional, porque tem que fazer. Eu me sinto uma pessoa muito comprometida com o que eu faço. Então, é difícil eu desmarcar um paciente, porque eu to com dor de cabeça, eu to com cólica...”.</p> <p>“Então, eu fico muito comprometida com o trabalho e, às vezes eu não admito que eu tenho limites também”.</p>	

<u>CATEGORIA - 2</u>	
<b>A QUESTÃO DA SAÚDE</b>	
Frequência: 12	
<u>Definição</u>	
Os relatos envolvem sua experiência com relação à saúde física e mental. Englobam a vivência de stress, depressão e sinais físicos. A estratégia usada para cuidar da saúde é o exercício físico.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Saúde</li><li>• Stress.</li><li>• Depressão</li><li>• Tristeza</li><li>• Saúde física.</li><li>• Exercícios físicos.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“Em termos de saúde física, o ano passado eu tive um sustinho. Uns caroços, uns nódulos, coisa e tal. Aí fiz exame. Era um cisto líquido. Tirei, puncionei, mas como é benigno, não tem nenhum problema. Eu fiquei mais tranqüila, mas o stress sempre me acompanha”.</p> <p>“... de alguns anos pra cá, eu tive um processo depressivo, uns sete ou oito anos atrás. Mas, venci. Fiz o tratamento e tal. De lá pra cá, a gente nunca é igual, Depois que a gente passa por uma depressão, a gente nunca consegue ser 100%. Aquela alegria que existia, a gente começa a questionar muitas coisas. A tristeza vem e dá uma derrubada”.</p> <p>“Então, este ano eu entrei bem com uma proposta de rever algumas coisas. Priorizar a atividade física que eu não fazia. Este ano eu to fazendo!”.</p> <p>“... eu to achando o máximo. Estou me sentindo com 25 e malhando com a minha filha, né? A gente vai pra academia e parecemos irmãs. A irmã mais velha e a mais nova são as melhores amigas!... Então tá sendo muito bom. Isso tem me auxiliado bastante a vencer as dificuldades do dia a dia”.</p>	

<u>CATEGORIA - 3</u>	
<b>VIDA DE MULHER</b>	
Frequência: 19	
<u>Definição</u>	
<p>O ser mulher é percebido como uma experiência positiva. A definição do que é ser mulher transcorre pelos papéis femininos exercidos dentro da família: mãe, esposa, avó, dona de casa. O discurso revela que sua vida é dedicada aos cuidados com os outros. O papel de cuidadora é exercido como um dever, uma responsabilidade que gera sobrecarga e o esquecimento de si. Necessidade de pensar em si própria.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser mulher.</li> <li>• Vida dedicada aos filhos e ao marido.</li> <li>• Atividades voltadas para o cuidado.</li> <li>• Papel de auxiliadora.</li> <li>• Esquecimento de si.</li> <li>• Desejo de voltar-se para si.</li> <li>• Rede de amizades.</li> <li>• Estereotipo do papel feminino.</li> </ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“Eu gosto de ser mulher. Eu acho que ser mulher é uma dádiva”.</p> <p>“Eu acho que ser mulher é esplendido. É maravilhoso”.</p> <p>“Eu imputo uma responsabilidade muito grande de ser mulher”.</p> <p>“... dentro da minha vida tanto profissional quanto pessoal, nunca convivi com preconceito: ‘Ah! é mulher. Ela não pode fazer isso, não pode fazer aquilo...’. As coisas que eu considero que não posso fazer e por opção minha”.</p> <p>“É... ser mulher hoje, mãe, dona de casa, avó. Eu quero tá presente, dentro de casa. Cuidar dos meus filhos, cuidar da minha casa. Então né? Eu assumo muito essa responsabilidade, de ser realmente auxiliadora. Auxiliadora do meu marido, de ser cúmplice dele, de participar da nossa vida, da nossa vida financeira, da vida social”.</p> <p>“É complicado. Tenho muita dificuldade de abrir mão de estar disponível. De 3 anos, 4 anos pra cá, eu tenho buscado mais a minha vida individual”.</p> <p>“... tenho algumas amigas. A gente sai de vez em quando. Mas sempre assim: ‘deixo eu ver o que meu marido vai fazer hoje’, ‘deixa ver o que os meninos vão fazer’. Depois que eu sei o que cada um tem com atividade já escolhida e eu sobreí. Aí eu faço.”</p> <p>“Eu estou sempre abrindo mão das minhas coisas pra estar com ele, né? Pra estar com o Carlos e tal. Então pra mim é difícil sair deste quartel”.</p> <p>“... até a academia, né? ‘Ah! Hoje, o Carlos vem cedo pra casa. Então, eu não vou pra academia”.</p> <p>“... eu vejo que a gente precisa abrir mão às vezes. É mais difícil pro homem abrir mão de alguma coisa. Talvez pra gente que é mulher seja mais fácil, pelo menos pra mim é mais fácil”.</p>	

<u>CATEGORIA - 4</u>
<b>O TEMPO DO CASAL</b>
Frequência: 15
<u>Definição</u>
Necessidade de estar com parceiro. Conciliação entre o tempo do casal e o tempo de estar com os filhos. Questionamento e reformulação da postura com relação aos passeios individuais do marido. Aceitação e condescendência.
<u>Temas</u>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Momentos a dois.</li><li>• Passeios individuais do marido.</li><li>• Mudanças no comportamento.</li><li>• Aceitação.</li><li>• Preocupação e necessidade de acompanhar o marido.</li></ul>
<u>Verbalizações</u>
“... a gente tem o momento de estar com os nossos filhos e tem o momento a dois”.
“... a gente tem o nosso momento”.
“... ele chega em casa, a gente lancha, janta, conversa e tal... Depois tem o momento que a gente vai conversar. Aí a gente fecha a porta do quarto, conversa. Enfim, coloca a vida em dia”.
“Ele tem o momento dele, individual... E que pra mim aceitar, ah! Hoje, tudo bem. Passou. Não adiantava. O que eu vou fazer? Vou deixá-lo dentro de casa comigo, olhando pra minha cara. Às vezes, eu to fazendo uma coisa e ele fazendo outra, só pra gente ta dentro do mesmo ambiente mais não ta feliz. Então, ele tem os passeios dele, sai, faz as viagens dele...”.
“Ele tem os passeios dele, sai dá as viagens dele, é a gente tem o nosso momento... a gente viaja, vai pra uma pousada, um hotelzinho... Enfim, vai pra vários lugares ou, então, fica em casa curtindo. Os meninos saem e a gente fica, né?Então, eu nunca tive dificuldade disso. Aliás nunca não. No inicio, eu tinha. Porque eu ficava pensando nos meninos: ‘Ai! como eu vou deixar o bebê pequenos?’. Mas, eu precisava acompanhar meu marido. Eu não podia deixar ele ir sozinho. Eu vou ficar com o meu filho e ele sai? Ou então, não vamos ficar, não vamos fazer. Então, se tinha que fazer alguma coisa com eles, então fazíamos juntos. Tinha todo o nosso momento, sempre tivemos, desde inicio de casados, o dia que nos saímos o dia do nosso cineminha...”.

<u>CATEGORIA - 5</u>	
<b>RENÚNCIAS E SACRIFÍCIOS</b>	
	Frequência: 17
<u>Definição</u>	
A sociedade profissional invade a vida do casal, provocando conflitos. A fim de apoiar seu marido e preservar a harmonia do relacionamento, a mulher coloca de lado a condução de sua empresa e abdica de sua independência financeira. Reformulação da vida no sentido de retomar a condução da sua vida profissional.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sociedade conjugal e profissional.</li> <li>• Conflitos no casamento.</li> <li>• Abdica da própria independência.</li> <li>• Sacrifícios para preservar o relacionamento.</li> <li>• Planos para retomar a condução da vida profissional.</li> </ul>	
<u>Verbalizações</u>	
“... eu me tornava depende dele, mesmo sendo independente”.	
“Ah! O homem é a cabeça. Ele que tem que trazer o sustento, ele tem que fazer e acontecer e tal... pelo menos dentro da nossa relação nunca foi assim. Tudo que entra ou através do meu trabalho, ou através do trabalho dele, é nosso e da nossa família, né? A aquisição é nossa”. (Categoria 06 - EIM)	
“... na parte empresarial que é mais complicado. Ele também é o meu sócio, né? E ele tem a tarefa árdua de ser o financeiro... Às vezes, a gente tem algumas dificuldades em função disso, em função do financeiro, né?” (Categoria 05 - EIM).	
“Sócio e marido, então, tem algumas necessidades minhas que não são dele, que ele não percebe como necessidades, né? Mas, como sou eu que tô aqui na frente da clínica, eu percebo. Mas, a percepção dele é diferente da minha. Aí eu tento convencê-lo que aquilo é importante... Às vezes vira um conflito do casal. Dependendo da situação, eu acabo ficando muito ansiosa e vira um conflito do casal”.	
“Depois que a gente montou a clínica teve uns momentos que a gente viveu! Contando, é difícil. Depois, ele saiu e foi trabalhar em outra empresa. Depois que ele saiu dessa empresa, ficou meio triste, chateado e tal, é aí, a fonte de renda era praticamente da clinica. Apesar da clínica ser nova, era praticamente o meu trabalho. Então, pra não deixar ele numa situação inferior, eu repassava tudo pra ele. Então, eu me tornava depende dele, mesmo sendo independente”.	
“A dependência é trágica!”.	
“Eu já fui completamente independente quando eu trabalhava em empresa pública e tal. Eu era completamente independente: eu isso, eu aquilo. Depois que a gente montou a clinica, eu acabei ficando mais dependente”.	
“... eu repassava tudo pra ele e ele... talvez, ele nunca tenha percebido isso”.	

“Eu acho que muito do sucesso do nosso relacionamento né, eu acho que é um sucesso, a gente tá junto aí há 25 anos... Graças a Deus! Então, é tem muito em função dessa negação minha. Nunca consegui. Sempre achei pavoroso você fazer algo é jogar na cara do outro: ‘Ah! Eu tô fazendo isso pra você’. Sempre achei isso pavoroso! Se era opção minha fazer, então se tava ruim, eu buscasse alternativa, mas não jogar na cara dele pra humilhar. Aí vem a função da auxiliadora, né?”

“Às vezes, até me colocava numa posição inferior pra que ele não se sintasse assim, né? Eu nunca senti isso assim também como algo negativo: ‘Ah! Você tá se desvalorizando, você tá numa posição de submissão’... Isso, me submetendo, sendo subserviente sabe nunca me senti”.

“Tinha alguns contratos que eram muito desgastantes pra nós dois. Então, eu reduzi toda a carga e resolvi que, este ano, seria o ano que eu ia enfrentar de frente, sozinha mais as coisas, né? Então, eu tenho assumido mais...”.

<u>CATEGORIA - 6</u>	
<b>OS PAPÉIS SEXUAIS</b>	
	Frequência: 12
<u>Definição</u>	
<p>Os relatos da mulher revelam uma modernização em relação aos papéis tradicionais do homem e da mulher na família e no casamento. A descontinuidade em relação aos domínios prescritos para homens e mulheres aparece como destaque em seu discurso. A administração da casa e a divisão das tarefas domésticas acontecem em função da habilidade e das necessidades de cada conjugue.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Estereótipos sexuais.</li><li>• Papéis sexuais.</li><li>• Divisão de tarefas.</li><li>• Orçamento familiar.</li><li>• Tarefas domésticas.</li><li>• Administração da casa.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“Eu não vejo um papel específico para o homem e outro para a mulher”</p> <p>“Ah! o homem é a cabeça. Ele que tem que trazer o sustento, ele tem que fazer e acontecer e tal... pelo menos dentro da nossa relação, nunca foi assim. Tudo que entra ou através do meu trabalho, ou através do trabalho dele, é nosso e da nossa família, né? A aquisição é nossa”.</p> <p>“Têm papéis, por exemplo: o meu marido é muito mais organizado do que eu. Então, na empregada quem dá ordem é ele. É, até porque é ele que encontra com ela. Então, de manhã cedo ele já fala assim: ‘Faz isso, isso e isso, pro almoço’”.</p> <p>“Antigamente, quando eu não trabalhava, eu estava sempre limpando a casa. Mas, ele é muito obsessivo com limpeza. Então, eu chegava em casa, na porta de casa tinha feitiças... Lembra daquelas feitiças?... Aí, ele olhava se tudo estava limpo e se não estava bom para ele, eu ainda ia passar pano. Pô, eu limpei tudo, ele ainda chegava e ainda encontrava alguma coisa... Ah! eu ficava louca... Então, ate eu entender: ‘pera aí, é o jeito dele, ele gosta’. Então, eu vou limpar e faço a minha parte, se ele quiser além ele que faça!”.</p> <p>“Então, em casa, a organização das coisas eu deixo por conta dele”.</p> <p>“... outra coisa que de repente pelo aspecto social seria da mulher, assim, organizar, fazer, não sei o que, eu sinto que não é um papel meu”.</p> <p>“Então, não vejo que haja essa diferença papel de mulher, papel de homem no relacionamento. É tem muita coisa que, de repente, pode ser papel dele e outras que deveriam ser meus e agente troca. Ora ele faz, ora eu faço”.</p>	

**D 3. – CATEGORIAS TEMÁTICAS DA ENTREVISTA INDIVIDUAL COM O MARIDO**

CATEGORIA – 1

**A VIDA EM FUNÇÃO DO TRABALHO**

Frequência: 15

Definição

O entusiasmo e a dedicação ao trabalho estão constantemente presentes no discurso do homem. É no trabalho que ele obtém prazer e realização pessoal. Sua forma de agir em relação ao trabalho é relatada como um desejo particular do qual ele não pretende abrir mão. O distanciamento em relação aos filhos e a esposa são apontados como reflexo da sua dedicação intensa ao trabalho.

Temas

- Dinamismo.
- Busca de conhecimento.
- Trabalho é prioridade.
- Realização através do trabalho.
- Dificuldade para conciliar família e trabalho.

Verbalizações

“Eu sempre atuei na área administrativa e, depois de um tempo, passei pra área comercial. Foi inclusive a área que eu tive um maior sucesso. Acho que eu tenho facilidade pra me comunicar, pra obter relacionamentos. Aí eu consegui fazer sucesso”.

“Eu fico muito tempo ligado no trabalho. Eu gosto do que eu faço”.

“De um modo geral, a administração é uma faculdade bastante diversa, me deu assim qualificações generalistas pra que eu pudesse lá na frente estar exercendo outras funções. E eu particularmente sou uma pessoa muito dinâmica que procuro sempre estar interado de todas as novidades”.

“Eu continuo com a mesma vontade para fazer as coisas, sempre buscando coisas novas, aprender, ter mais sucesso ou me realizar”.

“Estou sempre buscando qualquer coisa nova sobre administração e também sobre informática para poder fazer os custos da clínica. Tudo isso pra mim é muito importante”.

“... não penso muito em mudar minha forma de tocar a vida profissional. Até porque tenho que ajudar a Carla na clínica também. Não quero abrir mão de nenhuma das duas coisas”.

“Então, quanto a minha dedicação ao trabalho, acho que vai ficar do mesmo jeito. Eu não vou diminuir o meu investimento na empresa e nem quero deixar a Carla tomando conta da clínica sozinha. Eu quero, eu gosto. Vou continuar investindo todo a minha energia no trabalho. É o que eu gosto e o que sei fazer bem”.

“Às vezes, acho que eu pego pesado! Eu trabalho demais. Sei que os meninos precisam mais de mim, principalmente o Daniel. E a Carla também sente falta da minha companhia”.

“Eu acho que é difícil conciliar tanto trabalho com as outras coisas. Mas, o que eu mais gosto de fazer na vida é trabalhar. Fazer o que?”.

<u>CATEGORIA - 2</u>	
<b>SER HOMEM É SUPERAR DESAFIOS</b>	
Frequência: 11	
<u>Definição</u>	
Definição do que é ser homem. O gosto por desafio, a necessidade de estar sempre em busca do novo e o prazer em competir são relatados como características marcantes de personalidade. Incômodo ao não fazer nada. Satisfação encontrada na superação de limites.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Ser homem</li><li>• Gosto por desafio.</li><li>• Necessidade de buscar o novo.</li><li>• Comportamento impetuoso.</li><li>• Superação de limites.</li><li>• Prazer em competir.</li><li>• Desgosto em ficar parado.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“... eu gosto de estar sempre me desafiando. Eu sou uma pessoa que busca desafios o tempo todo. Eu fico incomodado... se eu vou pra esteira eu começo... se eu for correr, eu corro 20 minutos, aí tenho que correr meia hora... Eu mesmo fico me desafiando, fico querendo mais, fico querendo buscar mais e vou com o relógio, vou com o monitor cardíaco, aí eu vou...”.</p> <p>“Fazendo sempre mais, vou querendo fazer quebrar os meus limites, então é isso aí, às vezes me incomoda não fazer mais...”.</p> <p>“Ser homem é sempre quebrar os limites. Tem a ver com competir, vencer mesmo”.</p> <p>“Costumo dizer que sou movido a desafios. Isso tem a ver com ser homem”.</p> <p>“Mas eu acho que é um espírito de disputa muito grande. Eu to o tempo todo: ‘Vamos jogar, vamos apostar, vamos não sei o quê...’. O tempo todo eu estou desafiando alguma coisa”.</p> <p>“Ser homem é correr atrás dos recursos pra família, superar todos os obstáculos”.</p> <p>“... Até em casa, eu tenho necessidade de fazer alguma coisa. Me preocupo com a condução da casa, a forma de organizar tudo”.</p> <p>“Eu sou uma pessoa que me incomoda muito de ficar parado de ficar assim com o tempo sem que você consiga de qualquer maneira ter um crescimento, ter um desafio ou ter um... alguma coisa pra superar...”.</p> <p>“Me incomoda estar num lugar quando você fica que nem que ... e rodando assim, eu fico extremamente desorientado e incomodado sabe”.</p>	

<u>CATEGORIA - 3</u>
<b>INTERFERÊNCIAS ENTRE O CASAMENTO E O TRABALHO</b> Frequência: 19
<u>Definição</u>
A condução da sociedade profissional constitui o aspecto de maior conflito entre o casal. As divergências de opiniões geram um clima tenso entre o casal. Na visão do homem, o trabalho interfere no casamento, bem como o casamento interfere na relação profissional.
<u>Temas</u>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Sociedade profissional.</li><li>• Conflitos conjugais.</li><li>• Tensão e cansaço.</li><li>• Estresse.</li><li>• Impasses na relação a dois.</li><li>• Casamento X trabalho.</li></ul>
<u>Verbalizações</u>
<p>“... eu acho mesmo que é mais pela clínica. O trabalho é que provoca as discussões em casa”.</p> <p>“O trabalho acaba interferindo no casamento e o casamento interfere também no trabalho”.</p> <p>“Às vezes, o casamento é um peso para mim porque é muita coisa para resolver. A gente tem a clínica juntos e isso gera muita briga lá em casa. E a Carla nem sempre deixa eu fazer o que tem que ser feito lá na clínica”.</p> <p>“Isso me cansa muito. Ela sempre discorda da forma como eu estou conduzindo as finanças. Quer dizer, ela sempre quer me convencer que tem algo muito importante para fazer. Só que isso vai gerar um custo maior para a clínica. E eu não posso fazer o meu papel”.</p> <p>“Quando as despesas da clínica aumentam muito, isso vai se refletir no orçamento da família. Porque tudo é muito estudado para que a gente tenha lucro. Ela sempre acha que a gente tem que discutir o que vai fazer juntos. Só que sou eu que controlo as finanças. Então, cabe a mim decidir o que deve ser feito ou não”.</p> <p>“Acho que a Carla não aceita muito bem que eu tenha autoridade sobre lá na clínica sendo marido dela. Tenho certeza que se fosse um contador ou outro administrador ela não ia discutir tudo e nem bater o pé”.</p> <p>“Por que quando eu tenho algum problema no meu trabalho, eu não gosto de ficar falando. Ela não. Ela às vezes me liga pra contar o que acabou de acontecer lá. E eu não. Eu fico quieto, eu penso, eu analiso... exatamente para não ter discussão”.</p> <p>“Desse jeito, os problemas do trabalho vão sempre parar lá no quarto, entre quatro paredes”.</p>

**D. 4 – Quadro Geral das Categorias Temáticas do casal 4:**

<b>Entrevista Conjugal (EC)</b>		<b>Entrevista Individual (EIM)</b>		<b>Entrevista Individual (EIH)</b>	
CASAL 4	Freq.	MULHER	Freq.	MARIDO	Freq.
1. CASAMENTO: DIFICULDADES E BENEFÍCIOS	12	1. VIDA FAMILIAR X VIDA PROFISSIONAL	21	1. A VIDA EM FUNÇÃO DO TRABALHO	15
2. O TRABALHO INVADE A VIDA DOIS	19	2. A QUESTÃO DA SAÚDE.	12	2. SER HOMEM É SUPERAR DESAFIOS	11
3. QUEM CUIDA DOS FILHOS?	15	3. VIDA DE MULHER	19	3. INTERFERÊNCIAS ENTRE O CASAMENTO E O TRABALHO	19
4. INDIVIDUALIDADE X CONJUGALIDADE	10	4. O TEMPO DO CASAL	15		
		5. RENÚNCIAS E SACRIFÍCIOS	17		
		6. OS PAPÉIS SEXUAIS	12		

**E. – CASAL 5 – SANDRA E SANDRO**

**E 1. – CATEGORIAS TEMÁTICAS DA ENTREVISTA CONJUGAL**

<u>CATEGORIA – 1</u>	
<b>CASAMENTO: UMA CO-CONSTRUÇÃO</b>	Frequência: 29
<u>Definição</u>	
<p>O casamento é uma co-construção onde os objetivos são traçados em parceria. Ambos os esposos definem seu casamento como uma relação que foi evoluindo e se fortalecendo no decorrer do tempo. O aprendizado e crescimento mútuo favoreceram a união e o respeito conjugal crescente. O equilíbrio entre o casal é conseguido a partir de ajustes de personalidade, sem que nenhum dos dois tenha que abrir mão de seus próprios desejos.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Objetivos profissionais e pessoais em comum.</li> <li>• Nosso casamento.</li> <li>• Aprendizado e crescimento mútuo.</li> <li>• Cumplicidade, comunhão e respeito mútuo.</li> <li>• Equilíbrio entre individualidade e conjugalidade.</li> </ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“O casamento tem que ser sempre duas pessoas olhando na mesma direção”. (H)</p> <p>“São os objetivos traçados juntos e acima de tudo o equilíbrio do casal”. (H)</p> <p>“Uma relação onde dois têm um objetivo único e que os dois fazem bem um pro outro né? Senão perde toda finalidade”. (M)</p> <p>“... eu acho que os dois terem oportunidades iguais, tomarem decisões juntos, construirão uma base sólida. Eu acho que isso é a grande importância do casamento. Quando eu falo em equilíbrio, é aquele equilíbrio em informação, é em desenvolvimento da carreira profissional de cada um, quer dizer, eu acho que casamento é tudo isso”. (H)</p> <p>“A gente tem que... que deixar com que as coisas fluam com naturalidade sem que nenhum dos dois tenha os seus desejos interrompidos. Quer dizer, eu acho que isso é um exercício muito grande dentro do casamento de tolerância, é de humildade, de aceitação...”. (H)</p> <p>“... essa é a função do casamento. É sempre respeitando a individualidade”. (M)</p> <p>“... a minha visão do nosso casamento... pra mim, é uma coisa boa. Eu espero que isso esteja acontecendo com a ela também. É uma visão de duas pessoas que saíram do ponto que se conheceram e deram o que foi possível dar”. (H)</p> <p>“O nosso casamento é só vantagem”. (M)</p> <p>“... o casamento é essa junção de forças. Essa coisa em comum, ou seja, os dois se transformam em um só...”. (H)</p> <p>“Então, o casamento é isso! É uma comunhão de bens, é uma comunhão de vários fatores pra que você conduza a sua vida bem, quer dizer... Casamento é uma soma de tudo isso”. (H)</p>	

“Eu acho que um dos fatores que fez com que isso dê certo é o fato de a gente ter aprendido muito junto, da gente ter descoberto coisas juntos... É que nem criança quando brinca junto né? Então, assim, a gente se conheceu muito jovem, com 14 e 17 anos e a gente não tinha a menor noção do que era... Então, tudo a gente aprendeu junto”. (M)

“... quando a gente namorava, a gente era a maior raridade, dessas que a gente conta nos dedos, o dia em que nós não se víamos”. “E hoje, depois de trinta anos que nós estamos juntos já. Nós nos conhecemos em 1975... O dia que a gente se fala menos, a gente se fala duas vezes por dia”. (H)

“A gente sempre foi assim, muito de dois.” (M)

“... eu acho que o primordial, pra qualquer relação, seja pai e filho, seja casal, seja amigo é a cumplicidade sabe? É aquele pensamento que fala que amigo é aquele que você pode pensar alto”. (M)

<u>CATEGORIA – 2</u>	
<b>VIDA A DOIS: UMA PRIORIDADE</b>	
	Frequência: 16
<u>Definição</u>	
<p>O casal descreve as estratégias utilizadas para lidar com o seu estilo de casamento. Os relatos revelam os comportamentos do casal para conciliar a vida profissional e familiar. Ambos os esposos apontam a relação conjugal como prioridade e o prazer advindo de estar na companhia do outro.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Desenvolvimento de estratégias relacionais.</li><li>• Priorização da relação conjugal.</li><li>• Programação do casal para conciliar casamento e trabalho.</li><li>• Prazer na companhia do outro.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“A maioria dos dias, eu estando em Brasília, eu almoço em casa. Eu não faço como a maioria das pessoas que não almoça em casa. Eu então venho pra casa e a maioria das vezes almoço junto eu e a Sandra. Noventa e nove por cento das vezes a gente almoça junto. Então, a estratégia que você cria é uma estratégia assim... Naturalmente aconteceu, não foi nada programado. É uma coisa assim, minha e dela que se juntaram desde os antigos tempos, a gente gosta de almoçar junto... gosta de tomar café da manhã junto”</p> <p>“... eu procuro trabalhar normalmente a jornada de trabalho normal. Eu nunca fui uma pessoa que fiquei extrapolando essa jornada de trabalho ou ficar trazendo trabalho pra casa”. (H)</p> <p>“Eu no máximo seis e meia, sete horas venho embora pra casa. Eu acho que terminou a jornada de trabalho eu venho pra casa”. (H)</p> <p>“Pra mim, é fim de semana. Fim de semana, é seu, é da sua família, é pra você dedicar seu tempo pra sua família”. (H)</p> <p>“O Sandro tinha condições de fazer uma certa programação nas viagens dele. Então assim, eu programava minha agenda também. Eu tinha dois dias na semana que era quarta e quinta que eu não trabalhava. Quarta e quinta era quando ele viajava que aí eu ia junto”. (M)</p> <p>“É, nós sempre fizemos as coisas juntos... não temos problemas”. (H)</p>	

<u>CATEGORIA – 3</u>	
<b>A VIDA EM FAMÍLIA</b>	
Frequência: 12	
<u>Definição</u>	
<p>Os relatos envolvem a experiência do casal no estabelecimento de uma parceria conjugal. O cuidado com os filhos é percebido como uma responsabilidade mútua. Cumplicidade nas ações com os filhos. Os relatos de situações familiares apontam para a necessidade de conviver com filhos e manter a união familiar.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Cumplicidade nas ações com os filhos.</li><li>• Parceria conjugal.</li><li>• Unidade familiar.</li><li>• Prazer em estar com a família.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“... as coisas com as filhas a gente sempre faz junto”. (H)</p> <p>“As meninas sempre estudavam de manhã, Então, assim, às vezes podia só um levantar, se trocar, mas não. Sempre levantava os dois, tomava café da manhã os dois, e os dois iam levar”. (M)</p> <p>“... quando tinha que levantar de madrugada pra buscar numa festa, nunca eu fui sozinha ou ele sozinho como a maioria dos nossos amigos fazem. Sempre iam os dois”. (M)</p> <p>“Até levar filho pra escola. Às vezes, um levava e o outro ia buscar”. (H)</p> <p>“Eu nunca saí sozinha com as meninas pra fazer compras... a gente sai pra comprar... imagina, três mulheres, sai com saquinhos de vinte pares de sapato... E o Sandro fica junto”. (M)</p> <p>“... eu vou com a Sandra e com a as meninas no Shopping. Às vezes, ficava três, quatro horas no Shopping”. (H)</p>	

<u>CATEGORIA – 4</u>	
<b>SALÁRIOS INDIVIDUAIS E PROJETOS CONJUGAIS</b>	
	Frequência: 25
<u>Definição</u>	
<p>O casal descreve como administra a entrada simultânea de dois salários diferenciados em função das carreiras. Os relatos envolvem a administração individual de cada um dos salários, a divisão do orçamento familiar e metas e objetivos financeiros em comum. Compartilhamento das práticas decisórias em relação às finanças.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Administração das finanças.</li><li>• Orçamento familiar.</li><li>• Objetivos financeiros.</li><li>• Planejamento financeiro do casal.</li><li>• Práticas decisórias em relação às finanças.</li><li>• Controle financeiro.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“Ela tem as contas dela e eu tenho a minha”. (H)</p> <p>“Aqui em casa é o seguinte: na verdade cada um é cada um, ou seja, o salário dela entra na conta dela. Eu não sei nem a senha da conta dela. Não entro na conta dela”. (H)</p> <p>“Na minha conta ela tem a senha e o cartão, se ela precisar pra alguma emergência, ela pode tirar, mas... a gente tem esse respeito total, cada um tem as suas contas”. (H)</p> <p>“A maioria das contas eu tenho em conjunto com ela. Um exemplo: verduras, é da Sandra, tem seguro é do Sandro, vai pagando de acordo com os ganhos”. (H)</p> <p>“Eu tenho uma aplicação no Banco do Brasil que ela me mandou, e vamos abrir uma outra. Então, aonde sobrar a gente vai aplicando pro nosso fundo de reserva”. (H)</p> <p>“A Sandra é autônoma e eu tenho um ganho fixo. Então, às vezes, determinados meses, eu acabo assumindo algumas contas, por ela não consiga fazer frente e... a gente vai revezando isso”. (H)</p> <p>“A gente não tem preocupação aonde sobra, porque o objetivo é o mesmo. Sobrar na conta dela ou sobrar na minha, a gente sabe que o objetivo é que sobre”. (H)</p> <p>“Nós sempre tivemos nossos planejamentos, sempre com as contas em dia... Nunca tivemos problemas”. (H)</p>	

<u>CATEGORIA – 5</u>	
<b>A CASA: MULHER PROTAGONISTA X MARIDO COADJUVANTE</b>	Frequência: 18
<u>Definição</u>	
<p>O casal descreve a rotina das práticas domésticas e como é feita a divisão entre o casal Os relatos evidenciam o compartilhamento de tarefas em função de quem tem a iniciativa e da habilidade de cada um. Embora o marido destaque o papel preponderante da mulher na condução do lar, a interação entre o casal e a divisão de tarefas é destacada por ambos conjugues.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Rotina doméstica.</li> <li>• Divisão de papéis.</li> <li>• A mulher como condutora da casa.</li> <li>• O marido como ajudante.</li> <li>• Tomada de decisão.</li> <li>• Definição de tarefas.</li> </ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“Ela é a grande maestra da casa, é quem conduz as coisas.” (H)</p> <p>“Aqui em casa, como eu fico mais ausente, durante todos esses anos, ela é quem teve uma participação muito mais ativa e presente dentro de casa”. (H)</p> <p>“... aqui em casa toma-se atitude quem está mais perto da ação”. (H)</p> <p>“Ele participa muito né!”. (M)</p> <p>“Ah! Normalmente é ela que conduz a casa, claro é a mulher quem conduz”. (H)</p> <p>“Claro, é a mulher quem conduz. Eu sou assim, um mero ajudante”. (H)</p> <p>“Eu sou assim um mero ajudante. Eu to disposto, to disponível a ajudar, passar, limpar, passar o pano no chão, limpar a cozinha, fazer o café da manhã, dar uma cozinhada domingo, fazer aquelas comidas que são congeladas. Então em casa estou sempre interagindo em todas as atividades.” (H).</p> <p>“... eu disse pra ela: aqui não tem aquela de ter a definição certa, isso é o homem isso é a mulher. Aqui não existe. Aqui toma a decisão aquele que quer tomar e pronto”. (H)</p> <p>“Não sei fazer nada. Passar roupa eu não sei não. Roupa eu não sei passar, mas na maioria das habilidades do dia a dia a gente faz junto” (H).</p>	

**E 2. – CATEGORIAS TEMÁTICAS DA ENTREVISTA INDIVIDUAL COM A ESPOSA**

<p><u>CATEGORIA – 1</u></p> <p><b>O ESQUECIMENTO DE SI</b></p> <p style="text-align: right;">Frequência: 25</p>
<p><u>Definição</u></p> <p>A definição do que é ser mulher transcórrer pelas funções femininas dentro da família. Disponibilidade para ceder e sensação de abandono de si em função dos cuidados com o outro. Negligência com relação à própria saúde. A necessidade e o desejo de cuidar dos outros é compreendida como reflexo de sua necessidade de ter controle. A profissão do marido é priorizada em detrimento de seu desenvolvimento profissional. Tentativa de conciliar vida profissional e vida familiar. Sobrecarga de tarefas.</p>
<p><u>Temas</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O ser mulher.</li> <li>• Papel de cuidadora e a necessidade de ter controle.</li> <li>• Disponibilidade para ceder.</li> <li>• Esquecimento de si.</li> <li>• Problemas de saúde.</li> <li>• Priorização da profissão do marido.</li> <li>• Vida profissional X Vida familiar.</li> <li>• Sobrecarga de tarefas.</li> </ul>
<p><u>Verbalizações</u></p> <p>“Eu acho que mulher tem que ser assim: ela tem que ter um sucesso profissional, ela tem que se sentir uma boa mãe, tendo dado uma boa educação, uma boa criação, é até a noção mesmo de cidadão para os filhos. Porque eu sinto essa satisfação. E também ser realizada no campo afetivo. Eu acho que esse contexto todo é que forma uma mulher”.</p> <p>“Primeiro, eu acho que é o próprio temperamento... não sei se é temperamento ou a personalidade de ser a zeladora”.</p> <p>“Se eu tenho a clínica, eu tenho que cuidar bem da clínica. Se eu tenho a casa, eu tenho que cuidar bem da casa, cuidar do marido, cuidar dos filhos, então é assim, essa coisa de sempre estar tendo que cuidar de alguém, e cuidando menos de mim”.</p> <p>“O que eu observo também, é que isso me dá também uma sensação de onipotência com todos esses fatores. Porque se eu tô cuidando, eu tô com aquilo sob o meu controle. Então, talvez seja isso! Aquela coisa de eu perder o controle da situação. Eu até penso que eu não tenho que ser isso...”.</p> <p>“Eu não consigo falar: ‘eu vou tirar uma tarde pra eu fazer isso’, sabendo que eu tenho coisa pra fazer no trabalho. Mesmo se eu não tô no trabalho, eu tô em casa, fazendo as minhas coisas. Eu ainda tenho essa dificuldade de fazer uma coisa que é só pra mim”.</p> <p>“Pra mim, agora o mais importante é a minha saúde. Indiscutivelmente. É que eu tenho consciência que eu não fiz bem, sabe? Quando eu levo sustos eu fico uma temporada cuidando. Aí eu vou abandonando, vou abandonando...”.</p>

“E quando eu tava começando a atuar como fonoaudióloga, já tinha aberto algumas portas em consultórios médicos e tudo, meu marido foi transferido pra Brasília. Aí eu vim pra cá. Eu fiquei seis meses parada aqui em Brasília. Então, assim, foi mudança de vida, um apoio total para ele, porque ele tava num desafio profissional muito grande. A minha vida parou durante seis meses”.

“... abri mão de tudo! Tentei alguma coisa na área de audiologia, não consegui. Com seis meses de Brasília eu infartei né? Em função eu acredito de toda essa reviravolta”.

“... Eu fiz alguns cursos de extensão, mas não de especialização até em função da carga horária, em função do desprendimento que haveria e da necessidade de estar com a família”.

“... os cursos de extensão que eu fazia eram os que eram durante a semana, ou que era só um ou dois finais de semana. Nada que fosse a longo prazo, porque eu sabia que eu não ia terminar. Porque pra mim, o mais importante era estar em casa com ele”.

<u>CATEGORIA – 2</u>	
<b>MARIDO: UM GRANDE COMPANHEIRO</b>	Frequência: 18
<u>Definição</u>	
A esposa relata o apoio, o estímulo e a valorização ao seu desenvolvimento profissional por parte do marido. Na sua percepção, o marido mostra-se orgulhoso com seu desempenho e reforça esta situação perante os outros. Sua independência financeira também é estimulada pelo parceiro.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Apoio, estímulo e companheirismo.</li><li>• Valorização da profissão por parte do marido.</li><li>• Marido estimula e valoriza independência financeira.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“Por ele, eu tinha feito a especialização, sabe? Inclusive, assim, bem... bem salgada a mensalidade. Ele dizia: “Não, eu vou te dar de presente”. Mas não era essa a questão”.</p> <p>“... o apoio que ele sempre me deu também para eu atuar profissionalmente, pra eu voltar a estudar. Por que na época ele precisou me manter na universidade também. Porque no meu trabalho, eu precisei diminuir a carga horária pra poder dar conta disso tudo”. “ele sempre foi assim: uma pessoa que sempre me apoiou muito sabe? Então isso é o mais importante”.</p> <p>“Eu acho que se eu fosse uma mulher dependente financeiramente dele, ele seria extremamente inconformado com isso. Ele sempre, desde que a gente,... desde que ele era moleque, ele sempre dizia que a mulher tem que participar ativamente do casal, inclusive trabalhando e ganhando”.</p> <p>“Muito orgulhoso, e por ele assim, eu entrava mais de cabeça. É, por que ele fala assim, que tudo que eu ponho a mão dá certo. Então ele queria que eu tivesse um arrojo maior”.</p> <p>“Eu até percebo que o Sandro faz muita propaganda disso”.</p>	

<u>CATEGORIA – 3</u>	
<b>PARCERIA CONJUGAL: SOMANDO E DIVIDINDO</b>	Frequência: 19
<u>Definição</u>	
Construção de uma relação baseada no companheirismo, solidariedade e apoio mútuo. As rotinas domésticas são percebidas como uma responsabilidade do casal e definidas em função da habilidade de cada um. Cumplicidade do casal nas ações com os filhos. As finanças são administradas de forma particular.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Parceria conjugal.</li><li>• Divisão das tarefas domésticas.</li><li>• Educação dos filhos.</li><li>• Cuidados com os filhos.</li><li>• Finanças.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
“Conduzimos desse jeito. Sempre os dois, dividindo sucessos e fracassos. Tudo compartilhado Sempre.”.	
“... na maioria dos dias a gente acorda junto, arruma a cama junto. Os dois arrumam a cama, puxa a colcha. Põe o forro no travesseiro, ele põe no dele e eu ponho no meu...”.	
“... Eu procurei conduzir o nosso casamento. Então, assim, levantar de noite. Uma vez, era a minha vez e a outra vez era a vez dele, para dar mamadeira. Então, assim, se mamava, às vezes nem era de noite... Se mamava seis, seis e pouco no final de semana, no sábado eu levantava, no domingo era ele”.	
“... então assim, tudo compartilhado. Tudo. Ir ao supermercado fazer compras, sempre os dois. Porque eu que tenho que ir? Então,... Foi sempre assim”.	
“... ele só não passa, e cozinha quase nada. Ele é coadjuvante na cozinha”.	
“Ele limpa, ele lava, ele lava panela, ele põe a mesa... Ele não põe a mão na panela. Por que eu adoro cozinhar. Então assim, eu na cozinha, é ele o tempo todo junto”.	
“... ele tira a roupa da máquina, ele estende camisa, até por que a gente não tem mais empregada há muito tempo”.	
“Agora, uma coisa que a gente nunca teve junto é a conta bancária. Mas, a conta dele, ele administra. Eu sei nome, sei senha, sei tudo, mas ele administra. As minhas contas eu administro. A gente nunca teve uma conta única”.	

<u>CATEGORIA - 4</u>	
<b>VIDA A DOIS: VETOR DE FELICIDADE</b>	Frequência: 17
<u>Definição</u>	
<p>A relação com o parceiro é relatada como o aspecto mais importante de sua vida. A história conjugal envolve o amadurecimento mútuo, favorecendo o desenvolvimento de uma relação amorosa e harmônica. O companheirismo e o apoio do parceiro são muito valorizados. O bem-estar conjugal é prioritário para lidar com as outras áreas da vida. Valorização da vida a dois e prazer de estar na companhia do parceiro.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• A vida conjugal em primeiro plano.</li><li>• Desejo de viver a dois.</li><li>• Amor e afeto.</li><li>• Harmonia.</li><li>• Prazer no relacionamento conjugal.</li><li>• Vida social.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“O mais importante é ele. É o relacionamento com ele”.</p> <p>“O mais importante é ele... Até em cima de relacionamento com filhos. Eu não sei. Eu acho assim... a química entre nós é muito boa”.</p> <p>“Do jeito que eu comecei. Que a gente começou. Praticamente, como dois adolescentes e a gente foi conquistando, foi crescendo como pessoa, crescendo como profissional”.</p> <p>“Então, sempre foi, assim, uma pessoa que me apoiou muito, sabe? Isso é o mais importante. Eu acho que se eu não tivesse bem com ele, eu não ia conseguir estar bem com as outras coisas”.</p> <p>“... A gente não sente falta de sair sozinho pra jantar, por que a gente tem tempo de fazer isso em casa...”.</p> <p>“... pedir uma comida, comer os dois, tomar um vinho, comer um queijo. A gente tem muito isso em casa. Agora, final de semana é com amigos”.</p>	

<u>CATEGORIA - 5</u>
<b>OS FILHOS PARTEM: O CASAL PERMANECE</b>
Frequência: 13
<u>Definição</u>
Constatação da passagem do tempo e do crescimento dos filhos. A fase atual é marcada por sentimentos ambíguos em relação à partida da filha. Desenvolvimento do sentimento de culpa por ter desejado a partida da filha. O contexto favoreceu um movimento de aproximação do casal que lembra os tempos de namoro. Re-afirmação da importância da relação conjugal e desejo de voltar-se para o casal.
<u>Temas</u>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Passagem do tempo e crescimento dos filhos.</li><li>• Sensação de vazio.</li><li>• Alívio com a partida da filha.</li><li>• Conflitos entre o marido e a filha.</li><li>• Sentimento de culpa.</li><li>• Reformulação da vida a dois e da rotina de conjugal.</li></ul>
<u>Verbalizações</u>
“... as filhas, eu tô vendo que é passageiro, estão indo embora e tá ficando nós dois”.
“Ah!... é um grande vazio. Mas assim... Eu sabia que isso ia acontecer. Talvez eu não esperasse que fossa tão depressa”.
“Ano passado é que eu comecei a tomar consciência que isso poderia acontecer. Mas, principalmente, essa minha filha mais velha, eu sempre falei com o Sandro que eu gostaria muito que ela saísse. Porque eu sempre achei que ela precisava enfrentar o mundo sozinha”.
“A época que ela saiu ela tava muito nervosa, muito preocupada, e o Sandro também preocupado no trabalho junto. Muita pressão e os dois estavam numa fase de muita briga... Briga do nada. Por que os dois são pavio curto. Então, eu achava assim muito gratuito, as brigas muito gratuitas, que não havia necessidade. Então, por um lado eu queria muito que ela saísse. Eu queria que ela crescesse. E eu via que dentro de casa ela não crescia”.
“Mas não era um desejo por mal. Não era abrir mão da minha filha. Eu queria que ela crescesse”.
“Às vezes, eu fico pensando se essa minha chateação não é até por isso. De repente um sentimento de culpa por ter querido que ela saísse”.
“Parece que a gente começou a namorar um mês atrás. E eu acho que isso é que faz a coisa ir bem”.
“... eu não digo que mudou. A gente tá mais junto. Mais do que já era. Sabe? Como a gente tem mais oportunidade de estar junto, toma banho junto... Come só os dois... se tá a fim de namorar no meio da tarde vai e namora. Não tem aquela coisa de “tem gente em casa, tranca a porta” entendeu?”.

<u>CATEGORIA - 6</u>	
<b>PRAZER NO LAR X TRABALHO</b>	
	Frequência: 17
<u>Definição</u>	
<p>Sentimentos ambivalentes são relatados em relação ao prazer de ficar em casa, cuidar do lar e da família e o prazer de trabalhar. Os discursos envolvem a dedicação ao lar como algo gratificante e a valorização do papel de dona de casa pela família como algo prazeroso. No momento atual, o trabalho é percebido como causador de estresse e desgaste físico e mental. A sobrecarga de trabalho gera preocupações com a própria saúde.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Sentimentos ambivalentes.</li><li>• Desejo de permanecer mais em casa.</li><li>• Dedicação ao lar é gratificante.</li><li>• Sente-se valorizada no papel de dona de casa.</li><li>• Sobrecarga de trabalho.</li><li>• Estresse.</li><li>• Desgaste físico e mental.</li><li>• Preocupação com a saúde.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“Eu gosto mais de ficar em casa... Mas, eu gosto de trabalhar”.</p>	
<p>“É por que eu adoro ficar em casa. É cansativo, enjoativo, mas eu gosto de ter alguns períodos na semana onde eu possa ficar em casa, ou pra sentar e poder pregar o botão numa roupa, fazer uma barra”.</p>	
<p>“... não que eu seja uma exímia costureira, mas é que eu gosto de fazer, eu não faço isso por obrigação. Me senti orgulhosa quando ela pôs e ‘Nossa! Foi a minha mãe que fez!’, sabe? Então, assim, e... os amigos dela ‘nossa, mas ficou tão lindo... ah! Como eu queria uma mãe prendada assim’. Nossa! Eu me sinto a rainha da cocada branca! Entendeu? Essa coisa assim de ver que eu tô sendo valorizada”.</p>	
<p>“O Sandro sempre chega babando os meus pratos, a minha habilidade, e conta quando eu fiz uma roupa bonita pras meninas. E ele fala: ‘nossa, mas essa minha gordinha é muito prendada’. Eu me sinto maravilhada... Eu gosto disso”.</p>	
<p>“Porque quando eu fico muito fora de casa trabalhando como eu tô agora - eu tive que pegar oito períodos - então, eu só tô com a sexta-feira livre. Isso me incomoda. Eu queria ter pelo menos mais uma tarde. Mas, eu tive de pegar. Então, isso não é muito legal pra mim não...”.</p>	
<p>“... eu gosto de trabalhar, você tá entendendo? Mas, eu não gosto de sentir minha casa abandonada”.</p>	
<p>“... eu sei que isso me sobrecarrega. Física e psicologicamente. Então, isso não faz bem pra minha saúde”.</p>	

<u>CATEGORIA – 7</u>
<b>A VIDA PROFISSIONAL</b>
Frequência: 19
<u>Definição</u>
História da escolha profissional marcada por mudanças de rumo. Ambições e metas profissionais decididas em função dos vínculos familiares. O desenvolvimento profissional foi vivido como um grande desafio. Através do trabalho, conquistou a realização pessoal, independência financeira e autonomia. O trabalho é visto como uma atividade importante no favorecimento do bem-estar e de exercício mental.
<u>Temas</u>
<ul style="list-style-type: none"><li>• História da escolha profissional</li><li>• Relação entre a escolha profissional e vínculos familiares.</li><li>• Mudanças de profissão.</li><li>• A profissão responsável por dar sentido à vida.</li><li>• Empenho para se desenvolver profissionalmente.</li><li>• Importância da vida profissional.</li><li>• Auto-realização, independência financeira e autonomia.</li></ul>
<u>Verbalizações</u>
<p>“O primeiro curso foi uma consequência porque eu fazia piano. Porque o meu sonho era fazer Jornalismo. Só que na época, na minha faculdade não havia o curso de Jornalismo. E meus pais não admitiam a possibilidade de eu estar saindo. E eu já namorava o Sandro há uns quatro anos. Isso foi uma coisa que acabou pesando. Aí eu optei por aquilo que seria uma continuação do que eu já fazia, porque eu já dava aula de piano. Então, esse primeiro curso veio meio que por acaso”.</p> <p>“E a fonoaudiologia foi porque eu já estava cansada de trabalhar dentro de casa. Porque todo esse trabalho mesmo com a escola de iniciação musical, era um trabalho muito isolado. Não só, porque eu sempre tive uma colega de trabalho que a gente sempre fazia as apresentações em conjunto e tudo. Mas eu não me sentia no mundo. Então, eu tinha sempre essa coisa que eu queria trocar de profissão”.</p> <p>“... a importância do meu trabalho na minha vida é a realização. É ser capaz de fazer alguma coisa. É ser alguém com sucesso. É a questão financeira, a independência financeira”.</p> <p>“... a dependência financeira. Eu acho que isso pra qualquer mulher na vida hoje é realmente frustrante... Depender do marido ou quem quer que seja. E a questão também, vamos dizer assim, de ocupar o tempo. Ser terapêutica pra minha cabeça”.</p> <p>“Eu acho que sempre foi um desafio. Mas, eu encarei e venci”.</p>

**E 3. – CATEGORIAS TEMÁTICAS DA ENTREVISTA INDIVIDUAL COM O MARIDO**

<u>CATEGORIA – 1</u>	
<b>A CONSTRUÇÃO DE DUAS CARREIRAS</b>	
Frequência: 26	
<u>Definição</u>	
<p>A vida profissional de ambos os esposos é planejada em parceria. A construção de metas e objetivos profissionais é feita em conjunto, favorecendo o desenvolvimento profissional de cada um e preservando a relação conjugal. A construção de uma vida a dois envolveu planejamento e a disponibilidade para dialogar, conciliar e ceder.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construção da vida profissional em parceria.</li> <li>• Conciliação entre projetos profissionais e casamento.</li> <li>• Objetivos e ideais em comum.</li> <li>• Saldo positivo do casamento.</li> </ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“O desenvolvimento da carreira para nós foi uma coisa assim muito projetada”.</p> <p>“A gente teve paciência, a gente foi fazendo isso, ou seja, a gente projetou isso, toda a carreira, a nossa carreira...”.</p> <p>“... a gente já tinha um objetivo claro a perseguir. Então, o casamento nunca atrapalhou a nossa carreira nem a minha nem a dela. Porque a gente sempre uma coisa no casamento que é você buscar um ponto de equilíbrio. E a gente buscou um ponto de equilíbrio tanto que eu estudei, enquanto a Sandra se formou. Então, esperamos concluir a primeira faculdade de cada um e só aí que nós fomos pensar em casar”.</p> <p>“Depois que nós casamos, eu fiz a minha pós-graduação e concomitantemente com isso ela decidiu dar um novo rumo pra vida dela também”.</p> <p>“Sandra voltou, depois de casada já com duas filhas, a Sandra voltou a fazer faculdade e terminamos juntos em 97. Quando eu terminei a minha pós-graduação, a Sandra também concluiu a faculdade dela de fonoaudiologia. E ela trabalhou. Eu com a minha MBA e ela com a formação de fonoaudiologia. Então, a gente sempre conciliou o estudo e o nosso casamento sem menor problema. Nunca tivemos problema, sempre assim... um cedeu espaço pro outro. A gente deu as mãos pra que os dois tivessem uma formação e nunca um quis ocupar o espaço do outro. É uma coisa que eu disse... O casamento é uma coisa de equilíbrio de forças”.</p> <p>“Depois que eu me formei então, logo casamos os dois e os ideais se juntaram né? A gente olhava com a mesma intenção e falava: ‘vamos trabalhar, vamos construir’.”.</p> <p>“... até a transferência quando eu vim pra Brasília foi discutida pelos dois. A gente tinha uma intenção de sair de Bauru, e a gente sabia que isso seria muito bom pro meu crescimento profissional, pro dela e pro das nossas filhas”.</p> <p>“Tudo aquilo que a gente planejou está acontecendo, e isso pra nós não é uma surpresa. Porque a gente investiu lá pra trás, quer dizer é uma coisa que você vê projetada, é uma coisa que você constrói. E a gente ao longo desse tempo construiu as coisas”.</p>	

“... a gente sempre se somou muito. A gente uniu muito as forças. Quer dizer, a gente tem muitas coisas nossas que são muito parecidas, muito similares quer dizer na condução dos assuntos”.

<u>CATEGORIA - 2</u>
<b>O HOMEM E A MULHER NA FAMÍLIA E NO CASAMENTO</b> Frequência: 15
<u>Definição</u>
O discurso do homem revela a modernização dos papéis tradicionais do homem e da mulher na família e no casamento. A descontinuidade em relação aos domínios prescritos para homens e mulheres aparece como destaque em seus relatos. Ideais modernos de igualdade entre os sexos. A definição do que é ser homem transcender passa pelas funções masculinas dentro da família: companheiro, marido e pai.
<u>Temas</u>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Estereotipo do ser homem e ser mulher.</li><li>• Papéis sexuais.</li><li>• Igualdade de direitos.</li><li>• Ser homem.</li><li>• Papéis masculinos: companheiro, marido e pai.</li></ul>
<u>Verbalizações</u>
<p>“... ser homem é ser uma pessoa participativa, principalmente falando em família. Eu acho que é você participar da família porque em casa realmente o sentido de ser homem ele é bem abrangente. É que em casa eu tenho minha mulher e duas filhas, então eu sou o único homem da casa... Pra mim é uma coisa normal, eu participo em todas as atividades da casa, quer dizer, eu não tenho menor intenção, menor espírito de machismo.”.</p> <p>“Eu acho que não é a parte sexual que faz a diferença de você ser homem ou mulher. Eu acho as pessoas tem que ser humano, ser um pro outro, um pra família. Quer dizer, eu acho que isso supera tudo. A parte da sexualidade, eu acho que fica até num segundo plano”.</p> <p>“Ser homem é você ser esposo, você ser chamado de papai, acho que é uma coisa assim, mais íntima que a parte sexual. É o dia a dia com a família”.</p> <p>“Ser homem é uma coisa natural... Nós temos direitos iguais. A gente tem responsabilidades. Todo mundo. Cada um procura fazer a sua parte. Não é porque é homem ou mulher”.</p> <p>“Não existe aquelas diferenciações: ‘ah! É porque isso é uma coisa de mulher ou é uma coisa de homem’.”.</p> <p>“Eu não tenho essa preocupação de mostrar que você é homem, eu acho que é uma coisa natural. Eu acho que não me incomoda. Eu acho que eu não tenho a menor dificuldade pra provar para alguém o que eu sou, o que eu não sou. Então, tá aí uma coisa que passa com naturalidade. Acho que não traz nenhum incômodo nem pra mim e nem pra Sandra de um estar afirmativamente mostrando pro outro: “eu sou homem” ou “Eu sou quem manda aqui ou que deixa de mandar” isso não existe pra nós. Realmente, as nossas decisões não passam isso por aí. Não tem essa influência no casamento”.</p> <p>“... acho que não traz nenhum incômodo nem pra mim nem pra Sandra de um estar afirmativamente mostrando pro outro: “eu sou homem”, “Eu sou quem manda aqui ou que deixa de mandar”. Isso não existe pra nós”.</p>

“... eu não tenho essa preocupação de mostrar que você é homem, eu acho que é uma coisa natural”.

“... não tem porque ou é homem ou mulher, aqui não... Nós temos direitos iguais. A gente tem responsabilidades. Todo mundo. Cada um procura fazer a sua parte”.

<u>CATEGORIA – 3</u>	
<b>REFLEXÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO E OS PROJETOS FUTUROS</b>	Frequência: 10
<u>Definição</u>	
Os relatos envolvem as transformações ocorridas com a partida da filha mais velha. A percepção da passagem do tempo leva o homem a refletir sobre uma outra fase da vida e projetar seu envelhecimento. A partida filha foi vivenciada como uma situação já prevista que trouxe consigo sentimentos contraditórios. Na fase atual, o casal volta-se mais para si.	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Sensação de vazio.</li><li>• Sentimento de perda com a partida da filha.</li><li>• Passagem do tempo e projeção da velhice.</li><li>• Envelhecer juntos.</li><li>• Aposentadoria.</li><li>• Ajustes no relacionamento conjugal.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
“... você começa a se imaginar mais velho”.	
“... claro que eu fico chateado, a casa fica meio vazia no começo. Mas, nada que não seja superado e que não seja compreendido”.	
“A gente fica assim mais... mais... Como é que eu posso dizer? Ah! Mais sentimental um pouco, mais amoroso um pouco...”.	
“Já é uma terceira fase da vida. Então, assim, nessa hora você fica meio chateado. Mas em outras horas eu fico feliz, ou seja, dela estar seguindo o objetivo dela, assim como eu saí de casa cedo.”.	
“Você botou seus filhos no mundo e estamos começando a chegar na outra ponta, que é lá que você começa a ficar sozinho...”.	
“... é o momento que eu e a Sandra... a gente vai ficar sozinho. É quando a gente pensa em ficar muito junto e em fazer as coisas, assim, bastante juntos.	
“a gente já se preparou pra isso. A gente sabia que isso, uma hora ou outra, mais cedo ou mais tarde isso aconteceria”.	
“Uma coisa que a gente sempre imaginou, foi trajetória assim que a gente começou e que a gente foca isso, sempre se imaginou vendo a gente com 60 anos”.	
“... a gente fica se imaginando com 60 anos. Então, a gente já está projetando nossas reservas financeiras e os nossos investimentos no pagamento das nossas aposentadorias”.	
“... a gente fala muito de ir para uma praia, de ir para uma cidade assim... sabe? Pra gente ter uma vida a dois”.	
“A gente imagina mais pra frente um pouco, ter uma vida dispostos a curtir tudo isso que nós dois construímos esses anos aqui”.	

<u>CATEGORIA – 4</u>	
<b>A MULHER COMO MÃE E ESPOSA</b>	
Frequência: 21	
<u>Definição</u>	
<p>O papel da mulher nas funções de esposa e mãe é valorizado pelo homem. Satisfação com a esposa em relação a sua capacidade de conduzir a casa e os cuidar dos filhos. A esposa é vista como a base da família, inclusive na sua capacidade de prover tranquilidade e segurança para o marido desenvolver sua carreira.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Importância da figura feminina.</li><li>• O papel da mulher</li><li>• Ausência do pai.</li><li>• A mulher como facilitadora da carreira do marido.</li><li>• Valorização da esposa.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“O papel da mulher é fundamental como mãe, como tudo. Quer dizer, ela é o grande esteio da casa”.</p> <p>“... as coisas que acontecem, primeiro as meninas vêm contar pra mãe. Sempre está em segundo plano contar pro pai, então, a mãe é realmente a amiga número um. A mãe, é tudo delas e também do marido, quer dizer, do homem”.</p> <p>“Eu acho que a mulher tem um papel fundamental. Acho que é conduzir tudo... o lar, a casa, na parte da educação. Acho que o homem acaba passando o desempenho dessas funções e acaba ficando mais fora”.</p> <p>“Eu acho que, desde que nós casamos, eu sempre viajei. Quem esteve muito mais próxima das meninas, sempre foi a Sandra. Quer dizer, ela tem um papel fundamental dentro de tudo isso.”.</p> <p>“Então, ela me deu assim muita tranquilidade para que eu pudesse desenvolver a minha carreira, que eu tivesse tranquilidade. Eu sabia que aqui tinha uma pessoa com as minhas filhas que me dá tranquilidade, mesmo eu estando ausente”.</p> <p>“Eu acho que é fundamental que a mulher também tenha um dinamismo, que ela tenha uma personalidade própria, que ela tome decisões”.</p> <p>“... graças a Deus a Sandra tem essa característica. Então pra gente, pro meu tipo de personalidade, eu acho que é importantíssimo você estar do lado de uma mulher que tem esse tipo de comportamento”.</p>	

<u>CATEGORIA – 5</u>	
<b>A CARREIRA DA MULHER: APOIO E ADMIRAÇÃO</b>	Frequência: 17
<u>Definição</u>	
<p>Apoio do homem e da família na construção da carreira da esposa. As atividades profissionais da mulher são valorizadas pelo marido e servem de exemplo para as filhas. Percepção da importância e dos benefícios do trabalho feminino. Valorização do papel profissional da esposa.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A construção da carreira da esposa.</li> <li>• Papel profissional da esposa</li> <li>• Exemplo familiar.</li> <li>• Importância e benefícios do trabalho feminino.</li> </ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“... é fundamental que toda mulher tenha uma atividade extra-casa”.</p> <p>“... o começo da carreira dela, eu sempre apoiei, a família sempre apoiou. Acho que isso faz muito bem pra todos nós”.</p> <p>“... sempre dei toda estrutura possível para que a Sandra pudesse desenvolver a carreira dela. Desde a clínica que ela adquiriu o espaço quando ela chegou aqui em Brasília”.</p> <p>“Tudo que ela entrou, ela sempre conseguiu fazer com sucesso. Ela sempre foi, no meu modo de ver, uma vencedora”.</p> <p>“A gente nem vai comentar o lado financeiro, mas o lado pessoal, de você ver o crescimento, de você ver o seu desempenho, de você ver que ela venceu e foi capaz de conduzir os negócios”.</p> <p>“... é muito importante a mulher ter essa renda, sua independência financeira, ter esse desempenho, se desenvolver também e eu acho isso importantíssimo”.</p> <p>“... as meninas, elas sempre conviveram assim, desde pequenininhas com a Sandra trabalhando, fazendo alguma coisa, ajudando lá, ajudando aqui, fazendo aqui. E até hoje ela fica em casa, fica próxima, e a gente conseguiu dentro desse relacionamento mesclado assim, ela se dá bem com a família, conseguimos educar nossas filhas, sem traumas, a gente conviveu com elas e, ao mesmo tempo, conseguiu trabalhar”.</p>	

<u>CATEGORIA – 6</u>	
<b>A IMPORTÂNCIA DE COMPARTILHAR A VIDA</b>	
Frequência: 12	
<u>Definição</u>	
<p>Importância de ter alguém para compartilhar a vida. O homem considera que a vivência de uma relação a dois é o aspecto mais importante para sua realização pessoal. Encontra satisfação na companhia do outro e sente necessidade de dividir a vida. Os relatos também revelam a importância dos vínculos familiares e do grupo social.</p>	
<u>Temas</u>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Desejo de partilhar a vida.</li><li>• Valorização da vida a dois.</li><li>• Solidez familiar.</li><li>• Gosto por viver em grupo.</li></ul>	
<u>Verbalizações</u>	
<p>“Então eu acho que é muito importante você ter alguém com quem você possa partilhar o seu dia a dia e você possa crescer e você possa discutir e você possa traçar os seus objetivos... Isso que eu acho mais importante na vida de um homem...”</p> <p>“Eu acho que pra mim, o mais importante é estar sempre na presença de uma companhia”.</p> <p>“Pra mim o que é muito importante é você ter uma família bem construída”.</p> <p>“Eu digo que eu não consigo ser uma pessoa solitária. Eu sou uma pessoa que tenho que me ver... Normalmente em grupos e tenho que ter pessoas para conversar, eu sou uma pessoa que gosto de conversar muito”.</p> <p>“O que a gente fazia anteriormente, nossos atos com os amigos tudo mais a gente continua tendo e continua fazendo dessa forma”.</p> <p>“Nossas atividades, 99% delas são a dois. Se tiver que fazer alguma coisa sozinho, acho que não tem... Sempre a dois...”</p>	

**E. 4 – Quadro Geral das Categorias Temáticas do casal 5:**

<b>Entrevista Conjugual (EC)</b>		<b>Entrevista Individual (EIM)</b>		<b>Entrevista Individual (EIH)</b>	
<b>CASAL 5</b>	<b>Freq.</b>	<b>MULHER</b>	<b>Freq.</b>	<b>MARIDO</b>	<b>Freq.</b>
1. CASAMENTO: UMA CO-CONSTRUÇÃO	29	1. O ESQUECIMENTO DE SI.	25	1. A CONSTRUÇÃO DE DUAS CARREIRAS.	26
2. VIDA A DOIS: UMA PRIORIDADE	16	2. MARIDO: UM GRANDE COMPANHEIRO.	18	2. O HOMEM E A MULHER NA FAMÍLIA E NO CASAMENTO	15
3. A VIDA EM FAMÍLIA.	12	3. PARCERIA CONJUGAL: SOMANDO E DIVIDINDO.	19	3. REFLEXÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO E OS PROJETOS FUTUROS.	10
4. SALÁRIOS INDIVIDUAIS E PROJETOS CONJUGAIS.	25	4. VIDA A DOIS: VETOR DE FELICIDADE.	17	4. A MULHER COMO MÃE E ESPOSA.	21
5. A CASA: MULHER PROTAGONISTA X MARIDO COADJUVANTE.	18	5. OS FILHOS PARTEM: O CASAL PERMANECE.	13	5. A CARREIRA DA MULHER: APOIO E ADMIRAÇÃO.	17
		6. PRAZER NO LAR X TRABALHO.	17	6. A IMPORTÂNCIA DE COMPARTILHAR A VIDA.	12
		7. A VIDA PROFISSIONAL	19		

## IV – DISCUSSÃO

A discussão é articulada em torno das análises de conteúdo das entrevistas realizadas por cada casal. Com base na revisão de literatura e nos objetivos da pesquisa, buscamos identificar as práticas de conciliação entre casamento e trabalho que se explicitam no cotidiano conjugal. Identificamos, portanto, as seguintes categorias-síntese: relacionamento conjugal, práticas domésticas e a divisão entre o casal, os cuidados com os filhos, o dinheiro e as práticas decisórias, interação entre casamento e trabalho e papéis de gênero.

Nesse primeiro momento, apresentamos as categorias-síntese que reproduzem, organizam e sintetizam as categorias temáticas das três entrevistas realizadas para cada casal separadamente. Em seguida, apresentamos a discussão específica de cada casal.

### As categorias de análises:

#### 1) Relacionamento conjugal

**Definição:** descreve o modelo organizativo do casal. O enfoque recai sobre a dinâmica conjugal de cada casal, evidenciando os modos pelos quais eles criam e mantêm a relação e se reorganizam frente às mudanças impostas por novas situações de vida. Trata-se do modo como o casal reorganiza o contrato relacional metafórico definido no início da relação conforme vão surgindo alterações nas regras implícitas que guiam o modelo organizativo de um casal.

#### Temas:

- Concepções sobre o casamento;
- Percepções sobre o próprio casamento;
- Modelo ideal de casamento X modelo real de casamento;
- Valor atribuído à relação conjugal;
- Percepção de conflitos conjugais;
- Qualidade da relação conjugal;
- Equilíbrio entre individualidade e conjugalidade.

## 2) Práticas domésticas e a divisão entre o casal

**Definição:** diz respeito às atividades relacionadas com a reprodução que envolve a divisão de um conjunto de ações necessárias à organização e ao funcionamento do ambiente doméstico. Englobam o padrão de divisão sexual do trabalho doméstico, organização da rotina doméstica, atribuições de homens e mulheres relacionadas às práticas domésticas. Abrange, também, o apoio ou suporte recebido do cônjuge, da família extensa e de empregados no sentido de recursos oferecidos, tais como aspectos intelectuais, técnicos, financeiros, sociais que são relevantes para a execução das demandas sobre a pessoa.

### Temas:

- Rotina doméstica;
- Divisão de tarefas;
- Tomada de decisão;
- Apoios.

## 3) Os cuidados com os filhos

**Definição:** descreve a experiência do casal em relação à forma de compartilhar os cuidados e as ações para com os filhos. Trata-se de cobranças e demandas do cônjuge sobre o parceiro e culpa por não se corresponder à convivência plena com os filhos. Aborda, também, a percepção de cada cônjuge em relação à forma de compartilhar os cuidados em relação aos filhos. Nessa categoria, levamos em consideração os apoios recebidos do cônjuge, da família extensa e de empregados ou outros serviços para que o sujeito possa se dedicar ao trabalho e demais atividades pessoais. Esse apoio pode se dar tanto na forma operacional, quanto emocional através da manifestação de aprovação e compreensão pela dedicação do sujeito ao seu trabalho.

### Temas:

- Cuidado com os filhos;
- Relacionamento com filhos;
- Unidade familiar;
- Apoios.

#### 4) O dinheiro e as práticas decisórias

**Definição:** refere-se à forma de administrar a entrada simultânea de dois salários diferenciados em função das carreiras. Envolve a divisão do orçamento familiar, as metas e objetivos financeiros e o compartilhamento das práticas decisórias em relação às finanças.

**Temas:**

- Administração dos recursos financeiros;
- Gestão do orçamento familiar;
- Planejamento financeiro do casal;
- Práticas decisórias em relação às finanças.

#### 5) Interação casamento e trabalho

**Definição:** refere-se às formas que o casal utiliza para conciliar vida profissional e vida conjugal e familiar, bem como à forma como o casal descreve as estratégias utilizadas para lidar com o seu estilo de casamento. Abrange o valor atribuído ao trabalho, referindo-se às crenças e princípios compartilhados que orientam a vida a dois e influenciam como os cônjuges agem e pensam na relação conjugal. Nessa categoria, levamos em consideração também a percepção relatada de diferenças entre homens e mulheres na forma como conciliam casamento e trabalho. Neste sentido, o foco de atenção recai sobre os conflitos que homens e mulheres enfrentam na tentativa de conciliarem demandas conflitantes, originadas pelas responsabilidades e papéis a serem desempenhados simultaneamente no mundo do trabalho e na vida conjugal e familiar. O conflito casamento-trabalho é definido como a pressão percebida sempre que há uma incompatibilidade de demandas, impossibilitando, assim, a plena execução daquilo que é necessário. O conflito pessoal existe sempre que as metas e desejos do indivíduo são incoerentes entre si. Essa categoria também contempla os apoios recebidos do cônjuge para que o sujeito possa se dedicar ao trabalho e demais atividades pessoais. Esses se referem à expressão dos recursos oferecidos, tais como aspectos intelectuais, técnicos, financeiros, sociais que são relevantes para a execução das demandas sobre a pessoa. Pode se dar tanto na forma operacional, quanto emocional através da manifestação de aprovação e compreensão pela dedicação do sujeito ao seu trabalho.

**Temas:**

- Conciliação entre vida profissional e conjugal;
- Desenvolvimento de estratégias relacionais;
- Priorização do trabalho;

- Priorização dos relacionamentos;
- Valor atribuído ao trabalho do homem e ao trabalho da mulher;
- Conflito casamento-trabalho;
- Subfuncionamento;
- Apoio do cônjuge para o desenvolvimento da carreira.

## 6) Papéis de gênero

**Definição:** diz respeito aos estereótipos sociais do ser homem ou do ser mulher. Refere-se aos comportamentos e atitudes cunhados e moldados pelo processo de socialização que expressa o que uma sociedade, em determinado momento histórico, espera de seus homens e mulheres nos espaços públicos e privados. Neste sentido, são papéis diferenciados que tendem a separar homens e mulheres em diferentes esferas de ação. Nessa categoria, definimos “papéis” como modos de agir socialmente prescritos para determinadas situações e entendemos o papel de gênero como os estereótipos sociais do ser homem e do ser mulher.

### Temas:

- Estereótipo feminino;
- Estereótipo masculino;
- Ser homem;
- Ser mulher.

Apresentamos a seguir a discussão do material produzido nas três entrevistas de cada casal onde as categorias-síntese são problematizadas. Dentro de cada categoria, o foco de análise recai sob os elementos de permanência e transformação presentes nas falas do casal e de cada um dos cônjuges.

### Casal 1: Andréia e André

O casal 01 é composto por um funcionário público de 27 anos e uma enfermeira de 28 anos. Estão casados há 01 ano e quatro meses. Andréia é formada em enfermagem e trabalha na maternidade de um hospital da rede pública de saúde. André é formado em administração de empresas, trabalha na área de orçamento e ocupa um cargo de alto escalão em uma empresa pública. Atualmente, Andréia faz curso de graduação em nutrição e está grávida de 03 meses.

Quanto aos estágios do ciclo de vida familiar e conjugal, André e Andréia vivenciam a experiência de se tornar um casal. Embora, no imaginário social, a formação de um casal seja considerada a etapa mais fácil e feliz de uma relação conjugal, começar um casamento é uma das tarefas mais complexas do ciclo vital (McGoldrick, 1995). Andréia descreve sua concepção de casamento através de um discurso mítico impregnado de romantismo:

*“... o bom de tudo é que quando a gente tava noivo, a gente teve sempre o mesmo objetivo: casamento é único”. (Categoria 01 – EIM).*

*“Casar ali pra sempre. Então, a gente sempre pensou nisso. Fizemos tudo certinho, cartório, contrato, pacto Nupcial. Toda aquela coisa da burocracia, né? É importante. Mas, pra gente o mais importante era o casamento na igreja. Pros dois”. (Categoria 01 – EIM).*

De acordo com a literatura, a existência de um ritual simbolizando a escolha do cônjuge se constitui como um fator predisponente para a intensificação dos laços emocionais entre o casal. A solidificação dos laços emocionais facilita a construção de planos comuns por parte dos cônjuges, incluindo a formação de uma nova família. Com efeito, é o advento da primeira gravidez que demarca o início dessa construção conjunta. Essa relação aparece de forma explícita nas falas do casal. Na Categoria 01 da entrevista conjugal, ambos os cônjuges enfatizam a importância da constituição de família, bem como assinalam as expectativas em relação ao nascimento do primeiro filho:

*“... casamento pra mim é um compromisso, a formação de uma família né?” (M). (Categoria 01 – EC)*

*“É a formação de uma família sólida. É... tem a cumplicidade não só entre eu e ele, agora vai ter que ter entre os filhos... Cumplicidade, o amor, o carinho, a confiança, pra se tornar um compromisso mesmo verdadeiro, senão termina no meio do caminho.”. (M) (Categoria 01 – EC)*

*“Por mais que você não fale que pense... de uma forma técnica, quando a gente casa tende a formar uma família né?”. (H) (Categoria 01 – EC).*

Por certo, o casamento representa uma mudança de *status* para os indivíduos e de sua posição em relação à sociedade. Um ritual de casamento pode indicar a capacidade dos membros da família de fazer as mudanças necessárias de *status* e passar para estágios futuros do ciclo de vida familiar, principalmente no que se refere às famílias de classe média nas sociedades ocidentais. Verifica-se a relevância do ritual de casamento para a relação conjugal (Ponzetti Jr., 2003; Azevedo, 1987).

Por outro lado, os rituais ou cerimônias que celebram a formação de um novo casal iniciam um intrincado processo. Uma das tarefas centrais dessa fase refere-se à construção da conjugalidade. A formação do sistema marital requer de cada membro da díade a renegociação conjunta de uma infinidade de questões previamente definidas em termos individuais ou em suas famílias de origem (McGoldrick, 1995).

Na entrevista conjugal (Categoria 01 – EC) e na entrevista individual (Categoria 03 – EIM), a esposa menciona algumas questões que exigiram esforço por parte do casal no sentido de se ajustarem à vida em comum. Em primeiro lugar, os relatos se referem à necessidade de aceitar as diferenças do cônjuge. Andréia fala sobre as finanças, a utilização de espaço e organização da casa:

*“No início do casamento, em relação a finanças, essas coisas, ele ficava mais fechado pra se abrir comigo. Eu acho que é também por conta de uma adaptação, por que antes ele lidava com as finanças dele individualmente, hoje tá sendo de forma a dois”. (Categoria 01 – EIM).*

*“... Esse lado perfeccionista meu estressava. Quando eu casei foi assim: ‘ah! Eu não acredito que vou conviver com bagunça’. Pra mim foi um choque né?’. Aí, eu fui mostrando pra ele que existe gavetas, ele foi se adaptando. Então, se fez um acordo e ele foi se adaptando pro meu lado perfeccionista”. (Categoria 01 – EIM).*

Nesse contexto, o estabelecimento de estilos comuns aos parceiros no que diz respeito às regras de convivência é essencial. Mas, não são somente as negociações intradiádicas que são fundamentais para a construção do relacionamento conjugal. De modo análogo, a negociação de fronteiras em relação às famílias de origem é outro ponto importante a se destacar na experiência do novo casal (McGoldrick, 1995; Minuchin & Fishman, 1990).

À medida que a narrativa ganha força, os relatos expõem as dificuldades enfrentadas pelo casal para estabelecerem relações com a família de origem de cada parceiro. Na entrevista conjugal (Categoria 03 – EC) e na entrevista individual (Categoria 01 – EIM), Andréia fala sobre desavenças com a sogra, diferenças de costumes entre as famílias de origem e a educação recebida por cada conjugue:

*“No início do casamento... E eu tinha um conflitozinho com ela... Com sogra...Falei as coisas que eu tinha vontade de falar. Então, eu tive uns probleminhas que dançou mesmo as bases do casamento, mesmo por que o Marco, o meu marido, a família pra ele é fundamental. Eu mexi em casa de marimbondo sabe?”. (Categoria 03 – EIM).*

*“O único problema é que eu tenho que batalhar a visão... a visão que eu fui criada , por exemplo , a minha criação foi muito diferente da do Marcos...”. (M) (Categoria 03 – EC).*

Nos relatos do marido também aparecem referências às desavenças com a família da esposa. Ao mesmo tempo, André traz à cena uma questão importante no contexto do novo casal. Trata-se da interferência por parte de cada família na vida do casal:

*“É no ano passado a gente passou uma boa dificuldade... Como a Michele fala mais que a boca... Ela vai colocar a parte dela. Mas, ela tem dificuldades com a irmã... Elas brigaram e sobrou pra mim também. No caso, eu não respondi na hora pra não dar mais confusão”. (H) (Categoria 01 – EC).*

*“... família sempre que chega a ficar muito perto, atrapalha. Tanto de um lado como de outro. E acho que as maiores dificuldades entre eu e ela foram por causa de família...”. (H) (Categoria 03 – EC).*

Merece destaque o fato de o casal apresentar um discurso congruente em relação à necessidade de impor limites frente às investidas de cada uma das famílias de origem, que tentam impor ao casal suas crenças e costumes. Na entrevista conjugal (Categoria 01 – EC), Andréia reitera o tema:

*“Família? A minha quer que eu me pege na concepção da minha família e a dele quer que a gente, a construção do nosso casamento siga a da deles. Eu não concordo. Eu não vou me espelhar na minha família e espero que ele não se espelhe na dele, eu acho que a gente tem que seguir conforme os nossos conceitos. É claro que, em alguma coisa a gente vai se espelhar, mas não totalmente.”. (M) (Categoria 03 – EC).*

Por certo, a existência do casal implica realmente num nível maior de diferenciação e autonomia entre os parceiros e seus grupos familiares originários. A necessidade de compreender a família e o casal como um sistema transgeracional é enfatizada por autores como Andolfi (1995) e Framo (2002). Dentro dessa perspectiva, em cada casal não existem apenas um homem e uma mulher, mas dois sistemas familiares, cujas histórias relacionais comportam vivências e construções bem anteriores ao momento atual.

No discurso do casal, essas questões emergem na entrevista individual com a esposa (Categoria 01 – EIH), embora ambos os cônjuges concordem com a necessidade de criarem um

mundo próprio em relação às famílias de origem para preservar o espaço do casal. Andréia revela que também existe o desejo de seguir os paradigmas das famílias de origem:

*“Sempre achei que tava no meu sangue essa coisas de casar, de ter filhos. Os meus pais já estão casados há vinte e nove anos e pra mim era importante casar”. (Categoria 01 – EIM)*

*“Então, você quer seguir o espelho da família. Os dois têm essa vontade de seguir o espelho da família. Então, a família dele é uma família sólida e a minha família é uma família sólida. Então, a gente quer formar uma família sólida”. (Categoria 01 – EIM).*

De modo geral, em nossa sociedade, o ritual de casamento demarca a entrada de jovens solteiros na fase do ciclo vital denominada de “o novo casal”. A transição dessa etapa para a denominada família com filhos pequenos tende a ser demarcada pela gravidez do primeiro filho de um casal (Carter & McGoldrick, 1995). A importância da transição para a parentalidade no processo de desenvolvimento das famílias foi enfatizada por Pittman (1994), ao apresentar o que ele denominou de *pontos críticos* enfrentados por um casal.

De fato, uma das tarefas mais complexas que fazem parte do ciclo de vida familiar e conjugal diz respeito à paternidade, seja do pai ou da mãe. A adição de uma nova criança ao sistema familiar se constitui como a mudança mais intensa ou o maior desafio do ciclo vida familiar e conjugal a ser enfrentado pela família nuclear. (Carter & McGoldrick, 1995; Pittman, 1994). Essas questões emergem no discurso do casal.

As falas revelam que ambos os cônjuges ponderam sobre essa nova etapa da vida de uma forma ainda idealizada e racional, pois somente a experiência de se tornar um progenitor será capaz de evidenciar a verdadeira dimensão do processo de centrar-se na criança.

*“Hoje, os amigos da gente falam: ‘Vocês vão ver o que é essa fase do casamento. Menino chorando, não vai poder ir pra tudo que é lugar. Aí, o Marcos: ‘Não, isso é moleza’. Então, ele mesmo fala que é moleza. Claro, é uma fase da criança que te prender um pouco mais em casa”. (Categoria 01 – EIM)*

*“Você vai aprender a viver de uma forma diferente, mas vai continuar vivendo. Eu vou continuar passeando... Então, eu acho que pra mim não vai afetar o relacionamento”. (Categoria 01 – EIM)*

*“O início é difícil, por que não tem horário né? E... de certa forma, acho que a criança se acha o centro né? Pra ela não existe mundo exterior, então ela a... Tem que ser na hora que ela quer... Qualquer hora que seja”. (Categoria 02 – EIH).*

É interessante notar que Andréia fantasia a experiência da maternidade, pois pressupõe que sua vida continuará razoavelmente igual ao momento atual. Fala da permanência harmônica do

casamento e de atividades de lazer. Por outro lado, as ponderações de André acenam para uma conjuntura mais próxima da realidade. Ele aponta para a demanda de tempo e disposição que o recém-nascido impõe aos pais.

É fato que as concepções tradicionais de maternidade e paternidade materializadas no pensamento social estão intrinsecamente relacionadas aos estereótipos de gênero. A invenção da maternidade – fenômeno analisado por Badinter (1985) – institui a idealização da figura feminina associada à maternidade. Enquanto a imagem de mulher-esposa-mãe tornou-se símbolo de feminilidade, o modelo de masculinidade se associou a atividade.

Para o homem, a paternidade se impôs por seus próprios encargos – disposição para o trabalho e o uso da razão, condições necessárias ao sustento da família. Para a mulher, a maternidade impôs-se por sua própria natureza e pelo incondicional desejo de ser mãe. A maternagem é vista, então, como uma tarefa que deve ter primazia sobre as necessidades pessoais das mulheres, pois é através da maternidade que se consolida a identidade feminina (Trindade, 1993).

Com base nisso, podemos pensar que Andréia concebe a maternidade como destino, obedecendo a sua vocação natural, ou seja, o célebre “instinto maternal”. Portanto, Andréia parece se sentir preparada para lidar com as múltiplas demandas da mulher: o casamento, a maternidade, o trabalho e o lar. Para André, por outro lado, a paternidade é vista como uma tarefa de caráter instrumental. Como uma decorrência natural das concepções tradicionais de gênero, André adquire o privilégio da paternidade voluntária, enquanto Andréia se submete à maternidade compulsória.

Em síntese, a assunção dos papéis de marido e mulher demarcam claramente o início de um novo núcleo familiar, a passagem para a adultez e o potencial de transição para a parentalidade. Com base nisso, nossa atenção se volta agora para a análise das entrevistas desse casal, de acordo com as categorias de análises previamente definidas.

### **1) Relacionamento conjugal**

A concepção de casamento apresentada pelo casal envolve mitos e expectativas culturais sobre o “estar casada” que acenam imediatamente para a idéia de um compromisso. Na Categoria 01 da entrevista conjugal, ambos os esposos mencionam a palavra “compromisso” numa alusão ao casamento. É importante assinalar também que, tanto na Categoria 01 da entrevista individual com a mulher, quanto na Categoria 01 da entrevista conjugal a questão da indissolubilidade do casamento aparece no discurso da esposa.

*“Um compromisso né? É você gostar de ficar com aquela pessoa sem prazo... Até que a morte nos separe...”*. (H) (Categoria 01 – EC).

*“Sim, eu concordo. É um compromisso, né? O casamento é um compromisso...”*. (M) (Categoria 01 – EC).

O primeiro ponto a destacar é a concepção de casamento como reprodução social. É fato que a idéia de um casamento indissolúvel é uma crença, desejo e ideal vulnerável. Como bem nos lembra McGoldrick (1995), os casamentos de hoje são cada vez menos contratos para o resto da vida unindo duas pessoas de maneira complementar. Em geral, um casamento sem filhos exige poucas mudanças para o marido e/ou a esposa que mantém razoavelmente seus relacionamentos e interesses de solteiro. Dessa forma, cada cônjuge utiliza o tempo para direcionar sua própria vida.

Sob outro ângulo, o casal demonstrou coesão ao definir o próprio casamento. Andréia fala de “confiança”, “respeito” e “cumplicidade”. André re-afirma a fala da esposa, assinalando a semelhança entre as apreciações que ambos os esposos tecem sobre o casamento, como podemos constatar nas seguintes verbalizações:

*“... eu diria assim, tá ótimo, e que continue assim, né? Em relação a muita coisa que a gente vê... a confiança que temos um com o outro, né, o respeito que eu acho que primeira palavra que tem que ter e levar em frente é o respeito e seguir de mãos dadas”*. (M) (Categoria 01 – EC)

*“Somos só nós dois e aqui a gente tem que ter muita cumplicidade. Nunca mentir pro outro, falar o que tá querendo. Falar pro outro de forma clara. Pra que a gente siga junto. É na base da confiança e da cumplicidade mesmo! Confiança e cumplicidade acho que é fundamental pros dois”*. (Categoria 01 – EIM)

*“Bem as idéias da gente do casamento, sempre têm comparação, tem coisas similares né”*. (H) (Categoria 01 – EC).

Até então, o contrato conjugal estabelecido entre o casal aproxima-se do modelo de casamento idealizado por ambos. As falas de ambos revelam congruência entre o modelo ideal e modelo real de casamento. De fato, nenhum casal inicia uma relação a partir do nada. Sempre há um modelo de casamento ideal já estruturado a partir do qual a pessoa idealiza o casamento real. Em geral, cada um dos conjugues possuem sistemas de idéias, crenças, valores e expectativas em relação ao casamento que se constituem como paradigmas de casamento. Essas crenças e valores são trazidos para a relação e vão permear os modos de ser marido e mulher (Walsh, 2002; Willi, 1995).

Andréia revela, então, que o paradigma de casamento de ambos dos esposos coincide, uma vez que avalia o próprio casamento como um evento harmônico e positivo que tem sido construído com base na cumplicidade, no respeito mútuo e no companheirismo:

*“... por isso que eu falei no início, por enquanto eu dou nota nove para o nosso casamento porque existe mesmo entre eu e ele a cumplicidade, respeito. Tâmo caminhando de mãos dadas e agora, nessa nova etapa da vida, continuamos caminhando de mãos dadas. Os dois estão na mesma sintonia, dançando a mesma música e no mesmo ritmo. Você pode trocar até de música, você troca de ritmo e dança continua porque eles estão entrosados, e seguem a diante.” (M) (Categoria 01 – EC).*

O casamento sem filhos permite que as premissas de base que cada cônjuge possui a respeito do casamento se ajustem com mais facilidade. Contudo, o nascimento de um filho estabelece uma colisão de paradigmas entre as crenças e atitudes adotadas pelo marido e pela esposa (Walsh, 2002; McGoldrick, 1995). Por certo, a presença de um filho exigirá desse jovem casal o enfrentamento do mundo real com todas as suas dificuldades e mazelas.

Na concepção de Andréia, o nascimento do primeiro filho não irá alterar o contrato conjugal metafórico estabelecido no início do casamento. Porém, é fato que, no decorrer do tempo, essas premissas de base são modeladas reciprocamente, reforçadas ou modificadas com as experiências partilhadas.

A decisão de partilhar a vida implica em compromisso e apoio mútuo e, ao mesmo tempo, exige que cada parceiro se modifique internamente, se reorganize e se redefina para aprender a viver a dois (Féres-Carneiro, 1998; McGoldrick, 1995; Willi, 1995). Essa é a difícil tarefa que o casal terá pela frente nessa nova etapa do ciclo de vida familiar e conjugal.

## **2) Práticas domésticas e a divisão entre o casal**

As atividades domésticas e a divisão de tarefas é um tema raro no discurso do casal. Na Categoria 04 da entrevista individual com o homem, encontramos alguma alusão em relação ao assunto. Na percepção de André, ele é o condutor na organização da casa e a esposa o acompanha, possibilitando o compartilhamento das rotinas domésticas por parte do casal.

*“Até na limpeza da casa, eu sempre fui mais ativo. Até por que ela morava com os pais, com os avós... Na verdade, não só limpando a casa, mas ela vai me acompanhando... Um vai fazendo almoço e outro faz outra coisa”.* (Categoria 04 – EIH).

Essa afirmação nos leva a pensar que o marido se intitula responsável e mais capaz para a organização e cuidado com a casa, enquanto a esposa faz o papel de coadjuvante. Mas, contraditoriamente, André também afirma que existe a divisão das práticas domésticas, onde ele e a esposa desempenham diferentes tarefas de forma simultânea.

*“Eu acho que os dois têm uma função em casa”.* (Categoria 04 – EIH).

Nesse ponto da discussão, cabe mencionar que o estudo de Araújo e Scalón (2005) atesta que, em geral, os homens pensam que fazem mais serviços domésticos do que é percebido pela esposa. Essa conjectura nos remete a algumas indagações: existe ou não uma divisão de tarefas entre o casal? Se existe uma divisão de tarefas, como ela acontece? A percepção do marido corresponde à realidade? É verdade que o marido é protagonista e a esposa é auxiliar nessas práticas?

As respostas a essas questões só podem ser elucidadas por meio das falas da esposa. Andréia deixa claro que é no trabalho que ela encontra realização pessoal. Os cuidados com a casa e as práticas domésticas aparecem em seu discurso como uma atividade secundária que não lhe gera prazer propriamente dito. Na verdade, o cuidado com a casa é percebido por Andréia como uma atividade complementar e que responde a uma característica de sua personalidade, ou seja, o gosto pela organização e a tendência à perfeição:

*“Eu acho pra mim assim, o meu emprego a melhor satisfação pra mim que eu tenho, a minha liberdade de poder sair pra trabalhar, melhorar minha formação, meus conhecimentos. Pra mim isso é sucesso! Eu não me veria assim 100% dona de casa. Não que eu não goste! Eu adoro ficar numa casa, gosto de cuidar das minhas coisas... Mas não me dedicar 100%...”.* (Categoria 02 – EIM).

*“E também sou perfeccionista em casa. Tanto que no casamento, no início, esse meu lado perfeccionista... você percebeu, na minha casa é tudo assim né? Arrumadinho perfeitamente...”.* (Categoria 01 – EIM).

Como visto, Andréia pouco nos revela para que possamos responder aos nossos questionamentos. Se por lado, Andréia afirma o seu envolvimento profundo e identitário com o papel profissional, por outro lado, também se diz comprometida com a organização da casa. Fala da necessidade de viver em um ambiente organizado; mas não alude às tarefas domésticas propriamente ditas.

Por outro ângulo, o fato de Andréia afirmar que não quer ser dona de casa integralmente, não significa necessariamente que ela se abstenha desse papel ou não o realize de acordo com os padrões tradicionais prescritos para as mulheres. Assim, o silêncio de Andréia em relação às práticas domésticas e sua divisão entre o casal não nos permite responder satisfatoriamente as questões que surgiram e nem nos permite confirmar qualquer hipótese.

A única questão que emerge nas falas de Andréia de forma clara em relação à atividade doméstica diz respeito ao processo de re-apropriação e de construção de si mesma a partir do que veio do passado. Na verdade, o discurso de Andréia nos permite entrever que a sua atuação como dona de casa responde a um aprendizado oriundo da sua família de origem. Nesse contexto, o papel doméstico da mulher foi repassado pela figura materna como uma obrigação:

*“Por que a minha mãe sempre passou pra mim e pra minha irmã que a gente tem que ter nossos deveres como dona de casa...”*. (Categoria 02 – EIM).

Fica claro que o papel de dona de casa não aparece como uma exigência individual e identitária para Andréia. Trata-se de uma reprodução social. Portanto, diante de discursos incongruentes e tão limitados não é possível concluir satisfatoriamente como se estabelece as práticas domésticas e sua divisão entre esse casal.

### 3) Os cuidados com os filhos

Os relatos do casal envolvem a preocupação com o nascimento do primeiro filho. O casal fala da transição para a paternidade, do papel materno, do papel paterno e da divisão de tarefas em relação aos cuidados com o bebê. Num primeiro momento, chama atenção no discurso do casal a alusão à igualdade dos papéis sexuais no que se refere aos cuidados com os filhos.

André considera que a criação dos filhos é responsabilidade do homem e da mulher. Seguindo de perto as tendências modernas, ele fala de uma “paternidade responsável”, que contempla uma maior participação do homem nos cuidados com os filhos. Contudo, deixa claro que o desejo de exercer um compromisso mais profundo com a paternidade ainda pertence ao plano das idéias e não necessariamente se concretizará no campo das práticas.

*“Eu acho que o papel dos dois hoje é criar os filhos...”*. (Categoria 04 – EIH).

*“... pois é, o pai tem que cuidar, tem que dar banho, tem que limpar...”*. (H) (Categoria 05 – EC).

*“Eu acho que os dois têm uma função. Agora só quando a gente tiver cuidando do bebê mesmo é que vai ver...”*. (Categoria 04 – EIH).

No discurso de André, a paternidade aparece como uma dimensão fundamental que se sobrepõe, inclusive, à importância do trabalho em sua vida. Contudo, devemos considerar que ser pai ainda não é uma realidade para ele. Enquanto imagem, a paternidade lhe remete ao aprendizado na família de origem e à figura idealizada de seu pai.

*“Cada vez eu acho mais importante. Bem mais importante que o trabalho. Eu não... Eu não sei muito que fazer... A idéia hoje que eu tenho é do meu pai né? Eu acho que ele... Foi um bom pai. É um bom pai né? Sempre foi um mito pra mim”*. (Categoria 02 – EIH).

Por sua vez, Andréia re-afirma o desejo do marido de ser pai, ao mesmo tempo em que discorre sobre o seu desejo de ser mãe. Fica evidente em seu discurso a importância dos filhos na construção conjugal, inclusive como justificativa para o próprio casamento:

*“Ele sempre quis uma criança. Ele sempre foi apaixonado por criança. E eu também gosto de criança e a casa necessita. Eu acho que chega um momento que você acha que quer e quando o seu coração fala: ‘Eu quero ser mãe’, isso é mais importante ainda”. (Categoria 02 – EIM).*

Digno de nota é que Andréia fala da maternidade como uma experiência emocional — que ‘fala ao coração’ —, ao passo que André utiliza um discurso racional e lógico a respeito da paternidade. É fato que, universalmente, as mulheres são amplamente responsáveis pelos cuidados iniciais das crianças. Contudo, essa prática não responde simplesmente aos atributos biológicos. Trata-se de uma herança de papéis e tradições que faz parecer que as diferenças biológicas entre os sexos determinam o modo como homens e mulheres se vinculam aos filhos ou distribuem as responsabilidades com relação às crianças (Gilligan, 1982).

Como bem explicou Bourdieu (2002), a violência simbólica é aquela que extorque submissões que nem são submissões percebidas como tais. Essa extorsão apóia-se sobre “expectativas coletivas”, sobre crenças socialmente adquiridas, como por exemplo, a crença de que as mulheres são cuidadoras diretas dos filhos e os homens são executores dentro e fora do lar. Essa questão aparece fortemente no discurso do casal.

Andréia pondera sobre o papel prioritário da mãe nos primeiros meses de vida do bebê. Analisa a presença do pai nesse momento como uma questão importante, porém, retoma a vinculação mãe-bebê como fator primordial. Apresenta um discurso impregnado por sentimentos de culpa diante da possibilidade de deixar o bebê em casa e ir para o trabalho e se distancia da angústia provocada por essa situação, conformando-se no discurso modernizante que alude a igualdade entre homens e mulheres no desempenho das funções parentais:

*“Sábado que vem eu não vou estar aqui. É o sábado inteirinho no trabalho. De sete as sete. Já fico pensando: ‘Imagina, de sete as sete com uma criança e por mais que a criança tá com o pai, mas ele queria tá mais... Como é muito novinha, queria tá mais com a mãe’. Até mesmo porque, se hoje eu já vou trabalhar no sábado de coração cortado deixando o André sozinho, acho que meu peito fica esmigalhado... Imagina quando tiver o bebê. Como vai ser?”.*  
(M) (Categoria 05 – EC).

*“Também vai curtir mais o pai, tem esse lado bom, né? e também, corta essa idéia, né? Da relação do bebê ser só com a mãe... É uma coisa em conjunto”.*  
(M) (Categoria 05 – EC).

Por sua vez, André pondera sobre as dificuldades que irá enfrentar para cuidar do bebê nos primeiros meses de vida. Assume que a tarefa de cuidar integralmente do bebê lhe parece mais difícil do que ficar sozinho em casa quando a esposa vai trabalhar no final de semana. Além disso, de forma pragmática, pondera sobre as dificuldades que surgirão no decorrer do desenvolvimento do bebê:

*“Ficar o dia todo com menino e mais difícil do que eu ficar o dia todo só”. (H) (Categoria 05 – EC).*

*“O início é difícil, por que não tem horário né? E, de certa forma, acho que a criança se acha o centro né? Pra ela não existe mundo exterior, então ela tá... Tem que ser na hora que ela quer... Qualquer hora que seja”. (Categoria 02 – EIH).*

*“É uma coisa que eu vejo assim como muito difícil, primeiro por que você não pode se omitir né? Essa fase inicial não é fácil, porque o bebê não te procura. Você sempre vai saber o que tá acontecendo... Mas com o tempo vai mudar isso”. (Categoria 02 – EIH).*

*“Por outro lado é menos complexo. Por que se chorou, você sabe o que precisa. O corpo todo também, então é só você ficar olhando. Mas, posteriormente que eu acho que fica mais difícil, embora não tenha tanta dependência né?”. (Categoria 02 – EIH).*

*“Como ela trabalha também, não sou só eu. Então, para cuidar do bebê é uma coisa que vai ficar mais difícil...”. (H) (Categoria 05 – EC).*

Com efeito, o discurso do casal evidencia claramente o peso simbólico da maternidade e a percepção da “inabilidade” masculina para exercer essa tarefa, quando dissociada da figura materna. A imagem real de um homem e a imagem real de uma mulher não é a imagem de igualdade, igual competência ou igual responsabilidade na vida doméstica (Rocha-Coutinho, 2003; Lipovetsky, 2000; Diniz, 1999; Jablonski, 1999; McGoldrick, 1995; Gilligan, 1982). Apesar de todo esforço social e legal para transformar essa realidade, no imaginário social o pólo doméstico permanece como uma prioridade mais marcada no feminino do que no masculino e o pólo profissional, uma prioridade mais masculina que feminina.

Por certo, o discurso de permutabilidade dos papéis sexuais vem ocultar a reorganização de inscrições sociais distintas para cada um dos cônjuges diante do trabalho e da família. Neste sentido, o plano do casal para conciliar o trabalho com os cuidados em relação ao bebê nos deixa entrever a lógica dessemelhante entre os sexos:

*“A gente pensa em colocar numa creche, né? Daqui a algum tempo”. (H) (Categoria 05 – EC).*

*“Hoje o meu marido perguntou: você vai trancar o curso? Aí, eu falei: ‘ não, não vou trancar”. (Categoria 05 – EC).*

*“Eu estou grávida, eu estou com saúde... E trabalhar, ainda no que eu mais gosto de fazer... Eu não vejo saindo do meu emprego... eu já até falei pro meu marido: ‘Oh! Sair do meu emprego eu não saio!’”. (Categoria 02 – EIM).*

*“Agora, eu vou ser mãe. Eu digo: ‘Não vou parar de trabalhar, de jeito nenhum! E nem vou deixar de amar o meu filho, de jeito nenhum! Mas, eu vou continuar trabalhando! ’”. (Categoria 02 – EIM).*

*“Hoje mesmo eu tava conversando com uma estudante de medicina e ela perguntou se eu tava grávida. Eu falei e ela ficou feliz da vida. Aí, nessa hora, ela fez uma pergunta parecida... Aí! Como as pessoas ficam curiosas... Ela queria saber se eu ia continuar a faculdade e o trabalho. O engraçado, é que ninguém pergunta isso pro homem. Sempre me fazem essas perguntas, mas nunca vi ninguém perguntar para o André se ele vai parar de trabalhar para*

*cuidar do bebê... Agora, pra mulher todo mundo cai em cima...”. (Categoria 05 – EC).*

Como vimos, André se imagina como um pai atuante e fala sobre a paternidade como uma responsabilidade, mas não associa paternidade e trabalho como dimensões conflitantes e nem aborda o assunto. No entanto, Andréia alude repetidas vezes às pressões sociais contra o seu desejo de conciliar maternidade e trabalho. De fato, o valor cultural dominante aponta que o lugar da mulher é no lar. Com efeito, a mulher trabalhadora é percebida como alguém que está privando a família em favor do trabalho, ao passo que, o homem recebe apoio irrestrito por sua atuação no mundo trabalho (Carter & McGoldrick, 1995).

#### 4) O dinheiro e as práticas decisórias

Nessa categoria, merece destaque o fato de o casal apresentar um discurso congruente em relação à dimensão financeira que permeia o casamento. Quando solicitados a falar sobre a forma como administram os recursos financeiros, o casal explicitou uma dinâmica centrada no padrão patriarcal de autoridade masculina, onde a administração do dinheiro é responsabilidade do marido. O discurso de André alude ao papel do homem como provedor e como a pessoa mais hábil para lidar com administração financeira do casal:

*“Essa questão financeira, eu acho que é papel do homem. Quem faz mais sou eu mesmo né? Se eu deixo com a Andréa fazer... o salário dela... Dá dois dias e acabou.”. (Categoria 04 – EIH).*

*“E também eu acho que eu nessa espécie de administração financeira, eu to mais na frente né? Então eu sei as contas que tem que pagar, quanto é mais ou menos... né? Então, eu tenho esse controle né? Não é que o homem tem que fazer isso, mas no meu caso eu sou mais organizado.”. (Categoria 04 – EIH).*

Embora a gestão dos recursos financeiros reflita uma prática tradicional, devemos levar em consideração o fato do salário de Andréia ser bem inferior ao salário do marido. Em geral, essa questão sobre a proporção da renda, que cabe a cada integrante do casal, acompanha o padrão geral, ou seja, a tendência de a renda masculina ser maior. Nesse contexto, o compartilhamento do orçamento doméstico se torna uma prática inviável. Essa é uma questão abordada no discurso do casal. Andréia fala do papel de provedor do marido e de seu desejo de dividir igualmente o orçamento doméstico:

*“A parte financeira da nossa casa, né? Ele fica com a maior parte, embora eu queria que fosse dividido, ele fica com a maior parte... Eu queria até participar, dividir certinho, mas como eu ganho bem menos e ele sabe disso...”. (M) (Categoria 04 – EC).*

*“O percentual que eu ganho não é o mesmo que o meu marido, mas ele ganha muito mais que eu. Até falei pra ele: ‘Gostaria de te ajudar um pouco mais nas finanças, na casa. Eu até me sentiria melhor. Por que eu gosto de participar disso’. Sempre foi da minha natureza”. (Categoria 04 – EIM).*

*“Por que eu gosto de pagar alguma coisa. Então, eu falo pra ele: ‘Oh! Eu tento ajudar o máximo que eu posso’. E eu também tenho minhas contas”. (Categoria 04 – EIM).*

*“Então, ele fica com toda a parte de pagar o condomínio, o aluguel... Toda a parte de finanças da casa é com ele. É... Supermercado também, compras do mês é com ele. Então, eu fico mais assim pra pagar minhas contas do mês”. (M) (Categoria 04 – EC).*

Desta forma, a gestão dos recursos financeiros reflete uma prática intermediária entre a tradicional e a igualitária, onde André assume as despesas da casa e Andréia participa da renda familiar, na medida em que paga suas próprias despesas e colabora com as economias:

*“Eu disse para ela: ‘Andréia eu quero que você pague a sua conta. Você pagando suas contas, desde que não deixe de pagar, mas você pagando suas contas fica tranqüila’. Então, ficou tudo acertado entre a gente”. (H) (Categoria 04 – EC).*

*“A gente combinou o seguinte, ele falou: ‘Não, você paga as suas contas, desde que você pague as suas contas eu fico tranqüilo’. Essas domésticas você deixa por minha conta. Então, a gente antes do casamento a gente já fez esse trato”. (Categoria 04 – EIM)*

*“Nunca ele me impôs, me obrigou a ter que... ‘oh! Você tem que fazer isso’. Então, eu ajudo no que posso. Eu falo: ‘Ah! Hoje eu vou fazer isso’. E pronto! Ele não cobra de mim nem eu cobro dele”. (Categoria 04 – EIM).*

Uma outra questão importante que aparece nas falas do casal diz respeito ao estabelecimento de um acordo entre eles para lidar com o dinheiro. Como um jovem casal, a tarefa de negociar em conjunto questões previamente definidas se estabelece como um grande desafio nessa etapa do ciclo de vida conjugal e familiar. Porém, André e Andréia parecem ter alcançado maturidade suficiente para estabelecerem regras de colaboração, evidenciando a funcionalidade do casal.

##### **5) A conciliação entre casamento e trabalho**

A conexão do relacionamento conjugal com o mundo do trabalho é uma questão preponderante nos discursos de ambos os cônjuges. Os relatos sobre esse tema destacam o trabalho da esposa como fator gerador de dificuldades para o casal conciliar casamento e trabalho.

Inúmeras são as falas da esposa que contemplam a articulação entre vida profissional e vida conjugal. Para Andréia, casamento e trabalho se constituem como um paradoxo. Em suas falas,

o trabalho aparece como uma exigência identitária, um instrumento de auto-realização e uma atividade indispensável.

*“... Mas, antes de tudo, minha vó materna sempre falava: ‘Minha filha, seu melhor marido é o seu emprego’. E é. Eu acho que pra mim o meu trabalho é tudo”. (Categoria 02 – EIM).*

*“... trabalhar, e ter uma vida profissional, isso pra mim é fundamental. Pra mim o trabalho é importantíssimo... Eu acho que veio assim de forma hereditária. De mãe. Sabe, a minha mãe, ela sempre dizia pra mim antes de casar o mesmo que minha vó: ‘Minha filha, seu melhor marido é o seu emprego’.”. (Categoria 02 – EIM).*

Embora a vida profissional se constitua como um valor social positivo para Andréia, a sua dedicação ao trabalho e as exigências inerentes à sua profissão entram em conflito com o seu papel de esposa. Fala dos plantões noturnos, do trabalho no final de semana, do peso que é deixar o marido em casa sozinho nos finais de semana e dos sentimentos que essas questões lhe geram. No discurso de Andréia, encontramos a presença marcante de sentimentos de culpa na tentativa de conciliar a vida profissional e a vida conjugal:

*“Na realidade você tem que fazer pelo menos alguns plantões noturnos. Mas, eu realmente não me adaptei aos plantões noturnos. Aí, falei com o minha chefe, contei o que estava acontecendo e ela me tirou dos plantões noturnos né? Eu notei que pra ele foi uma glória. Principalmente, agora quando tá casado. Plantão noturno pra ele, a noite, acho que ele não ia gostar se eu fizesse não. Então, eu acho que isso aí se eu tivesse até hoje fazendo um trabalho noturno ia pesar no relacionamento. Creio que sim. Mas, durante o dia ele agüenta. Eu acho que eu é que fico com o coração apertado”. (Categoria 05 – EIM)*

*“O mais engraçado é que eu percebo que quem mais fica com o coração apertado sou eu. Não sei se é por que é coisa de mulher mesmo. Eu fico mais com o coração apertado. Não sei se é porque justamente são os finais de semana que eu tenho que trabalhar de plantão”. (Categoria 05 – EIM).*

Neste contexto, Andréia relata as estratégias utilizadas para “compensar” sua ausência. Uma delas é não deixar que o seu trabalho invada o relacionamento conjugal. Nesse sentido, ela evita conversar sobre o seu cotidiano profissional, já que, trabalhar num hospital, é sempre uma atividade que envolve alto grau de estresse e desgaste físico e mental:

*“Às vezes eu to cansada, por que é um trabalho que eu passo horas em pé, andando muito. É um desgaste emocional, um desgaste físico. É estressante por que lá é uma emergência, então, tá tudo bem e de repente bum! Estoura uma bomba! Né? Então, tem horas assim que eu procuro sempre, sair do hospital e deixar todo aquele desgaste na porta do hospital. Mas mesmo assim eu já cometi alguns erros de sair e trazer pra casa...”. (Categoria 05 – EIM)*

*“... eu passei por umas situações difíceis. Aí! Quando eu entrava em casa, eu não falava nada né? Entrava, dava um beijo. Mas, ele percebia no meu semblante o meu cansaço, que ali não era a Andréia tranqüila. Aí ele dizia assim: ‘É o plantão foi agitado né?’ Aí eu digo: ‘É amor, foi agitado, aconteceu isso, isso, isso, mas não sei o que’. Aí, já ligava a televisão, procurava fazer um lanche e esquecia sabe?” (Categoria 05 – EIM).*

Andréia também se sente muito comprometida com o estabelecimento de programas a dois que envolvam atividades de lazer no intuito de contrabalançar sua ausência. Ao mesmo tempo, revela que incentiva o marido a sair sozinho quando está ausente como uma forma de diminuir seu sentimento de culpa:

*“Ele é uma pessoa muito tranqüila e isso me passou segurança. Hoje, eu saio e ele até me deixa no trabalho no final de semana. Aí, a gente combinou assim, ele me deixa às sete da manhã e já deixa combinando: ‘Ah! Eu vou te buscar e daqui do hospital você vai querer jantar aonde? Quer ir no cinema? Então é um meio também de eu poupar a falta que eu tive das 12 horas do dia, né? Aí, eu digo, não! Vamos combinar sim! Às vezes eu tô cansada, mas eu vou fazer pelo menos nesse domingo pra não fechar o domingo vazio né? Então, eu me sinto na obrigação de fazer e eu faço mesmo”. (Categoria 05 – EIM)*

*“Eu acho que fico incentivando o meu marido a sair. Mas, eu incentivo, porque eu acho que é uma maneira de eu tirar o peso, porque poxa! Ele tá trancado dentro de casa por minha culpa. Por eu estar trabalhando...”. (Categoria 05 – EIM).*

O que fica evidente no discurso de Andréia é a experiência de fragmentação da identidade na tentativa de vincular vida conjugal e vida profissional. Andréia parece ainda julgar a si própria, sobretudo, em termos da capacidade de prover cuidado e de se preocupar com o outro, numa ética de dependência e responsabilidade, profundamente arraigada em valores de gênero. A participação no mundo do trabalho gera sentimentos e posições paradoxais para Andréia. À medida que ela se compromete com a vida profissional, surge uma série de dúvidas e tensões, decorrentes da necessidade que sente de manter seu casamento e conduzir sua carreira com padrões de excelência.

Sob outro ângulo, o trabalho da esposa é percebido pelo marido como desgastante, perigoso e pesado, embora seja considerada uma profissão nobre. Pensa que a enfermagem deve ser algo provisório na vida dela, que deveria investir numa profissão menos comprometedora. Contudo, deixa claro que sempre ofereceu apoio irrestrito à condução de sua carreira:

*“Nada contra a carreira... Ela poderia acompanhar até se aposentar... Mas eu acho que ela não vai fazer isso... Nem é bom pra ela, nem é bom pra mim... Ela não vai querer... Porque, fisicamente é desgastante né? E de certa forma perigoso né? Ela tá estudando. Tá fazendo uma faculdade, então não tem sentido ela se formar e depois querer continuar...”. (Categoria 03 – EIH)*

*“Eu vejo como uma coisa que é passageira né? Não que não seja bom... É necessário, é útil. É nobre, mas... Ela não vai ficar por muito tempo...”.* (Categoria 03 – EIH)

*“Quem deu mais incentivo pra ela fazer fui eu. Agora assim... Quem escolheu o curso... O curso é da escolha dela né? Mas eu sempre incentivei ela né? ‘Ah! Por que você não estuda né? Por que que você não faz um concurso? Não pra você ganhar melhor, mas pelo que você me fala que isso te deixa muito cansada né?’ ”.* (Categoria 03 – EIH).

Num discurso congruente com o do marido, Andréia revela que ele realmente sempre apoiou e respeitou sua escolha profissional. Relata que sua profissão sempre fez parte do contrato conjugal do casal definido no início da relação. Ciente das exigências inerentes ao seu trabalho, Andréia fez questão de avisar ao marido toda a sua rotina profissional no intuito de evitar problemas futuros entre o casal. Ao mesmo tempo, revela que no início da relação temeu pelo casamento, pois sabia o quanto sua profissão dificulta a combinação satisfatória entre vida familiar, vida conjugal e trabalho:

*“Ele tem respeito pela minha escolha. Desde quando a gente se conheceu, eu sempre deixei claro que eu era enfermeira e trabalhava num hospital. Eu disse assim: ‘Oh! eu vou ser chamada pra trabalhar no hospital, só que no hospital é o seguinte: eu não vou ter hora, não vou ter dias da semana. Então, eu vou tá um dia trabalhando numa segunda e posso estar um dia trabalhando numa sexta, ou num domingo o dia todo’. Assim, ele sempre aceitou e sempre respeitou. Graças a Deus eu não tenho problema não”.* (Categoria 05 – EIM)

*“Ele não me prende... Ele sabe que aquilo é meu trabalho. Eu fico feliz por ele entender, fico feliz até pelo meu casamento e por ter confiança nele. Porque tá certo, no início do casamento eu fiquei com medo porque é uma profissão que é difícil conciliar família e conciliar profissão”.* (Categoria 05 – EIM).

Ainda sobre o mesmo tema, André revela que a carga horária de trabalho da esposa gera aborrecimento e rouba o tempo de convivência do casal. Contudo, afirma que conseguiu encontrar uma forma saudável para lidar com a ausência da mulher. Seu discurso revela que o trabalho de Andréia lhe possibilitou vivenciar sua individualidade de forma prazerosa:

*“O trabalho dela são 24 horas por semana, então, a maior parte dos dias ela não trabalha. O que é chato, é que ela trabalha fim de semana né? Às vezes é o dia todo. E quando ela trabalha, chega mais cansada, principalmente agora com a gravidez”.* (Categoria 03 – EIH).

*“Aí, às vezes a gente sai durante a semana né? Às vezes a gente vai a um cinema, vai na água mineral, Parque Olhos D’água, Jardim Botânico...”.* (Categoria 03 – EIH).

*“E quando ela tá trabalhando no final de semana, aí eu faço as coisas que eu normalmente não faria com ela. Eu curto até com uma expectativa sabe? Que ela esteja trabalhando... Por exemplo, eu compro um filme pela internet, aí com ela em casa eu não assisto. Aí ficam lá no armário guardados. Com ela*

*trabalhando, às vezes eu assisto um, às vezes eu assisto dois, então eu fico até indiferente... Que ela vá pra eu poder fazer essas coisas". (Categoria 03 – EIH)*

*"É importante! Até por que... Já que ela já trabalha há anos... Ela não ia se adaptar a parar de trabalhar e uma hora ela ia sentir falta... E eu acho que dá pra conciliar também né?". (Categoria 03 – EIH).*

Andréia também fala sobre a dificuldade de conciliar o trabalho com o casamento. Para ela, o casamento exige um investimento afetivo constante com o qual ela se sente comprometida. Fala de romantismo, cuidado, carinho e atenção. Ao mesmo tempo, aponta que uma das grandes desvantagens do seu estilo de vida é que o seu trabalho é algo fora do padrão, o que não lhe permite vivenciar de forma plena outras dimensões da vida como a família e o casamento.

*"... conciliar o seu trabalho com o casamento não é receita de bolo né? Então vem do coração, vem da pessoa. E eu sou uma pessoa muito criativa. Eu canso de estar no plantão, aí eu pego o telefone e falo: 'Amor, o que você quer fazer de noite? Porque eu tô querendo namorar. Vai vendo algum filme no cinema pra gente'. Sabe, eu acho que você tem que estar sempre investindo no relacionamento. "Eu acho que o amor é uma plantinha. Eu acho que é uma frase muito antiga, mas não tem outra comparação perfeita. Você tem que estar todo dia regando, adubando, tirando as folhinhas velhas... Né? Então, eu consigo fazer isso numa boa". (Categoria 05 – EIM).*

*"Às vezes eu brinco com ele: ah! Agora, a normal vai sair pra trabalhar, né? Eu num sou aquela pessoa normal que trabalha de segunda a sexta no horário integral. Então, assim, eu me arrependo se olhar hoje, a Andréia hoje, mulher casada, construindo uma família eu me arrependo de estar na profissão que tô, né?". (M) (Categoria 02 – EC).*

Em perspectiva similar, merece destaque a fala do casal sobre as vantagens e desvantagens desse estilo de casamento, onde ambos os esposos trabalham e ainda precisam conciliar as demandas da interação casamento e trabalho. Dentre as desvantagens deste estilo de casamento, o casal destacou: desgastes no relacionamento, sobrecarga, estresse e pouco tempo para a vida a dois.

*"É o tempo mesmo. O tempo que temos juntos. Você chega cansado também ,então não tem aquela disposição pra ficar conversando muito tempo... Então eu vejo que a desvantagem é essa mesmo... É, por exemplo, passar um fim de semana num local aí , fazer uma viagem , num pode" (H) (Categoria 02 – EC)*

*"Assim, eu acho que o que pesa mais é a minha rotina , sabe?é... eu sinto a necessidade assim... a gente gosta muito de ir pra lugares tranquilos. Assim , se eu tivesse uma folga como toda pessoa que trabalha de segunda a sexta e tem a folga sábado e domingo como ele. Então, eu digo que eu tenho vontade de mudar de profissão , meu estilo profissional eu tenho vontade de mudar. Se eu for olhar por esse lado sim , eu me arrependo da profissão que escolhi , porque ela exige de mim. (M) (Categoria 02 – EC).*

Quanto às vantagens desse estilo de casamento, André destacou o fato de estar sempre ocupado com inúmeras demandas próprias de um casamento de dupla-carreira. Na Categoria 02 da entrevista conjugal, André afirma: *“E a principal vantagem, é você tá sempre ocupado também. Agora me falta tempo”*.

Para concluir, cumpre lembrar que as estratégias utilizadas pelos casais de dupla-carreira para administrar trabalho e família e vida conjugal alteram-se substancialmente após ter filhos. Muitos casais que trabalham fora em tempo integral podem manter um compromisso alto com o trabalho, com cada conjuge dedicando-se 40 horas ou mais por semana. Porém, após a paternidade esse nível alto de compromisso de ambos os esposos com o trabalho torna-se difícil de ser mantido. A tendência é que André e Andréia terão pela frente a difícil tarefa de ajustar a relação conjugal e a vida profissional para incluir o bebê que está por vir.

#### **6) Papéis de gênero**

Ao serem perguntados “O que é ser homem?” e “O que é ser mulher?” as falas de cada um dos cônjuges revelam elementos de permanência e transformação em relação aos papéis de gênero prescritos para o homem e para a mulher, em nossa sociedade. Num primeiro momento, André faz referência às diferenças biológicas entre homens e mulheres como determinantes de uma oposição natural entre os sexos e assevera que a biologia desonera os homens, ao passo que impõe às mulheres um papel bem mais complexo que se refere à reprodução e a maternidade:

*“O homem e a mulher. Coloquei os dois... Biologicamente, eles são os dois opostos. Então, eu acho que o homem, é... pelo lado biológico, ele é o pai né? Pra ele o lado biológico, essa parte fica mais fácil, bem mais fácil do que a da mulher”*. (Categoria 02 – EIH).

Levando-se em conta os papéis sociais legados ao homem em nossa cultura, o discurso de André nos revela que na sua percepção ser homem não representa a mera oposição ao ser mulher, uma vez que, para André, a experiência de ser homem está atrelada à função paterna:

*“Depois que você é pai, e que assumir realmente ser o pai que cria, eu acho que isso é que é ser homem”*. (Categoria 02 – EIH).

O discurso de André aponta para a redefinição do papel do homem na sociedade, acenando para elementos de descontinuidade em relação aos estereótipos masculinos, fundados no processo de socialização. A imagem masculina aparece em seu discurso como uma figura voltada para a vida privada da família e comprometido com a paternidade.

Sob outro ângulo, para Andréia, a experiência de ser mulher está atrelada a definições e generalizações que restringem e simplificam a complexidade dessa experiência. Suas falas contemplam expressões que compõem os estereótipos sociais do ser mulher, cunhados no processo de socialização. Fala de “ vaidade”, “ beleza”, “ maternidade”, “ sensibilidade”, “ emoções”, “ maternidade” e “ devoção”:

*“É magnífico. Ah! Pra mim é ótimo ser mulher, adoro ser mulher. Sou vaidosa... Acho que se eu ganhasse um pouquinho mais, toda semana, eu estaria pelo menos umas duas vezes no salão”.* (Categoria 03 – EIM)

*“Então, eu acho que ser mulher é isso, é você ser muito sensível, mas também você nunca deixar de ser determinada. Eu sou muito determinada. Mas, eu tô feliz de ter nascido mulher. Ainda mais agora... casada, construindo uma família. Pra mim tá sendo uma maravilha! Magnífico”.* (Categoria 03 – EIM)

*“Assim, eu acho que isso é que é legal, por que eu acho que eu sou feminina assim... Eu acho que você tem que deixar florescer em você. Tem que cuidar do relacionamento. É muito importante ser mulher, por que é muito gostoso. Eu sou muito emotiva demais”.* (Categoria 03 – EIM).

Embora a experiência de ser mulher seja relatada como algo positivo, está ancorada na continuidade de valores patriarcais que limitam a experiência do ser mulher ao papel de cuidadora. Aos olhos de Andréia, a concepção de natureza feminina está voltada para o cuidado e a mulher é responsável pela coesão afetiva do casal:

*“Eu acho que não há coisa melhor no mundo que ser mulher! Eu adoro! Eu adoro ser mulher. Adoro o que eu faço...”.* (Categoria 03 – EIM)

*“Eu acho ser mulher maravilhoso, mas ainda mais agora que eu vou ser mulher e mãe. É uma dádiva... É como eu falei com o André: ‘Eu estou me sentindo como um botão de rosas desabrochando’.”.* (Categoria 03 – EIM)

*“O papel de mulher? Olha, a mulher... Eu acho que eu vou falar o que eu brinco com ele. Porque eu falo assim: ‘André, a mulher, ela cuida’. Eu acho que a mulher tem mais percepção que o homem. E eu acho que é óbvio. Eu tenho mais percepção que o meu marido. Então, eu sou muito de cuidar. Eu cuido”.* (Categoria 03 – EIM).

*“Eu acho que o papel da mulher é isso. É estar atenta, cuidando, ver as necessidades dele não só amorosa, mas tem uma atenção familiar...”.* (Categoria 03 – EIM).

Fica claro, então, que para Andréia o ser mulher permanece circunscrito pelas afirmações universalistas, que fixam e aprisionam a feminilidade em moldes estruturados, ainda que esses moldes sejam positivamente valorizados.

### Casal 2: Bruno e Bruna

O casal é composto por uma funcionária pública de alto escalão com formação acadêmica em pedagogia e um gerente de banco com formação acadêmica em economia e administração de empresa. Bruna tem 38 anos de idade e Bruno tem 40 anos. Eles estão casados há 13 anos e possuem 02 filhos. O filho mais velho está com 10 anos e o filho mais novo está com 04 anos de idade. Atualmente, Bruna está fazendo o curso de graduação em farmácia e também administra uma escola de taquigrafia em sociedade com os pais. Além de atuar como gerente de banco, Bruno trabalha de forma autônoma como consultor financeiro.

De acordo com o modelo do ciclo de vida familiar e conjugal desenvolvido por Carter e McGoldrick (1995), esse casal se constitui como uma família com filhos pequenos. A entrada nessa fase demanda que os adultos avancem uma geração a fim de se tornarem cuidadores de uma nova geração.

Dentre os problemas típicos dessa fase, destacamos a situação em que os pais não são capazes de alcançar o status de adulto cuidador. Por efeito, o casal se perde num emaranhado de brigas e culpabilizações em virtude das dificuldades de assumirem responsabilidades e da recusa ou incapacidade de se comportarem como pais (Carter & McGoldrick, 1995). Portanto, nessa etapa do ciclo de vida familiar e conjugal, os casais devem empreender a tarefa de ajustarem o sistema conjugal para instituir espaço para os filhos, bem como se unirem nas tarefas domésticas, financeiras e, principalmente, na educação dos filhos.

Enquanto membros de uma família com filhos pequenos, o casal 04 é um exemplo de como a incapacidade de ajustar o sistema conjugal para acomodar os filhos pode levar a uma experiência de fragmentação no casamento. As falas revelam que os filhos se constituíram como forte fator de mudança na vida conjugal no sentido de ocasionar desequilíbrio no sistema conjugal. Para Bruno, os filhos foram responsáveis pelo distanciamento do casal. O seu discurso expõe um ressentimento profundo em relação ao afastamento da esposa que, assumindo o papel de mãe, se voltou aos filhos. Na percepção de Bruno, ele foi preterido em função dos filhos:

*“Antes das crianças, a gente até que ficava mais junto”. (H) (Categoria 01 - EC).*

*“Depois que os meninos nasceram, ela foi se envolvendo cada vez mais e eu me senti sobrando... Eu fiquei meio perdido. Resolvi viver minha vida”. (H) (Categoria 01 - EC).*

Na verdade, o sentimento de abandono manifesto pelo marido encobre a sua necessidade de ser cuidado. Por certo, Bruno não consegue se posicionar como um adulto envolvido numa relação conjugal que pressupõe o compartilhamento da experiência da paternidade. Incapaz de alcançar o status de adulto cuidador e fazer a transição para a parentalidade, Bruno se justifica:

*“Os filhos também exigem muito da gente. É muita responsabilidade. Muito sacrifício. E, às vezes, é difícil você ter toda essa disponibilidade”.* (H) (Categoria 02 - EC).

O discurso do marido revela o sentimento de insegurança diante da tarefa de ser pai. Bruno não confia na sua habilidade e capacidade para desempenhar o papel paterno. Neste sentido, ser pai se configurou como uma mudança de ordem nominal e não uma mudança desenvolvimental ou funcional, como podemos observar nas falas da esposa:

*“Então, ele tem um problema muito sério: a atenção que ele dá pras crianças. Não adianta ser uma atenção da forma física, a presença física dele. Você tem que fazer alguma atividade com as crianças. Eu levo para cinema, eu levo para shopping, eu levo para isso. Querem ir para o parque da cidade andar de bike. Mas, ele nunca fez isso”.* (M) (Categoria 02 - EC).

*“O Bruno tá em casa, tá presente, mas é uma presença que... é aquele negócio que eu falava pra ele: ‘não adianta’. Ele não conversa com o Vítor, não joga, não faz nenhuma brincadeira, não vai no clube. Tá lá... a presença física, mas só a presença física não adianta...”.* (Categoria 05 - EIM).

*“Não, sempre sou eu, filho adoece, tem que levar no médico, quando a coisa é muito grave, ele vai, a presença dele tá ali comigo, a presença física dele tá ali. Agora, ele não tem muita iniciativa, entendeu?”.* (M) (Categoria 02 - EC).

Por sua vez, o discurso de Bruna alude ao mandato social de que os filhos são responsabilidades da mulher. Bruna se concentra em doar-se aos filhos. Afirma que sua necessidade de dispensar toda a atenção aos filhos e de tomar para si essa responsabilidade é reflexo do distanciamento do marido em relação aos filhos:

*“Eu vivo muito para os meninos, até para cobrir a falta do pai que teve sempre ausente e distante deles”.* (M) (Categoria 02 - EC).

É interessante notar que Bruno se auto-descreve como uma pessoa com dificuldades para se relacionar. Essa característica de personalidade é usada por ele para justificar o seu distanciamento em relação aos filhos:

*“Eu não sou muito bom com as pessoas”. “Eu sempre vivi um pouco isolado do mundo mesmo. Assim, alheio as pessoas. Acho que isso interfere muito na minha relação com a Bruna. E com os meninos também”. (Categoria 03 - EIH).*

Sendo assim, podemos supor que Bruno responde ao programa de masculinização que prevê que a confirmação da masculinidade advém, sobretudo, do desempenho de papéis externos à família. Para tanto, é necessário que os homens reprimam seus sentimentos e impulsos para responder às necessidades dos outros.

Ao mesmo tempo, de acordo com a literatura, o fracasso de qualquer um dos membros do casal tanto no sentido de assumir a posição de progenitor, quanto de continuar a crescer como cônjuge contribui para uma desigualdade de relacionamento e constitui uma ameaça à intimidade (Bradt, 1995). Nesse sentido, parece claro que Bruno falhou nas tarefas primordiais dessa fase do ciclo de vida conjugal e familiar, impossibilitando a reorganização necessária para a mudança que esse período de transição exige.

Nesse sentido, ressaltamos que um casamento que desenvolve intimidade é um casamento mais capaz de responder ao desafio da paternidade, bem como de integrar a mudança permanente de vida que advém com a paternidade. Entretanto, o discurso do casal expõe suas dificuldades em lidar com a intimidade. Essas dificuldades não foram superadas para que eles pudessem assumir a co-parentalidade. Com base nisso, passaremos agora para a análise das entrevistas desse casal, de acordo com as categorias de análises previamente definidas.

## **1) Relacionamento conjugal**

A literatura referenda que o estado conjugal é experimentado de modo distinto pelos homens e pelas mulheres. Portanto é impossível falar de casamento sem considerar as diferenças entre os gêneros (Andolfi, 2002, McGoldrick, 1995; Papp, 1995). Sob essa ótica, principiamos por salientar que a concepção de casamento articulada pela esposa envolve a priorização da vida a dois e da unidade familiar e, ao mesmo tempo, a preservação dos espaços individuais:

*“... acho que quando você casou... não que você tenha que fazer tudo junto. Cada um tem a sua personalidade, uma maneira de agir e você tem os seus amigos, ele tem os amigos dele, e os amigos em comum. Cada um tem que viver a sua vida da melhor maneira possível, mas no momento que você casou você tem que ver que a partir daí você tem filho. O primeiro ponto é sua esposa e seus filhos. Depois você vai ver outras coisas”. (Categoria 05 - EIM).*

A concepção de Bruna sobre o casamento envolve mitos e expectativas culturais sobre o “estar casada” que parecem entrar em conflito com a experiência vivida. Ou seja, denota uma cisão entre o casamento vivido e o casamento fantasiado com base no modelo hegemônico de casamento feliz. Sob outro ângulo, no discurso de Bruno não aparece expectativas em relação ao casamento e ele também não faz nenhuma menção à forma como concebe um casamento.

Em geral, para as mulheres, a expectativa em relação ao casamento envolve encantamento e fantasia. Para os homens, a expectativa em relação ao casamento refere-se à restrição de sua liberdade e do aumento de responsabilidade. Talvez, o silêncio de Bruno e a alusão constante de Bruna à expectativa e à concepção de casamento possam ser explicados pelas diferenças de gênero na forma de conceber o casamento. O fato é que no discurso da esposa não aparecem referências positivas em relação ao seu casamento. O que está explícito é o sentimento de decepção em relação ao marido:

*“Não foi isso que eu sonhei pra mim de um marido. Apesar de ser um marido excelente, um pai maravilhoso, mas faltava alguma coisa... Eu demorei 18, 19 anos pra perceber isso!”.* (Categoria 05 - EIM).

Bruna demonstra dificuldades para manifestar claramente seus descontentamentos com a vida conjugal e com o parceiro. Se por um lado, destaca o papel dele como pai e marido, por outro lado, revela sentimentos de frustração e mágoas:

*“O Bruno sempre foi muito alheio ao que a casa precisava... E a mim também, afetivamente também!”.* (Categoria 01 - EC). *“A gente não faz um programa juntos. Nunca ele tem tempo”.* (Categoria 05 - EIM).

O discurso contraditório de Bruna em relação ao marido revela sua necessidade de protegê-lo, de se desculpar pela incompetência dele no campo das relações. A aderência de Bruna ao papel sexual prescrito para as mulheres parece restringir sua capacidade de expressar raiva:

*“... é a característica dele, ele é muito introvertido e eu já sou extrovertida demais. Eu fui me adaptando, fui deixando mão de algumas coisas em função de gostar dele...”.* (Categoria 05 - EIM).

É fato que a identidade feminina se organiza em torno da capacidade de desenvolver e manter relacionamentos. A ameaça de rompimento numa relação é sentida como perda da identidade de gênero. Com base nisso, o treinamento das mulheres para desenvolverem os relacionamentos de apego e cuidado implicou na interdição da raiva feminina, uma vez que a

experiência de sentir raiva está vinculada intrinsecamente ao sentimento de separação e individualidade (McGoldrick, 1995; Papp, 1995, Lerner, 1990, Miller, 1976).

Como muitas mulheres, Bruna tem dificuldade de tolerar o sentimento de separação e individualidade inerente à experiência de raiva. Assim, ela relata sentimentos de mágoas que mascaram sua raiva. Nessa fala, Bruna aponta a sensação de solidão e de abandono diante do funcionamento individualizado do marido:

*“Porque não é possível que um dia ele não vai acordar e vai dizer: ‘Olha, os meus filhos precisam de mim!’, né? Então, eu vou bater nessa tecla. Eu acho que eu já bati demais que aí eu acho que ele se irritou muito”. “Na compra do nosso apartamento eu comprei e ele só entrou. ‘Tô comprando esse, você não vai vim ver?’ . Não, ele não foi!”*. (Categoria 05 - EIM).

A frustração de Bruna com o relacionamento diz respeito a uma vida a dois que não é compartilhada, mas também envolvem mágoas e ressentimentos em relação ao marido devido ao seu desinteresse pelos filhos e alheamento diante dos projetos em comum. O marido reitera o discurso da esposa se justificando. Bruno se auto-descreve como uma pessoa tímida e reservada, revelando sua dificuldade de socialização e de viver na companhia do outro:

*“Eu não sou muito bom nos relacionamentos...”*. (Categoria 03 - EIH). *“Eu sempre gostei de ficar em casa lendo ou vendo televisão. Eu gosto muito disso. O meu negócio é mais casa, caseiro mesmo. Eu não sou muito bom com as pessoas”*. (Categoria 03 - EIH).

Digno de nota é o discurso contraditório do marido à respeito da relação conjugal. Em alguns momentos, o marido alude ao desejo de transformar a relação; em outros, percebe o afastamento do casal como algo natural que faz parte de uma relação de longa data. Sua fala expõe a acomodação de Bruno diante de uma situação conjugal insatisfatória:

*“Na minha imaginação eu fico pensando que a gente podia ser diferente. Mas eu sei que isso é só fantasia. Na realidade, as coisas vão se transformando num casamento. O tempo do namoro fica para trás”*. (H) (Categoria 01 - EC).

A insatisfação conjugal é relatada por ambos os esposos que se mostram frustrados com uma vida conjugal pouco compartilhada e sem espaço para o casal. O compromisso com o parceiro pode ter se dissipado com o tempo, bem como a sensação de estar vinculado ao outro:

*“Cada um de pensa de um jeito. Cada tem suas coisas para fazer. Acho que é inevitável que com tempo a gente se afaste um pouco”. (H) (Categoria 01 - EC)*

*“Nossa vida de casal é muito individual”. (H) (Categoria 01 - EC).*

*“... eu era muito ligada com meu marido, mas não tinha aquela dependência. O corte é muito difícil, né? Então, eu acho que o principal é você ter sua independência emocional, você saber viver. Você tem seu marido, mas você também tem outra vida além daquela vida de casada”. (M) (Categoria 01 - EC).*

Bruno parece acomodado com a vida conjugal pouco satisfatória. Por outro lado, Bruna se vê envolvida em conflitos íntimos que acenam para uma ruptura na relação conjugal:

*“Eu fui me adaptando, fui deixando mão de algumas coisas em função de gostar dele, em função do nosso amor ter sido uma coisa tão assim, muito de momento e que já dura 19 anos. Tá durando até demais!”. “... estou casada a 13 anos e estou no meio de uma crise...”. (Categoria 05 - EIM).*

É interessante notar que o casal tem percepções distintas em relação ao momento atual do casamento. Enquanto para Bruno, é normal o distanciamento do casal com o passar do tempo; para Bruna, o afastamento e a falta de intimidade do casal é um sintoma de sua desintegração. Como bem nos lembra Andolfi (2002), nem sempre a percepção de cada cônjuge a respeito da relação coincidem, o que pode tornar difícil a tarefa de construir um relacionamento satisfatório.

No discurso do casal, Bruna menciona palavras como “separação”, “crise”, “problemas” quando se refere ao relacionamento conjugal. Já Bruno não menciona termo algum que acene a possibilidade de separação e reitera constantemente sua posição de que está adaptado ao relacionamento.

De fato, a literatura referenda que enquanto os homens se apresentam mais adaptados na relação conjugal e não demonstram a necessidade de realizar mudanças, as mulheres estão inquietas, desalojadas e em busca de mudanças que melhorem a relação conjugal, principalmente no que se refere à equidade entre os parceiros (Jablonski, 2003, 1998; Féres-Carneiro, 2001, 1995).

## **2) Práticas domésticas e a divisão entre o casal**

A divisão sexual do trabalho doméstico nesse casal segue o padrão tradicional. A distribuição de papéis é nítida e exclusiva: apenas a mulher se dedica às tarefas domésticas a tal ponto que parece vergonhoso para o marido ocupar-se da casa:

*“... cuidar da casa sempre foi uma atividade minha. Nunca houve nenhuma participação dele. Ele não troca nem uma lâmpada”. (M) (Categoria 03 - EC).*

A narrativa ganha força na medida em que Bruno faz crítica às mulheres que se eximem de suas responsabilidades domésticas, uma vez que o fazer doméstico é algo absolutamente tipificado para ele e de responsabilidade da mulher, soando-lhe como inquestionável em sua atribuição. Assim, Bruno valoriza e elogia a conduta generificada de sua esposa:

*“Conheço muitas mulheres que não gostam de ser dona de casa. Ainda bem que a Bruna não é assim”. (H) (Categoria 03 - EC).*

É interessante notar que a estrutura tradicional, sob a qual foi fundada a divisão do trabalho doméstico desse casal, contrasta com o modelo vigente de casal de dupla-carreira. A fala de Bruna nos deixa entrever que mesmo nos modelos emergentes alternativos, as características universais da divisão sexual do trabalho doméstico tende a apresentar alterações restritas e tópicas:

*“A função que ele tem em casa é encher a garrafa de água e jogar o lixo fora”. (M) (Categoria 03 - EC).*

Nesse casal, a única atividade doméstica que se aproxima um pouco mais de um padrão igualitário refere-se às compras de comida. Entretanto, Bruna deixa claro que a ida ao mercado tende a ser um pouco mais compartilhada devido à necessidade de se carregar peso, ou seja, são os determinantes biológicos que estimulam uma maior participação do homem nesta tarefa doméstica:

*“Ele sempre fez as compras mais pelo fato de eu ser mulher e ter de carregar as compras”. (M) (Categoria 03 - EC).*

Esses dados coincidem com os achados da pesquisa de Araújo e Scalon (2005). Constatamos, então, o envolvimento de Bruna nas atividades domésticas e o descompromisso de Bruno, que se conforma às “vantagens adquiridas”. Ao mesmo tempo, Bruno dá liberdade condicionada à esposa para se desenvolver profissionalmente, desde que não se esqueça de seu lugar no lar:

*“Eu não sei fazer nada em casa. Mas, pelo menos eu sou muito organizado com as minhas coisas”. (H) (Categoria 03 - EC).*

*“Acho importante ela trabalhar fora. O que ela não pode perder de vista é o marido e a casa.”* (Categoria 02 – EIH).

O depoimento do marido revela a presença de valores e condutas desarticulados. Bruno não concebe a definição do domínio prescrito da casa como uma submissão invisível, porque a sua conduta moderna aceita o valor do trabalho feminino. Entretanto, essa mesma conduta dita “moderna” não é vivida como incongruente com a certeza de que, ao mesmo tempo, o domínio feminino é a casa, que faz parte da competência da mulher.

O discurso do marido é um bom exemplo para o pensamento de figueira (1987) a respeito da defasagem ocorrida com as demandas de modernização, que parece ainda não ter encontrado espaço na subjetividade masculina. Estamos diante de uma complexa alternância de valores modernos e condutas arcaicas que, à primeira vista, parecem incoerentes. Trata-se da vivência contrastante de continuidades e descontinuidades nos papéis de gênero.

### **3) Os cuidados com os filhos**

Bruna exemplifica uma dinâmica comum entre as mulheres modernas: ruptura da rigidez do modelo de esposa e mãe e construção de um novo registro identitário a partir de sua profissão. Porém, a maternidade não perdeu a importância e nem o seu ‘encanto’:

*“Eu acho uma coisa maravilhosa poder ter um filho”.* (Categoria 06 – EC).  
*“Não foi planejado. Casei aos 18 anos. Casei grávida, mas perdi o primeiro e depois sofri outro aborto aos 19 anos. Depois tive os meus dois filhos. Então, sempre quis muito ser mãe”.* (Categoria 06 - EC).

No discurso de Bruna encontramos referências constantes ao espaço que a maternidade e a profissão ocupam em sua vida. Mas, à medida que a narrativa ganha força, Bruna assume a maternidade como o aspecto mais importante em sua vida. Nessa fala, ela revela não só a preponderância da maternidade sobre a carreira, mas o acentuado apego e importância dos filhos:

*“Tenho uma carreira muito sólida. Sempre fui taquígrafa. Nunca tive uma outra profissão. Sempre fui desta área. Então, eu acho que a carreira é o principal de tudo”.* (Categoria 01 – EIM).

*“Eu sempre quis muito ser mãe. Na minha vida hoje meus filhos em primeiro lugar e depois carreira, depois estudo, mais em primeiro lugar os filhos”.* (M) (Categoria 02 – EC).

Por outro lado, Bruna rompe com o viés cultural que concebe a maternidade como a fonte mais segura da felicidade feminina, silenciando o peso que a experiência de devotamento aos filhos tem para as mulheres. Nesse sentido, Bruna rompe com as concepções naturalizantes que assinalam a existência de uma “vocação materna” e de um “instinto maternal”. Suas falas incluem tanto a experiência arrebatadora da maternidade, quanto às dificuldades que estão atreladas ao seu exercício:

*“  difícil de educar, tanto financeiramente como emocionalmente que eu acho pior ainda. Mas, eu acho que é tudo. Meus filhos estão em primeiro lugar”.* (Categoria 06 - EIM)

*“  muito complicado, por este lado. Você acaba tendo tudo que você vai fazer sendo nas tuas costas, apesar de ter o marido ajudando. Mas você fica mais sobrecarregada. Com o tempo a gente vai coordenando n ? Tem que ser muito controlado o horário para tudo, porque senão você fica com muito sobrecarga. Aí você acaba não fazendo nada direito, fazendo aos pedaços! Mas, eu acho que   da mulher, infelizmente ou felizmente, aí a gente não tem como definir”.* (Categoria 06 - EIM).

É interessante notar que Bruna se refere ao acúmulo de tarefas como fonte de estresse, mas, também concebe a administração de inúmeras demandas e da multiplicidade de papéis como parte do universo feminino, em virtude dos determinantes biológicos. Logo em seguida, refere-se ao apoio que o marido lhe oferece como uma “ajuda”, re-afirmando que na sua percepção os filhos são uma responsabilidade da mulher e, contraditoriamente, reitera no decorrer de sua narrativa a falta de compromisso do marido para com os filhos, como podemos observar em suas falas:

*“... porque o Bruno ligava e dizia: ‘olha não posso pegar as crianç as’. E eu ia buscar as crianç as. Mas, quando era o Bruno que ia buscar, aí a coisa era diferente: ‘Ah! Não d . Não tenho tempo’. Mas a gente sempre d  um jeito, acho que isso é do homem”.* (M) (Categoria 02 - EC).

*“Se adoecer, o Bruno virá e fala pra mim: ‘Você já sabe qual o remédio que vai dar’.”.* (M) (Categoria 02 - EC).

As falas de Bruna revelam a continuidade de valores patriarcais definidores da identidade feminina e masculina, ou seja, os estereótipos de gênero determinam o lugar do homem e da mulher na vida dos filhos. Para Bruna, o novo registro identitário de mulher profissional parece estar condicionado   permanência do seu lugar como mãe. Para Bruno, por outro lado, o exercício da maternidade   uma atribuição feminina, tanto que ele reitera as falas da esposa, revelando-se descompromissado com relação aos filhos:

*“E eu também não sei muito como agir com eles. Eu não levo o menor jeito. Acho que eles se sentem melhor com a mãe”. (H) (Categoria 02 - EC).*

Assim, cabe à Bruna não só a responsabilidade quanto aos filhos, mas também, provê-los emocionalmente de uma dimensão de sentido particularmente intensa em suas vidas.

Bruno re-afirma sua posição, fazendo críticas às mulheres que não se apropriam de forma absoluta da responsabilidade em relação aos filhos: *“Vejo no meu ambiente de trabalho muitas mulheres delegando a casa e os filhos para as empregadas. Eu acho isso um erro, pra mim é um casamento mal resolvido”. (H) (Categoria 03 - EC).* Desse modo, ele naturaliza as funções femininas e perpetua padrões de normalidade e estereótipos construídos socialmente.

O que está explícito no discurso de Bruna é que o exercício da maternidade exige tempo, dedicação e conciliação entre diversas demandas. A falta de apoio do marido gera uma condição favorável ao estresse e a conflitos na área conjugal. Contudo, acaba sendo compensada pela presença de empregadas ou outros funcionários que podem auxiliar no ambiente doméstico:

*“Tudo que você vai fazer acaba sendo nas tuas costas, apesar de ter o marido ajudando. Você fica mais sobrecarregada. Com o tempo a gente vai coordenando...”. (Categoria 06 - EC).* *“... eu não tenho muito tempo, mas agente sempre arruma um tempinho. Eu vou, eu levo pro karatê, eu levo pra isso, eu levo pra aquilo, né? Eu também tenho o motorista que levava aqui e ali, eu busco outra hora. Sempre tem alguém por trás. E eu mesmo sempre controlando porque eu nunca deixei”. (Categoria 06 - EC).*

Mesmo assim, podemos notar que Bruna é a principal responsável pela orientação de empregados e pela logística da casa. Desse modo, fica confirmada a permanência dos padrões tradicionais em relação aos cuidados dos filhos.

#### **4) O dinheiro e as práticas decisórias**

O casal 02 relata que a administração financeira e a divisão de contas do orçamento doméstico e familiar foram alteradas no decorrer do casamento. Durante os primeiros três anos de casamento, havia uma determinação específica para o pagamento de contas que envolviam o orçamento doméstico.

*“No início do casamento, com os filhos as coisas eram separadas. Ele pagava condomínio, água, luz. Eu pagava compras e outras coisas da casa... Tudo separado né?”. (H) (Categoria 04 - EC).*

*“Até três anos de casamento as contas eram separadas depois ficou tudo em conjunto. Passou a não ter mais separação do que nós ganhássemos tudo era um conjunto”. (H) (Categoria 04 - EC).*

*“Depois de três anos, se você tem três anos a coisa já ficou muito junto, né? Começamos a ter conta conjunta. Meu salário ia pra a conta dele ou o dele pra minha”. (M) (Categoria 04 - EC).*

É interessante notar que a determinação específica do pagamento de contas dá-se de acordo com as esferas de influência do homem e da mulher, ou seja, a responsabilidade pelas contas domésticas é da esposa e a responsabilidade voltada para o sustento da família é do marido. Essa atitude evidencia a categorização entre os comportamentos masculinos e femininos em relação à forma de dividir o orçamento doméstico, indicando continuidades nas tradicionais regras de gênero. Com o decorrer do tempo, houve mudanças significativas na forma como o casal divide o orçamento doméstico. Mesmo compartilhando os recursos, sempre coube a ela prover os cuidados para com a família, evidenciando que a forma como o casal gere os recursos financeiros ainda se baseia nas tradicionais regras de gênero.

*“... sempre fui eu que comprei o terno pra ele trabalhar, sapato pra trabalhar, coisas pras crianças, brinquedo de natal, presente de mãe, presente de pai. Sempre fui eu que comprava. Sempre, todas as atividades. Tudo que havia dentro de casa. Se faltava gás era comigo. Se faltava isso também... tudo era comigo”. (M).*

Merece destaque o papel determinante da esposa frente às deliberações financeiras da família: *“Sempre fui eu que administrei o dinheiro”. (M) (Categoria 04 - EC).* Essa configuração parece ter sido favorecida pelo fato do salário de Bruna ter sido maior do que o do marido por certo tempo, bem como pelo desinteresse generalizado do marido em relação à vida em família:

*“Já cheguei a ganhar mais do que ele”. (M) (Categoria 04 - EC).*

*“A gente nunca teve muito problema com isso não. Tudo que temos construímos juntos. É claro que durante um bom tempo a minha participação financeira foi maior. Agora, teve uma época aí que ela chegou a ganhar mais do eu”. (H) (Categoria 04 - EC).*

Digno de nota é o comportamento do marido que afirma a sua posição de provedor da família durante a maior parte do casamento, ao mesmo tempo em que atenua a participação financeira da esposa. Parece que o fato da esposa ganhar mais por certo tempo ressoou de forma significativa na subjetividade do marido, pois nos deparamos durante toda a narrativa com o silêncio do marido sobre essa questão. As falas de Bruna evidenciam essa suposição:

*“Teve uma época que a gente falava sobre essa coisa do dinheiro. Eu dizia vamos viajar, a gente pode fazer essa viagem. E ele dizia: ‘Você pode fazer sua viagem, você ganha mais do que eu’. Aí eu respondia que não ganhava mais do que ele: ‘porque a nossa conta não é individual, eu não uso o meu dinheiro ou seu dinheiro pra isso’. Mas, já houve algumas cutucadas, dizendo que: ‘a você ganha mais do que, entendeu? Já ouvi várias vezes. Aí eu brincava: ‘quem mandou você, você foi estudar. Eu sou funcionária pública!’”. Esse tipo de brincadeira para ver se a coisa não virava briga. A questão toda foi depois que eu assumi um cargo de direção. Porque aí, eu me dei totalmente para o meu trabalho”. (M) (Categoria 04 - EC).*

*“O apartamento que nós moramos agora... vendemos uma casa e tudo, porque era longe do condomínio e eu queria um apartamento. Tudo fui eu que fui ver e ele não foi nem olhar. Ele só foi fazer o negócio no cartório e depois morar”. (M) (Categoria 04 - EC). “Ele sempre foi muito alheio à vida em família, ao que nós precisávamos”. (Categoria 05 - EIM).*

Fica claro, então, que o comportamento individualizado do marido se apresenta de forma generalizada. Por certo, Bruno não assume responsabilidades em relação à vida familiar e, por efeito, Bruna acumula tarefas, papéis e responsabilidades que incluem o gerenciamento e o poder decisório em relação às finanças.

### **5) Conciliação entre casamento e trabalho**

O nosso foco de atenção se dirige agora para as estratégias utilizadas por este casal de dupla-carreira na tentativa de conciliarem demandas conflitantes, originadas pelas responsabilidades e papéis a serem desempenhados simultaneamente no mundo do trabalho e no domínio privado. Princípios por salientar que ambos os esposos afirmam que a vida conjugal é pouco compartilhada em função do investimento profissional de cada cônjuge.

Para Bruno, a vida profissional ocupa dimensão central em sua vida. O trabalho se constitui como fonte de satisfação e auto-realização, se sobrepondo inclusive à relação conjugal e a vida em família:

*“Meu projeto de vida sempre foi crescer profissionalmente”. (Categoria 01 – EIH). “Eu sempre busquei o meu lado profissional porque é onde eu sempre encontrei minha realização”. (Categoria 01 – EIH).Então, eu vivo muito o meu lado profissional e ir pra casa, para mim, é para descansar. Então, eu gosto de ficar quieto, calado mesmo...”*

*(Categoria 03 - EIH). “E... eu só falo de trabalho ou então não tenho muito pra falar. Eu sei que Bruna se ressentiu disso”. (Categoria 01 – EIH).*

*“Eu sempre trabalhei muito. Eu já trabalhava muito antes de casar com a Bruna. A minha vida profissional me consome muito. Exige muito sacrifício. Mas, eu gosto muito da vida que eu levo”. (Categoria 01 – EIH).*

Segundo Bruna, o trabalho e o investimento nos estudos, com vistas ao aprimoramento profissional, geraram o afastamento do casal e conflitos conjugais. Para ela, ambos priorizaram a vida profissional:

*“Eu estava com um propósito e ele com outro”*. (Categoria 02 – EIM).

*“Ele trabalha demais. Foi trabalhar em banco, ser gerente. Então, eu acho que esta falta de contato foi o fio da meada. Eu acho que foi aí que começou nossos problemas”*. (Categoria 02 – EIM).

*“Acho que a minha dedicação exclusiva ao trabalho e também a dedicação dele, que eu sempre cobre dele ser muito dedicado e não ser dedicado assim com agente, de não poder dar a atenção que toda a mulher gostaria”*. (Categoria 02 – EIM).

*“Então, a coisa ficou muito assim, ele vivendo a vida dele e eu vivendo a minha vida, sendo que nós dois vivendo na mesma casa, com dois filhos”*. (Categoria 03 – EIM).

Para Bruna, foi sua absorção pelo trabalho e ausência de casa que desencadeou conflitos conjugais. Sua percepção é reiterada pelo discurso do marido. Para Bruno, os impasses e discórdia no casamento foram motivados pelo investimento maciço de Bruna na sua profissão:

*“Eu fui durante 04 anos diretora da minha área na empresa. Nesses 04 anos, eu chega 08:00hs da manhã e saía meia noite. Então, me dediquei muito. Acho que, nestes 04 anos, foi realmente o que causou essa crise no relacionamento”*. (Categoria 02 – EIM).

*“... quando eu comecei a não ter tempo, foram somente estes cinco anos, aí acho que ele sentiu. Porque até então, eu tinha o horário maravilhoso, eu trabalhava e também estava disponível”*. (Categoria 02 – EIM).

*“Ele sempre gostou muito de eu ser independente dele e tudo. Mas, eu acho que teve uma certa hora que ele viu que eu estava muito ausente e ele também ausente. Então, eu acho que aí teve choque”*. (Categoria 02 – EIM).

*“... o que distanciou a gente mesmo foi esse trabalho dela. Aí ela não tinha tempo mais pra nada. Muito menos para estar comigo”*. *“Eu acho que com o trabalho, a Bruna se desgasta demais e isto é ruim para ela. E para mim também. Foi aí que o nosso relacionamento começou a ter problemas”*. (Categoria 02 – EIH).

No decorrer da narrativa, Bruno expressa claramente que a carreira feminina tem muito valor desde que não esteja acima da importância da família e do casamento e deixa claro sua necessidade de ser cuidado. Na categoria 02 da entrevista individual, ele afirma:

*“Acho a carreira da Bruna muito importante, valorizo e tenho orgulho dela. Agora, tem uma coisa. Acho importante ela aprender a conciliar o trabalho com a família e o casamento. A mulher tem uma responsabilidade social muito séria, ela tem que conduzir a família”*. (Categoria 02 – EIH).

*Acho importante ela trabalhar. O que ela não pode perder de vista é o marido e a casa”*. (Categoria 02 – EIH).

Nesse contexto, verificamos que Bruna vivencia a experiência de fragmentação na tentativa de conciliar a vida profissional e a vida conjugal. Essa dinâmica parece responder a uma construção social que se reflete no difundido discurso de que o trabalho feminino é muito importante, desde que não esteja acima dos interesses da família e do casamento. O posicionamento de Bruna diante da interação casamento/trabalho elucida o modelo de oposição/conflito, onde os papéis na área do trabalho entram em conflito com papéis em outras áreas em função de demandas inconciliáveis.

Ao mesmo tempo, Bruno vem reforçar essa ideologia ao afirmar que o trabalho extradomiciliar da mulher cria uma lacuna de cuidado dentro de casa, novamente evidenciando o designo feminino nesse universo. A postura de descontentamento demonstrada por Bruno em relação à forma como a esposa concilia casamento e trabalho estabelece conflitos conjugais. Embora Bruno afirme que sempre desejou que a esposa evoluísse profissionalmente, sua conduta é incongruente com o seu discurso. Afinal, ele não oferece apoio para o desenvolvimento da carreira da esposa. Ao invés disso, seu discurso e sua conduta evidenciam um clima de cobrança:

*“Eu queria que ela tivesse o trabalho dela, que ela crescesse porque é o nosso ambiente: se nós estamos no ambiente de estudar e ler, ela tem que acompanhar”. “A Bruna não soube levar as coisas. Quanto mais ela subiu na vida profissionalmente, mais ela relegou seu papel de mulher”. (Categoria 02 – EIH).*

Em consonância com o discurso do marido, as falas de Bruna acenam para a presença de pressões sutis de Bruno contra seu investimento nos estudos e na profissão. Essas verbalizações ilustram a dinâmica conjugal:

*“Ele tem duas graduações e uma pós-graduação. E quando eu comecei o curso de pós é que foi afastando. Foi um problema muito sério”. (Categoria 02 – EIM)*

*“Ele não queria que eu comesse a fazer o curso de pós e aí as divergências foram aparecendo”. (Categoria 03 – EIM)*

*“... apesar dele nunca dizer. ‘Ah! Eu não quero que você faça’. Não, nunca houve isso. Mas ele se sentia incomodado em alguns pontinhos”. (Categoria 03 – EIM).*

Os estudos de Araújo e Scalon (2005) atestam que há uma elevada aceitação e valorização do trabalho remunerado feminino por parte dos homens. Porém, essa postura está condicionada à permanência ou à conciliação do trabalho remunerado com o espaço tradicional atribuído à mulher, ou seja, o domínio privado.

Nesse contexto, Bruna tende a renunciar às próprias necessidades e desejos. Metas e ambições profissionais são colocadas em segundo plano a fim de preservar a harmonia do relacionamento: “... *Ou eu deixava de lado alguns projetos, ou meu casamento naufragava*”. (Categoria 03 – EIM). O comportamento de Bruna acena para uma dinâmica freqüentemente enraizada entre as mulheres, o que as conduz a abdicar de suas ambições a fim de preservar a harmonia do relacionamento. Na acepção de Lerner (1990), trata-se de um subfuncionamento.

*“... chegou um lado que eu estava abrindo mão das minhas coisas, pra ver se o casamento dava certo”*. (Categoria 03 – EIM)

*“... eu acho que eu deixei muito de lado o meu trabalho pra tentar resolver o lado do casamento e dos meus filhos”*. (Categoria 03 – EIM).

*“Eu sempre estava abrindo mão das minhas coisas: ‘Não agente vai melhorar’ e ele nunca abria mão de nada”*. (Categoria 03 – EIM).

Esse contexto favorece o surgimento de ansiedade e culpa, levando-a a abandonar projetos e subenfatizar o valor de sua carreira apesar de considerá-la parte primordial de sua vida. Para Bruna, a profissão é parte constitutiva de sua identidade. A continuidade de sua atividade profissional revela um envolvimento mais profundo, mais identitário com a profissão. Nas falas de Bruna, o trabalho passou a ser um instrumento de auto-realização e uma atividade indispensável:

*“Eu sou funcionária pública desde 17 anos de idade. Então, como eu posso dizer... eu assimilei muito nova o que é ter uma carreira”*. *“Tenho uma carreira muito sólida. Sempre fui taquígrafa. Nunca tive uma outra profissão. Sempre fui desta área. Então, eu acho que a carreira é o principal de tudo”*. (Categoria 01 – EIM).

*“Eu me sinto uma mulher realizada profissionalmente”*. *“... meu trabalho é um trabalho que eu gosto demais”*. (Categoria 01 – EIM).

A ascensão profissional de Bruna é fruto de aspiração legítima e motivo de orgulho. Essa não aparece como último recurso para a sustentação da família, mas como uma exigência individual e identitária, um meio de afirmação social e econômica. A questão da independência financeira e autonomia favoreceram, principalmente, a construção de uma auto-imagem positiva:

*“Eu comecei como taquígrafa, nível técnico, depois passei a coordenadora, depois comecei a ser substituta. Quando eu vi que eu poderia alcançar um cargo de direção e o que tava faltando pra mim seria um nível superior, eu resolvi fazer. E depois de um certo tempo, eu consegui o cargo”*. *“... Cheguei na direção, então foi o que eu sempre quis, né?”* (Categoria 01 – EIM).

*“A carreira é de onde vem o seu recurso para você sustentar a sua família, né? Para você crescer emocionalmente, você crescer socialmente e*

*culturalmente também. Eu acho que o ponto principal de tudo é a minha carreira”. “Atualmente, eu me vejo como uma mulher é independente de todas as formas. Agora, eu sou dona do meu próprio nariz, não tenho que dar satisfações”. (Categoria 04 – EIM).*

*“Quando eu casei com o meu marido eu já era funcionária pública, eu já tinha uma profissão, né? E... sempre tive o meu dinheiro, sempre fui independente financeiramente, nunca dependi dele”. “A independência é tudo...”. (Categoria 04 – EIM).*

Diante do quadro aqui delineado, parece claro que os cônjuges não compartilham dos mesmos valores e atitudes em relação ao trabalho e à família. Cada um deles possui um sistema de crenças e valores distintos que permeiam seus modos de ser marido e mulher. No decorrer do tempo, essa dinâmica parece ter inviabilizado a renegociação das dificuldades e estresses provenientes da execução de múltiplos papéis. Essa situação pode ser ratificada pela congruência nos discursos individuais a respeito do conflito entre casamento e trabalho.

## **6) Papéis de gênero**

O discurso do marido faz alusão constante ao estereótipo social que vincula a mulher ao domínio privado e a responsabiliza pelos papéis expressivos e pela coesão afetiva do grupo doméstico.

*“A organização da casa é uma parte da vida da mulher”. “Acho importante a mulher ter outras funções fora de casa, inclusive trabalhar. É importantíssimo. Mas, ela nasceu pra ser dona de casa”. (H) (Categoria 03 - EC).*

A percepção de Bruno em relação ao papel da mulher ressalta, sobretudo, a domesticidade feminina. Ao mesmo tempo, o papel de mãe é naturalizado e os filhos são vinculados de modo inerente ao universo feminino. A distribuição não igualitária dos papéis no seio conjugal permanece no depoimento do marido, determinando inscrições sociais diferenciadas para cada sexo diante da família.

*“... historicamente, os filhos são responsabilidade da mulher. É natural”. “Eu acho que filho é responsabilidade da mulher. Sempre foi assim, não é?”. (H) (Categoria 02 - EC).*

*“Eu ainda acho que algumas coisas são as mulheres que sabem fazer. Essa coisa de casa, de filhos não tem jeito. O homem não tem habilidade para isso”. (H) (Categoria 02 - EC).*

Para Bruno, o trabalho feminino não alterou a continuidade dos papéis da mulher na família. Da mesma forma que seu discurso alude ao estereótipo feminino, também denota a tentativa de integrá-los com a modernidade, através de um discurso de aceitação do trabalho da mulher:

*“A carreira da mulher não é independente. Ela tem responsabilidades com a família”. (Categoria 02 – EIH).*

*“Uma carreira feminina não é independente e a mulher tem uma responsabilidade muito maior de cuidar dos filhos, ao marido e , a casa”. (Categoria 02 – EIH).*

*“Eu acho formidável essa coisa da mulher querer trabalhar, se desenvolver intelectualmente. Mas ela precisa saber como vai fazer isso. Tem que lembrar que a partir do momento em que se casou e teve filhos, sua vida mudou. O marido, a casa e os filhos vêm em primeiro lugar”. (Categoria 02 – EIH).*

*“A carreira não pode estar acima da família. Acho que a mulher tem que achar um espaço para conciliar os dois. Se a mulher achar que a carreira é mais importante que a família, na minha opinião, não deveria ter casado”. (Categoria 02 – EIH).*

Por outro ângulo, encontramos nas falas de Bruna a diversidade da experiência do ser mulher. Para ela, ser mulher não se restringe apenas ao seu lugar dentro da família. A dimensão profissional aparece incorporada à definição do que é ser mulher:

*“Eu acho que a carreira é muito importante na vida de uma mulher para a realização pessoal e conquista da independência financeira. Eu acho que é um lado que a gente precisa ter né?” (Categoria 04 – EIM).*

No discurso da esposa, observamos a transformação de valores e padrões patriarcais prescritos social e culturalmente. Porém, elementos de permanência também estão presentes em seu discurso. A valorização do mundo do trabalho coexiste com a permanência ou a conciliação do espaço tradicional atribuído à mulher – a casa e o cuidado com os filhos:

*“É dá sobrecarga, acho que é da mulher né? Filho... filho nasceu, você gerou 09 meses, então, eu acho que a obrigação pesa mais pra mulher que para o homem. Apesar dele tá constantemente junto com você, mas esta sobrecarga maior fica com certeza com você”. (M) (Categoria 02 - EC).*

### Casal 3: João e Joana

O casal 03 é composto por um farmacêutico de 42 anos e uma farmacêutica de 43 anos. Estão casados há vinte anos e são sócio-proprietários de três drogarias. O casal possui dois filhos adolescentes. Uma menina de 17 anos e um menino de 15 anos. No momento atual, ambos os esposos estão cursando uma pós-graduação em farmacologia clínica.

Constituindo-se como uma família com filhos adolescentes, o casal tem como tarefa primordial aumentar a flexibilidade dos limites familiares, ajustando e adequando a autoridade parental para permitir maior independência e desenvolvimento por parte dos adolescentes. Assim, flexibilidade é a palavra-chave nesse estágio (Carter & McGoldrick, 1995). As fala de João nos deixa entrever sua conduta no sentido de modificar o relacionamento pai/filho:

*“... eu me sinto muito presente na vida dele, procuro entender, procuro não ser muito antigo, procuro não ser muito moderno. Estou sempre estudando, sempre estudando, perguntando, conversando com os amigos que tem filho da mesma idade pra tentar me adaptar mais a eles”. (Categoria 01 – EIH).*

Cumprir lembrar que a metamorfose no sistema familiar que se inicia com a adolescência dos filhos frequentemente coincide com mudanças nos próprios pais, que começam a enfrentar sua "meia idade". Essa é a experiência pela qual esse casal tem passado. Nota-se que na fala de João há uma preocupação em ajustar sua vivência de adulto na meia-idade com a da nova geração de adolescentes.

Ao mesmo tempo, Joana relata que a adolescência da filha está favorecendo um movimento de re-aproximação entre mãe e filha. Durante toda a infância, a filha se manteve afastada da mãe e estabeleceu um forte vínculo com o pai. No momento atual, Joana passa a estabelecer um vínculo amigável com a filha no sentido de orientá-la nessa etapa de transição:

*“... Aí quando ela veio fazer quinze anos foi que eu vi que ela começou a querer namorar e aquela coisa , começou a achar que o pai era contra, não era aquele amigo que ela queria, que ela achava que ele tem que aceitar tudo. Chega nessa hora , não aceita mais. Aí, ela começou meio que: ‘Ah! eu vou me ligar mais na minha mãe e aí ficou mais livre’. Eu sempre fui muito de chamar de minha princesinha, minha queridinha e aquilo. E ela foi vendo: ‘minha mãe, acho que eu tenho que me ligar mais na minha mãe’... ela também tava na terapia a alguns meses e a psicóloga trabalhou muito essa coisa de mãe , tem que ser amiga , essas coisa e hoje a Cristina me conta tudo , a gente é muito próxima , assim conversa muito comigo , mas mesmo assim eu acho que não é o suficiente”. (M). (Categoria 05 – EC).*

*“... eu tenho me aproximado muito da minha filha, que esse lado era ele quem mais que fazia. Assim, no nosso casamento, os meninos eles são bem diferentes. O menino ele tem muito o meu lado, a menina muito o lado do pai*

*e eu acho que por isso, ela se apegou muito com o pai. Quando era pequenininha, ela era muito apegada com o pai, se achava muito parecida com o pai”.* (M). (Categoria 05 – EC).

A entrada dos filhos na adolescência é uma fase desenvolvimental gradativa e geradora de muitas transformações na família. As adaptações na estrutura e organização familiar necessárias para lidar com as tarefas da adolescência é tão essencial que a própria família é transformada de uma unidade que protege crianças, em um centro de preparo para a entrada do adolescente no mundo de responsabilidades adultas. Por tudo isso, como pais de adolescentes, ambos os esposos devem redefinir os papéis parentais em relação aos filhos, bem como elaborar a perda da relação de submissão de seus próprios filhos (Carter & McGoldrick, 1995). Neste sentido, João relata sua experiência como pai diante do afastamento do filho:

*“Hoje eu to sentindo muito pelo meu filho porque tamo assim, muito afastado, mas isso é uma fase mais difícil assim, adolescência, várias dúvidas, tá entendendo?”* (H). (Categoria 05 - EC).

Todas as transformações ameaçam os vínculos anteriores. À medida que o adolescente vive sua vida mais fora de casa, sua participação no lar diminui e é sentida como uma perda, um luto pelos membros da família. A fala de João exemplifica a mudança ocorrida na relação pai e filha decorrente da adolescência:

*“Agora, a moça já tá no auge da adolescência, né? É um pouco revoltada comigo. Agora que ela tá amadurecendo, é que ela tá voltando a se comunicar melhor comigo. Na infância, a gente era muito ligado. Mas, depois no começo da adolescência, naquele pico de hormônios, né? Eu tinha que dizer não pra ela e ela ficava revoltada”.* (H). (Categoria 05 - EC).

Outra questão relevante nessa fase de transição diz respeito aos problemas de comunicação entre os pais e adolescentes, fator que se constitui como causa freqüente de distúrbios no comportamento do adolescente, bem como de desorganização no sistema familiar e conjugal. As falas do marido remetem-nos à dificuldade que Joana tem em se comunicar com a filha. Porém, Joana relata que após um longo período de conflitos, o momento atual é experienciado como uma nova etapa no que se refere à relação mãe e filha:

*“Eu acho que o que ela tá falando, é que ela não tem muita habilidade na hora de se expressar. Ela fala de uma maneira que a criança ou adolescente não entende. Então, é a dificuldade de se expressar”.* (H). (Categoria 05 - EC).

*“Hoje, eu sou uma grande amiga da minha filha, a gente conversa muito e tudo. Mas eu acho que não sou como deveria ser”.* (M) (Categoria 05 - EC).

É fato de que no período em que os filhos entram na adolescência, geralmente, os pais se voltam para as questões profissionais características do meio da vida. Contudo, se as questões profissionais sempre exigiram forte investimento de ambos os cônjuges, a tendência nessa fase é que o casal continue a investir maciçamente na vida profissional em virtude dos filhos adolescentes não demandarem o exercício integral das responsabilidades parentais. Os relatos do marido aludem a essa questão:

*“Eu procuro fazer o máximo. Eu dou conselho. Meu filho teve uns probleminhas típicos da adolescência e eu, às vezes, me perguntava se eu era correto, se eu tava entendendo. De qualquer maneira a gente deixa um pouco os filhos. O trabalho não deixa tempo para você ta com os filhos...”.* (Categoria 01 – EIH).

Os relatos do casal também contemplam o processo de renegociação do sistema conjugal como díade. Segundo Carter e McGoldrick (1995), uma das transformações característica dessa fase diz respeito à reestruturação da relação conjugal. A transformação do sistema familiar na fase em que os filhos estão na adolescência prevê como evento central no relacionamento conjugal a crise da “meia-idade” de um ou de ambos os esposos, levando-os a avaliar as satisfações e insatisfações pessoais, profissionais e conjugais. Em geral, ocorre uma intensa renegociação do casamento.

Por certo, o casal tem buscado reorganizar suas vidas. Porém, o tipo de centramento experienciado pelo casal refere-se ao investimento na vida profissional. Ambos os cônjuges falam sobre o tema:

*“E resolvi mudar tudo e me dedicar cem por cento só ao trabalho e ao estudo. E quando eu vi que tava conseguindo, abrimos uma loja abriu, abrimos outra loja... Foi que eu falei: ‘Aí meu Deus, e agora?’ (H). (Categoria 03 - EC).*

*“É isso que ele falou. Não há uma estratégia assim, nem pra empresa e nem pra casa, nem pros filhos. Nós não traçamos. Nós tínhamos um objetivo: vamos fazer o curso e vamos até o fim. E acabou que foram os dois. Nesse meio tempo, a gente não viu mais a casa, os filhos e a loja”.* (M). (Categoria 03- EC).

É fato que, ao longo do ciclo de vida e no decurso das dinâmicas específicas da vida conjugal, existem redirecionamentos e mudanças na tônica de uma dimensão de investimento para outra. Ou seja, em cada etapa da vida, cada cônjuge poderá centrar-se na vida conjugal, na

vida profissional, na parentalidade, ou ainda apostar de forma polivalente e relativamente equilibrada em todas as dimensões referidas (Torres, 2002).

No momento, parece que ambos os esposos se identificam com a dimensão da vida profissional. Com base nisso, nossa atenção se volta agora para a análise das entrevistas desse casal, de acordo com as categorias de análises previamente definidas.

## 1) Relacionamento conjugal

A experiência conjugal gera apreciações ambivalentes com relação à ocorrência de dificuldades e divergências no casamento, bem como em relação à sua qualidade. O marido vincula conceitualmente casamento à contratualidade legal e à questão religiosa. Ao mesmo tempo, remete-se à conjugalidade como uma outra dimensão do casamento que congrega as diferenças entre os cônjuges:

*“É uma união, né? Legalmente tem várias maneiras de casamento: tem a parte legal do casamento, a união civil, religiosa também, né? Tem essa parte do casamento e a vida a dois, como ela já definiu. Você tem que comungar de tudo, gostando e quase sempre não gostando. Gosta em uma hora e não gosta em outras, nas opiniões e nas maneiras de agir um com o outro”.* (H). (Categoria 01 - EC).

Nesse sentido, uma questão que emerge fortemente no discurso do marido diz respeito às diferenças e desacordos que surgem num casamento. Para João, a idéia de casamento atrela-se a divergências naturais que emergem num casamento e determinam o insucesso da relação conjugal. Na sua percepção, as pessoas permanecem casadas, felizes ou não, porque vão se adaptando à situação em prol de um objetivo:

*“... quando as pessoas fazem essa união, elas têm um propósito. Porque a princípio, ninguém de bom senso quer romper assim tão rápido. Porque as divergências vêm rapidamente no casamento né? Mas, como elas não querem romper e há um fracasso rápido, aí cada um tenta ir se adaptando, achando ruim ou gostando. Mas, vão se adaptando e vão levando o casamento através dos anos...”.* (H). (Categoria 01 - EC).

A definição de casamento explicitada pelo marido refere-se, então, à existência dos filhos como principal justificativa para a construção de um casamento. Para João, a continuidade histórica de um casamento é determinada pela presença dos filhos. Em nome desse propósito

maior, os cônjuges devem ser capazes de superar as dificuldades e divergências inerentes à vida conjugal.

*“... eu defino o casamento mesmo, só depois que ganha o primeiro filho. Aí é que se considera que a pessoa tá casada. Antes, só essa parte legal, continua só sendo um papel na vida a dois. Mas, eu não considero casamento, ou melhor, o casamento quando vai continuar mesmo, que você tem certeza, é só depois que nascem os filhos. Eu acho que o casamento só passa a ser casamento mesmo, depois que acontecem os filhos”.* (H). (Categoria 01 - EC).

De fato, o nascimento de filhos demarca uma configuração familiar e, em geral, tende a ser vistos pelos casais como o principal fator impeditivo para a separação conjugal (Jablonski, 2003). Ao se reportar à situação de casal, o marido enfatiza a complexa tarefa de manejar dois desejos, duas visões de mundo, duas histórias de vida, duas identidades individuais que estão contidas na conjugalidade. A seguir, temos uma fala do marido que explicita a sua concepção de casamento:

*“O casamento é muito complicado. A vida a dois não é fácil. É difícil, porque você tem suas opiniões, o seu jeito de ser, a sua maneira, a sua formação. Aí, você casa com uma outra pessoa que tem uma outra formação, uma outra maneira de ver as coisas, a vida. Aí, você junta e se não estiver duas pessoas de equilíbrio, se não tiver muito equilíbrio, não dá pra levar por muito tempo porque é complicado. São duas cabeças diferentes que vão passar a viver, seguir nesse caminho. As coisas, às vezes, pende para um lado outro, pende pro outro. É complicado. Mas é bom. Dá pra levar...”.* (M). (Categoria 01 - EC).

É interessante notar que o marido utiliza termos como “complicado”, “difícil”, “dá para levar”, “é bom” para definir um casamento. João fala de desacordos, de tolerância, da necessidade de ceder, ao mesmo tempo, enfatiza o papel preponderante da mulher na relação conjugal:

*“Se não houver esse lado de um ceder pro outro, aí não tem casamento. Porque as opiniões nunca vão ser as mesmas, vai haver sempre uma divergência e se um não ceder ao que o outro gosta, ao que ele quer fazer ou a opinião dele não tem jeito. Não tem como haver uma união agradável”.* (M). (Categoria 01 - EC).

*“Acho que no casamento, a mulher, ainda hoje é um fator fundamental a mulher ter paciência, saber lidar com essas divergências., principalmente, as mulheres. Porque eu acho que o homem... Por exemplo, eu também acho que eu não me casei bem preparado, né? Eu acho que o sucesso do relacionamento dependeu muito da Joana. Então, acho que hoje o papel da mulher é fundamental para a duração e manutenção do casamento”.* (H). (Categoria 01 - EC).

Digno de nota é a responsabilização da mulher pela condução do relacionamento. A imagem de mulher que emerge no discurso do casal acena para uma mulher pacificadora, responsável pela fleuma doméstica, pela harmonia conjugal, incapaz de reclamar ou discutir. Esse modelo se conforma na figura da boa esposa, uma visão estereotipada do feminino. A narrativa da esposa é congruente com a do cônjuge:

*“Eu defino o nosso casamento como tudo isso que ele falou. Acho que a mulher tem um papel importante. Ela perdoa, ela conduz melhor. No nosso casamento, então, por isso que perdurou. Nós tivemos algumas barreiras difíceis que nós passamos, mas eu achei que não era motivo pra acabar o casamento”.* (M).

À medida que a narrativa ganha força vêm à tona as divergências entre o casal quanto aos costumes e diferenças de personalidade dos cônjuges. Podemos constatar essa questão nas falas de ambos os cônjuges:

*“No nosso casamento, a gente teve primeiro essa divergência de costumes, de valores. Uma divergência de costume muito forte. Agora, acho que com o passar do tempo né? Foi ficando mais maduro”.* (H). (Categoria 01 - EC).

*“Porque a gente se conheceu e a gente namorou pouco tempo. Já existia essa diferença de costumes que nós colocamos já que nos atrapalhou um pouco e como atrapalha quando você casa com um rapaz que leva a vida totalmente diferente da sua. Aí, tudo aquilo ali pra você conciliar é muito complicado”.* (M). (Categoria 01 - EC).

Joana fala de tolerância, de paciência frente a comportamentos do marido e da administração de momentos delicados como, por exemplo, fases onde houve suspeitas em relação à fidelidade do marido e divergências quanto aos interesses de cada cônjuge. Sua explícita sua adequação à figura da boa esposa como estereótipo feminino dominante:

*“... muita coisa que aconteceu eu deixava passar. Isso porque eu tinha uma certa culpa, porque eu não queria participar dos eventos que ele queria. A gente namorou pouco tempo, casamos muito cedo e ele era muito jovem e eu também. Ele queria brincar e eu já trabalhava muito. Na época que eu conheci ele, eu já trabalhava, já tinha um cargo de confiança. Eu tinha uma responsabilidade. Aquilo ali pra mim era muito bom. Eu gostava muito e eu sempre fui muita empresa. Sempre muito mais trabalho do que de casa”.* (M). (Categoria 01 - EC).

Um tema recorrente que emerge na entrevista conjugal e na entrevista individual com o marido refere-se à vida sexual do casal. A narrativa de João alude às experiências distintas de cada cônjuge com relação à sexualidade, gerando frustrações, descompassos, cobranças e crise conjugal:

*“... falando de sexo, ela era muito conservadora e eu assim não era tão conservador. Eu era mais novo também. Acho que por isso, a educação que ela recebeu, ela recebeu uma educação diferente”. (Categoria 04 - EIH)*

*“A educação sexual dela era completamente diferente. Era bem reprimida e eu não, entendeu? Então, a gente teve momentos muito difíceis por isso. Quase, assim, muitas vezes, a gente falou de parar com tudo, porque não tinha uma afinidade. Mas, acredito que com o tempo, entendeu? Ela, conversando muito, entendeu?”. (Categoria 04 - EIH).*

*“É a gente teve, um momento difícil também, muito grande, dentro disso. A gente quase separa, entendeu? Eu acho que depois desse momento também, ela mudou um pouco. Ela mudou realmente a cabeça, ela mudou um pouco. Aí ela ficou bem melhor”. (Categoria 04 - EIH).*

*“Aí, eu tava vendo que ela tava tentando melhorar, tem tempo que ela tá tentando melhorar. Ela não tem muito trauma assim, não tem aquele negócio de pecado. Não entendo da onde vem tanta repressão”. (Categoria 04 - EIH).*

Esse aspecto aparece de forma marcante no discurso do marido tanto na entrevista conjugal (Categoria 03 - EC), quanto na entrevista individual (Categoria 04 - EIH). Porém, diverge em conteúdo e frequência em relação às falas da esposa. A questão da dimensão sexual não aparece na entrevista individual com a esposa e surge apenas uma vez na entrevista conjugal (Categoria 03 - EC), sendo trazida à tona pelo marido. O silêncio de Joana em relação a esse tema deixa indagações a respeito de seu significado.

*“Assim, eu era bem assim. Antes de eu ter esse monte de trabalho, eu era muito assim obstinado... Queria fazer sexo toda a noite. Agora que eu comecei a estudar, comecei a fazer esse monte de coisa, eu acho que melhorou bastante isso pra mim”. (H) (Categoria 03 - EC).*

*“Não, isso que ele falou é uma realidade, antes até tinha algumas briguinhas que é por isso, né? Porque era uma vida muito agitada que eu levava e ele também e ele tinha aquela energia toda para sexo e eu não conseguia acompanhar e hoje não, hoje tá equilibrado tá tudo certo, não temos mais esse problema porque ele se ocupou mais, ele...ficou a coisa mais normal e aí tudo bem, acompanhei na boa”. (M). (Categoria 03 - EC).*

## **2) Práticas domésticas e a divisão entre o casal**

Quando o assunto é a organização da casa e a divisão de tarefas domésticas, o casal apresenta um discurso incongruente. Na entrevista conjugal (Categoria 02 – EC), ambos os cônjuges afirmam que o casal dividia as tarefas enquanto não havia uma empregada para auxiliar no serviço doméstico. Porém, a esposa refere-se à participação do marido na rotina doméstica como uma “ajuda”, ao passo que o marido afirma que dividia o serviço quando necessário:

*“Quando a gente chegou em Brasília, teve um período, acho que uns seis meses só, que a gente ficou com dificuldade de arrumar uma pessoa pra*

*trabalhar com a gente. Então, ele ia, lavava, botava pra secar. Quando eu ficava só ele dava uma força em casa ... ”. (M) (Categoria 02 – EC).*

*“No início da nossa vida a gente dividia quando precisava...”. (H) (Categoria 02 – EC).*

No decorrer da narrativa, o casal relata que a presença de uma empregada alterou a forma do casal lidar com as tarefas domésticas. A mulher tornou-se a principal responsável pela logística da casa. Essa realidade é apresentada na entrevista conjugal (Categoria 02 – EC) e na entrevista individual com o marido (Categoria 03 – EIH):

*“Há uns oito anos, a gente tem uma pessoa que ajuda a gente aqui em casa e que hoje eu não me envolvo realmente com nada de casa, assim de ajudar em tarefas. Logo quando nossas crianças nasceram, aí eu ajudava bastante...né? lavava fralda, porque a gente realmente não tinha quem ajudar. Fazer comida eu não sei, mas lavar e arrumar a cozinha, tudo bem...”. (H). (Categoria 02 – EC).*

*“Geralmente, ela faz o trabalho doméstico. Bem, a gente tem empregada domestica. Mas é claro que isso não é tudo, a gente não consegue fazer tudo. A maioria do tempo tem alguma coisa que sobra do trabalho domestico e ela que faz”. (Categoria 03 – EIH)*

*“Na casa, ele não se envolve muito. Já sou mais eu. Mas é tudo praticamente junto. Não tem muitos problemas. Dividido não é não. Eu fico com a maior parte”. (M). (Categoria 02 – EC).*

Merece destaque o discurso contraditório da esposa. Como vimos na entrevista conjugal (Categoria 02 – EC), Joana suaviza o tom quando o assunto é participação do marido na rotina da casa. Embora afirme que as tarefas domésticas não são divididas de forma igualitária, tende a assinalar a conduta do marido como alguém que ajuda de forma solidária, ou em seus termos: “dá uma força em casa”. De forma contrária, na entrevista individual (Categoria 05 - EIM), Joana é afirmativa quanto à conduta descompromissada de João em relação aos cuidados da casa. Fala de decepção e frustração:

*“A casa é 100% eu mesma. Quem mexe com tudo sou eu. Ele não é de ir num supermercado ou do tipo que faz compra na padaria. Não é o tipo dele sabe? Fazer isso ele não faz. Quem compra sou eu mesma”. (Categoria 05 - EIM)*

*“Eu sempre imaginava que casar era uma coisa assim... Meio termo, igual, a mesma coisa. Que homem pudesse fazer uma padaria, um supermercado ou lavar uma louça, lavar o banheiro... Que a gente podia fazer a mesma coisa. Sem nenhum problema. Mas não funcionou”. (Categoria 05 - EIM).*

À medida que a narrativa se desenvolve, Joana retorna à questão da ajuda solidária que o marido lhe oferece. Revela que a sua própria conduta impede que o marido participe mais ativamente da rotina doméstica:

*“É, até que ele faz as coisas em casa”. (Categoria 04 - EIM)*

*“Até no início, que eu não tinha empregada, ele às vezes me dava uma forcinha na comida, mas sem muito jeito ou habilidade. Então, nas coisas de casa, eu direcionei um pouco, tomei a frente”. (Categoria 04 - EIM)*

*“Em casa, eu não diria que sou autoritária, mas é uma que eu procuro dominar e fazer. Eu não espero por ninguém. Principalmente, pelo meu marido. Eu não espero. Vou à frente, eu faço, eu decido. E aí, ele não se incomoda. Porque tá perfeito. Tá bom. Tá ótimo! Não precisa fazer então. Eu acho que esse é o meu estilo. Por quê? Não sei explicar meu estilo, meu tipo. Eu sou uma cópia da minha mãe, ela era assim”. (Categoria 04 - EIM).*

Fica claro, então, que as tarefas domésticas se constituem como um território identitário para Joana. Um lugar que lhe possibilita impor seus critérios, modos de agir e de pensar, de concretizar sua concepção da organização doméstica e da ordem. O marido reitera as falas da esposa, expondo que ela própria determina que a casa é o seu lugar de domínio:

*“Ela também sabe exigir. Ela sempre diz: ‘Você não vai querer ficar aqui, você também não sabe fazer direito em casa’.”. (Categoria 03 – EIH)*

A dinâmica que alude à demarcação de lugares de poder marca o discurso do marido. Enquanto cônjuges e sócios, o casal lida concomitantemente com dois ambientes: o público e o privado. Na entrevista conjugal (Categoria 02 – EC) e na entrevista individual do marido (Categoria 03 – EIH), o tema trabalho doméstico *versus* trabalho externo ao lar emerge fortemente. João revela que o casal tem uma forma peculiar de dividir responsabilidades e tarefas entre esses dois mundos. Em geral, o marido investe mais no trabalho na empresa, ao passo que a esposa se dedica ao trabalho do lar.

*“A gente tem uma empresa juntos... Em termos de dividir os papéis, a gente não tem muito assim, esse lado. A gente não divide muito. Eu ajudo muito na empresa, participo ativamente de tudo e na casa também, assim, não é uma divisão”. (H). (Categoria 02 – EC).*

*“Eu fico no trabalho, na drogaria, no nosso comércio mesmo. A divisão é mais ou menos por aí. Mas, geralmente, ela faz o trabalho doméstico e eu fico no lugar dela, gerenciando a farmácia”. (Categoria 03 – EIH).*

*“Quando ela vai fazer o trabalho doméstico, geralmente nos fins de semana, aí eu vou ter que trabalhar, ficar na drogaria, tá entendendo? fazendo todo o trabalho pra ela não precisar vim”. (Categoria 03 – EIH).*

*“Então, eu sempre assumo o trabalho fora de casa. Eu fico pra trabalhar mais na drogaria, pra ela fazer o trabalho doméstico que falta durante o domingo...”. (Categoria 03 – EIH).*

Os relatos do casal deixam-nos entrever a definição de lugares de poder absolutamente generificados, onde há predominância do homem na esfera profissional e a supremacia da

mulher no espaço doméstico. O que salta aos olhos é que apesar de formarem um casal de dupla-carreira, João e Joana continuam circunscritos ao modelo de casamento tradicional.

Se num primeiro momento, o fato dos esposos possuírem carreiras e constituírem uma sociedade profissional parece aproximá-los de um modelo de casamento mais igualitário, no decorrer da narrativa torna-se evidente que esse arranjo conjugal não se diferencia do modelo tradicional de casamento. Os relatos do casal evidenciam claramente a continuidade em relação aos domínios prescritos para homens e mulheres.

### 3) Os cuidados com os filhos

Em relação à forma de lidar com os cuidados dos filhos, a conduta explicitada pelo casal sinaliza mudanças consideráveis tanto no papel masculino, quanto no papel feminino dentro do ambiente familiar. Seguindo de perto as tendências modernas, o marido parece exercer a denominada “paternidade responsável”, com um engajamento e investimento maior na vida dos filhos. Em relação a esse tema, ambos os esposos mostram discursos coerentes.

*“Fazer as coisas pros filhos? Essa parte sempre foi muito bem dividida. Por que, no início, eu fazia mais porque ela gostava de dirigir menos, mas depois começou a dirigir muito bem...”*. (H) (Categoria 05 - EC).

*“Não é bem específico não. Na hora que o horário dá, quem tiver na frente vai. Principalmente este negocio de colégio. É no horário que mais convém, mais conveniente tanto pra mãe deles, quanto pra mim. A gente vai conciliando ”*. (Categoria 01 – EIH)

*“... a parte da educação a gente faz junto, a gente combina tudo, a gente conversa muito. Agora, ele nessa parte, ele tem mais habilidade. Eu não tenho muita”*. (M). (Categoria 05 - EC).

João se revela não só como um pai participativo e comprometido com a educação dos filhos e com suas necessidades, mas, também denota, o seu envolvimento afetivo com a vida de cada um deles. Fala da necessidade de dialogar e de estar presente no cotidiano dos filhos. Na verdade, João deixa clara a centralidade dos filhos em sua vida.

*“Eu acho que vou lutar pelos meus filhos até morrer”*. (Categoria 01 – EIH).

*“... o meu filho perdeu o ano, tá entendendo? Aí a gente se sente um pouco culpado. Ao mesmo tempo, eu vi que eu tentei também. Sempre dialogava com ele”*. (Categoria 01 – EIH)

*“Agora, eu vou tirar férias pra ficar junto com ele, ficar junto com ele dia e noite sem parar”*. (Categoria 01 – EIH).

Por outro lado, o discurso de Joana está carregado de conotações negativas a respeito de seu papel como mãe. Embora relate que desejava ter filhos, Joana verbaliza que nunca se sentiu

preparada para ser mãe. Para ela, a excessiva dedicação ao trabalho é responsável pelo seu “fracasso” no exercício da maternidade.

*“Eu desejava ser mãe sim...”. (Categoria 02 - EIM).*

*“Eu sinto que eu falhei! Eu nunca fui uma mãe preparada. Porque desde que eles nasceram que eu não acompanhei. Assim, não fui uma mãe presente. Porque eu trabalhava e na época ainda não tinha a drogaria. Eu trabalhava no Governo e tinha uma função importante e eu ficava dedicada ao trabalho”. (Categoria 02 - EIM).*

*“... era aquela correria e as crianças ficavam em casa. Eu deixava com a babá. Eu acho que a base é nessa hora. A criança vai crescendo e vai vindo como é que é a vida dos pais. Eu acho que é isso. Saía do trabalho muito tarde, chegava em casa e eles tavam dormindo. Saía de casa para trabalhar e eles tavam dormindo. Tinha dias que eu só via a minha filha dormindo”. (Categoria 02 - EIM).*

Digno de nota é o silêncio de ambos os cônjuges em relação à ausência do pai no período em que os filhos eram crianças. Por certo, João também não esteve presente na fase de desenvolvimento dos filhos, pois eles foram criados pela babá. No entanto, ele não fala de culpa em relação a essa situação e Joana também não o responsabiliza por estar ausente de casa nesse momento. O silêncio em relação à ausência do pai denota que o casal concebe o cuidado como predominantemente uma atribuição feminina. Isso explica a diferença de valor atribuída à ausência materna e à ausência paterna.

Joana fala de culpa, fracasso, ausência, e incapacidade para ser mãe. Enquanto ela se consterna por sua ausência na infância dos filhos, João não se remete a essa questão. É fato que como o marido, Joana priorizou a profissão. Contudo, o seu distanciamento em relação aos filhos acarretou uma experiência inimaginável na relação mãe e filha:

*“Eu fico me culpando por essa parte da vida da gente. Quando eu vim pro ramo de farmácias, eles tinham o que? A menina tava com 06 anos. Então, nessa época também, nós fomos morar muito próximo da farmácia e eu comecei a ter mais aquela presença e tudo. Só que eles já tavam numa idade que eu já não tinha mais espaço na vida deles. Ficou mais a figura da empregada e da babá como de mãe. A minha filha teve até uma dificuldade. Ela chegou um dia e me perguntou: ‘Você é minha mãe mesmo?’ Por que a babá dela falou, comentou com ela, que eu não era mãe dela. E a minha filha tem uma semelhança muito grande com o pai. Aí eu pensei: ‘Ela não vai assimilar que é minha filha por que não tem nada parecido comigo’. Ela chegou uma época a perguntar e pedir as provas que eu era realmente a mãe dela...”. (Categoria 02 - EIM).*

*“Foi aí que eu vi que eu tava realmente muito ausente e que chegava ao ponto da minha filha falar que eu não era a mãe dela. Então foi que eu fui ver, me aproximar mais dela. Apresentar para ela as coisas que ela me pedia. E hoje, não tem nada, hoje já esclareceu tudo e ela já ficou ciente que eu sou a mãe dela”. (Categoria 02 - EIM).*

A questão da culpa por uma maternidade não tão “perfeita” é referência constante em seus relatos. É fato que, a lógica tradicional concebe a maternidade como aspecto fundante da identidade feminina, bem como delinea contornos precisos para o exercício do papel de boa mãe. Contudo, o desenvolvimento profissional das mulheres e as aspirações de autonomia e igualdade, lhes possibilitaram romper com a rigidez do modelo de mulher e mãe.

Apesar de Joana vincular sua inscrição identitária à vida profissional, a maternidade não perdeu a importância, sendo concebida como algo inabalável. Para Joana, o desempenho da função materna se ancora em esquemas referenciais que sintetizam e normatizam a experiência da boa mãe através de regras prescritivas. O rompimento do vínculo entre mulher e mãe se tornou um dilema para Joana, mobilizando sentimentos de frustração, angústia, auto-recriminação, fragmentação e a sensação de imaturidade e incompetência. No momento atual, Joana busca compensar sua ausência através de um comportamento superprotetor e indulgente:

*“Então, eu sou muito aquela mãe que busca na escola, leva na porta da academia, quero ir buscar, mesmo quando não dá. E eu vejo que o João diz assim: ‘Não, não tem que ter isso não. É muito próximo! Vai a pé ou toma uma van’. Então, ele não é muito de fazer isso e eu sou superprotetora. Eu fico, vai que eles não vêm pra casa, passam em outro lugar, pega uma van e tem assalto. Eu fico nessa psicose, apesar de que eu sei que não é por aí”.* (Categoria 02 - EIM).

*“Eu não consigo dizer não pra eles. Não consigo dizer não e nem focar coisas. Assim, pra que eles se direcionem, que venham a desempenhar bem quando for necessário, quando tiver que tomar conta da vida deles. Como eu consegui, como a minha mãe passou e eu consegui”.* (Categoria 02 - EIM).

Nesse contexto, Joana acredita que o marido é mais competente no exercício do papel parental. Assim, enfatiza a habilidade do marido para cumprir um papel que ela julga que deveria ser seu e para o qual se sente inábil e despreparada:

*“Eu deixei muito os meninos quando eles eram menores na mão da moça que cuidava. E o João não, ele já é mais cuidadoso, ele é mais presente com os meninos, coloca melhor as coisas, como é que é tudo. Essa parte ele faz muito bem. Apesar de que hoje eu faço também”.* (M) (Categoria 05 - EC).

Embora ambos os esposos tenham associado o cuidado como uma tarefa prioritariamente feminina, o casal parece ter transcendido, em parte, as lógicas de gênero que imputam aos homens a dedicação exclusiva ao trabalho e às mulheres a priorização do cuidado em detrimento do investimento na vida profissional.

Portanto, no que se refere aos cuidados com os filhos, o casal desenvolveu um modelo de casamento baseado no compartilhamento de responsabilidades. Podemos supor que o fato dos cônjuges serem, ao mesmo tempo, esposos e sócios tenha favorecido o amadurecimento do casal no sentido de se conscientizarem que ambos são capazes e devem fazer as duas coisas: investir na carreira e cuidar da família.

#### 4) O dinheiro e as práticas decisórias

A administração de recursos financeiros e as práticas decisórias em relação às finanças tendem a ser compartilhadas de forma ampla pelo casal. Cada um dos cônjuges administra sua conta bancária, ao mesmo tempo em que a divisão do orçamento familiar é definida de comum acordo.

*“Não é tudo junto, a gente tem contas em bancos separados, mas o que a gente recebe de despesa de casa, dos filhos, é tudo junto...”*. (M). (Categoria 06 - EC).

Portanto, a gestão dos recursos financeiros está desvinculada do padrão patriarcal de autoridade masculina. Quanto à gestão dos recursos provenientes da sociedade profissional, a esposa é a protagonista.

*“Antes da faculdade, eu ficava muito com essa parte da administração do dinheiro. Gostava muito de saber... Mas, hoje é uma coisa mais conjunta. Eu levo todas as contas para a casa e o que tem no mês pra pagar da loja, eu entrego para ele pagar. Então, o controle é feito pelos dois. Como ele disse, é muita conta, mas, é controlado. Não aquela coisa rigorosa. Mas, eu controlo quanto a loja vendeu, o que não tá dando, tudo no controle, tudo anotadinho e sou eu que faço esse controle”* (M). (Categoria 06 - EC).

*“Eu que administro o dinheiro. Ele também movimenta, mas eu sou mais. Se eu chegar pra ele e perguntar quanto ele tem na conta, quanto ele gasta no mês, ele não vai saber”*. (Categoria 01 - EIM).

*“Então fica tudo por minha conta. Eu via as despesas pagava tudo e pronto. Não tinha aquela preocupação: ‘Ah! Quanto você gastou?’. Às vezes, chegava no fim do mês e eu ia atrás pra sabe?”*. (Categoria 01 - EIM)

*“Então, a gente é muito assim... Nessa parte a gente combina muito. Até que tudo que ele vai fazer com relação a dinheiro, ele vem e me pergunta se pode, se dá. Então, é bem misturado, os dois assim não tem problemas”*. (M). (Categoria 06 - EC).

Mais uma vez, o fato dos cônjuges serem, ao mesmo tempo, esposos e sócios favorece uma prática mais igualitária entre o casal. No discurso do marido, fica claro que a harmonia do casal em relação à administração do dinheiro responde prioritariamente ao fato desse ser proveniente

do mesmo local e entrar em contas que são acessíveis a ambos os cônjuges: “... *na verdade a gente se dá tão bem assim porque a gente não tem como esconder nada um do outro*”. (H) (Categoria 06 - EC)

Enfim, parece que o fato de Joana ser sócia do marido a deixa imbuída de um poder significativo, evidenciando elementos de descontinuidade em relação aos padrões prescritos para a gestão de recursos que perpassam pelo âmbito do casamento.

### **5) A conciliação entre casamento e trabalho**

Para esse casal, vida profissional, vida familiar e casamento são concebidos como mundos integrados. Ambos os esposos planejaram ativamente investir na sociedade profissional, conciliando suas carreiras com a vida familiar e conjugal. As falas do casal evidenciam que nenhum dos esposos está disposto a subordinar as expectativas do trabalho às expectativas familiares e conjugais. Contudo, a administração dos vários contextos de atuação tem gerado desgastes na relação conjugal.

O marido descreve que os conflitos que ocorrem dentro do ambiente profissional tornam-se um conflito do casal. Sendo esposos e sócios, a relação conjugal fica exposta a um grau elevado de dificuldades, pois conflitos, tensões e insatisfações gerados no trabalho são transferidos de forma negativa para o ambiente conjugal e familiar. Essa dinâmica conjugal obedece ao modelo explicativo do conflito trabalho/família denominado transbordamento negativo.

*“O trabalho interfere muito no casamento. É o trabalho que provoca mais conflito, mais estresse. Eu acho que, na verdade, sempre um quer cobrar mais um do outro”*. (Categoria 02 - EIH).

As falas do casal enfatizam que são as demandas do trabalho que determinam as vivências conjugais. Fica claro, então, que é a vida conjugal e familiar que deve se adaptar às exigências do trabalho, refletindo o reduzido controle que cada cônjuge tem na interface casamento/trabalho. João verbaliza como a rotina estressante de vida repercute na vida conjugal, tornando o casal vulnerável a desacordos constantes:

*“Quando a gente entre em casa, a farmácia entra junto com a gente. Eu vejo que vai demorar a ser diferente disso”*. (H) (Categoria 04 – EC).

Apresentando um discurso congruente com o do marido, Joana relata como humores, atitudes e comportamentos negativos vividos no âmbito do trabalho são transportados para a esfera conjugal:

*“Quando as coisas estão bem equilibradas, às vezes, até evitamos falar. Mas, quando as coisas tendem um pouco pro nível de dificuldade lá no trabalho, aí como eu disse, ele não sabe conviver com isso. Aí é difícil, aí acaba que todo dia a farmácia entra em casa junto com a gente”.* (M). (Categoria 04 – EC).

O marido relata que tende a discutir muito com a esposa devido à forma como ela administra a empresa. Na sua percepção, Joana tem um comportamento centralizador e a tendência de descumprir horários previamente definidos:

*“Não, eu acho que é o seguinte: a gente diverge muito no aspecto do trabalho. Assim, ela considera o trabalho que ela faz com as mãos. Eu tenho o costume de trabalhar assim, só falando. Eu posso delegar uma função pra funcionária que a gente tem e quase sempre eu vou lá e delego. E ela perde muito a paciência com os funcionários. Aí, ela pega e vai fazer”.* (H) (Categoria 04 – EC).

*“... o que ela precisa, ela vai e faz. Ela não pede para os funcionários, para os colaboradores. A gente discuti muito por isso. Às vezes, eu chego e pego ela fazendo uma coisa que é corriqueira e ela teria que fazer outra. Aí ela gasta o tempo dela com isso. Ao mesmo tempo, ela acha que eu sou preguiçoso, você ta entendendo? ela me acusa muito disso...”.* (Categoria 02 - EIH).

*“... uma grande dificuldade que a gente tem... isso é importante demais! O que acontece com a gente é que tem uns os horários diferentes. Por exemplo, o meu horário: eu fico até as três horas da tarde e eu vou, eu almoço na drogaria mesmo. Aí, ela chegava às três horas e eu saía pra estudar e, às vezes, ela atrasa ou não vem. Aí, isso vai me irrita muito”.* (Categoria 02 - EIH).

As dificuldades e os conflitos associados ao âmbito do trabalho também aparecem nas falas de Joana. No entanto, João fala da conduta profissional da esposa, ao passo que Joana tende a mencionar as reações afetivas do marido:

*“Dentro da empresa se a gente tem uma contradição ele explode dentro da empresa. Ele é um pouco explosivo. Aí ele mesmo se toca e isso é só na hora. A gente faz muito isso. Às vezes, a gente fala, não, vamos conversar. Nós dois, conversamos e tudo se resolve”.* (Categoria 01 - EIM).

*“Na empresa, tem alguns conflitos. Aí fica briga. Mas, quando você tem uma empresa estabilizada, você acaba, você consegue que o relacionamento fique estável. Aí fica legal. Mas, é mais comprometedor ter um negócio juntos, o casamento fica mais comprometido”.* (Categoria 01 - EIM).

Um aspecto interessante diz respeito à relação que Joana faz entre “ter um negócio juntos” e o casamento. Se num primeiro momento, ela suaviza o discurso e afirma que após uma boa conversa os conflitos entre o casal são resolvidos, logo em seguida deixa claro que ser sócia do marido é um fator que tende a prejudicar o casamento.

Outra questão que merece destaque diz respeito à administração financeira da empresa. Enquanto sócios, o casal decidiu de comum acordo que caberia à esposa a gestão dos recursos financeiros da empresa, bem como controlar o fluxo de caixa. No entanto, o fato de Joana administrar o dinheiro tende a ser um fator complicador para a relação conjugal, pois o marido tende a se mostrar insatisfeito com o desempenho de Joana nessa atividade:

*“Como sou eu que administra o dinheiro da empresa, mais uma vez, a gente discute muito”. (Categoria 01 - EIM).*

*“Às vezes, a gente investe muito numa das lojas. Mas, depois, a gente vê que não calculou bem e tal. Aí, ele fala que essa parte eu não calculo muito bem, ele joga sempre: ‘ah! Porque não era pra você fazer isso’ e eu fico sempre com a culpa maior. Esse lado, às vezes, me desgasta e causa um desgaste entre a gente”. (M) (Categoria 04 - EC).*

Parece que a posição de poder que foi delegada à esposa gerou sentimentos ambivalentes no marido. Se por um lado, ele se desobriga da tarefa complexa que é a gestão financeira de uma empresa, por outro lado, se mostra incomodado com a posição que a esposa veio a ocupar. Poderíamos pensar que o comportamento de João responde ao recuo de uma posição preeminente, uma resistência à perda de poder masculino, uma vez que as finanças é uma área onde, tradicionalmente, o homem possui maior permissão para atuar.

É fato que a confirmação da masculinidade decorre, sobretudo, do papel exercido no âmbito público e de sua posição de comando. A auto-estima de um homem ainda está ancorada no sucesso profissional, no acúmulo de dinheiro, no acesso ao prestígio e ao poder. No momento em que Joana passou a ser responsável pela gestão financeira da empresa, ocorreu uma inversão de lugares e poderes no âmbito do trabalho para a qual João não estava preparado. A experiência vivida por João mostra a confusão identitária provocada pela transição de modelos (Papp, 1995).

Ter dinheiro e controle sobre ele, com efeito, ainda significa para João a oportunidade de demarcar um território identitário, de impor seus parâmetros, sua forma particular de atuar e pensar e de impor sua concepção de administração financeira (Araújo & Scalon, 2005; Lipovetsky, 2000; Papp, 1995).

As pré-concepções sexuadas erguem barreiras que impedem construções singulares tanto no que se refere à ascensão das mulheres em direção ao mundo público, quanto ao desprendimento do homem em relação às posições de poder. O que salta aos olhos é a complexa alternância de valores modernos e condutas arcaicas que, à primeira vista, parecem incoerentes. Trata-se da

vivência contrastante de continuidades e descontinuidades nos papéis de gênero. No decorrer da narrativa, Joana ainda menciona o hábito que o marido tem de deixar em suas mãos as ações que envolvem a direção da empresa:

*“Às vezes, eu falo com ele: ‘Ah! Eu acho que você tá me sobrecarregando muito!’ É, mas, desde vinte anos tem sido assim, sabe? Não que ele seja um homem tão acomodado. Nada disso, mas é que parece que ele vê em mim uma pessoa melhor para tudo”. “Eu acho meu marido uma pessoa muito inteligente. Uma pessoa capaz de realizar qualquer situação. Só que ele deixa pra mim. Eu sei que ele é capaz. E isso foi desde quando a gente se conheceu. E isso contribuiu”. (Categoria 01 - EIM).*

Depreende-se daí que a esposa acumula tarefas públicas e privadas, gerando sobrecarga, conflitos e desgastes no relacionamento. Contudo, no imaginário social, a multiplicidade de papéis tende a ser considerada uma especialidade das mulheres, levando a suposição que essas possuem a aptidão para fazer e pensar várias coisas simultaneamente.

Neste contexto, a dificuldade do casal para compartilhar tarefas tende a ser um fator potencializador de estresse. Ademais, a satisfação no casamento de dupla-carreira associa-se à capacidade de ambos os cônjuges lidarem e congregarem as atividades profissionais e familiares (Diniz, 1999).

Com base nisso, merece destaque as falas do casal sobre as vantagens e desvantagens desse estilo de casamento, onde os esposos trabalham juntos e ainda precisam conciliar as demandas da interação casamento e trabalho. Dentre as desvantagens deste estilo de casamento, o casal destacou: desgastes no relacionamento, sobrecarga e estresse, pouco tempo para a vida a dois.

João destaca que os problemas e conflitos no trabalho invadem a vida conjugal. Neste contexto, o casal vivencia brigas constantes que não pertencem à relação conjugal, mas são oriundas de desacordos que se estabelecem no âmbito da sociedade profissional.

*“A desvantagem principal nesse tipo de casamento é que a gente tá muito junto e isso desgasta muito o relacionamento. Por exemplo, você já vive muito problemas juntos, o casal né? Que muitas vezes, dá uma angústia de você ter que ficar superando tantas coisas. Todo dia a gente volta pro quarto e já passa o dia naquele conflito... Aí, o fato de você tá junto ali, de você dividir aquelas dificuldades, você sempre traz pra casa, pro quarto, você não consegue deixar lá. E, às vezes, no trabalho você é obrigado a se comunicar o tempo inteiro. Então, quando sai do trabalho, às vezes dá vontade de parar um pouco a comunicação porque já foi desgastante.”. (H) (Categoria 04 – EC).*

*“A principal desvantagem mesmo é no relacionamento. De uma forma, fica prejudicado por você trabalhar junto... Mas, graças a deus, a gente não tem nenhum outro motivo pra brigar e nem nenhum motivo pra querer separar?”. (H). (Categoria 04 – EC).*

Joana também fala do desgaste que é gerado no casamento em função dos conflitos no trabalho. Ao mesmo tempo, destaca que o trabalho reduz o tempo e a disposição para investir na relação a dois. Suas falas revelam que o trabalho é priorizado em detrimento do relacionamento conjugal:

*“A desvantagens desse tipo de casamento é isso que ele colocou. Realmente, tem vezes que desgasta muito”.* (M). (Categoria 04 – EC).

*“A gente não consegue ter tempo pra dar uma saída juntos. Pra se divertir. Tem um fardo na nossa vida que foi esse acúmulo exagerado de tarefas. Antes da gente montar a outra loja, a gente tinha uma vida normal também, mas a gente sempre divergiu muito nisso também”.* (M). (Categoria 03 – EC).

A narrativa de João reafirma a questão: *“... casamento é um peso muito grande pra mim e pra ela também, porque é muita coisa pra conciliar. Então, tá faltando tempo pro casamento”.* (Categoria 02 - EIH)

Diniz (1999) encontrou resultados similares em pesquisa realizada no Distrito Federal com 27 casais de duplo-trabalho. Já em relação às vantagens desse estilo de casamento, as falas do casal fizeram menção à questão da confiança entre o casal e do controle sobre a vida do parceiro:

*“O que é importante também é que, por mais que as pessoas num casamento possam se dar bem, confia um no outro, mas uma coisa muito importante é que um tá vendo o que o outro faz”.* (H) (Categoria 04 – EC)

*“Quando o casal, eles estão os dois juntos, no mesmo universo, no mesmo trabalho, na mesma casa, na mesma faculdade, você tem o controle das coisas. Então, gera uma segurança maior pro casal. Isso é uma vantagem. E como ele falou, é mais econômico e a gente tem uma segurança. É um casal mais seguro das coisas”.* (M) (Categoria 04 – EC)

Devemos considerar que esse casal de dupla-carreira tem uma característica especial pelo fato de serem sócios e trabalharem juntos. Sendo assim, as vantagens que são apontadas pelo casal pertence a esse universo distinto dentro do qual o casal está inserido.

Digno de nota é forma utilizada pelo casal para lidar com a interação casamento e trabalho. Joana descreve que diante do acúmulo de tarefas e da multiplicidade de papéis exercidos pelos cônjuges, num primeiro momento, eles não estabeleceram nenhuma estratégia para conciliar casamento, família e trabalho:

*“É isso que ele falou. Não há uma estratégia assim, nem pra empresa e nem pra casa, nem pros filhos. Nós não traçamos. Nós tínhamos um objetivo:*

*vamos fazer o curso e vamos até o fim. E acabou que foram os dois. Nesse meio tempo, a gente não viu mais a casa, os filhos e a loja”. (M). (Categoria 03 - EIM).*

No decorrer do tempo, o casal percebeu a necessidade de estabelecer alguma estratégia para conciliar as inúmeras demandas as quais estão sujeitos e o estresse advindo deste contexto, sob pena de experimentarem problemas significativos no relacionamento conjugal. João revela, então, que para evitar conflitos entre o casal em períodos de muito estresse, a estratégia utilizada diz respeito ao distanciamento entre os cônjuges:

*“Isso influenciou muito o casamento devido ao stress por causa do trabalho. Quando a gente fica um pouco estressado, a gente diminuiu o relacionamento, diminuiu a convivência e se afasta, até pra evitar problemas. Então, não há um diálogo, porque sempre há uma discordância”. (H) (Categoria 03 – EC).*

Fica claro, então, que é o relacionamento conjugal que paga o ônus pela sobrecarga e falta de tempo decorrentes do envolvimento de ambos os cônjuges com o trabalho (Diniz, 1999). Ao mesmo tempo, os relatos de Joana ganham destaque, quando o assunto é a interação entre casa, família e trabalho. Joana descreve que a dimensão profissional sempre foi muito valorizada em sua vida se sobrepondo, inclusive, aos cuidados com os filhos e com a casa:

*“Eu sei que quando eu to em casa, eu tô com a menina e que é uma coisa que eu gosto muito. Só que eu, na verdade, eu to fazendo ali, mas tô com a cabeça em outro lugar. Tô com a cabeça no trabalho. A casa é uma complementaçõzinha...”. “Eu consigo Conciliar. Eu em casa consigo direitinho, arrumo tudo. Mas o meu papel mesmo, o que eu gosto é o do meu trabalho”. (Categoria 03 - EIM).*

De fato, Joana identifica-se com o seu papel profissional, revelando uma implicação mais profunda, uma exigência individual e identitária, uma forma de se ver no mundo. Na fala de Joana, chama atenção à energia dedicada à vida profissional. Há uma escolha consciente pelo trabalho, e não há nada em suas falas que sugere uma imposição ou falta de opção:

*“Eu faço a parte empresarial, controlo os funcionários, administro bem. A parte da mulher empresaria, é mais fácil pra mim. Eu acho melhor, eu faço melhor este papel. Eu me sinto melhor do que em casa”. “Eu gosto muito de trabalhar. Por isso que eu falo muito: ‘Eu não fui educada pra ser mãe, eu fui mais educada pra ser executiva... Ou uma empresária’. Por que eu me dedico o dia todo fora de casa... Eu não sou muito caseira, não sou muito mãe! Eu faço essa parte, mais é difícil pra mim”. (Categoria 03 - EIM).*

*“... sempre que eu vejo que faço alguma coisa nova, que deu resultado, eu me sinto melhor. Eu sinto que eu tô sendo produtiva. Eu me realizo. Se eu não tivesse meu trabalho, acho que eu seria muito frustrada. Se fosse para ser dona-de-casa, não dava pra mim!”.* (Categoria 03 - EIM).

Enfim, podemos observar que o trabalho engendrou a possibilidade de novos desafios e projetos voltados para a autonomia e para a conquista de novos papéis. O trabalho possibilitou a Joana à conquista do eu que se manifesta pela vontade de ser reconhecida como protagonista de sua própria história. Depreende-se daí, a consolidação de uma auto-imagem positiva ancorada na identidade profissional.

### **6) Exercícios dos papéis de gênero**

As perguntas “O que é ser homem?” e “O que é ser mulher?” suscitam respostas interessantes por parte de cada cônjuge. Para Joana, o ser mulher abarca primordialmente a dimensão profissional. Sua fala implica na construção da imagem de um feminino superlativo que se manifesta através de uma auto-imagem extremamente positiva, a partir do momento em que há um domínio competente de dois universos distintos: a casa e o trabalho.

*“É eu acho que é isso. Pra mim ser mulher é isso que eu tô fazendo. Tem que ser mesmo no ramo profissional. Tem que ser decidida. É, assim, autêntica. E em casa, tem que ser uma dona de casa presente. Uma dona de casa que sabe conduzir a casa. Administrar.”* (Categoria 03 - EIM).

Ao mesmo tempo em que o discurso de Joana evidencia a transformação de valores e padrões patriarcais prescritos social e culturalmente para mulheres, também aparecem alguns elementos de permanência em seu discurso. Quando solicitada a falar sobre o que considera mais importante na vida de uma mulher, Joana deixa claro que a valorização do mundo do trabalho coexiste com a permanência ou a conciliação das funções tradicionais atribuídas à mulher.

*“O mais importante pra uma mulher? Ah! Eu acho que é ser mãe. É um bom casamento. Ter filhos, desempenhar uma profissão. Essas coisas que na vida da mulher acontecem”.* (Categoria 03 - EIM).

Sob outro ângulo, a pergunta “O que é ser homem?” conduz o marido à re-afirmar o lugar de poder atribuído ao homem no processo de socialização dos gêneros. A fala de João nos remete

às crenças socialmente adquiridas de que os homens são superiores, sua existência difere de todas as outras, já que, não tem nenhuma medida acima dele:

*“... olha o homem, eu acho que ainda... O mundo tá sofrendo uma transformação muito grande com relação a isso, com a relação entre homem e mulher. Quem que tem mais força? Quem que tem mais poder? Então, o homem na nossa sociedade, eu acho que ainda, ainda tá, como é que eu te explico? Ainda ta, assim, dirigindo mais o mundo”. (Categoria 05 - EIH).*

Já a pergunta “O que é ser mulher?”, leva João a romper com crenças socialmente adquiridas sobre a experiência de ser mulher. O depoimento deste homem alude a um feminino “expandido” que se concretiza na imagem de uma “Super-Mulher”:

*“Eu acho que hoje, ser mulher, tem que ser uma Super-mulher”. “Ela tem que ser super-mulher. Tem que ter muita cultura. Tem que saber trabalhar e trabalhar bem. Tem que ser tudo hoje e ainda tem que ser amável com o marido. Eu acho muito pesado pra mulher, muito difícil”. (Categoria 05 - EIH).*

Se num primeiro momento, as falas de João acenam para elementos de descontinuidade em relação ao estereótipo feminino, mas, não tardou para que surgisse também em seu discurso a permanência de valores patriarcais que restringem a experiência do ser mulher à vivência dos papéis tradicionais femininos:

*“A mulher tem que ser muito forte até pra ter um companheiro do lado dela”. (Categoria 05 - EIH).*

Enfim, nas falas de cada cônjuge encontramos elementos de permanência e transformação em relação aos estereótipos sociais do ser homem e do ser mulher, cunhados no processo de socialização.

#### Casal 4: Carlos e Carla

O casal 04 é composto por uma psicóloga clínica e um administrador de empresas que trabalha em uma instituição privada. Ambos são proprietários de uma clínica de psicologia. Carla tem 41 anos e Carlos tem 42 anos. Eles estão casados há 25 anos e possuem três filhos. A filha mais velha tem 24 anos, é casada, tem um filho de 09 meses e mora com o marido em outra residência. A filha do meio tem 21 anos, é formada em fisioterapia e o filho mais novo tem 14 anos. Ambos moram com os pais.

Quanto aos estágios do ciclo de vida familiar e conjugal, o casal se situa entre os processos de transição que envolve simultaneamente a adolescência do filho e a adultez das filhas. Porém, cumpre lembrar que os estágios do ciclo de vida são avaliações arbitrárias, ou seja, de modo algum se constituem como um processo linear. As fases de transição do ciclo vital é que incidem na dimensão linear do tempo. Assim, os cônjuges vivenciam o impacto modelador da vida de uma mistura de gerações (Carter & McGoldrick, 1995).

Na fase atual, esse casal de meia-idade vivencia tanto o processo de independência dos filhos, quanto o processo de saídas e entradas no sistema familiar. Por certo, essas transformações ameaçam os elos anteriores. Como pais de um filho adolescente, o casal tem como tarefa primordial flexibilizar as fronteiras familiares para incluir a independência do filho. Ao mesmo tempo, será necessário modificar a relação com o filho adolescente no sentido de possibilitar sua movimentação para dentro e para fora do sistema familiar. Os relatos dos cônjuges aludem à necessidade de continuar exercendo as responsabilidades parentais:

*“Às vezes, acho que eu pego pesado! Eu trabalho demais. Sei que os meninos precisam mais de mim, principalmente o Daniel...”*. (Categoria 01 – EIH).

De modo similar, Carla revela que o processo de desenvolvimento dos filhos lhe possibilitou um maior afastamento em relação aos cuidados maternos, porém evidencia que o filho adolescente ainda demanda sua atenção:

*“Hoje, que eles estão mais velhos, eu acabei ficando mais distante deles por causa do trabalho. Mas, eu ainda tenho um adolescente em casa e ele precisa mais da minha atenção”*. (M) (Categoria 03 – EC).

Embora o filho adolescente ainda exija atenção constante, é interessante notar que as falas de ambos os cônjuges mencionam um maior investimento na vida profissional. Podemos supor

que o novo foco na questão profissional no meio da vida foi facilitado pela entrada do filho mais novo na adolescência.

Agora, como um casal de meia-idade com duas filhas adultas, será necessário aceitar a saída e a entrada de membros no sistema familiar. A presença de uma filha adulta no lar demandou que o casal estabelecesse com ela um relacionamento entre adultos. Ao mesmo tempo em que, a saída da filha mais velha, bem como seu casamento e a maternidade exigiu do casal o realinhamento das relações familiares para incluir a entrada do genro e do neto. O impacto dessa transformação no sistema familiar ressoou no plano individual e conjugal. Como podemos constatar nas falas de Carla:

*“... eu to achando o máximo. Estou me sentindo com 25 e malhando com a minha filha, né? A gente vai pra academia e parecemos irmãs. A irmã mais velha e a mais nova são as melhores amigas!... Então, tá sendo muito bom. Isso tem me auxiliado bastante a vencer as dificuldades do dia a dia”.* (Categoria 02 – EIM).

Outra questão que merece destaque diz respeito às transformações que estão acontecendo na vida conjugal. A maturidade, o afastamento das filhas adultas e a adolescência do filho mais novo têm determinado um re-investimento na vida a dois:

*“... a gente tem o momento de estar com os nossos filhos e tem o momento a dois...”.* (Categoria 04 – EIM).

*“... E o final de semana é só nosso. A gente tem o espaço da nossa saída, sem filhos e sem amigos”.* (H) (Categoria 04 – EC).

*“... a gente tem o nosso momento... a gente viaja, vai pra uma pousada, um hotelzinho... Enfim, vai pra vários lugares ou, então, fica em casa curtindo. Os meninos saem e a gente fica, né?”.* (Categoria 04 – EIM).

Com base num modelo co-evolutivo do ciclo vital, foi possível compreender as transformações pelas quais os cônjuges estão passando no sentido de ir ao encontro das necessidades de reorganização do sistema conjugal. Com base nisso, passaremos agora para a análise das entrevistas desse casal, de acordo com as categorias de análises previamente definidas.

## 1) Relacionamento conjugal

No casal 04, encontramos uma trajetória conjugal marcada por fatores significativos quanto à questão do ajustamento conjugal. Vale dizer que o casamento ocorreu mediante uma gravidez

não planejada e no período em que os cônjuges ainda eram menores de idade. Esses fatores parecem ter contribuído para dificuldades de ajustamento entre o casal.

É fato que a transição da adolescência para a idade adulta requer como tarefa primordial alcançar a independência em relação à família de origem, libertar-se da tutela dos pais e manejar de forma autônoma sua vida em geral. Considerando a complexidade dessas tarefas, muitos jovens atravessam o processo desenvolvimental da independência através do casamento prematuro e assumem a responsabilidade por uma nova família (McGoldrick, 1995).

Esse tipo de situação parece ter feito parte da história desse casal. As falas dos cônjuges mencionam o casamento precoce e uma gravidez no final da adolescência. O marido revela que, aos 17 anos de idade, seu conceito de casamento era impreciso e vago. A concretização do casamento ocorreu como um processo natural e inevitável diante dos seus sentimentos por Carla e da gravidez inesperada, evidenciando um dilema e não uma escolha. No discurso de Carla também aparece referências à questão do casamento prematuro, porém, ela assinala o saldo positivo desse compromisso e não demonstra arrependimentos:

*“Eu não tinha a menor idéia do que era o casamento. Eu gostava da Carla e tinha a Raquel que estava pra nascer...”*. (H). (Categoria 01 - EC).

*“... me casei muito jovem e tive filho com 16 anos pra 17. Mas, não me arrependo. A gente construiu uma família maravilhosa”*. (M) (Categoria 01 - EC).

Em relação à percepção sobre o casamento, ambos os cônjuges apresentam discursos congruentes. Carlos assinala que o trajeto do casamento se constituiu como uma construção difícil que exigiu empenho do casal, mas que resultou em uma relação sólida baseada no apoio mútuo. Na percepção de Carla, o casamento favoreceu a construção de uma relação baseada na amizade e na cumplicidade:

*“Eu acho que a gente construiu muita coisa junto. O casamento tem um lado de muitas dificuldades, muita superação. Mas, tem também o lado do apoio e da estrutura”*. (H) (Categoria 01 - EC).

*“Então, a gente sempre se somou muito. A gente uniu muito as forças para estruturar nossa vida juntos”*. (M) (Categoria 01 - EC).

Portanto, ao longo dos anos, o casal foi capaz de construir um mundo em comum. Para tanto, as premissas de base que cada parceiro trouxe para a relação conjugal foram sendo modeladas, reforçadas ou transformadas reciprocamente no decorrer do tempo por meio de experiências compartilhadas. Em relação a essa questão, Carla menciona a relação conjugal dos pais

como uma de suas premissas de base capaz de influenciar seu modo de conceber e sua conduta como esposa:

*“Meu pai e minha mãe sempre fizeram as coisas muito juntos também. Eu aprendi muito com eles. Sempre quis ter um relacionamento como o deles, de muita cumplicidade. Foi assim que eu tentei levar nosso casamento”. (M) (Categoria 01- EC).*

De fato, nenhum casal inicia sua relação do nada. Cada pessoa possui um sistema de crenças e de expectativas em relação ao casamento que se estrutura a partir da experiência na família de origem e de outras experiências de casal, imerso na cultura de uma determinada sociedade. Referem-se a paradigmas de casamento que se constituem de valores, crenças e sistemas de idéias que as pessoas trazem para a relação (Walsh, 2002; Willi, 1995).

Outra questão que merece destaque na dinâmica conjugal refere-se ao complexo diálogo entre individualidade e conjugalidade. A necessidade do marido de preservar os espaços individuais se constituiu como um dilema para esse casal. Carlos reivindica fortemente a sua individualidade e deseja manter a vida de casado sem se desvencilhar da liberdade inerente à vida de solteiro. Na verdade, ele busca um estilo de vida mais conectado com a liberdade individual e menos comprometido com as demandas conjugais:

*“Cada um tem que ter seu espaço, cada um tem que ter o seu momento, cada um tem que ter as partes da vida em particular, os encontros dos homens e os encontros das mulheres”. (H) (Categoria 01 - EC).*

*“Eu falo lá em casa: vou e pronto. Cada um tem o seu direito. Eu quero viver minha vida também. É um direito que tenho. Eu quero sair com meus amigos, ter mais independência, viver minha vida particular, individual”. (H) (Categoria 04 - EC).*

Por sua vez, o comportamento do marido colidiu com a concepção que Carla tem de casamento. Para Carla, a necessidade do marido de sair constantemente com os amigos e ter uma vida mais individual sempre gerou insegurança. Portanto, a conduta do marido sempre motivou discórdias e conflitos entre o casal.

*“Eu sempre achei que um casal tem uma vida de casal. Pra mim, ele queria ter vida de solteiro. Ele não assumia a responsabilidade de estar casado”. (M) (Categoria 04 - EC).*

*“... ele sempre quis um momento pra ele. Pra fazer as coisas deles. Sair, beber com os amigos e sei lá mais o que”. (M) (Categoria 04 - EC).*

Carlos mantém-se resistente às reivindicações da esposa. Na sua percepção, ela deveria compreender e aceitar o seu modo de ser para que ele não fosse obrigado a mentir ou a mudar o seu modo de funcionar na relação:

*“... sempre achei que ela tinha que entender minhas necessidades. Eu não queria mentir pra ela ou deixar de ser como sou. Então, tinha que ter uma conciliação”. (H) (Categoria 04 - EC).*

De modo similar, no discurso de Carla surgem referências à necessidade de aceitar a conduta do marido. Ela revela que passou por uma fase de questionamento e reformulações na própria postura com relação aos passeios individuais do marido. Com o decorrer do tempo, Carla percebeu que não seria capaz de mudar o comportamento de Carlos e foi em busca de viver sua individualidade. No momento atual, Carla se mostra mais condescendente em relação à necessidade do marido em preservar seu espaço individual:

*“Eu resolvi ter minha vida também. Se ele precisa desse espaço, eu vi que não posso fazer nada pra impedir, só aceitar”. “Hoje, sou bem mais tranqüila em relação a isso. Percebi que eu não ia conseguir que ele mudasse”. (M) (Categoria 04 - EC).*

*“Ele tem o momento dele, individual... E que pra mim aceitar, ah! Hoje, tudo bem. Passou. Não adiantava. O que eu vou fazer? Vou deixá-lo dentro de casa comigo, olhando pra minha cara. Às vezes, eu to fazendo uma coisa e ele fazendo outra, só pra gente ta dentro do mesmo ambiente mais não ta feliz. Então, ele tem os passeios dele, sai, faz as viagens dele...”. (Categoria 04 - EIM).*

Digno de nota é o fato de que a vivência da individualidade parece não ter comprometido, prejudicado ou minimizado o valor que os cônjuges dão a vida conjugal. A fala de Carlos demonstra que a sua conduta auto-centrada e a necessidade de vivenciar de forma plena a sua individualidade não significa que ele não valoriza a vida a dois. Por outro lado, no discurso de Carla está explícito a preocupação do casal em desenvolver estratégias no sentido de preservar a vida conjugal, conciliando o tempo do casal e o tempo de estar com os filhos:

*“Ela achava que porque eu gosto de sair com meus amigos, quer dizer que não ligo pra ela. Mas, eu primo por nossa vida a dois. Mas não quero abrir mão da saída com os amigos. Eu adoro os nossos momentos, mas também gosto do meu espaço individual”. (H) (Categoria 04 – EC).*

*“... a gente tem o momento de estar com os nossos filhos e tem o momento a dois”. “... ele chega em casa, a gente lancha, janta, conversa e tal... Depois tem o momento que a gente vai conversar. Ai a gente fecha a porta do quarto, conversa. Enfim, coloca a vida em dia”. “No final de semana, a gente tem espaço da nossa saída”. (Categoria 04 - EIM).*

Na história desse casal, parece que a riqueza do contínuo vaivém entre o espaço interativo e o espaço individual como área de imbricação, permitiu a flexibilização dos espaços individuais e a preservação do espaço conjugal. Como bem nos lembra Féres-Carneiro (1998) é no paradoxo individualidade/conjugalidade que reside todo o fascínio e toda a dificuldade de ser um casal.

## 2) Práticas domésticas e a divisão entre o casal

A administração da casa e a divisão das tarefas domésticas acontecem de uma forma muito peculiar nesse casal. Os relatos destacam a descontinuidade em relação aos domínios prescritos para homens e mulheres. Porém, observamos que a responsabilidade maior pela logística da casa pertence ao marido:

*“... têm papéis, por exemplo: o meu marido é muito mais organizado do que eu. Então, na empregada quem dá ordem é ele. E, até porque é ele que encontra com ela. Então, de manhã cedo ele já fala assim: ‘Faz isso, isso isso, pro almoço’”. (Categoria 06 - EIM).*

*“Então em casa, a organização das coisas eu deixo por conta dele”. (Categoria 06 - EIM). “... Até em casa, eu tenho necessidade de fazer alguma coisa. Me preocupo com a condução da casa, a forma de organizar tudo”. (Categoria 02 - EIH).*

Por certo, esse casal apresenta um padrão bastante diferenciado em relação à divisão sexual do trabalho doméstico. Contudo, convém ressaltar que as alterações na forma de administrar a casa e as tarefas domésticas não responde exclusivamente a modernização dos papéis tradicionais do homem e da mulher no casamento.

Durante um bom tempo do casamento, Carla foi a responsável direta pela organização da casa e pela rotina doméstica. No entanto, o marido sempre foi muito crítico quando aos resultados desses cuidados, pois julgava que a casa nunca estava suficientemente limpa ou organizada de acordo com os seus padrões de exigência:

*“Antigamente, quando eu não trabalhava, eu estava sempre limpando a casa. Mas, ele é muito obsessivo com limpeza. Então, eu chegava em casa, na porta de casa tinha feitiçadeiras... Lembra daquelas feitiçadeiras?... Aí, ele olhava se tudo estava limpo. E se não estava bom para ele, eu ainda tinha que passar pano. Pô, eu limpei tudo, ele ainda chegava e ainda encontrava alguma coisa... Ah! eu ficava louca... Então, até eu entender: ‘pera aí, é o jeito dele, ele gosta’. Então, eu vou limpar e faço a minha parte, se ele quiser além, ele que faça! Então, em casa, a organização das coisas eu deixo por conta dele”. (Categoria 06 - EIM).*

É interessante notar que o fato do marido nunca estar satisfeito com a limpeza e a organização da casa repercutiu na transformação dos papéis genericados do homem e da mulher no espaço doméstico. As falas de Carla revelam que a postura do marido a conduziu para um processo de desconstrução do papel prescrito para mulher em relação à casa. Assim, Carla se desvencilha do mandato social que impõe às mulheres o cuidado do lar como uma obrigação prioritária:

*“... outra coisa que de repente pelo aspecto social seria da mulher, assim, organizar, fazer, não sei o que, eu sinto que não é um papel meu”. (Categoria 06 - EIM).*

Embora os cuidados com o lar seja uma das tarefas mais enraizadas na formação da identidade feminina, Carla renunciou ao papel de mulher do lar. Essas transformações não abalaram sua identidade de mulher, pois ela já não se reconhecia mais nesse papel. Digno de nota é que esse momento de reflexão e transformação do papel feminin, vivenciado por Carla, corresponde ao momento do seu ingresso no mercado de trabalho. A sua inscrição identitária parece ter sido deslocada para o trabalho.

### **3) Os cuidados com os filhos**

Os relatos envolvem a divisão de responsabilidades entre o casal em relação aos cuidados com os filhos. O marido revela-se comprometido com a educação dos filhos:

*“Desde pequenos, tentamos educar juntos. É colocar limites.”. (H). (Categoria 03 - EC).*

A conduta do marido revela o seu envolvimento em torno da chamada “paternidade responsável”, um movimento recente que alude a cobrança da sociedade em relação a um investimento maior por parte dos homens na vida dos filhos. Por outro lado, Carlos revela que sua vida profissional compete com o exercício pleno da paternidade, mantendo-o longe da família por longos períodos. Ao mesmo tempo, ele tem a percepção de que precisa ser mais participativo na vida familiar:

*“O lado profissional sempre foi muito importante para mim. Até pelo sustento da família. Então, eu não abro mão do trabalho. Às vezes não sobra tempo para ajudar a Carla com os meninos”. (H) (Categoria 03 - EC).*

Como podemos notar a necessidade de Carlos em participar mais da vida familiar parece não indicar uma motivação pessoal e nem o entendimento de que os filhos também são de sua responsabilidade. A auto-cobrança para estar mais presente na vida dos filhos responde a percepção de que a esposa precisa de “ajuda” para não ficar sobrecarregada:

*“... eu tento ajudar. Os filhos não são só dela. Eu até que levo ou busco em algum lugar”. (H) (Categoria 03 - EC).*

O verbo *ajudar* que emerge em suas falas expressa a sua disposição em oferecer *amparo, auxílio, socorro* à esposa com relação às tarefas que são verdadeiramente uma incumbência dela. Assim, o exercício da paternidade por parte de Carlos aparece em seu discurso vinculada ao apoio oferecido à esposa.

Convém ressaltar que apoio ou suporte é a expressão dos recursos oferecidos, tais como aspectos intelectuais, técnicos, financeiros, sociais que são relevantes para a execução de demandas referente a uma pessoa. Neste caso, podemos supor que apesar de no seu discurso os filhos não serem mencionados como pertencentes exclusivamente ao universo materno, o que fica evidente é que, para Carlos, os filhos correspondem a uma demanda da mãe. As falas de Carla vêm confirmar essa suposição:

*“Eu sempre disponibilizei mais tempo para os meninos”. (M) (Categoria 03 - EC).*

*“... porque o Carlos viaja muito também e não tem muito horário fixo. Então, desde pequenos, eu sempre cuidei mais da parte das crianças...”. (M) (Categoria 03- EC).*

*“... aquela coisa de ir lá, de ir buscar, de reunião na escola... isso, eu sempre fiz. Na escola, deu um problema, eu que sempre resolvi”. (M) (Categoria 01- EC).*

*“O Carlos participa. Mas, até hoje, quem acaba fazendo mais sou eu”. (M). (Categoria 03 - EC).*

Embora Carlos manifeste a importância de participar mais da vida dos filhos, nas falas do casal não encontramos uma participação mais ativa por parte do marido na lida com os filhos. No campo das práticas, o que acontece são pequenas ações concretas no sentido de diminuir a sobrecarga da esposa. A sua atuação paterna não engloba as funções de apoio operacionais que são as principais responsáveis pela sobrecarga feminina.

Enquanto a atividade profissional do marido restringe o tempo e o espaço para a conjugação do papel paterno, a atividade profissional de Carla não a exime de se dedicar expressivamente

aos filhos. Embora o trabalho também lhe roube o tempo, a esposa assume a maior parte das atividades necessárias à criação dos filhos:

*“... apesar de trabalhar o dia inteiro e tal, longe de casa, longe dos filhos... Eu me esforço pra cumprir com todas as obrigações que eu tenho”. (M) (Categoria 01 - EIM).*

Digno de nota é a menção da palavra “*obrigações*” que surge quando o relato envolve o âmbito da criação dos filhos. De fato, a literatura recente tem enfatizado que, mesmo com um maior envolvimento masculino em relação aos filhos, o cuidado ainda é uma atribuição imputada à mulher e por ela introjetada. O estudo de Araújo e Scalon (2005) ratifica a permanência de uma forte associação entre afeto materno e cuidado direto que, segundo as autoras, se concretiza na idéia de que ser boa mãe significa cuidar dos filhos. As falas de Carla elucidam a dimensão central do desvelo aos filhos em sua vida:

*“Eu fui mãe muito jovem, com 17 anos. E nunca deixei a peteca cair... mesmo na maternidade, mesmo sendo uma adolescente, né? Mas, eu assumi a responsabilidade e sempre fiz tudo pra os meus filhos, né? Tudo, né? Muito amor, muita dedicação mesmo”. (Categoria 01 - EIM).*

É interessante notar que Carla insere seus filhos no currículo, pois os considera tão significativos à sua história a ponto de determinar sua auto-imagem. A fala expõe a centralidade dos filhos em sua vida que são responsáveis por delimitar o “contexto”, ou seja, demarcam sua identidade pessoal e social, construída através da relação de cuidado com o outro;

*“... eu me sinto uma mulher feliz, muito abençoada, vencedora sabia? Por ter construído uma família. Graças a Deus, uma família maravilhosa! Show de bola, né? Com meninas muito responsáveis e o menino também muito responsável. Todos são carinhosos, alegres, e nunca me deram grandes trabalhos, né? Sempre foram muito guerreiros”. (M) (Categoria 03 - EC).*

A admiração que sente pelos filhos e o sentimento de realização que destes advém é uma experiência que Carla compartilha como o marido. Carlos também ressalta a satisfação e o orgulho que sente pelos filhos, porém sua fala alude também às responsabilidades inerentes à existência dos filhos:

*“Os filhos foram introduzindo novas responsabilidades... Mas, hoje, vejo que são maravilhosos educados e responsáveis”. (H) (Categoria 03 - EC).*

Embora ambos os esposos mencionem em suas falas as responsabilidades que os filhos acarretam, podemos supor que para Carla a questão da responsabilidade é algo natural e inerente ao seu papel de mulher e de mãe. Portanto, para Carlos, a questão da responsabilidade em relação aos filhos está atrelada a sentimentos de desconforto e de inadequação em relação ao seu papel de homem e de pai.

#### 4) O dinheiro e as práticas decisórias

A compreensão dos arranjos financeiros no âmbito do casamento é de extrema importância, uma vez que explicita uma medida de autoridade/poder na relação. Neste casal, encontramos uma dinâmica que situa a dimensão econômica num patamar relevante capaz de determinar o grau de autonomia na relação.

Quando solicitados a falar sobre a forma como administram os recursos financeiros, o casal explicitou uma dinâmica que reflete uma prática mais igualitária do que a administração masculina. Carla relata que o casal empreende a gestão conjunta dos recursos financeiros:

*“Ah! O homem é a cabeça. Ele que tem que trazer o sustento, ele tem que fazer e acontecer e tal... pelo menos dentro da nossa relação nunca foi assim. Tudo que entra ou através do meu trabalho, ou através do trabalho dele, é nosso e da nossa família, né? A aquisição é nossa”. (Categoria 06 - EIM).*

Sob outro ângulo, o estilo de vida casal exige que lidem também com a gestão dos recursos financeiros e a tomada de decisões proveniente da sociedade profissional. Neste contexto, o que se observa é a permanência de padrões tradicionais fortemente engendrados por valores de gênero na forma de administrar as finanças. No âmbito da sociedade profissional, ganha destaque o controle do dinheiro por parte do marido:

*“... na parte empresarial que é mais complicado. Ele também é o meu sócio, né? E ele tem a tarefa árdua de ser o financeiro... Às vezes, a gente tem algumas dificuldades em função disso, em função do financeiro, né?” (Categoria 05 - EIM).*

Vale dizer que o casal montou uma clínica de psicologia onde a esposa sempre exerceu sua profissão. O marido administrava a clínica até o momento em que foi trabalhar em outra empresa. Durante esse período, Carla conquistou autonomia e sua independência financeira, administrando a empresa de forma ampla. Porém, mudanças na vida profissional do marido alteram a situação já estabelecida:

*“Depois que a gente montou a clínica teve uns momentos que a gente viveu! Contando, é difícil. Depois, ele saiu e foi trabalhar em outra empresa. Depois que ele saiu dessa empresa, ficou meio triste, chateado e tal, é aí, a fonte de renda era praticamente da clínica. Apesar da clínica ser nova, era praticamente o meu trabalho. Então, pra não deixar ele numa situação inferior, eu repassava tudo pra ele. Então, eu me tornava depende dele, mesmo sendo independente”. (Categoria 05 - EIM).*

Como podemos observar, Carla abdicou de sua independência financeira a fim de apoiar seu marido. Mesmo sendo responsável técnica pela clínica, Carla sub-enfatizou o valor dado a sua carreira, no momento em que a tônica sobre o ganho material foi maximizado e associado ao trabalho do marido. A estratégia usada por Carla parece responder a sua necessidade de garantir valor maior dos proventos do marido.

Convém ressaltar que a identidade feminina se constrói principalmente em termos da capacidade de prover cuidado e de se preocupar com o outro, numa ética de dependência e responsabilidade, profundamente arraigada em valores de gênero. Encarcerada em sua identidade de gênero, Carla se exonera da realização de uma individualidade tão difícil de ser construída e retrocede a posição de dependente:

*“Eu já fui completamente independente quando eu trabalhava em empresa pública e tal. Eu era completamente independente: eu isso, eu aquilo. Depois que a gente montou a clínica, eu acabei ficando mais dependente”. “A dependência é trágica!”. (Categoria 05 - EIM).*

Parece que Carla se ancorou na convicção sociocultural da “naturalidade” da dependência feminina, aceitando o modelo de mulher conciliadora e submissa. Por outro lado, Carlos percebe que o controle das finanças é uma atribuição que pertence exclusivamente a ele:

*“Quando as despesas da clínica aumentam muito, isso vai se refletir no orçamento da família. Porque tudo é muito estudado para que a gente tenha lucro. Ela sempre acha que a gente tem que discutir o que vai fazer juntos. Só que sou eu que controlo as finanças. Então, cabe a mim decidir o que deve ser feito ou não”. (Categoria 03 - EIH).*

É fato que na cultura ocidental, o dinheiro aparece claramente sexuado. Para os homens o dinheiro está associado à potência sexual e virilidade. De tal forma que, a auto-estima de um homem está aprisionada na imagem onipotente sustentada no acúmulo de dinheiro. Para as mulheres, o dinheiro está associado a uma transgressão, pois a ideologia patriarcal prescreveu

que direitos e privilégios econômicos e poder político pertencem aos homens e às mulheres cabe a posição de dependência. Portanto, a experiência de posse e administração do dinheiro por parte das mulheres pode ser vivida de forma conflitante, gerando ansiedade em virtude de uma liberdade sentida como transgressão.

No modelo de casamento de dupla-carreira, as dimensões de poder que permeiam as relações de gênero são menos marcadas pelo exercício da autoridade masculina; porém, em contraposição, outras formas sutis de exercício do poder se manifestam, sejam elas simbólicas ou materiais. Desse modo, Carlos explicita sua posição de poder reivindicando o controle absoluto dos proventos da sociedade profissional a ponto de impedir que Carla delibere sobre o uso dos recursos provenientes de seu trabalho. Essas verbalizações ilustram a conduta dominante do marido:

*“Isso me cansa muito. Ela sempre discorda da forma como eu estou conduzindo as finanças. Quer dizer, ela sempre quer me convencer que tem algo muito importante para fazer. Só que isso vai gerar um custo maior para a clínica. E eu não posso fazer o meu papel”.* (Categoria 03 - EIH)

*“Acho que a Carla não aceita muito bem que eu tenha autoridade sobre ela lá na clínica, sendo marido dela. Tenho certeza que se fosse um contador ou outro administrador ela não ia discutir tudo e nem bater o pé”.* (Categoria 03 - EIH).

Fica claro, então, que nos casamentos de dupla-carreira, o fato das mulheres terem seus próprios salários não representa necessariamente uma mudança revolucionária nas relações de autoridade entre homens e mulheres (Hertz, 1986).

### **5) A conciliação entre casamento e trabalho**

Conciliar trabalho, vida pessoal, conjugal e familiar é uma tarefa árdua e intrincada para esse casal. Como sócios e esposos, enfrentam múltiplas demandas entre o ambiente de trabalho e a vida familiar que, por vezes, são incompatíveis. Nestes sentidos, ambos os esposos percebem que o casamento é marcado pelo peso da sociedade profissional e, de forma especial, nos relatos do marido, a condução da sociedade profissional constitui o aspecto de maior conflito entre o casal:

*“É porque é marido também. Sócio e marido. Tudo ao mesmo tempo é muito complicado”.* (M) (Categoria 02 - EC).

*“... eu acho que, na verdade, sempre um quer cobrar mais um do outro e o conflito vira algo pessoal. Quer dizer, entre o casal”.* (H) (Categoria 02 - EC).

*“O trabalho é que provoca mais problemas com a gente”. (H) (Categoria 02 - EC). “... eu acho mesmo que é mais pela clínica. O trabalho é que provoca as discussões em casa”. (Categoria 03 - EIH).*

De fato, a relação entre casamento e trabalho é complexa. As falas de Carlos mencionam constantemente efeitos que o trabalho tem sobre o casamento. Na sua percepção, o trabalho invade a vida conjugal, gerando conflitos e desentendimentos:

*“Por que quando eu tenho algum problema no meu trabalho, eu não gosto de ficar falando. Ela não. Ela às vezes me liga pra contar o que acabou de acontecer lá. E eu não. Eu fico quieto, eu penso, eu analiso... exatamente para não ter discussão”. (Categoria 03 - EIH).*

*“Desse jeito, os problemas do trabalho vão sempre parar lá no quarto, entre quatro paredes”. (Categoria 03 - EIH).*

*“Ainda ontem nós estávamos discutindo isso. Foi difícil, muito difícil chegar até aqui, porque, às vezes, o trabalho passa a ser o nosso assunto de casal. No nosso quarto, na nossa cama...”. (H) (Categoria 02 - EC).*

A forma como o casal lida com as relações existentes entre o casamento e o trabalho obedece ao modelo de contaminação ou transbordamento (spill-over). Este modelo envolve a transferência de humores, atitudes e comportamento de um domínio da vida para o outro. Trata-se de um processo bilateral, ou seja, refere-se aos efeitos que o trabalho tem sobre casamento ou o casamento tem sobre o trabalho (Roehling & Moen, 2003; Diniz, 1993). Se num primeiro momento, o discurso de Carlos refere-se ao transbordamento negativo, ou seja, o trabalho influencia de forma negativa a vida do casal, não tardou a emergir em suas falas o processo inverso:

*“O trabalho acaba interferindo no casamento e o casamento interfere também no trabalho”. (Categoria 03 - EIH).*

Embora a literatura corrobore que tanto o trabalho pode invadir o casamento, quanto o casamento pode invadir o trabalho, devemos levar em consideração que o fato do casal ter uma sociedade profissional intervém fortemente nesse processo. O discurso de Carla explicita o tema e Carlos também apresenta um discurso congruente com o da esposa:

*“Sócio e marido, então, tem algumas necessidades minhas que não são dele, que ele não percebe como necessidades, né? Mas, como sou eu que tô aqui na frente da clínica, eu percebo. Mas, a percepção dele é diferente da minha. Aí eu tento convencê-lo que aquilo é importante... Às vezes vira um conflito do casal. Dependendo da situação, eu acabo ficando muito ansiosa e vira um conflito do casal”. (Categoria 05 - EIM).*

*“Às vezes, o casamento é um peso para mim porque é muita coisa para resolver. A gente tem a clínica juntos e isso gera muita briga lá em casa. E a*

*Carla nem sempre deixa eu fazer o que tem que ser feito lá clínica”. (Categoria 03 - EIH).*

Portanto, a sociedade profissional invade a vida do casal e provoca conflitos, bem como as divergências de opiniões no trabalho geram um clima tenso entre o casal. Diante desse quadro complexo de interações, o casal tende a estabelecer algumas táticas para conciliar as demandas do casamento e do trabalho.

Como vimos, Carla abdicou de sua independência financeira a fim de apoiar seu marido. Contudo, sua conduta não significou apenas um mero sacrifício para preservar o relacionamento. Na verdade, Carla renunciou a condução de sua empresa e recuou para a posição de eminência parda:

*“... eu repassava tudo pra ele e ele... talvez, ele nunca tenha percebido isso”. “Às vezes, até me colocava numa posição inferior pra que ele não se sinta assim, né? Eu nunca senti isso assim também como algo negativo: ‘Ah! você tá se desvalorizando, você tá numa posição de submissão’... Isso, me submetendo, sendo subserviente, sabe nunca me senti”. (Categoria 05 - EIM).*

O fato é que Carla teve de enfrentar o dilema entre corresponder a imagem de mulher submissa ou desenvolver sua autonomia como indivíduo. Em outros termos, Carla teve que enfrentar o desafio de enfrentar o conflito entre feminilidade e vida adulta (esta, pressupondo autonomia).

Lerner (1990) nos recorda que diante da necessidade de renunciar a si mesma ou renunciar a um relacionamento, as mulheres geralmente preferem a primeira alternativa. O seu discurso revela a experiência de esquecer de si em favor do outro. A difícil experiência de Carla fica clara na seguinte verbalização:

*“Eu acho que muito do sucesso do nosso relacionamento... eu acho que é um sucesso, a gente tá junto aí a 25 anos... Graças a Deus! Então, é tem muito em função dessa negação minha. Nunca consegui. Sempre achei pavoroso você fazer algo é jogar na cara do outro: ‘Ah! eu tô fazendo isso pra você’. Sempre achei isso pavoroso! Se era opção minha fazer, então se tava ruim, eu buscasse outra alternativa, mas não jogar na cara dele pra humilhar. Aí vem a função da auxiliadora, né?”. (Categoria 05 - EIM).*

Após um longo processo de reflexão, Carla decide retomar a condução de sua vida profissional. À medida que a narrativa ganha força, Carla explicita que tomou consciência de suas falhas na condução da vida profissional e também familiar:

*“Tinha alguns contratos que eram muito desgastantes pra nós dois. Então, eu reduzi toda a carga e resolvi que, este ano, seria o ano que eu ia enfrentar de frente, sozinha mais as coisas, né? Então, eu tenho assumido mais...”.* (Categoria 05 - EIM).

*“... sei que não sou perfeita. Tenho muitos erros, com certeza. Muitos erros em nível profissional e pessoal também, tanto na vida familiar, como com os meus filhos”.* (Categoria 01 - EIM).

Neste contexto, surgem referências em relação à difícil experiência de conciliar vida familiar e vida profissional. As diferenças de gênero frente ao conflito trabalho/família já foram bastante exploradas na literatura e apontam que a redistribuição de papéis dentro da família, para enfrentar responsabilidades advindas do papel profissional, não ocorre de forma equitativa (Diniz, 1999; Higgins, Duxbury & Lee, 1994).

Para a mulher, nesse casal, as dificuldades relacionadas a esse conflito revestem-se em forma de dilemas que exigem a administração de demandas simultâneas. Carla aponta que o seu forte compromisso com o trabalho repercutiu em sentimentos de culpa e problemas de saúde. Suas falas abrangem a vivência de stress, depressão e doenças físicas:

*“Porque a gente vai, vai indo, tocando o profissional, porque tem que fazer. Eu me sinto uma pessoa muito comprometida com o que eu faço. Então, é difícil eu desmarcar um paciente, porque eu to com dor de cabeça, eu to com cólica...”.* “Então, eu fico muito comprometida com o trabalho e, às vezes eu não admito que eu tenho limites também”. (Categoria 01 - EIM).

*“Em termos de saúde física, o ano passado eu tive um sustinho. Uns caroços, uns nódulos, coisa e tal. Aí fiz exame. Era um cisto líquido. Tirei, puncionei, mas como é benigno, não tem nenhum problema. Eu fiquei mais tranqüila, mas o stress sempre me acompanha”.* “... de alguns anos pra cá, eu tive um processo depressivo, uns 7 ou 8 anos atrás. Mas, venci. Fiz o tratamento e tal. De lá pra cá, a gente nunca é igual, Depois que a gente passa por uma depressão, a gente nunca consegue ser 100%. Aquela alegria que existia, a gente começa a questionar muitas coisas. A tristeza vem e dá uma derrubada”. (Categoria 02 - EIM).

O esforço exigido na administração de dilemas entre vida familiar e profissional parece ter deixado seqüelas. As dificuldades encontradas expressam-se em forma de sentimentos de culpa, desmotivação e insatisfação profissional, com desdobramentos na vida pessoal e familiar. Suas queixas se remetem ao cansaço e ao estresse proveniente da sobrecarga de trabalho. Ao mesmo tempo, Carla também se refere ao trabalho como responsável pelo seu distanciamento em relação aos filhos e a vida familiar, demonstrando a presença de sentimentos de culpa por ter priorizado a vida profissional por um longo período da vida:

*“... é extremamente cansativo, né? Porque tem momento que você não quer vê nada, não quer conversar com ninguém. Mas, o dever te chama, é aí, enfim, eu acho que eu tenho tentado fazer da melhor forma”. (Categoria 01 - EIM).*

*“Na minha vida, a minha família eu acho que é a mais importante”. “Às vezes, a gente acaba dedicando mais tempo pro profissional e aí a gente deixa de tá curtindo algumas coisas...”. (Categoria 01 - EIM).*

No momento atual, Carla busca reformular o direcionamento de sua vida. Ela vivencia um momento especial em que busca rever o lugar do trabalho e da família em sua vida, bem como refletir sobre a relação consigo mesmo:

*“Mas, esse ano, até que eu dei uma virada. Tentei mudar um pouco a regra do jogo, sabe? Eu to priorizando mais a minha vida pessoal, a minha vida familiar, a minha saúde, né?”. (Categoria 01 - IM).*

*“Então, este ano eu entrei bem, com uma proposta de rever algumas coisas. Priorizar a atividade física que eu não fazia. Este ano eu to fazendo!”. (Categoria 02 - EIM).*

Para o homem, nesse casal, as dificuldades relacionadas ao conflito trabalho/família são experienciadas de forma bem diferenciada quando comparada à experiência da mulher. Carlos também se refere às dificuldades para conciliar a vida profissional com a vida familiar e conjugal. Em suas falas, o trabalho ocupa um lugar central em sua vida, onde ele encontra prazer e realização pessoal:

*“Eu acho que é difícil conciliar tanto trabalho com as outras coisas. Mas, o que eu mais gosto de fazer na vida é trabalhar. Fazer o que?”. (Categoria 01 - EIH).*

Para Carlos, sua conduta em relação ao trabalho responde ao desejo intenso e particular do qual ele não pretende abrir mão, apesar de estar consciente de que sua dedicação intensa ao trabalho o distancia dos filhos e da esposa:

*“... não penso muito em mudar minha forma de tocar a vida profissional. Até porque tenho que ajudar a Carla na clínica também. Não quero abrir mão de nenhuma das duas coisas”. “Então, quanto a minha dedicação ao trabalho, acho que vai ficar do mesmo jeito. Eu não vou diminuir o meu investimento na empresa e nem quero deixar a Carla tomando conta da clínica sozinha. Eu quero, eu gosto. Vou continuar investindo todo a minha energia no trabalho. É o que eu gosto e o que sei fazer bem”. (Categoria 01 - EIH).*

Interessante é a forma diferente com que marido e mulher tentam conciliar família e trabalho, bem como essas diferenças repercutem na vida pessoal. No discurso de Carla, há uma recorrência em relação às questões que envolvem a saúde, aparecendo em termos como: estresse, depressão, tristeza, cansaço. Nas falas de Carlos não encontramos nenhuma menção em relação aos problemas de saúde.

Ao mesmo tempo, Carla evidencia a experiência de fragmentação diante do conflito entre trabalho e família. Suas falas enfatizam a presença marcante de sentimentos de culpa na tentativa de conciliar demandas que se apresentam como inconciliáveis. A nosso ver, essa dinâmica parece responder a uma construção social que se reflete no difundido discurso da culpa feminina. Nesta abordagem da condição feminina não há saída: culpada por trabalhar; culpada por não o fazer.

Por outro lado, no discurso de Carlos não aparece nenhuma referência a sentimentos de culpa na tentativa de conciliar vida familiar e vida profissional. Enfim, cabe reforçar que as questões de gênero perpassam o modo como homens e mulheres administram o conflito entre trabalho, vida afetiva e familiar.

## 6) Exercícios dos papéis de gênero

Ser mulher tem muitas dimensões. Para Carla, a experiência de ser mulher perpassa pelos papéis femininos exercidos dentro da família: mãe, esposa, avó, dona de casa. Sua fala revela a permanência do lugar da mulher na família desempenhando funções fundamentais de cuidado e apoio ao outro:

*“É... ser mulher hoje, mãe, dona de casa, avó. Eu quero tá presente, dentro de casa. Cuidar dos meus filhos, cuidar da minha casa. Então né? Eu assumo muito essa responsabilidade, de ser realmente auxiliadora. Auxiliadora do meu marido, de ser cúmplice dele, de participar da nossa vida, da nossa vida financeira, da vida social”.* (Categoria 03 - EIM).

Sua trajetória de vida voltada fundamentalmente para “ser através do outro” deixa marcas em sua história. A concepção de natureza feminina voltada para o cuidado a distancia de si mesma e de sua experiência como indivíduo. Assim, Carla parece estar desvinculada de sua própria identidade e de suas necessidades pessoais. Essa experiência de cisão é revelada em suas falas:

*“... eu vejo que a gente precisa abrir mão às vezes. É mais difícil pro homem abrir mão de alguma coisa. Talvez pra gente que é mulher seja mais fácil, pelo menos pra mim é mais fácil”. (Categoria 03 - EIM)*

*“... tenho algumas amigas. A gente sai de vez em quando. Mas sempre assim: ‘deixo eu ver o que meu marido vai fazer hoje’, ‘deixa ver o que os meninos vão fazer’. Depois que eu sei o que cada um tem com atividade já escolhida e eu sobrei. Aí eu faço.” (Categoria 03 - EIM).*

*“É complicado. Tenho muito dificuldade de abrir mão. De 3 anos, 4 anos pra cá, eu tenho buscado mais a minha vida individual”. (Categoria 03- EIM).*

Portanto, o projeto de vida de Carla e a sua história confundem-se com a de seu marido e/ou de seus filhos. O mandato social que atribuí à mulher a responsabilidade pela manutenção dos relacionamentos familiares e por todos os cuidados em relação ao outro torna a feminilidade uma experiência densa. Nesse sentido, Carla revela a complexidade de sua experiência, ao mesmo tempo em que atribuiu valor a experiência do ser mulher:

*“Eu imputo uma responsabilidade muito grande de ser mulher”. (Categoria 03 - EIM).*

*“Eu gosto de ser mulher. Eu acho que ser mulher é uma dádiva”. (Categoria 03 - EIM).*

*“Eu acho que ser mulher é esplendido. É maravilhoso”. (Categoria 03 - EIM).*

Para Carlos, a experiência de ser homem está atrelada a definições e generalizações que restringem e simplificam a complexidade dessa experiência. Suas falas revelam o compromisso com a mística masculina, ou seja, com força, agressividade, poder, competição e controle:

*“Costumo dizer que sou movido a desafios. Isso tem a ver com ser homem”. (Categoria 02 – EIM).*

*“Ser homem é sempre quebrar os limites. Tem a ver com competir, vencer mesmo”. (Categoria 02 – EIM).*

*“Ser homem é correr atrás dos recursos pra família, superar todos os obstáculos”. (Categoria 02 – EIM).*

Embora interessado em prover o sustento da família, ser chefe de família, marido e pai, a confirmação de sua masculinidade vem, sobretudo, do papel que Carlos desempenha fora da família e de sua posição de liderança. Enfim, fica claro que ambos os cônjuges são reprimidos e forçados pelas limitações de seus respectivos papéis de gênero.

### **Casal 5: Sandro e Sandra**

Sandro e Sandra estão casados há 24 anos. Ele tem 48 anos de idade, é formado em engenharia e está no topo da carreira numa empresa privada. Ela tem 45 anos de idade, é fonoaudióloga e proprietária de uma clínica multidisciplinar. O casal possui duas filhas. A filha mais velha tem 21 anos, se casou recentemente e mudou de cidade. A filha mais nova tem 18 anos e está morando sozinha.

Na fase atual, o casal se constitui como uma família de meia-idade que vivencia a saída dos filhos de casa. Segundo Carter e McGoldrick (1995) o aspecto mais significativo dessa fase diz respeito às entradas e saídas de membros da família. Esse processo se inicia com o afastamento dos filhos adultos e prossegue com a entrada de seus cônjuges e filhos. Portanto, compreender o relacionamento conjugal na meia-idade, nos deixa diante com um quadro complexo de interações.

Merece destaque o fato do desenvolvimento individual está acontecendo dentro do ciclo de vida conjugal e familiar em um determinado momento histórico e social que, por sua vez, produz expectativas e modelos sociais. Por certo, a maturidade conduz as pessoas à reavaliação de papéis, funções e metas de vida, bem como às questões de identidade que constituem um aspecto significativo para mulheres e homens. Ao lado da questão do afastamento dos filhos, o processo de transformação característico da maturidade se constitui como um dos aspectos básicos da vivência da meia-idade.

Reconhecemos, assim, a estrutura dinâmica do casamento, comportando movimentos internos, referentes ao processo de cada cônjuge, e externos, referentes ao contexto sócio-histórico-cultural em que se insere. Trata-se de um processo interativo de múltiplas transições. A partir dessa perspectiva, vamos nos concentrar nas transformações vivenciadas por esse casal de meia-idade.

Principiamos por salientar que as falas de cada um dos cônjuges fazem referência à sensação de vazio, aos sentimentos de perda, solidão, projeção da velhice, constatação da passagem do tempo e às mudanças no cotidiano. Como atestam as seguintes verbalizações:

*“Ah!... é um grande vazio. Mas, assim, eu sabia que isso ia acontecer. É... Talvez, eu não esperasse que fosse tão depressa”. (Categoria 05 – EIM).*

*“... você começa a se imaginar mais velho”. (Categoria 03 – EIH)*

*“Você botou seus filhos no mundo e estamos começando a chegar na outra ponta, que é lá que você começa a ficar sozinho...”. (Categoria 03 – EIH).*

*“... as filhas eu tô vendo que é passageiro, estão indo embora e tá ficando nós dois”. (Categoria 05 – EIM).*

O afastamento da filha mais velha foi experienciado pelo casal como uma situação já prevista. Mesmo assim, o impacto dessa transformação no sistema familiar ressoou no plano individual e conjugal. Como podemos constatar nas falas de Sandro e Sandra:

*“A gente já se preparou pra isso. A gente sabia que isso, uma hora ou outra, mais cedo ou mais tarde, isso aconteceria”.* (Categoria 03 – EIH).

*“... claro que eu fico chateado. A casa fica meio vazia no começo. Mas, nada que não seja superado e que não seja compreendido”.* (Categoria 03 – EIH).  
*“Ano passado é que eu comecei a tomar consciência que isso poderia acontecer. Mas, principalmente essa minha filha mais velha, eu sempre falei com o Sandro que eu gostaria muito que ela saísse. Porque eu sempre achei que ela precisava enfrentar o mundo sozinha”.* (Categoria 05 – EIM).

Apesar de Sandra estar ciente da possibilidade da filha mais velha sair de casa, essa situação lhe gerou sentimentos contraditórios; uma vez que, um grande sentimento de vazio passou a coexistir com a sensação de alívio:

*“... a época que ela saiu, ela tava muito nervosa, muito preocupada, e o Sandro também preocupado no trabalho junto. Muita pressão e os dois estavam numa fase de muita briga. Briga do nada. Porque os dois são pavio curto. Então, eu achava assim muito gratuito, as brigas muito gratuitas, que não havia necessidade. Então, por um lado eu queria muito que ela saísse. Eu queria que ela crescesse e eu via que dentro de casa ela não crescia... Mas, não era um desejo por mal. Não era abrir mão da minha filha. Eu queria que ela crescesse”.* (Categoria 05 – EIM).

*“Às vezes, eu fico pensando se essa minha chateação não é até por isso. De repente, um sentimento de culpa por ter querido que ela saísse”.* (Categoria 05 – EIM).

O fato é que a filha mais velha entrava em conflito com o marido, desestabilizando a relação do casal. Contudo, para Sandra, o relacionamento conjugal é o aspecto mais significativo de sua vida, a ponto de se sobrepor aos relacionamentos com as filhas:

*“O mais importante é ele... Até em cima do relacionamento com filhos. Eu não sei. Eu acho assim... a química entre nós é muito boa”.* (categoria 04 – EIM).

O desejo de que a filha saísse de casa parece refletir a necessidade de Sandra preservar o equilíbrio conjugal e familiar e vivenciar sua vida pessoal. Nesse sentido, Sandra se deparou com um conflito de prioridades. Sandro também revelou a presença de sentimentos ambíguos gerados pelo afastamento da filha. Mas, parece que seus sentimentos estão mais próximos da nostalgia, ou seja, um sentimento de tristeza natural frente à constatação da passagem do tempo,

do crescimento e autonomia das filhas e da necessidade de reformulação dos projetos de vida, antes voltados para a unidade familiar:

*“Já é uma terceira fase da vida. Então assim, nessa hora você fica meio chateado. Mas, em outras horas eu fico feliz, ou seja, dela estar seguindo o objetivo dela, assim como eu saí de casa cedo”*. (Categoria 03 – EIH).

*“A gente fica assim mais... mais... Como é que eu posso dizer? Ah! Mais sentimental um pouco, mais amoroso, um pouco...”*. (Categoria 03 – EIH).

Outra questão marcante nessa fase refere-se à reestruturação da relação conjugal. A transformação do sistema familiar na meia-idade exige dos cônjuges um novo investimento na relação conjugal em virtude de não serem mais necessárias as responsabilidades parentais. Sendo assim, o status do casamento desempenhará um papel importante no desenrolar dessa fase. Segundo Carter e McGoldrick (1995), se a solidificação do casamento não ocorreu até esse momento, será difícil o casal reinvestir no relacionamento.

Os cônjuges relatam que o relacionamento tem passado por ajustes que acenam para uma nova lua de mel. A saída da filha mais velha e os preparativos para a mudança da filha mais nova possibilitaram a re-afirmação da relação conjugal e favoreceu um movimento de aproximação do casal que agora se volta para a vida a dois.

*“... é o momento que eu e a Sandra... a gente vai ficar sozinho. É quando a gente pensa em ficar muito junto e em fazer as coisas, assim, bastante juntos.* (Categoria 03 – EIH)

*“... eu não digo que mudou. A gente tá mais junto. Mais do que já era sabe? Como a gente tem mais oportunidade de estar junto, tomar banho junto, comer só os dois... Se tá a fim de namorar no meio da tarde, vai e namora. Não tem aquela coisa de ‘tem gente em casa, tranca a porta’, entendeu?”*. (Categoria 05 – EIM).

*“Parece que a gente começou a namorar a um mês atrás. E eu acho que isso é que faz a coisa ir bem”*. (Categoria 05 – EIM).

Mohr (2002) assevera que o “período de lua de mel” é a primeira fase do processo de transição para o “envelhecer juntos”. Fazendo jus ao nome, esse estágio de lua de mel é um período em que se sonha diversas possibilidades. Porém, a etapa que se segue a esse estágio pode trazer desapontamentos, frustrações, depressão ou ainda, pode ceder lugar à um período de tranquilidade com a aceitação da maturidade e dos limites da idade. Tudo irá depender da capacidade do casal se adaptar frente às transições características da vida a dois que demandam a renegociação constante do contrato conjugal.

Por certo, a reformulação da vida a dois e da rotina conjugal desse casal evidencia o valor atribuído à relação e a satisfação que desta advém. O fato é que o casal começa a arquitetar uma outra fase de vida, projetando o envelhecer juntos:

*“A gente imagina mais pra frente um pouco, ter uma vida dispostos a curtir tudo isso que nós dois construímos esses anos aqui”. “... a gente fala muito de ir para uma praia, de ir para uma cidade, assim,... sabe? Para gente ter uma vida a dois”. (Categoria 03 – EIH).*

*“Uma coisa que a gente sempre imaginou, foi trajetória assim que a gente começou e que a gente foca isso, sempre se imaginou vendo a gente com 60 anos”. (categoria 03 – EIH).*

Até então, parece que esse estágio de vida está sendo visto pelo casal como uma etapa de fruição, de encerramento de um ciclo que permitiu uma segunda oportunidade de evolução, de expansão de papéis e de novas possibilidades (Carter & McGoldrick, 1995). Com base nisso, passaremos agora para a análise das três entrevistas desse casal, de acordo com as categorias de análises previamente definidas.

## 1) Relacionamento conjugal

A concepção de casamento apresentada pelo casal faz referência a um ideal de casamento que coincide com os estereótipos culturais sobre um casamento “normal” e “saudável”. Para Sandra, a idéia de casamento acena imediatamente para a imagem de duas pessoas com único objetivo e abrange as noções de cumplicidade, amizade e parceria conjugal. Como podemos constatar nas seguintes verbalizações:

*“Uma relação onde dois têm um objetivo único e que os dois fazem bem um pro outro, né? Senão, perde toda finalidade”. (categoria 01 – EC)*

*“... eu acho que o primordial, pra qualquer relação, seja pai e filho, seja casal, seja amigo é a cumplicidade sabe? É aquele pensamento que fala que amigo é aquele que você pode pensar alto”. (categoria 01 – EC).*

Para Sandro, a concepção de casamento envolve união, comunhão, fusão e objetivos em comum. Sandro vincula conceitualmente a importância do casamento ao fato dos dois cônjuges terem oportunidades iguais para desenvolverem suas carreiras e tomarem decisões juntos. Essas falas ilustram sua idéia de casamento:

*“O casamento tem que ser sempre duas pessoas olhando na mesma direção”. (categoria 01 – EC).*

*“São os objetivos traçados juntos e acima de tudo o equilíbrio do casal”.* (categoria 01 – EC).

*“Então, o casamento é isso! É uma comunhão de bens, é uma comunhão de vários fatores pra que você conduza a sua vida bem, quer dizer... Casamento é uma soma de tudo isso...”.* (categoria 01 – EC).

*“... eu acho que os dois terem oportunidades iguais, tomarem decisões juntos, construir uma base sólida. Eu acho que isso é a grande importância do casamento. Quando eu falo em equilíbrio, é aquele equilíbrio em informação, é em desenvolvimento da carreira profissional de cada um, quer dizer, eu acho que casamento é tudo isso”.* (categoria 01 – EC).

Esses relatos coincidem com resultados encontrados por Féres-Carneiro (2001) em pesquisa que investigou a construção da identidade conjugal no casamento contemporâneo. Em relação à definição do casamento, os achados atestam que homens e mulheres, entre 45 e 55 anos, concebem a conjugalidade como “cumplicidade”, “companheirismo” e “possibilidade de compartilhar e dividir”.

Quando solicitados a definirem o próprio casamento, o casal demonstrou coesão. Sandro definiu seu casamento como um empreendimento positivo que permitiu a construção de uma relação sólida, baseada na cumplicidade e no respeito mútuo. O próprio casamento é percebido como uma comunhão que possibilitou o crescimento pessoal de cada um através do esforço mútuo e de objetivos traçados juntos:

*“... a minha visão do nosso casamento... pra mim, é uma coisa boa. Eu espero que isso esteja acontecendo com ela também. É uma visão de duas pessoas que saíram do ponto que se conheceram e deram o que foi possível dar”* (categoria 1 – EC).

Sandra também compartilha dessa visão a respeito do próprio casamento. Para ela, o casamento permitiu o crescimento mútuo e o desenvolvimento da personalidade de cada um. Ambos se tornaram adultos nessa relação e apreenderam a lidar com a vida:

*“Eu acho que um dos fatores que fez com que isso dê certo é o fato de a gente ter aprendido muito junto, da gente ter descoberto coisas juntos... É que nem criança quando brinca junto né? Então, assim, a gente se conheceu muito jovem, com 14 e 17 anos e a gente não tinha a menor noção do que era. Então, tudo a gente aprendeu junto”* (categoria 1 – EC).

Merece destaque o discurso congruente do casal em relação à definição do próprio casamento. A própria continuidade histórica desse casamento permite-nos entrever que o casal construiu uma realidade compartilhada através de um sistema de crenças comuns. O estilo de casamento vivido por eles se aproxima do modelo idealizado por ambos. Neste sentido, a

congruência entre o modelo fantasiado e modelo real de casamento é revelada nas falas de ambos os cônjuges:

*“Tudo aquilo que a gente planejou está acontecendo, e isso, pra nós não é uma surpresa. Porque a gente investiu lá pra trás, quer dizer, é uma coisa que você vê projetada, é uma coisa que você constrói. E a gente ao longo desse tempo construiu as coisas”*. (categoria 01 – EIH).

*“Do jeito que eu comecei, que a gente começou, praticamente como dois adolescentes e a gente foi conquistando, foi crescendo como pessoa, crescendo como profissional”* (categoria 04 – EIM).

Sendo assim, o casal concebe seu casamento como uma co-construção que beneficiou as aspirações pessoais e os objetivos profissionais de cada cônjuge. Para construir uma relação funcional, o casal precisou redefinir tarefas relacionais através da renegociação constante de seu contrato matrimonial. O equilíbrio entre o casal foi conseguido a partir de ajustes de personalidade. De forma que a relação entre individualidade e conjugalidade aparece como uma questão central dentro do relacionamento. Ambos os cônjuges fazem referência a essa questão:

*“... essa é a função do casamento. É sempre respeitando a individualidade”*. (H) (categoria 01 – EC).

*“A gente tem que deixar com que as coisas fluam com naturalidade sem que nenhum dos dois tenha os seus desejos interrompidos. Quer dizer, eu acho que isso é um exercício muito grande dentro do casamento de tolerância, é de humildade, de aceitação...”*. (M) (categoria 01 – EC).

Em relação ao paradoxo individualidade/conjugalidade, chama atenção a presença de uma dinâmica muito peculiar nesse casal, onde as individualidades são restringidas em benefício da conjugalidade. Essas falas ilustram a questão:

*“A gente sempre foi assim, muito de dois.”* (M) (categoria 01 – EC).

*“Nossas atividades, 99% delas são a dois, se tiver que fazer alguma coisa sozinho acho que não tem... sempre a dois...”*. (categoria 06 – EIH).

Constatamos, então, que o casal apresenta uma dinâmica conjugal que alude à fusão, ou seja, é mais centrada no “nós-conjugal”. A forma de conjugalidade *fusional* parece assumir uma modalidade mais romântica, pelo menos no que diz respeito à forma como o projeto conjugal e familiar é relatado. Tendencialmente, na conjugalidade *fusional*, o projeto de vida do casal inclui a parentalidade e a conjugalidade que passam a ser a aposta central, conferindo sentido à vida dos indivíduos.

Essa modalidade de encarar o casamento se traduz no relevo dado aos valores que insistem na exclusividade e na perenidade do laço conjugal, na escolha de modos de relação onde o nós-casal se sobrepõe ao “eu” e nos esforços de negociação individuais que são mais restritos em favor de um sentido menos individual e mais grupal (Torres, 2002; McGoldrick, 1995). Podemos comprovar essa asserção nos relatos dos cônjuges que, em geral, falam em termos de “nós”, sendo escassas as falas em termos do “eu”:

*“... o casamento é essa junção de forças. Essa coisa em comum, ou seja, os dois se transformam em um só...”. (H) (categoria 01 – EC).*

Fica claro que o casal tem uma vida onde afetividade e a parentalidade lhe trazem retornos gratificantes. Demonstram, também, uma vida de investimento e não de acomodação em relação à vida conjugal, mesmo com o convívio ao longo dos anos. Assim, re-afirmam o desejo de continuarem juntos. Sandro e Sandra dão continuidade a sua história conjugal e mantêm a expectativa de envelhecerem juntos, planejando a velhice e investindo para que esses planos se cumpram:

*“... a gente fica se imaginando com 60 anos. Então, a gente já está projetando nossas reservas financeiras e os nossos investimentos no pagamento das nossas aposentadorias”. (Categoria 03 – EIH).*

As descobertas que estão por vir oferecerão a oportunidade de enriquecer o relacionamento na idade avançada. Cabe a este casal abrir-se às novas perspectivas que surgirão com o último estágio do ciclo de vida.

## **2) Práticas domésticas e a divisão entre o casal**

Como já vimos no decorrer desse trabalho, diversos estudos confirmam que divisão sexual do trabalho doméstico ainda continua sendo dominada pelo padrão tradicional. Mas, neste casal encontramos alterações nessa dinâmica. Ambos os cônjuges descrevem que a rotina das práticas domésticas se realiza de forma compartilhada, sendo percebidas como uma responsabilidade do casal. Segundo os relatos, a divisão de tarefas ocorre em função da habilidade de cada um e de quem tem a iniciativa.

*“... eu disse pra ela: aqui não tem aquela de ter a definição certa, isso é o homem, isso é a mulher. Aqui não existe. Aqui toma a decisão aquele que quer tomar e pronto”. (H) (categoria – 05 – EC).*

*“... na maioria dos dias a gente acorda junto, arruma a cama junto. Os dois arrumam a cama, puxa a colcha. Põe o forro no travesseiro, ele põe no dele e eu ponho no meu...”*. (categoria 03 – EIM).

*“... ele tira a roupa da máquina, ele estende camisa, até por que a gente não tem mais empregada há muito tempo”*. (categoria 03 – EIM).

Sublinhamos que o fato do casal não possuir o auxílio de uma empregada também demanda uma participação mais ativa do homem em relação à rotina doméstica. Ao mesmo tempo, o compartilhamento das tarefas domésticas é visto de forma prazerosa, um momento a mais para o casal estar junto.

*“Não sei fazer nada. Passar roupa eu não sei não. Roupa eu não sei passar, mas na maioria das habilidades do dia a dia a gente faz junto”* (H). (categoria – 05 – EC).

*“Ele limpa, ele lava, ele lava panela, ele põe a mesa... Ele não põe a mão na panela. Porque eu adoro cozinhar. Então, assim, eu na cozinha e ele o tempo todo junto”*. (categoria 03 – EIM).

*“Ele participa muito...!”*. (M) (categoria – 05 – EC).

*“... ele só não passa e cozinha quase nada. Ele é coadjuvante na cozinha”*. (categoria 03 – EIM).

Como podemos perceber, cabe à Sandra a determinação das regras da organização familiar. Quando ela se refere à participação do marido em casa, se utiliza de termos como “coadjuvante” ou “participativo”. É fato que Sandro tem um papel ativo na rotina doméstica, mas que se realiza em nível assistencial.

De acordo com a literatura, os homens pertencentes às camadas médias urbanas que compõem um casal de dupla carreira tende a participar mais ativamente das tarefas domésticas do que o homem tradicional. Porém, essa participação se constitui como um auxílio à mulher e diz respeito a atividades específicas, ou seja, não acontecem em nível estrutural (Araújo & Scalon, 2005; Roehling & Moen, 2003; Lipovetsky, 2000; Féres-Carneiro, 2001; Jablonski, 1999; Diniz, 1999, 1993).

Os estudos de Araújo e Scalon (2005) encontraram resultados interessantes no que se refere as atividades domésticas e sua divisão entre o casal. As atividades que apresentam um percentual mais elevado de participação do homem referem-se à ‘pequenos consertos domésticos’, ‘pagar contas no banco’ e ‘comprar comida’. Por outro lado, há uma discrepância significativa em relação às atividades consideradas mais domésticas e tipicamente femininas, como: ‘passar’, ‘lavar’ e ‘cozinhar’. Nessas, a participação do homem é ínfima. Esse casal, por vezes, não parece reproduzir de forma fiel os achados de Araújo e Scalon (2005).

*“... então, assim, tudo compartilhado. Tudo. Ir ao supermercado fazer compras, sempre os dois. Porque eu que tenho que ir? Então, foi sempre assim”. (categoria 03).*

*“Eu sou assim um mero ajudante. Eu tô disposto, tô disponível a ajudar, passar, limpar, passar o pano no chão, limpar a cozinha, fazer o café da manhã, dar uma cozinhada domingo, fazer aquelas comidas que são congeladas. Então, em casa estou sempre interagindo em todas as atividades.” (H). (categoria – 05 – EC).*

As falas do casal a respeito da divisão de tarefas fazem menção a uma divisão não estereotipada. A descontinuidade em relação aos domínios prescritos para homens e mulheres aparece como destaque nos relatos do marido. Apesar disso, é interessante notar que o marido enfatiza o papel preponderante da mulher na condução do lar e, contraditoriamente, reafirmar o espaço tradicional atribuído à mulher:

*“Não existem aquelas diferenciações: ah! É porque isso é uma coisa de mulher ou é uma coisa de homem”. (categoria 02 – EIH).*

*“Ah! Normalmente é ela que conduz a casa, claro é a mulher quem conduz”. (H) (categoria – 05 – EC).*

Podemos entrever que Sandro valoriza muito à atuação de Sandra nas funções tarefas domésticas. Mostra-se muito satisfeito com a mulher, em especial, com relação a sua capacidade de conduzir a casa. De forma similar, as falas de Sandra revelam que o reconhecimento e valorização de marido em relação ao seu papel de dona de casa lhe são gratificantes, bem como a dedicação ao lar lhe é fonte de prazer.

*“O Sandro sempre chega babando os meus pratos, a minha habilidade, e conta quando eu fiz uma roupa bonita pras meninas... E ele fala: ‘nossa, mas essa minha gordinha é muito prendada’. Eu me sinto maravilhada. Eu gosto disso!”. (categoria 06 – EIM).*

Apesar do véu de modernidade que encobre a estrutura da divisão do trabalho doméstico entre esse casal, os comportamentos de Sandra e a ideologia subjacente que os sustentam, lhe conferem valor através do seu desempenho no espaço da casa. Essa realidade é naturalmente assimilada e apropriada como parte de sua vida. Depreende-se daí que, as transformações de lugares generificados para homens e mulheres ainda coexistem com padrões tradicionais fortemente engendrados por valores de gênero.

### 3) Os cuidados com os filhos

Como já vimos, o “cuidado” é tradicionalmente associado às mulheres. A associação entre “cuidado” e mulher se constitui como uma questão de gênero. Porém, nesse casal os relatos evidenciam o estabelecimento de uma parceria conjugal em relação às ações com as filhas. A dinâmica conjugal é descrita de modo a ratificar a existência de uma grande cumplicidade entre o casal com relação às filhas. Contudo, Sandra se considera responsável pela dinâmica instituída que prevê o compartilhamento de tarefas e responsabilidade mútua em relação às filhas:

*“... as coisas com as filhas a gente sempre faz junto”. (H) (categoria 03 – EC).*

*“As meninas sempre estudavam de manhã. Então, assim, às vezes podia só um levantar, se trocar, mas não. Sempre levantava os dois, tomava café da manhã os dois, e os dois iam levar”. (M) (categoria 03 – EC).*

*“... quando tinha que levantar de madrugada pra buscar numa festa, nunca eu fui sozinha ou ele sozinho como a maioria dos nossos amigos fazem. Sempre iam os dois”. (M) (categoria 03 – EC).*

*“... eu procurei conduzir o nosso casamento. Então, assim, levantar de noite... uma vez, era a minha vez e a outra vez era a vez dele, para dar mamadeira. Então, assim, se mamava, às vezes nem era de noite... Se mamava seis, seis e pouco no final de semana, no sábado eu levantava e no domingo era ele”. (categoria 03 – EIM).*

Por outro ângulo, encontramos Sandro comprometido com a educação das filhas, participativo e voltado para a unidade familiar. Neste sentido, a literatura tem ressaltado as mudanças no padrão de envolvimento masculino com os filhos. Mesmo que de maneira tímida, os homens assumem um papel mais atuante como pais (Araújo & Scalón, 2005; Jablonski, 1999).

Outra questão que salta aos olhos refere-se ao papel primordial que a família ocupa na vida do marido. Contudo, ele assume que durante muito tempo lhe faltou disponibilidade para estar tão presente na vida das filhas:

*“Pra mim o que é muito importante é você ter uma família bem construída”. (categoria 06 – EIH).*

*“Eu acho que, desde que nós casamos, eu sempre viajei. Quem esteve muito mais próxima das meninas sempre foi a Sandra. Quer dizer, ela tem um papel fundamental dentro de tudo isso”. (categoria 04 – EIM).*

No campo das práticas, o maior envolvimento do marido com os filhos é ínfimo quando comparado ao engajamento da esposa nas ações para com os filhos. Mas, no campo das intenções nos deparamos com uma diferença bem menos significativa. Depreende-se daí que, o

exercício do papel materno por parte de Sandra tem um inestimável valor, sendo glorificada como a base da família:

*“... as coisas que acontecem, primeiro, as meninas vêm contar pra mãe. Sempre está em segundo plano contar pro pai, então, a mãe é realmente a amiga número um. A mãe é tudo delas e também do marido, quer dizer, do homem”. (categoria 04 – EIM).*

Além disso, os relatos de situações familiares apontam para o desejo do casal de conviver com as filhas e manter a união familiar. Ambos os esposos demonstram ter prazer em estar com a família. As frases a seguir evidenciam tal fato:

*“Eu nunca saí sozinha com as meninas pra fazer compras... a gente sai pra comprar... imagina, três mulheres, sai com saquinhos de vinte pares de sapato... E Sandro fica junto”. (M) (categoria 03 – EC).*

*“... eu vou com a Sandra e com a as meninas no Shopping. Às vezes, ficava três, quatro horas no Shopping”. (H) (categoria 03 – EC).*

Afinados no discurso, o casal tem uma estrutura que comporta a participação do homem nos cuidados com as filhas de forma mais ampla. Porém, a atuação masculina concentra-se nas funções de apoio que são muito mais lúdicas, voltadas para o lazer e externas ao espaço doméstico. Enquanto Sandra ocupa a posição central na vida das filhas, a posição de Sandro é periférica.

#### **4) O dinheiro e as práticas decisórias**

O casal descreve como administra os recursos financeiros e de que forma se realiza a tomada de decisões sobre a sua aplicação no cotidiano conjugal, isto é, quem decide o quê. Nas falas de cada cônjuge, fica evidente que esse item se diferencia das outras tarefas realizadas pelos cônjuges de forma compartilhada. Como podemos observar cada um dos cônjuges administra o seu salário:

*“Agora, uma coisa que a gente nunca teve junto é a conta bancária... Mas, a conta dele, ele administra. Eu sei nome, sei senha, sei tudo, mas ele administra. As minhas contas eu administro. A gente nunca teve uma conta única”. (categoria 03 – EIM).*

*“Ela tem as contas dela e eu tenho as minhas”. (H) (categoria 04 – EC).*

*“Aqui em casa é o seguinte: na verdade cada um é cada um, ou seja, o salário dela entra na conta dela. Eu não sei nem a senha da conta dela. Não entro na conta dela”. (H) (categoria 04 – EC).*

Por outro lado, a divisão do orçamento familiar e as metas e objetivos financeiros são definidos em comum acordo. Assim, as práticas decisórias em relação às finanças não estão centradas no padrão patriarcal de autoridade masculina. A esposa também é protagonista no que se refere às deliberações financeiras da família. De forma similar, o casal tende a gerir de maneira conjunta os recursos financeiros, refletindo uma prática mais igualitária. Diversas falas evidenciam esse fato:

*“A gente não tem preocupação aonde sobra, porque o objetivo é o mesmo. Sobrar na conta dela ou sobrar na minha, a gente sabe que o objetivo é que sobre”. (H) (categoria 04 – EC).*

*“Eu tenho uma aplicação no Banco do Brasil que ela me mandou, e vamos abrir uma outra, então, aonde sobrar, a gente vai aplicando pro nosso fundo de reserva”. (H) (categoria 04 – EC).*

*“A maioria das contas eu tenho em conjunto com ela. Um exemplo: verduras, é da Sandra, tem seguro é do Sandro, vai pagando de acordo com os ganhos”. (H). “A Sandra é autônoma e eu tenho um ganho fixo. Então, às vezes, determinados meses, eu acabo assumindo algumas contas, por ela não consiga fazer frente e... a gente vai revezando isso”. (H) (categoria 04 – EC).*

Como um típico casal de dupla-carreira, Sandro e Sandra deliberam como vão administrar a entrada simultânea de dois salários diferenciados em função das carreiras. Essa característica permitiu mudanças em relação à divisão do poder dentro do espaço conjugal.

## 5) Interação casamento e trabalho

Casamento e trabalho são áreas da vida que assume grande importância para esse casal. Desde o início do relacionamento, a construção de uma vida a dois envolveu o planejamento de metas e objetivos profissionais definidas de forma conjunta.

*“O desenvolvimento da carreira para nós foi uma coisa assim muito projetada”. (categoria 01 – EIH).*

*“A gente teve paciência, a gente foi fazendo isso, ou seja, a gente projetou isso, toda a carreira, a nossa carreira...”. (categoria 01 – EIH).*

*“Depois que eu me formei então, logo casamos os dois e os ideais se juntaram né? A gente olhava com a mesma intenção e falava: ‘vamos trabalhar, vamos construir’...”. (categoria 01 – EIH).*

No contrato marital de Sandro e Sandra, havia espaço para um projeto conjugal “moderno”, que comportava a carreira feminina. O comprometimento de ambos os esposo com a vida profissional e o casamento sinaliza uma mudança fundamental desse tipo de casal em comparação com o relacionamento conjugal tradicional. Assim, a conciliação entre planos

profissionais e casamento fez parte do projeto de vida do casal, demandando disponibilidade para dialogar e ceder:

*“... a gente já tinha um objetivo claro a perseguir. Então, o casamento nunca atrapalhou a nossa carreira, nem a minha nem a dela. Porque a gente sempre buscou uma coisa no casamento que é um ponto de equilíbrio. E a gente buscou um ponto de equilíbrio tanto que eu estudei, enquanto a Sandra se formou. Então, esperamos concluir a primeira faculdade de cada um e só aí que nós fomos pensar em casar”.* (categoria 01 – EIH).

Os relatos de Sandra mencionam que a história de sua escolha profissional foi marcada por mudanças de rumo. Suas ambições e metas profissionais foram decididas primeiramente em função dos vínculos familiares:

*“O primeiro curso foi uma consequência porque eu fazia piano. Porque o meu sonho era fazer Jornalismo. Só que na época, na minha faculdade não havia o curso de Jornalismo. E meus pais não admitiam a possibilidade de eu estar saindo. E eu já namorava o Sandro há uns quatro. Isso foi uma coisa que acabou pesando. Aí eu optei por aquilo que seria uma continuação do que eu já fazia, porque eu já dava aula de piano. Então, esse primeiro curso veio meio que por acaso”.* (categoria 07 – EIM).

Sandra permaneceu exercendo essas atividades nos primeiros anos de casada, enquanto tinha suas filhas. Nesse sentido, convém assinalar que ter filhos é um divisor de águas na vida de uma mulher, uma vez que a cultura ocidental estabeleceu que para ser uma mãe remotamente “decente”, uma mulher tem que se devotar física, intelectual, psicológica e emocionalmente aos seus filhos. Contudo, Sandra não conseguiu permanecer muito tempo no mesmo lugar e decidiu empreender uma mudança de rumo em sua vida profissional. Neste período, Sandro estava totalmente voltado para seu desenvolvimento profissional, como descreve nessa fala:

*“E a fonoaudiologia foi porque eu já estava cansada de trabalhar dentro de casa. Porque todo esse trabalho mesmo com a escola de iniciação musical, era um trabalho muito isolado. Não só, porque eu sempre tive uma colega de trabalho que a gente sempre fazia as apresentações em conjunto e tudo. Mas, eu não me sentia no mundo. Então, eu tinha sempre essa coisa que eu queria trocar de profissão”.* (categoria 07 – EIM).

*“Depois que nós casamos eu fiz a minha pós-graduação e concomitantemente com isso ela decidiu dar um novo rumo pra vida dela também”.* (categoria 01 - EIH).

Por meio de uma outra carreira baseada em seus próprios anseios, Sandra se permitiu novos desafios e sua vida profissional se tornou um projeto aberto com promessas de realização pessoal e financeira. O compromisso de Sandra com uma nova carreira veio responder as suas ambições pessoais e profissionais, ao desejo de abertura à vida social e a vontade de ser reconhecida como sujeito de sua própria história. Nesse novo empreendimento, Sandra pode contar com o apoio constante do marido:

*“Sandra voltou, depois de casada já com duas filhas, a Sandra voltou a fazer faculdade e terminamos juntos em 97. Quando eu terminei a minha pós-graduação, a Sandra também concluiu a faculdade dela de fonoaudiologia. E ela trabalhou. Eu com a minha MBA e ela com a formação de fonoaudiologia. Então, a gente sempre conciliou o estudo e o nosso casamento sem menor problema. Nunca tivemos problema, sempre assim... um cedeu espaço pro outro. A gente deu as mãos pra que os dois tivessem uma formação e nunca um quis ocupar o espaço do outro. É uma coisa que eu disse... O casamento é uma coisa de equilíbrio de forças”. (categoria 01 – EIH).*

*“... o apoio que ele sempre me deu também para eu atuar profissionalmente, pra eu voltar a estudar. Por que na época ele precisou me manter na universidade também. Porque no meu trabalho, eu precisei diminuir a carga horária para poder dar conta disso tudo”. (categoria 02 – EIM).*

Neste casal, encontramos uma peculiaridade dos casais de dupla-carreira que se refere ao apoio mútuo na construção da carreira. Sandro reitera o discurso de sua esposa conferindo-lhe o papel de facilitadora de sua carreira, ao mesmo tempo em que, valoriza o papel profissional da esposa e esboça sua admiração por ela:

*“Então, ela me deu assim muita tranqüilidade para que eu pudesse desenvolver a minha carreira, que eu tivesse tranqüilidade, mesmo ausente”. “Eu sabia que aqui tinha uma pessoa com as minhas filhas que me dá tranqüilidade, mesmo eu estando ausente”. (categoria 04 – EIH).*

*“Ela consegue fazer as coisas. Tudo que ela entrou, ela sempre conseguiu fazer com sucesso”. “Ela sempre foi, no meu modo de ver, uma vencedora”. (categoria 05 – EIH).*

Sob outro ângulo, devemos considerar que o principal desafio de um casal de dupla-carreira é coordenar as aspirações de cada um dos cônjuges, sem a subordinação ou sacrifício de um em nome dos anseios do outro. Porém, na prática nem sempre funciona assim. Becker e Moen (1999) ressaltam que idealmente homens e mulheres iniciam seus relacionamentos em bases igualitárias, onde ambos apresentam um alto nível de compromisso com o trabalho. Contudo, os esquemas tradicionais de gênero ainda dominam a cena quando os casais de dupla-carreira são obrigados a fazer escolhas entre a carreira do marido ou a carreira da esposa (Roehling & Moen, 2003).

Quando os casais de dupla-carreira enfrentam momentos profissionais decisivos, frequentemente a carreira do marido é maximizada em detrimento da carreira da esposa (Pixley & Moen, 2003). Essa situação é descrita por ambos os esposos:

*“... até a transferência quando eu vim pra Brasília foi discutida pelos dois. A gente tinha uma intenção de sair de Bauru e a gente sabia que isso seria muito bom pro meu crescimento profissional, pro o dela e pro das nossas filhas”. (categoria 01 – EIH).*

*“E quando eu tava começando a atuar como fonoaudióloga, já tinha aberto algumas portas em consultórios médicos e tudo, meu marido foi transferido pra Brasília. Aí eu vim pra cá. Eu fiquei seis meses parada aqui em Brasília. Então, assim, foi mudança de vida, um apoio total para ele, porque ele tava num desafio profissional muito grande. A minha vida parou durante seis meses”. (categoria 01 – EIM).*

A percepção do trabalho feminino como inferior ao trabalho masculino já fora identificado por Hertz (1986); Silberstein (1992); Levinson (1996) e Lerner (1990). Muitas vezes, o valor secundário dado à carreira feminina pode ser um indicativo da presença de uma inibição para o sucesso. Esse parece ser o caso de Sandra, como podemos constatar nestas verbalizações:

*“... os cursos de extensão que eu fazia eram os que eram durante a semana, ou que era só um ou dois finais de semana. Nada que fosse a longo prazo, porque eu sabia que eu não ia terminar. Porque pra mim, o mais importante era estar em casa com ele”. (categoria 01 – EIM).*

*“... Eu fiz alguns cursos de extensão, mas não de especialização até em função da carga horária, em função do desprendimento que haveria e da necessidade de estar com a família”. (categoria 01 - EIM).*

As falas de Sandra permitem-nos entrever uma forte tendência ao subfuncionamento que se manifesta no comportamento freqüente de abdicar de desejos e ambições a fim de apoiar seu marido e preservar a harmonia do relacionamento. Essa hipótese ganha força ao nos depararmos com os problemas de saúde que Sandra atribui à mudança de cidade e a conseqüente renúncia a uma vida profissional já estruturada:

*“... abri mão de tudo! Tentei alguma coisa na área de audiologia, não consegui. Com seis meses de Brasília eu infartei né? Em função eu acredito de toda essa reviravolta”. (categoria 01 - EIM).*

A literatura referenda que as mulheres que trabalham em regime de tempo integral têm menos ansiedade e depressão e melhor saúde física que as donas de casa em tempo integral (Barnett & Rivers, 1996). Neste sentido, os problemas de saúde descritos por Sandra parecem

ser reflexo do “esquecimento de si mesma”, o que a levou a abdicar de uma vida ativa e se tornar momentaneamente dona de casa.

Sandra menciona, repetidamente, certa preocupação com questões relacionadas à saúde. Na maioria das vezes, sua preocupação com a saúde está imbricada com sobrecarga de trabalho, exercício de múltiplos papéis e, principalmente, com um sentimento de abandono de si mesma. No momento atual, o trabalho é percebido como fonte de estresse e desgaste físico e mental. A sobrecarga de trabalho vem afetando sua saúde e o prazer que antes era encontrado no trabalho. Neste contexto, emergem sentimentos ambivalentes em relação ao prazer de ficar em casa, cuidar do lar e da família e o prazer de trabalhar:

*“Para mim, agora o mais importante é a minha saúde. Indiscutivelmente. É que eu tenho consciência que eu não fiz bem, sabe? Quando eu levo sustos eu fico uma temporada cuidando. Aí eu vou abandonando, vou abandonando...”*. (categoria 01 – EIM).

*“Eu não consigo falar: ‘eu vou tirar uma tarde pra eu fazer isso’, sabendo que eu tenho coisa pra fazer no trabalho. Mesmo se eu não tô no trabalho, eu tô em casa, fazendo as minhas coisas. Eu ainda tenho essa dificuldade de fazer uma coisa que é só pra mim”*. (categoria 01 – EIM).

*“Eu gosto mais de ficar em casa... Mas eu gosto de trabalhar”*. (categoria 06 – EIM).

*“Porque quando eu fico muito fora de casa trabalhando como eu to agora – eu tive que pegar oito períodos – então, eu só to com a sexta-feira livre. Isso me incomoda. Eu queria ter pelo menos mais uma tarde. Mas, eu tive de pegar. Então, isso não é muito legal pra mim não...”*. (categoria 06 – EIM).

*“... eu sei que isso me sobrecarrega. Física e psicologicamente. Então, isso não faz bem pra minha saúde”*. (categoria 06 – EIM).

O conflito entre trabalho, vida afetiva e familiar eleva muito o nível de ansiedade das mulheres. As pesquisas realizadas com casais de duplo-trabalho têm mostrado que são as esposas que experimentam níveis mais altos de estresse no sentido de conciliarem as inúmeras demandas as quais estão sujeitas (Araújo & Scalón, 2005; Diniz, 1999; Higgins, Duxbury, & Lee, 1994). Esta situação está presente neste casal, pois no discurso do marido não aparece palavras como “estresse”, “sobrecarga”, “cansaço”, “tensão”, “saúde” quando se refere a conciliação entre trabalho, vida familiar e conjugal. Por outro lado, as mesmas palavras emergem fortemente no discurso da esposa, como já verificamos.

Embora o exercício profissional seja um bom preditor do bem-estar psicológico de mulheres casadas (Possati & Dias, 2002; Diniz, 1999, McGoldrick, 1995) o exercício de múltiplos papéis para Sandra têm sido um fator de divisão, contradição e estresse. Sandra manifesta também a sensação de abandono de si em função dos cuidados com o outro, evidenciando a experiência de fragmentação ao tentar conciliar casamento, família e trabalho:

*“Se eu tenho a clínica, eu tenho que cuidar bem da clínica. Se eu tenho a casa, eu tenho que cuidar bem da casa, cuidar do marido, cuidar dos filhos. Então é assim, essa coisa de sempre estar tendo que cuidar de alguém, e cuidando menos de mim”. (categoria 01 – EIM).*

Sob a ótica do gênero, as mulheres são moldadas para “ser através do outro”. Ao condicionar sua existência ao cuidado do outro, Sandra passou a não existir por si própria. Podemos analisar a inscrição prioritária de Sandra na família como um instrumento de reprodução social. Ou seja, uma construção social que prescreve para as mulheres um papel central dentro da família, voltada para o cuidado do outro, sendo internalizada por elas no processo de socialização. Na percepção de Sandra, a necessidade e o desejo de cuidar dos outros é um reflexo de sua necessidade de ter controle:

*“Primeiro, eu acho que é o próprio temperamento... não sei se é temperamento ou a personalidade de ser a zeladora”. (categoria 01 – EIM).  
“O que eu observo também, é que isso me dá também uma sensação de onipotência com todos esses fatores. Porque se eu tô cuidando, eu tô com aquilo sob o meu controle. Então, talvez seja isso! Aquela coisa de eu perder o controle da situação. Eu até penso que eu não tenho que ser isso...”. (categoria 01 – EIM).*

Para interpretarmos o funcionamento de Sandra, devemos entender que o seu envolvimento doméstico é um fenômeno em que intervêm uma busca de sentido, estratégias de poder e objetivos identitários. Com efeito, as tarefas de casa são a oportunidade de constituir territórios identitários e pessoais, de impor seus critérios, formas muito próprias de agir e de pensar e de afirmar sua concepção da organização doméstica e vida familiar.

De acordo com a literatura, as mulheres têm dificuldade de abrir mão de um domínio que sempre lhes “pertenceu” e delegar responsabilidades em relação aos cuidados (Levinson, 1996; Silberstein, 1992; Badinter, 1986; Hertz, 1986; Yogeve, 1981). Com base nisso, a carreira aparece na vida de Sandra como parte co-central da estrutura de sua vida, uma vez que o casamento e as filhas estão em primeiro lugar.

Direcionando o nosso foco de análise para o funcionamento do casal, percebemos que ambos os esposos não devotam suas vidas exclusivamente à carreira. Como um casal de dupla-carreira, Sandro e Sandra tendem a se empenhar para desenvolver estratégias que possibilitem a conciliação entre vida profissional e vida conjugal. Se Sandra tende a priorizar o casamento e a relação com as filhas; Sandro se empenha para disponibilizar o maior tempo possível para a relação conjugal e para a vida em família.

*“A maioria dos dias, eu estando em Brasília, eu almoço em casa. Eu não faço como a maioria das pessoas que não almoça em casa. Eu venho pra casa e, na maioria das vezes, almoço junto, eu e a Sandra. Noventa e nove por cento das vezes a gente almoça junto. Então, a estratégia que você cria é uma estratégia assim... Naturalmente aconteceu, não foi nada programado. É uma coisa assim, minha e dela que se juntaram desde os antigos tempos, a gente gosta de almoçar junto... gosta de tomar café da manhã junto”. (categoria 02 – EC).*

É interessante notar que ambos os esposos tendem a estabelecer suas programações profissionais e de lazer no sentido de conciliarem casamento e trabalho. Contudo, cumpre lembrar que Sandra é autônoma e tem liberdade para definir seus horários. Por outro lado, Sandro tem um trabalho que exige 40 horas de dedicação e viagens constantes.

*“... eu procuro trabalhar normalmente a jornada de trabalho normal. Eu nunca fui uma pessoa que fiquei. Extrapolando essa jornada de trabalho ou ficar trazendo trabalho pra casa”. (H) (categoria 02 – EC).*

*“Eu no máximo, seis e meia, sete horas venho embora pra casa. Eu acho que terminou a jornada de trabalho eu venho pra casa”. (H) (categoria 02 – EC).*

*“O Sandro tinha condições de fazer uma certa programação nas viagens dele. Então, assim eu programava minha agenda também. Eu tinha dois dias na semana que era quarta e quinta que eu não trabalhava. Quarta e quinta era quando ele viajava que aí eu ia junto”. (M) (categoria 02 – EC).*

Roehling e Moen (2003) assinalam que uma das estratégias comuns usadas por casais de dupla-carreira para administrar casamento e trabalho é a adoção de permutas nos horários de trabalho. De acordo com os autores, ressaltamos que, em geral, são as esposas que tendem a fazer ajuste no seu envolvimento com o trabalho, seja reduzindo as horas de dedicação ao trabalho, seja abdicando do mesmo. De fato, a vida de um casal de dupla-carreira significa conciliar tarefas, responsabilidades e múltiplos papéis.

Neste sentido, o casal demonstrou que se planejou ativamente para lidar com seu estilo de casamento. Os discursos de cada cônjuge revelam que o casal investiu fortemente para que a profissão não invadisse o relacionamento conjugal, bem como o casamento não interferisse no desenvolvimento da carreira de cada um. Também construíram uma família sólida, mantiveram a unidade familiar e souberam preservar a relação conjugal. Ambos os esposos se revelam satisfeitos por terem cumprido até o momento seus projetos de vida:

*“... as meninas, elas sempre conviveram assim, desde pequenininhas com a Sandra trabalhando, fazendo alguma coisa, ajudando lá, ajudando aqui, fazendo aqui. E até hoje ela fica em casa, fica próxima, e a gente conseguiu dentro desse relacionamento mesclado assim, ela se dá bem com a família, conseguimos educar nossas filhas, sem traumas, a gente conviveu com elas e, ao mesmo tempo, conseguiu trabalhar”. (categoria 05 – EIH).*

*“... a gente sempre se somou muito. A gente uniu muito as forças. Quer dizer, a gente tem muitas coisas nossas que são muito parecidas, muito similares quer dizer na condução dos assuntos”.* (categoria 01 – EIH).

*“... o nosso casamento é só vantagem”.* (categoria 01 – EC).

*“Conduzimos sempre desse jeito. Sempre os dois, dividindo sucessos e fracassos. Tudo compartilhado sempre”.* (categoria 03 – EIM).

## 6) Papéis de gênero

Ao serem perguntados “O que é ser homem?” e “O que é ser mulher?” as falas de cada um dos cônjuges revelam elementos de permanência e transformação em relação aos estereótipos sociais do ser homem ou do ser mulher, cunhados no processo de socialização.

Para Sandra, a definição do que é ser mulher transcender pelas funções femininas dentro da família como mãe e esposa, reproduzindo o mandato social de que a natureza intrínseca da mulher seria a maternidade e o cuidado. Ao mesmo tempo, emerge em seu discurso a importância do papel profissional como parte constitutiva da identidade feminina:

*“Eu acho que mulher tem que ser assim: ela tem que ter um sucesso profissional, ela tem que se sentir uma boa mãe, tendo dado uma boa educação, uma boa criação, é até a noção mesmo de cidadão para os filhos. Porque eu sinto essa satisfação. E também ser realizada no campo afetivo. Eu acho que esse contexto todo é que forma uma mulher”.* (categoria 01 - EIM).

Fica claro, então, que a valorização do mundo do trabalho coexiste com a permanência ou a conciliação das funções tradicionais atribuídas à mulher. Dessa forma, o discurso de Sandra acena para a expansão do papel feminino na sociedade.

Por sua vez, para Sandro, a definição do que é ser homem transcender pelas papéis masculinos dentro da família, ou seja, o de pai, marido e companheiro. Portanto, estamos diante da redefinição do papel do homem na sociedade.

*“... ser homem é ser uma pessoa participativa, principalmente falando em família. Eu acho que é você participar da família porque em casa realmente o sentido de ser homem ele é bem abrangente. É que em casa eu tenho minha mulher e duas filhas, então eu sou o único homem da casa... Pra mim é uma coisa normal, eu participo em todas as atividades da casa, quer dizer, eu não tenho menor intenção, menor espírito de machismo”.* (categoria 02 - EIH)

*“Ser homem é você e ser esposo, você ser chamado de papai, acho que é uma coisa assim, mais íntima que a parte sexual. É o dia a dia com a família”.* (categoria 02 - EIH).

*“Ser homem é uma coisa natural... Nós temos direitos iguais. A gente tem responsabilidades. Todo mundo. Cada um procura fazer a sua parte. Não é porque é homem ou mulher...”.* (categoria 02 - EIH).

*“Eu acho que não é a parte sexual que faz a diferença de você ser homem ou mulher. Eu acho que as pessoas tem que ser humano, ser um pro outro,*

*um pra família. Quer dizer, eu acho que isso supera tudo. A parte da sexualidade, eu acho que fica até num segundo plano”. (categoria 02 - EIH).*

Merece destaque a modernização dos papéis tradicionais do homem na família e no casamento, evidenciando a descontinuidade em relação aos domínios prescritos para homens e mulheres. Sandro fala de ideais modernos, de igualdade entre os sexos, indicando que a diferença de posições sociais entre os sexos se estreitou.

Por certo, aponta para a redução das disjunções radicais dos papéis sexuais: de um lado, realça a importância da vida privada do homem; do outro, incentiva o investimento feminino na vida profissional. Contudo, a legitimação e valorização do trabalho feminino coexistem com a supremacia feminina na esfera doméstica e na vida familiar:

*“O papel da mulher é fundamental, como mãe, como tudo. Quer dizer, ela é o grande esteio da casa”. (categoria 04 - EIH).*

*“Eu acho que a mulher tem um papel fundamental. Acho que é conduzir tudo... o lar, a casa, na parte da educação. Acho que o homem acaba passando o desempenho dessas funções e acaba ficando mais fora”. (categoria 04 - EIH).*

*“... é muito importante a mulher ter essa renda, a independência financeira, ter esse desempenho, se desenvolver também. Eu acho isso importantíssimo”. (categoria 05 - EIH).*

*“... é fundamental que toda mulher tenha uma atividade extra-casa”. (categoria 05 - EIH).*

O fato de Sandro proferir um discurso igualitário que alude a permutabilidade dos papéis sexuais não encobre que a clivagem das orientações sexuais é patente. Valores e condutas desarticulados e incongruentes aparecem em seu discurso. Para Sandro, a definição do domínio prescritivo da casa não é interpretada como uma submissão invisível, porque sua conduta moderna aceita o valor do trabalho feminino e também não é vivida como inconsistente, pois Sandro está embutido da certeza de que o domínio doméstico faz parte da competência da mulher.

## **DISCUSSÃO GERAL**

A análise das entrevistas realizadas com cada casal evidenciou particularidades e ressonâncias nas experiências conjugais e profissionais vividas pelos casais de dupla-carreira estudados. Com base na revisão de literatura e nos objetivos da pesquisa, buscamos compreender como esses casais de dupla-carreira lidam com a interação entre casamento e trabalho, bem como exercem os papéis de gênero no cotidiano conjugal.

De modo geral, podemos dizer que os resultados encontrados evidenciam que os casais de dupla-carreira lidam de forma conflitante com as demandas provenientes da vida conjugal, familiar e profissional. Os nossos resultados confirmam os dados da literatura que afirmam que os casais de dupla-carreira são particularmente vulneráveis ao conflito trabalho-família, pois ambos os esposos têm dificuldades para responder às múltiplas demandas às quais estão sujeitos (Roehling & Moen, 2003; Diniz, 1999, 1993; Higgins, Duxbury & Lee, 1994).

Partindo dessas constatações, torna-se importante problematizar as diferenças de gênero que emergiram na análise das entrevistas no contexto das díades. A discussão final é articulada em torno dos conflitos que homens e mulheres enfrentam na tentativa de conciliarem demandas inconciliáveis, originadas pelas responsabilidades duais e papéis a serem desempenhados simultaneamente no mundo do trabalho e na vida conjugal e familiar.

Nesse estudo, o conflito casamento-trabalho é definido como a pressão percebida sempre que há uma incompatibilidade de demandas, impossibilitando assim a plena execução daquilo que é necessário. O conflito pessoal existe sempre que as metas e desejos do indivíduo são incoerentes entre si.

Principiamos por salientar que nossos resultados apontam para a coexistência do novo e do tradicional na fala dos homens e mulheres entrevistados. O discurso social que glorifica a igualdade de gênero convive com modelos antigos que prescrevem papéis sociais distintos para os homens e para as mulheres. De fato, a modernidade implica necessariamente na adesão do sujeito a ideais modernos, embora ideais arcaicos possam ser conservados na sua subjetividade. Entretanto, o moderno não substitui o tradicional, como aparentemente podemos supor (Rocha-Coutinho, 2003, 2000; Féres-Carneiro, 1998; Jablonski, 1998; Diniz, 1996; Figueira, 1987).

As mulheres entrevistadas em nosso estudo evidenciam a necessidade de conciliar as múltiplas demandas oriundas da vida profissional com as necessidades afetivas do relacionamento conjugal e da vida familiar. As formas de conciliação ocorrem relativamente de modo variado, porém, essas mulheres apresentam uma dinâmica em comum que diz respeito à

renuncia em relação às suas próprias necessidades e desejos para preservar a harmonia do relacionamento. Para essas mulheres, casamento e trabalho se constituem, portanto, como dilema.

A carreira é percebida por parte de nossas entrevistadas como parte constitutiva de suas identidades. A continuidade de suas atividades profissionais revela um envolvimento mais profundo com a profissão que não aparece como último recurso para a sustentação da família, mas como uma exigência individual e identitária, um meio de afirmação social. Para essas mulheres, a carreira engendrou a possibilidade de novos desafios e projetos voltados para a autonomia e para a conquista de novos papéis sociais. A carreira também possibilitou a conquista do eu que se manifesta pela vontade de ser reconhecida como protagonista de sua própria história. Mas, a dedicação ao trabalho e as exigências inerentes à profissão parecem entrar em conflito com o papel de esposa e mãe.

Os conflitos centrais vividos por nossas entrevistadas referem-se à experiência de fragmentação da identidade, subfuncionamento, sentimentos de culpa, esquecimento de si e questões relativas à saúde física e mental como ansiedade, stress, depressão. É fato que essas mulheres romperam com a rigidez do modelo de esposa e mãe. Um novo registro identitário foi construído a partir de sua identidade profissional. A recusa de uma identidade constituída exclusivamente pelas funções de mãe e esposa emerge fortemente nos discursos de Andréia, Bruna, Joana, Carla e Sandra.

Embora essas mulheres tenham legitimado sua permanência no espaço público, a centralidade da maternidade ainda se faz presente. Ser mãe não perdeu a importância. Apesar de todas as transformações, para nossas entrevistadas a mãe ainda é vista como a principal responsável pelos cuidados com os filhos. As falas revelam a continuidade do princípio social de que a maternidade e o cuidado com os filhos são funções inerentes à mulher.

Firmando-se como versão legítima do universo feminino, é fato que a maternidade tornou-se sinônimo do “ser-mulher”. Até certo ponto, o vínculo mulher-mãe igualou a diversidade da experiência feminina, unificando-as sob o predomínio de um denominador comum. Entretanto, a vinculação mulher-mãe foi rompida no discurso de nossas entrevistadas que definem a mulher através de outro prisma. Ao mesmo tempo em que elas se referem à maternidade como algo maravilhoso, também expressam abertamente as dificuldades que estão atreladas ao seu exercício.

Encontramos também nos discursos dessas mulheres referências constantes às seqüelas deixadas pelo esforço exigido na administração de múltiplas demandas provenientes da vida conjugal, familiar e profissional. As dificuldades encontradas se expressam sob a forma de

sentimentos de culpa, desmotivação, inibição para o trabalho e insatisfação profissional com desdobramentos na vida pessoal e familiar.

Por certo, pressões advindas da administração de inúmeras demandas e da multiplicidade de papéis são vivenciadas por nossas entrevistadas como um peso. O investimento profissional da mulher permitiu a conquista de sua independência e de seu direito à cidadania. Entretanto, a afirmação da individualidade e da autonomia para se movimentar nos espaços sociais “*tendem a contrastar com uma identidade que se converte de pessoa em esposa e mãe*” (Araújo & Scalon, 2005, p. 32). Neste contexto, emerge a consciência da ambivalência e o sentimento de fragmentação da identidade.

É fato que a participação na força de trabalho gera sentimentos e posições paradoxais para as mulheres. Embora seja fator determinante para o bem-estar psicológico das mulheres, também provoca uma série de dúvidas e tensões, decorrentes da necessidade que elas sentem de manterem seus casamentos, cuidarem da família e conduzirem suas carreiras com padrões de excelência (Rocha-Coutinho, 2003; Levinson, 1996; McGoldrick, 1995). McGoldrick (1995) ressalta a presença marcante de sentimentos de culpa por parte das mulheres na tentativa de conciliarem a vida profissional e a vida familiar:

*“A culpa pela maternidade menos-que-perfeita e pelo desempenho profissional menos-que-perfeito é real, porque não é possível ‘ter tudo’ quando os empregos ainda estão estruturados para os homens cujas esposas cuidam dos detalhes da vida, e os lares ainda estão estruturados para as mulheres cuja única responsabilidade é cuidar de suas famílias” (p.35).*

A referência constante a sentimentos de culpa na tentativa de conciliarem a vida profissional e a vida familiar responde a uma construção social que se reflete no difundido discurso da culpa feminina e que, por sua vez, foi internalizada por essas mulheres no processo de socialização. Nessa abordagem da condição feminina não há saída: culpada por trabalhar ou culpada por não o fazer.

Hopkins e White (1978) voltaram-se à compreensão da satisfação conjugal nos casamentos de dupla-carreira na década de 70. Entre os achados de seus estudos um fato chama a atenção: as mulheres se diziam frustradas tanto no trabalho, quanto no lar, em virtude de um sentimento de culpa por não corresponderem às expectativas da sociedade em relação ao seu envolvimento com o trabalho e a família, desencadeando conflitos conjugais. Vinte anos depois, Beckham (1999) confirma que esses conflitos permanecem e dizem respeito aos papéis familiares, uma vez que as mulheres ainda assumem a principal responsabilidade pelos cuidados da casa e da família.

Por um lado, espera-se que o homem seja compelido a trabalhar por horas a fio, apesar do desgaste pessoal e familiar. De forma oposta, o comprometimento profissional elevado permanece como uma patologia social para as esposas, tanto que um elevado compromisso com a carreira está correlacionado a conflito de papéis para as mulheres, mas não para os homens (Roehling & Moen, 2003; Galambos & Walters, 1992).

No contexto de casamentos de dupla-carreira, constata-se que as esposas experimentam níveis mais altos de conflito trabalho-família que os maridos e que o acúmulo de tarefas - públicas e privadas - eleva de forma intensa o nível de ansiedade (Roehling, Moen, & Batt, 2003; Diniz, 1999; 1993). Essa situação está presente nas falas de nossas entrevistadas onde aparece palavras como “estresse”, “sobrecarga”, “cansaço”, “tensão”, “saúde” quando se refere a conciliação entre trabalho, vida familiar e conjugal.

É fato que, à medida que a mulher avança profissionalmente, a falta de apoio também propicia uma condição favorável ao estresse e a conflitos na área conjugal. Pressões advindas da administração de inúmeras demandas e da multiplicidade de papéis provocam um elevado nível de estresse que tem papel determinante em relação à saúde das mulheres (Diniz, 1999).

Segundo Diniz (1999), o acúmulo de papéis não é necessariamente prejudicial. A interação entre características individuais, fatores de ordem social e relacional (rede de apoio por parte do marido, da família e da sociedade como um todo) é que vai determinar a condição feminina diante do acúmulo de papéis e demandas. O envolvimento profissional pode trazer grandes benefícios para a realização pessoal e para a auto-estima da mulher, ou, ao contrário, efeitos prejudiciais para a sua saúde.

Ao perceberem que trabalho e família se beneficiam mutuamente, as mulheres de carreira podem encontrar um caminho para sustentar tal equilíbrio e obter satisfação. Parece que o grande desafio para nossas entrevistadas é ir de encontro à imagem não tradicional da mulher e, ao mesmo tempo, buscar meios para equilibrar a vida profissional com a vida familiar, variáveis que lhe exigirão adaptações constantes no decorrer da vida.

Por outro ângulo, nossa análise também revelou os conflitos centrais vividos pelos homens entrevistados. Esses se referem aos desgastes gerados na relação conjugal em virtude da administração de vários contextos de atuação, bem como à percepção do trabalho da esposa como fator gerador de dificuldades para o casal.

João e Carlos mencionam constantemente os efeitos que o trabalho tem sobre o casamento. Na percepção desses homens, o trabalho invade a vida conjugal, gerando conflitos e desentendimentos. Bruno e André falam sobre impasses no casamento devido ao investimento maciço das esposas na vida profissional. Embora nossos entrevistados afirmem que valorizam e

apóiam a vida profissional de suas esposas, suas condutas são incongruentes com seus discursos, uma vez que expressam claramente que a carreira feminina tem valor desde que não esteja acima da importância da família e do casamento.

Apesar de o trabalho remunerado ter se tornado parte constitutiva da identidade feminina, sua valorização aparece condicionada com a sua permanência ou conciliação com o espaço tradicional atribuído à mulher - a casa e a maternidade - (Araújo & Scalon, 2005; Miranda-Martins & Diniz, 2005; Rocha-Coutinho 2000). Araújo e Scalon (2005) problematizam a questão:

*“Entre os homens permanece como percepção uma necessidade pragmática relacionada com a escassez orçamentária e uma idéia de trabalho que é aceita, mas com a conotação de ‘auxiliar’, embora de fato não o seja. Tal percepção acompanha a aceitação do trabalho feminino, mas isso não significa necessariamente uma alteração das representações simbólicas e efetivas acerca dos lugares prioritários de homens e mulheres” (p.33-34).*

Nesse sentido, os depoimentos de nossos entrevistados revelam que a definição do domínio prescritivo da casa não é interpretada como uma submissão invisível, pois a conduta moderna aceita o valor do trabalho feminino e também não é vivida como inconsistente, pois eles estão certos de que o domínio doméstico faz parte da competência da mulher.

Estamos diante de uma complexa alternância de valores modernos e condutas arcaicas que, à primeira vista, parecem incoerentes. Trata-se da vivência contrastante de permanência e mudança nos papéis de gênero. A dinâmica igualitária conseguiu desqualificar a associação do homem com a autoridade patriarcal, mas não chegou à associação das mulheres com as domésticas.

## V – CONCLUSÕES

O lugar contemporâneo da mulher no mundo do trabalho não impediu que fossem prorrogadas as lógicas dessemelhantes quanto aos papéis de gênero. Embora, nos últimos anos, tenham ocorrido importantes transformações em relação aos papéis prescritos para o homem e a mulher dentro da família e do casamento, a idéia de uma total ruptura com os antigos modelos de “ser homem” e “ser mulher” e de conjugalidade ainda se mantém no plano do discurso. O que se vive hoje é a coexistência conflituosa entre comportamentos e valores tradicionais com aqueles considerados “modernos” (Negreiros & Féres-Carneiro, 2004; Jablonski, 2003,1998; Rocha-Coutinho, 2000; Féres-Carneiro, 1998; Diniz, 1996).

O momento atual tem como característica emblemática a coexistência de um conjunto de características múltiplas, ainda que interdependentes e, por vezes, contraditórias que atuam de forma determinante no âmbito da instituição casamento. Portanto, para os propósitos da nossa discussão, é imprescindível levar em consideração o ponto de vista de que estudar o casamento pressupõe a coexistência íntima e conflituosa entre as noções de velho e de novo.

Para comprovarmos tal assertiva, basta analisarmos os achados de diversos estudos brasileiros das últimas décadas, no campo das ciências humanas e sociais, que atestam um fenômeno comum: a coexistência de ideais arcaicos com ideais modernos na tradicional na família brasileira (Negreiros & Féres-Carneiro, 2004; Rocha-Coutinho, 2003; Goldenberg, 2001; Féres-Carneiro, 1998; Jablonski, 1998; Diniz, 1996; Vaitsman, 1994; Figueira, 1986). A fim de problematizarmos a questão, torna-se necessário apropriarmo-nos do conceito de “desmapeamento”, elaborado por Figueira (1986).

Figueira (1986) utiliza o termo “desmapeamento” para designar a coexistência de “*mapas diferentes e contraditórios inscritos em níveis diferentes e relativamente dissociados dentro do sujeito*” (p.22-23). Na acepção de Figueira (1986), então, a modernidade implica necessariamente na adesão do sujeito a ideais modernos, embora, ideais arcaicos possam ser conservados na sua subjetividade. Isto significa dizer que o moderno não vem substituir o tradicional. (Negreiros & Féres-Carneiro, 2004; Rocha-Coutinho, 2003; Jablonski, 1998; Vaitsman, 1994). Em relação a essa questão, Figueira (1986) acrescenta:

*“A modernização da família é, portanto, um processo complexo que resulta da modernização dos ideais e das identificações, da dissolução e da criação de categorias classificatórias, da plurificação das aparências e da psicologização dos discursos. Quase não é preciso repetir que este processo está longe de ser linear e que seus resultantes são, portanto, complexos”* (p.21).

Diante de modelos de casamento e de identidade sociais tão díspares e conflitantes, podemos supor que as pessoas não consigam sincronizar suas demandas individuais com os novos delineamentos impostos socialmente. Como já foi dito no decorrer deste trabalho, as mudanças sociais se entrelaçam na constituição da subjetividade e o inverso também acontece. Contudo, ressaltamos que a dimensão subjetiva do ser humano é a mais difícil de ser transformada. O conteúdo que se processa no plano do imaginário, dos desejos e das fantasias, adquire sentidos no nível intrapsíquico, mas se manifesta apenas de forma latente nas relações intersubjetivas (Passo, 2005; Figueira, 1986). Dito de outra forma, há um desacerto entre as mudanças sociais e as mudanças subjetivas que nos conduz a sensação de uma “falsa modernização”, nos termos de Figueira (1986).

Neste contexto, homens e mulheres oscilam entre atitudes mais tradicionais e mais modernas, encontrando dificuldades para lidar tanto com o velho, quanto com o novo. Ao mesmo tempo, diferentes discursos coexistem e se transformam continuamente, impondo modelos de casamento, de masculinidade e de feminilidade a serem seguidos como “objeto pré-construído” (Bourdieu, 1989).

A convivência de estímulos e ações mutuamente conflitantes se institui como uma das principais zonas de tensão responsável por um estado de confusão de valores e de atitudes aos quais têm sido expostos os membros dos casais de hoje (Jablonski, 2003; Rocha-Coutinho, 2000). Como aponta Rocha-Coutinho (2000):

*“Uma série de mudanças, pelo menos no nível discursivo, são apontadas como pilares dos novos papéis de homens e mulheres nos espaços público e privado. Podemos observar, no entanto, que a relação homem-mulher vem atualizar não apenas as nuances dessas mudanças, como também vem reeditar antigas tradições, adaptando-as às novas exigências” (p.36).*

Portanto, os pesquisadores vinculados ao campo das ciências humanas e sociais devem levar em consideração a complexidade e multiplicidade de dinâmicas que podem afetar a vida de homens e mulheres, bem como o modelo de conjugalidade que se estabelece entre eles em intersecção com a dimensão social. Enquanto pesquisadores, o nosso desafio refere-se à necessidade de investigar o ser humano como membro de um contexto social e psicológico multidimensional (Diniz, 1999; Yogev, 1982).

O casamento hoje pressupõe a noção de mutatividade. Mesmo diante de alternativas vanguardistas de conjugalidade, as pessoas ainda parecem conservar internamente um modelo tradicional de casamento. Neste sentido, a realidade plástica ora em curso traz como desafio para

os casais contemporâneos a possibilidade de reinventar o casamento. Essa reinvenção implica também os modos de ser homem e os modos de ser mulher.

Vale dizer que, ao ingressarem no mundo do trabalho, nossas entrevistadas adotaram atitudes que denotam busca de um sentido para a vida pessoal e o desejo de ser indivíduo. A inclusão no mundo do trabalho trouxe implicações para a auto-percepção de nossas entrevistadas. A conquista de autonomia pessoal não responde a um confronto contra as normas e as sujeições da vida social, mas sim, ao desejo de serem reconhecidas pelo que *fazem* e não pelo que *são* “por natureza”. Portanto, a transformação do trabalho feminino coloca em evidência um dos grandes temas contemporâneos: o impasse entre socialização e subjetivação e traz à tona a idéia de uma mulher-indivíduo, protagonista de sua história e distante da idéia de uma mulher-natureza (Lipovetsky, 2000; Torres, 2000).

Ao mesmo tempo, não podemos deixar de enfatizar a descontinuidade dos padrões prescritos para os homens que se evidencia na conduta de nossos entrevistados quanto ao papel parental. A paternidade aparece no discurso desses homens como uma dimensão importante. André, João, Carlos e Sandro revelam um engajamento e investimento maior na vida dos filhos. Esses resultados coincidem com a literatura que ressalta as mudanças no padrão de envolvimento masculino com os filhos. Mesmo que de maneira tímida, os homens têm assumido um papel mais atuante como pais (Araújo & Scalón, 2005; Jablonski, 1999).

Portanto, deparamo-nos com a expansão do papel da mulher, em contraposição com a redefinição do papel do homem. Porém, o trabalho remunerado da mulher, a abertura das carreiras aos dois sexos, a ruptura do modelo de mulher do lar e a participação mais ativa dos homens no âmbito doméstico não impediu a manutenção de uma diferença estrutural na articulação entre a vida profissional e a vida conjugal e familiar.

O fato é que as disjunções dos papéis sexuais permanecem. Para os homens, o mundo do trabalho e o mundo doméstico são disjuntos. Para as mulheres, os mesmos domínios permanecem conjuntos. Enquanto para os homens a vida profissional aparece em primeiro lugar em relação ao projeto de paternidade, para as mulheres, ela é elaborada integrando os futuros desafios e possíveis conflitos impostos pela maternidade. Para os homens, conciliar casamento, família/trabalho é algo natural. Para as mulheres, esse contexto acompanha dilemas e interrogações de uma busca de conciliação que é freqüentemente fonte de culpa e insatisfação.

Portanto, não há uma permutabilidade dos papéis sexuais. Estamos diante da reorganização da inscrição social da diferença entre os homens e as mulheres diante do trabalho, da família e do casamento (Lipovetsky, 2000).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, D. M., Wethington, E., & Chandler, A. L. (1999). Daily transmission of tensions between marital dyads and parent-child dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 61, 49-61.

Alves, B. M. & Pitanguy, J. (2003). “O que é o feminismo?”. Coleção primeiro passos; 44. São Paulo: Brasiliense.

Andolfi, M. (1995). Crise de casal e família trigeracional. Em M. Andolfi, (Org.). *Casais em crise*. (p. 120 a 132). São Paulo: Summus.

Antunes, R. (1999). *Os Sentidos do Trabalho*. São Paulo: Boitempo Editorial.

Aquino, R. S. L. et al. (1989). *História das sociedades: das sociedades modernas as sociedades atuais*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.

Araújo, C. & Scalon, C. (2005). Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. Em C. Araújo, e C. Scalon, (Orgs.). *Gênero, Família e Trabalho no Brasil*. (p.15-78). Rio de Janeiro: Editora FGV.

Arrazola, L. S. D. (2002). Ciência e crítica feminista. Em A. A. Costa, e C. M. B. Sandenberg, (Orgs.), *Feminismo, ciência e tecnologia*. REDOR/NEIM-FFCH/UFBA. Coleções Bahianas, N° 8.

Ariès, P. (1991). Por uma história da vida privada. Em Áries, P. e Duby, G. (Orgs.). *História da vida privada: da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, V.3.

\_\_\_\_\_. (1985). O amor no casamento. Em P. Áries, e A. Bèjin, (Orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. (p.153-162). São Paulo: Brasiliense.

\_\_\_\_\_. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar.

Arruda, J. J. A. (1988). *A revolução industrial*. São Paulo: Editora Ática.

Badinter, E. (1986). *Um é o outro. Relações entre homens e mulheres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

\_\_\_\_\_. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. São Paulo: Hucitec.

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Barnes, G. G. (1994). A esposa e o mundo do trabalho. Em R. J. Perelberg, & A. C. Miller. (Orgs.). *Os sexos e o poder nas famílias*. (p. 223-255). Rio de Janeiro: Imago Editora.

Barnett, R. C., & Hyde, I.S. (2001). Women, men, work and family: an expansionist theory. *American psychologist*, 56, 781-796.

Barnett, R. C., & Rivers, C. (1996). *She works/he works: how two-income families are happy, healthy, and thriving*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Bassanezi, C. (2004). Mulher dos anos dourados. Em M. Del Priore, (Org.). *História das mulheres no Brasil*. (p. 607-639). São Paulo: Editora Contexto.

Bauer, C. (2001). *Breve história da mulher no mundo ocidental*. São Paulo: Xamã: Edições Pulsar.

Beauvoir, S. (1991). *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

Becker, I. (2000). Breaking Through Glass Ceiling. Página da web: <http://www.womenswire.com/glass/html>

Becker, P. E., & Moen, P. (1999). Scaling back: dual-earner couples' work-family strategies. *Journal of marriage and the family*, 61, 995-1007.

Beckman, K. (1999). Ohio cooperative extension service. Ohio State University. Disponível: <http://www.penpages.psu.edu/penpages> Acesso: set/2004.

Berg, B. L. (1998). *Qualitative Reserach Methods For The Social Sciences*. Boston: Allyn And Bacon.

Biasoli-Alves, Z. M. M. (2000). Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira do século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 3, p.1-13.

Bradt, M. D.(1995). Tornando-se pais: famílias com filhos pequenos. Em B. Carter, & M. Mcgoldrick, (Orgs.), *As mudanças no ciclo de vida familiar*. (p. 207-221). Porto Alegre: Artes Médicas.

Brandão, P. J. (1999). *Identidade e Etnia. Construção da pessoa e resistência cultural*. São

Brito, A. & Leonardos, A.C. (2001). A identidade das pesquisas qualitativas: construção de um quadro analítico. *Cadernos de Pesquisa*, N.113. São Paulo: Fundação Carlos Chagas.

Britto da Motta, A. (1999). Gênero, Família e Fases do Ciclo de Vida. *Caderno CHR*, nº 29, p.13-20.

Brito, J. & Oliveira, S. (1997). Divisão sexual do trabalho e desigualdade nos espaços de trabalho. Em F. J.F. Silva, e S. Jardim, (Orgs.). *A danação do trabalho – organização do trabalho e sofrimento psíquico*. Rio de Janeiro: Te Cora.

Bourdieu, p. (2002). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Bruschini, C. (2000). Gênero, trabalho e família no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? Em Rocha, M. I. B. (Org.). *Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios*. 1ª Edição. São Paulo: Editora 34.

Bruschini, C. & Rosemberg, F. (1982). *Trabalhadoras do Brasil*. São Paulo: Brasiliense.

Bucher (1999). O casal e a Família sob Novas Formas de Interação. Em T. Feres-Carneiro (Org.), *Casal e família; entre a Tradição e a transformação* (p.82-95). Rio de Janeiro: Nau Editora.

Carter, B. & Mcgoldrick (1999). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Castells, M. (1999). *O Poder da Identidade Vol.II*. São Paulo: Paz e Terra.

Clarkberg, M., & Moen, P. (2001). Understanding the time-squeeze: married couples' preferred and actual work-hour strategies. *American behavioral scientist*, 44, 1115-1136.

Codo, W & Gazotti, A. A. (1999). Trabalho e afetividade. Em W. Codo (Org.). *Educação e carinho* (p.48-59) Petrópolis: Vozes.

Combes, D. & Haicault, M. (1986). Produção e reprodução. Relações sociais de sexos e de classes. Em A. Kartchevsky, et. al. (Orgs.). *O sexo do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Cook, E. P (1993). The gendered context of life: implications for women's and men's career-life plans. *The career Development Quarterly*, March, 41, p. 227-237.

Danzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (1994). *Handbook of qualitative research*. London: Sage.

Dauster, T (1986). A invenção do amor: amor, sexo e família em camadas médias urbanas. Em S. Figueira. (Org.). *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. (p.99-111). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Descarries, F. (2000). Teorias feministas: libertação e solidariedade no plural. Em T. N Swain, (Org.). *Feminismos: Teorias e Perspectivas. Textos de História: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UnB*, vol. 8, n° 1/2, p.9-47. Brasília: UnB.

Diehl, A. (2002). O Homem e a nova mulher. Novos padrões sexuais de conjugalidade. Em A. Wagner, (Org.). *A família em cena: tramas, dramas e transformações*. (p.135-158). Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Diniz, G. & Coelho, V. (2003). Mulher, família, identidade: a meia-idade e seus dilemas. Em T. Féres-Carneiro, (Org.), *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-rio. São Paulo: Loyola, 2003.

Diniz, G. (1999). Homens e Mulheres Frente à interação Casamento-Trabalho: Aspectos da Realidade Brasileira. Em T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e Família: entre a tradição e a transformação*. (p.31-54). Rio de Janeiro: Nau Editora.

\_\_\_\_\_. (1999a). Condição Feminina - Fator de Risco para a Saúde Mental? Capítulo de livro no prelo. Brasília, DF: Editora da UnB

\_\_\_\_\_. (1996). Dilemas de trabalho, papel de gênero e matrimônio em casais que trabalham fora em tempo integral. In: T. F. Carneiro, (Org.). *Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal. Coletâneas da ANPEPP – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia*. Vol. 1 (1), p. 101-112.

\_\_\_\_\_. (1993) *The interaction between work, gender-roles and marriage-family dilemmas in dual career and dual work couples*. Tese de Doutorado defendida na USIU – United States International University, San Diego: CA.

Dios, V. C. (1997). *Interação entre o trabalho e a família em mulheres profissionais da área de saúde*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade de Brasília – UnB.

D’Incao, M. A. (2004). Mulher e família burguesa. Em M. Del Priore, (Org.), *História das mulheres no Brasil*. (p. 223-240). São Paulo: Editora Contexto.

Duarte, L.F.D. (1995). Horizontes do indivíduo e da ética no crepúsculo da família. Em Y. Ribeiro, & A. C. Ribeiro, (Orgs), *Família e sociedade brasileira: desafios nos processos contemporâneos*. (p. 57-81). São Paulo: Edições Loyola.

Durham, E. (1983). “Família e reprodução humana”. Em *Perspectivas Antropológicas da Mulher* (3). Rio de Janeiro: Zahar.

Duxbury, L. E. & Higgins, C. A. (1991). Gender differences in work-family conflict. *Journal of applied psychology*. 76 (1). 60-74.

Engels, F. (1985). *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Esteves de Vasconcellos, M. J. (2002). *Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência*. São Paulo: Papirus.

Féres-carneiro, T. & Magalhães, A. S. (2003). Conjugalidade e subjetividades contemporâneas: o parceiro como instrumento de legitimação do “eu”. Em *Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial*. Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. (2001). Casamento Contemporâneo: construção da identidade conjugal. Em T. Féres-Carneiro (Org.), *Casamento e Família: do social à clínica*. (p.67- 80). Rio de Janeiro: Nau Editora.

\_\_\_\_\_. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio entre conjugalidade e individualidade. *Psicologia e Reflexão Crítica*. Vol.11, no. 2. p.379-394.

Figueira, S. (1986). “O ‘moderno’ e o ‘arcaico’ na família na família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social”. Em S. Figueira. (Org.), *Um nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. (p.11-30). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Framo, J. L. (2002). Uma abordagem transgeracional à terapia de casal, à terapia familiar e à terapia individual. Em M. Andolfi, (Org.). *A Crise do casal: uma perspectiva sistêmico-relacional* (p. 73 a 79). Porto Alegre: Artmed.

Friedan, B. (1971). *A mística feminina*. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes.

Flandrin, J. L. (1985). A vida sexual dos casados na sociedade antiga: Da doutrina da igreja à realidade dos comportamentos. Em P. Áries, e A. Bèjin, (Orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense.

Galambos, N. L & Walters, B. J. (1992). Work hours, schedule inflexibility, and stress in dual –earner spouses. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 24:3, 290-302.

Gay, Peter. (1995) *O Cultivo do Ódio: a experiência da burguesia da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Cia. das Letras.

Gergen, M. Mc C. (1998). (Org.), *O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento*. Brasília: Rosa dos Tempos: Ed. UnB, 1993.

Giddens, A. (1993). *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP.

\_\_\_\_\_. (1991). *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP.

Gilligan, C. (1982). *In a different voice*. Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press.

Glaserfeld, E. V. (1996). Adeus à objetividade. Em P. Watzlawick e P. Krieg (Orgs.), *O olhar do observador* (p. 13-29). São Paulo: Editorial Psy.

Goldani, A. M. (1994). Retratos de família em tempos de crise. *Revista de Estudos Feministas*, 2: 303-35. Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ.

Goldenberg, M. (2001). A invenção do casal. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro: v.1, n.1, p.89 – 104. Disponível Em [www.miriangoldenberg.com.br/](http://www.miriangoldenberg.com.br/). Acesso dez., 2005.

\_\_\_\_\_. (1991). *Ser homem, ser mulher: dentro e fora do casamento*. Rio de Janeiro: Revan.

Goode, W. J. *Revolução mundial e padrões de família*. São Paulo: Nacional, 1970.

Goodrich, T. J. et al. (1990). Terapia Feminista da Família: Em Busca da Mudança. Em T. J. Goodrich, et al. *Terapia Feminista da Família*. (p.19 a 48). Porto Alegre: Artmed.

Goodrich, T. J. et al. (1990). O Feminismo e a Família. Em T. J. Goodrich, et al. (Orgs.). *Terapia Feminista da Família: Em Busca da Mudança* (p. 19-28). Porto Alegre: Artmed.

Grandesso, M. A. (2000). *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Grossi, M. P. & Pedro, J. M. (Orgs.). *Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

Habermas, J. (1971). A família burguesa e a institucionalização de uma esfera privada referida à esfera pública. Em M. Canevacci, (Org.), *Dialética da família*. São Paulo: Brasiliense.

Hall, S. (2000). *A identidade na pós-modernidade*. 9ª Edição. Rio de Janeiro: Dp&A Editora.

Hammer, L. & Thompson, C. (2003). Work-family role conflict. Sloan Work-family encyclopedia research network. Boston college. Disponível em: <http://wfnetwork.bc.edu/encyclopedia.php?mode=nav&area=academics>. Acesso em dez/2004.

Haraway, D. (1995). Saberes localizados – a questão da ciência para o feminismo e privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, N.º. 5, São Paulo.

Hertz, R. (1986). *More equal than others – Women and men in dual career marriages*. University of California Press, Berkeley, CA, USA.

Higgins, C., Duxbury, L., & Lee, C. (1994). Impact of life-cycle stage and gender on the ability to balance work and family responsibilities. *Family relations*, 43, 144-150.

Higgins, C. A., Duxbury, L. E., & Irving, R. H. (1992). Work-family conflict in the dual-career family. *Organizational behavior and human decision processes*, 51, 51-75.

Hirata, H. & Kergoat, D. (2003). A divisão do trabalho revisitada. In: H. Hirata, e M. Maruani, (Orgs.). *As novas fronteiras da desigualdade. Homens e mulheres no mercado de trabalho*. São Paulo: Editora SENAC.

Hobfoll, L. W. & Hobfoll, I. H. (1994). *Work wont't love you back: the dual career couple's survival guide*. W. H. Freeman and Company, USA.

Hobsbawm, Eric J. (1979). *Da revolução industrial inglesa ao imperialismo*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.

Hoffman, L. H. & Hoffman, H. J. (1985). The lives and adventure of dual-career couples. *Family Therapy*, Vol. XII, N. 2, p. 123-149.

Hsu, Bi-Fen. & Liu, Nien-Chi. (2003). Gender, gender-role attitudes, and work-family conflict: moderating effects of supervisory support. Disponível em: <http://www.fu-berlin.de/fehlerseiten/404.html>. Acesso: dez/2004.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Página da Web: <http://www.ibge.gov.br>

Izquierdo, M. J. (1994). Uso y abuso del concepto de gênero. Em *Pensar las diferencias*. Barcelona: Icd. Universitat de Barcelona.

Jablonski, B. (2003). Afinal, o que quer um casal. algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. Em T. Féres-Carneiro. (Org.), *Família e Casal: Arranjos e Demandas Contemporâneas*. (p.141-168). Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio; São Paulo: Loyola.

\_\_\_\_\_. (2001). Atitudes frente à crise no casamento. Em T. Féres-Carneiro, (Org.), *Casamento e Família – do social à clínica*. (p.81-95). Rio de Janeiro: Nau Editora.

\_\_\_\_\_. (1999). Identidade masculina e o exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos. Em T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e Família: Entre a Tradição e a Transformação* (p.82-95). Rio de Janeiro: Nau Editora.

\_\_\_\_\_. (1998). *Até que a vida nos separe*. Rio de Janeiro: Agir.

Jonathan, E. G. (2001). Mulheres empreendedoras: quebrando alguns tabus. *III Encontro Nacional de Empreendedorismo (ENEMPRES)*. Anais do Encontro. Florianópolis: USFC (CD-ROM).

Kerka, S. (1993). Adults in career transition. Em Eric Digest, No.115. Disponível Em <http://www://ericae.net/edo/ed338896.html> Acesso: dez/2004.

Kirrane, M. & Buckley, F. Contributing to work-family domain conflict: exploring the avenues. Disponível em: [http://www.dcu.ie/dcubs/link/working\\_papers/book\\_chapter.pdf](http://www.dcu.ie/dcubs/link/working_papers/book_chapter.pdf) - Acesso em janeiro/2006.

Lane, S. T. M. (1985). O processo grupal. Em S. Lane & W. Codo (Orgs.), *Psicologia social: O homem em movimento* (p.78-98). São Paulo: Brasiliense.

Lankard, B. A. (1995). Family role in career development. Em eric digest, no.164. Disponível Em [http://www.ed.gov/databases/eric\\_digests/ed389878.html](http://www.ed.gov/databases/eric_digests/ed389878.html) Acesso: fev/2004.

Lasch, C. (1999). *A mulher e a vida cotidiana: amor, casamento e feminismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Lerner, H. G. (1990). *Mulheres em terapia*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Levinson, D. (1996). *The seasons of a woman's life*. New York: Ballantine Books.

Levner, L. (2003). Família de tripla jornada. Em Peggy P. (Org.), *Casais em perigo: novas diretrizes para terapeutas*. (61-76). Porto Alegre: Editora Artes Médicas.

Lévi-strauss, C. (1976). *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Rio de Janeiro: Vozes.

\_\_\_\_\_. (1972). A família. In Harry L. S. *Homem, Cultura e Sociedade*. Fundo de Cultura, RJ.

Lipovetsky, G. (2000). *A terceira mulher: permanência e evolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras.

Lobo, E. (1992). O Trabalho como linguagem o gênero do trabalho. Em A. Costa, C. Bruschini, (Orgs.). *Uma Questão de Gênero*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas e Editora Rosa dos Tempos.

Loscocco, K. A. (1997). Work-family linkagens among self-employed women and men, *Journal of vocation behavior*, 50, 204 – 226. Sloan Work-Family Encyclopedia. Research Network. Boston College. Disponível Em <http://wfnetwork.bc.edu/encyclopedia.php?mode=nav&area=academics> Acesso em dez/2004.

Louro, G. L. (1997) *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.

\_\_\_\_\_. (1996). Nas redes do conceito de gênero. Em M. Lopes, e J. Meyer. (Orgs.). *Gênero e saúde*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.

Machado, L. Z. (2001). Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil. *Interface Comunicação, Saúde e Educação*, V.4 n.8, p.11-26.

\_\_\_\_\_. (1994). Campo intelectual e feminismos: alteridade e subjetividade nos estudos de gênero. *Série antropologia 170*. Estudo e pesquisa realizados graças ao apoio do CNPQ, através da bolsa de estágio pós-doutoral em Paris, junto ao IRESCO. Brasília: DF.

Marx, K. E Engels, F. (1976). *A Ideologia Alemã*. V. I São Paulo: Alfa-Ômega.

Menghi, P. (1995). O casal útil. Em M. Andolfi. (Org), *Casais em crise*. (p.58-66). São Paulo: Summus.

McCullough & Rutenberg, S. (1995). Lançando os filhos em seguindo em frente. Em B. Carter, & M. Mcgoldrick. (Orgs.), *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. (p. 184 a 205). Porto Alegre: Artmed.

Mcgoldrick, M. (1995). A União das famílias através do casamento: o novo casal. Em B. Carter, & M. McGoldrick. (Orgs.), *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. (p. 184 a 205). Porto Alegre: Artmed.

Mcgoldrick, M. (1995). As mulheres e o ciclo de vida familiar. Em B. Carter, & M. McGoldrick, (Orgs.), *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. (p. 30-60). Porto Alegre: Artes Médicas.

Miranda-Martins & Diniz, G. S. R. (2005). Mulheres de carreira: permanência e revolução na construção da identidade feminina. Em *I Seminário Internacional de Enfoques Feministas e o Século XXI: feminismo e universidade na América Latina*. Bahia: Salvador, p.113-114.

Miller, J. B. (1991). *Toward a new psychology of women*. Boston: Beacon.

Minuchin, S e Fishman, H. C. (1990). *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Minayo, C. (1994). *O desafio do Conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro: Hucitec.

Moen, P., & Yu, Y. (2000). Effective work/life strategies: working couples, work conditions, gender and life quality. *Social Problems*, 47, 291-326.

Morin, E. (1996). “Epistemologia da Complexidade”. Em D. F. Schnitman, *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Morh, R. (2002). Reflexões na lagoa dourada. Em P. Peggy (Org.) *Casais em Perigo: Novas Diretrizes Para Terapeutas*. (p. 323-344). Porto Alegre: Editora Artes Médicas.

Negreiros, T. C. de G. M. & Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*. Ano 4, N° 1, 1° setembro. UERJ, Rio de Janeiro.

Nicholson, L. (2000). Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*, Vol. 8, N° 2, p.35.

Nickerson, E. T. & Kremgold-Barrett, A. (1990). Gender – Fair Psychotherapy in The United States; A Possible Dream? *International Journal for the Advanced of Counseling* 13: 39-48.

Oliveira, L. S. (1983). *Masculinidade, feminilidade e androgenia*. Rio de Janeiro: Anchiamá.

Oliveira, R. D. (1997) *O elogio da diferença*. São Paulo: Editora Brasiliense.

O’Neal, J. M., Fishman, D. M. & Kinsella-Shaw, M. (1987). Dual-career couples’ career transitions and normative dilemmas: A preliminary assessment model. *The Counseling Psychologist*, 15 (1), pp. 50-96.

Ortner, S. B. (1979). “Está à mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?”. Em M. Z. Rosaldo, & L. Lamphere, (Orgs.). *A mulher, a cultura e a sociedade*. (p.95-119). Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

Papp, P. (1995). Prisioneiros do papel sexual. Em M. Andolfi.(Org), *Casais em crise*. (p.147-154). São Paulo: Summus.

Papp, P. (2002). Nova diretrizes para o terapeuta. Em P. Peggy (Org.) *Casais em Perigo: Novas Diretrizes Para Terapeutas*. (p. 41-60). Porto Alegre: Editora Artes Médicas.

Parasuraman, S., & Greenhaus, J. H. (1999). The changing world of work and family. Em Parasuraman & Greenhaus (orgs.). *Integrating work and family: challenges and choices for a changing world*. (3-13.). London: Praeger.

Parker, R. G. (1991). *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best-Seller/Abril Cultural.

Passos, M. C. (2005). Nem tudo que muda, muda tudo: um estudo sobre as funções da família. Em T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: efeitos da contemporaneidade*. (p.11-23). Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio; Rio de Janeiro.

Peixoto, C. & Cicchelli, V. (2000). (Orgs.), Sociologia e antropologia da vida Privada na Europa e no Brasil. Os paradoxos da mudança. Em C. Peixoto, et al. *Família e individualização*. (p.7-12). Rio de Janeiro: FGV.

Perlin, G & Diniz, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? *Psicologia Clínica*, Vol.17, N°.2, p.15-19.

Perlin, G. (2001). *Casais que trabalham fora e são felizes: mito ou realidade? Dissertação de mestrado*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade de Brasília – UnB.

Perrot, M. (2005). *As mulheres ou os silêncios da história*. São Paulo: Edusc.

Picanço, F. S. (2005). “Amélia e a mulher de verdade: representações dos papéis da mulher e homem em relação ao trabalho e vida familiar”. Em Araújo, C. e Scalon, C. (Orgs.), *Gênero, Família e Trabalho no Brasil*. 1° Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Philipson, I. (2000). Work as Family: The Workplace as Repository of Women’s Unmet Emotional Needs. [Berkeley\\_CWF\\_Working\\_and\\_Occasional\\_Papers.wfnetwork.bc.edu/berkeley/workingpapers.html](http://Berkeley_CWF_Working_and_Occasional_Papers.wfnetwork.bc.edu/berkeley/workingpapers.html) - 19k

Philpot & C. L. et al (1985). *Bridging separate gender worlds: why men and women clash and how therapists can bring them together*. Washington, DC: American Psychological Association.

Pittman, F. (1994). *Mentiras privadas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Possatti, I. C. & Dias, M. R. (2002). Multiplicidade de papéis da mulher e seus efeitos para o bem-estar psicológico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(2), p. 293-301.

Poster, M. (1979). *Teoria Crítica da Família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Preto, N. G. (1995). Transformação do sistema familiar na adolescência. Em B. Carter, & M. McGoldrick. (Orgs.), *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. (p. 223-245). Porto Alegre: Artmed.

Rago, M. (1998). Epistemologia feminista, gênero e história. In: Grossi, Mirian Pilar e PEDRO, Joana Maria (Orgs). *Masculino, Feminino, Plural: Gênero Na Interdisciplinaridade*. (p.24). Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

Rampage, C. & Avis, J. M. (1998). Identidade Sexual, Feminismo e Terapia Familiar. Em M. Elkaim, (Org.), *Panorama das Terapias Familiares. Vol. 2.* (p. 189-252). São Paulo: Summus Editorial.

Rey, F.G. (1997). *Epistemologia Qualitativa e subjetividade.* São Paulo: Educ Editora.

Rocha-Coutinho, M. L. (2005). Variações sobre um antigo tema: a maternidade para mulheres com uma carreira. Em T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: efeitos da contemporaneidade.* (p. 122-137). Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio; Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. (2003). Quando o executivo é uma “dama”: a mulher, a carreira e as relações familiares. Em T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas.* (p. 57-77). Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio; São Paulo: Loyola.

\_\_\_\_\_. (2000). Dos contos de fadas aos super-heróis: mulheres e homens brasileiros reconfiguram identidades. *Psicologia Clínica*, 12 (2), 65-82.

Rosaldo, M. Z. & Lamphere, L. (1979). Introdução. Em M. Z. Rosaldo, & L. Lamphere, (Orgs.). *A mulher, a cultura e a sociedade.* (p.17-32). Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

Rosaldo, M. Z. (1979). A mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica. Em M. Z. Rosaldo, & L. Lamphere, (Orgs.). *A mulher, a cultura e a sociedade.* (p.33-61). Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

Roehling, P. V. & Moen, P. (2003). Dual-earner couples. *Sloan Work-Family Encyclopedia.* Research Network. Boston College. Disponível em: <http://wfnetwork.bc.edu/encyclopedia.php?mode=nav&area=academics>. Acesso em dez/2004.

\_\_\_\_\_. (1995). Dual – earner couples. *Journal of marriage and the family.* 62, p.336-348.

Saffioti, H. I. B. (1994) "Posfácio: conceituando gênero". Em H. Saffioti, M. MunhozVargas, (Orgs.), *Mulher brasileira é assim.* (p. 271-83). Rio de janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília: UNICEF.

\_\_\_\_\_. (1992). “Rearticulando Gênero e Classe Social”, Em A. Costa, C. Bruschini, (Orgs.), *Uma Questão de Gênero.* (p. 183-215). Fundação Carlos Chagas. São Paulo: Editora Rosa dos Tempos.

\_\_\_\_\_. (1976). *A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade.* Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes.

Sandenberg, C. M. B. (2002). Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista? Em A. A. Costa, e C. M. B. Sandenberg, (Orgs.), *Feminismo, ciência e tecnologia.* REDOR/NEIM-FFCH/UFBA. Coleções Bahianas, N° 8.

Sartir, C. (2000). Família e individualidade: um problema moderno. Em M. C. B. Carvalho, (Org.), *A Família contemporânea em debate.* São Paulo: EDUC – Editora da PUC-SP.

Schnitman, D.F. (1996). *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade.* Porto Alegre: Artes Médicas.

Scott, W. J. (2002). Fantasy echo: história e a construção da identidade. *Labrys, Estudos Feministas*, julho/ dezembro. N°. 1-2.

\_\_\_\_\_ (1994). A mulher trabalhadora. Em Duby, G. & Perrot, M. (Orgs.). *História das mulheres no ocidente*. Porto; Edições Afrontamento, Vol. IV.

\_\_\_\_\_ (1992). História das mulheres. In: P. Burke, (Org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. p. 64-65. São Paulo, Unesp.

\_\_\_\_\_ (1990). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Vol. 16, No 2, Porto Alegre, jul./dez. p.5.

Singly, F. (2000). O nascimento do indivíduo individualizado e seus efeitos na vida conjugal e familiar. Em C. Peixoto; F. Singly; V. Crechelli, (Orgs.), *Família e individualização*. (p.13-9). Rio de Janeiro: FGV.

Silberteijn, L. R. (1992). *Dual-career marriage. A system in transition*. Lawrence Erlbaum Associates Publishers, Hillsdale. New Jersey: USA, 1997.

Soihet, R. (2004). Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. Em M. Del Priore, (Org.), *História das mulheres no Brasil*. 7ª Edição. (p. 362-400). São Paulo: Editora Contexto.

Spiker-Miller, s. e Kees, N. (1995). Making career development a reality for dual-career couples. *Journal of employment counseling*, 32. p. 32-45.

Stoller, Robert (1993). *Masculinidade e feminilidade: apresentações de gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Sullerot, E. (1970). *História e sociologia da mulher no trabalho*. São Paulo: Editora Expressão e Cultura.

Therborn, G. (2006). *O sexo e o poder: a família no mundo, 1900-2000*. São Paulo: Contexto.

Torres, A. C. (2002), "Casamento: conversa a duas vozes e em três andamentos", *Análise Social*, nº 163, pp. 569-602. Disponível em: <http://www.cies.iscte.pt/investigadores/ficha.jsp?pkid=81> Acesso em janeiro de 2006.

Torres, A. C. (2000). A individualização do feminino: o casamento e o amor. Em C. Peixoto; F. Singly; V. Crechelli, (Orgs.), *Família e individualização do feminino*. (p.135 – 156). Rio de Janeiro: Editora FGV.

Turato, R. E. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa – construção teórico – epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas de saúde e humanas*. Petrópolis: Editora Vozes.

Unger, R. K. (2001). Women as subjects, Actors, and agents in the history of psychology. In R. K. Unger (Eds.), *Handbook of the psychology of women and gender*. New York: John Wiley & Sons, Inc.

Vaitsman, J. (1994). *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.

Velho, G. (1981). *Individualismo e Cultura: Notas Para Uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar.

Veyne, P. (Org.), (1990). *História da Vida Privada 1: do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Vieira, E. S. (2000). Amor sob encomenda: um estudo antropológico sobre as agências de encontro. (p.125-146). Em M. Goldenberg, (Orgs.), *Os Novos Desejos*. Rio de Janeiro: Record.

Wagner, A. & Fleck, A. C. (2003). A Mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*. 8, N°. esp., 31-38.

Walsh, F. (2002). Casais Saudáveis e Casais Disfuncionais: Qual a Diferença? Em M. Andolfi. (Org.), *A Crise do Casal: uma Perspectiva Sistêmico-Relacional*. (p. 13 a 28). Porto Alegre: Artmed.

Walters, M. (1994). Uma Perspectiva Feminista da Terapia de Família. Em R. J. Perelberg, & A. C. Miller. (Orgs.), *Os Sexos e o Poder nas Famílias* (p.27-46). Rio de Janeiro: Imago Editora.

Willi, J. (1995). A construção diádica da realidade. Em M. Andolfi, (Org), *Casais em crise*. (p.38-46). São Paulo: Summus.

Wohl, F. (1999). A panoramic view of work and family. Em Parasuraman & Greenhaus (Orgs.), *Integrating work and family: challenges and choices for a changing world*. (15-22). London: Praeger.

Yogev, S. (1982). Happiness in Dual-Career Couples: Changing Research, Changing Values. *Sex Roles*, 8, (3), 593-605.

Yannoulas, S. C. et al. (2000). Feminismo e Academia. *Revista Brasileira de Estudos em Pedagogia*, Brasília, Set./Dez, vol. 81, N°. 199, p. 425-451.

**ANEXOS**

ANEXO 1

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que aceito participar da pesquisa realizada por Ana Lúcia de Miranda Martins, psicóloga e mestranda do Programa de Pós-graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, sobre casais de dupla-carreira.

Declaro ainda que aceito voluntariamente participar deste estudo, não tendo sido submetido (a) a nenhuma forma de pressão. Afirmo que estou ciente que esta pesquisa não me acarretará nenhum benefício direto e que posso interrompê-la a qualquer tempo, se assim me convir.

Estou ciente de que tenho liberdade para entrar em contato com a pesquisadora a fim de solicitar esclarecimentos, pedir indicação de ajuda profissional ou obter informações sobre o andamento da pesquisa. Afirmo ainda que estou seguro quanto ao caráter sigiloso e a utilização das informações prestadas por mim para este estudo.

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2006.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

---

Ana Lúcia de Miranda Martins (CRP: 01/7440)

ANEXO 2

**ENTREVISTA INDIVIDUAL**

**Profissão:**

Formação acadêmica, instituição e tempo de formado.

Local de trabalho

Cargo que ocupa

Cursos de aperfeiçoamento /pós-graduação

História da escolha profissional

Perspectiva e expectativas de desenvolvimento profissional ao se formar

Avaliação da própria trajetória profissional

Expectativas atuais de desenvolvimento profissional

**MULHERES**

- 1.O que é ser mulher?
- 2.O que considera importante na vida de uma mulher?
- 3.Qual a importância da maternidade na sua vida?
- 4.Qual a importância do trabalho e da carreira na sua vida?
- 5.Como você concilia casamento–trabalho?
- 6.Qual a percepção que o marido tem em relação a sua carreira?
- 7.Qual o papel da mulher e do homem na família e no casamento?

**HOMENS**

- 1.O que é ser homem?
- 2.O que considera importante na vida de um homem?
- 3.Qual a importância da paternidade na sua vida?
- 4.Qual a importância do trabalho e da carreira na sua vida?
- 5.Como você concilia casamento–trabalho?
- 6.Qual o papel da mulher e do homem na família e no casamento?

ANEXO 3

**ENTREVISTA DO CASAL**

**1. Condições gerais:**

Nome, idade, profissão.

Nome, idade, profissão, formação acadêmica, tempo de formado do cônjuge.

Número de filhos, idade, escolaridade.

Tempo de casado.

**2. Família de origem**

Qual o trabalho, profissão e nível educacional dos pais?

**3. Casamento**

Como vocês definem o casamento?

Como vocês percebem o casamento de vocês?

Como é a divisão de papéis na vida conjugal e familiar?

Organização em termos de rotina doméstica

Organização em termos de cuidado com os filhos

Estratégias para lidar com seu estilo de casamento

Quais as vantagens e desvantagens desse casamento?

Maneiras de conciliar carreira, casamento e filhos.

Maneiras de administrar dois salários

Atividades e tipo de lazer conjugal e familiar